

BIBLIOTECA PLANETA

BLAVATSKY

A CHAVE DA TEOSOFIA



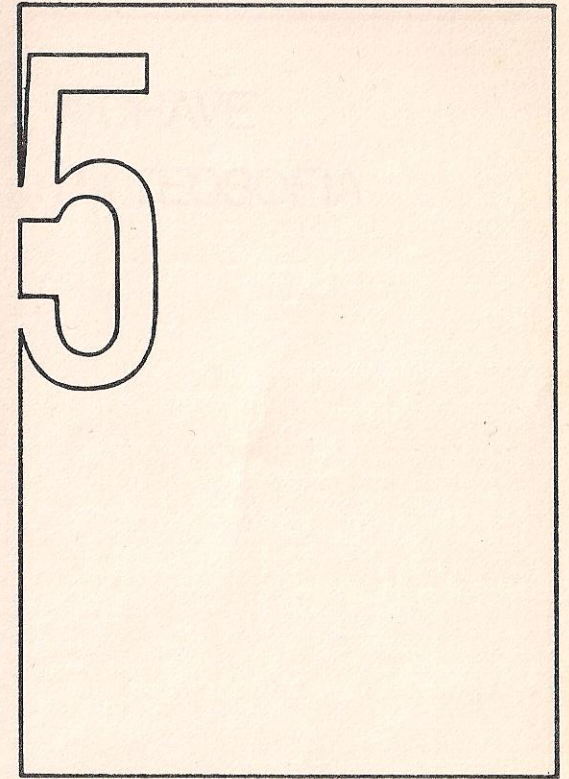
Editora Três

H.:H.:IX



É PROIBIDA A VENDA
DESTE MATERIAL

BIBLIOTECA PLANETA



BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
DR. DIOMAR PEREIRA DA ROCHA
Guaratinguetá - SP.
32.303

 Editora Três

BLAVATSKY

A CHAVE
DA TEOSOFIA

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
DR. DIOMAR PEREIRA DA ROCHA
Guaratinguetá — SP.

32.303

circ
133
v. 5
B584 c

Ocultismo

Título original:
La Clave de la Teosofia

Capa: Anibal Monteiro
Tradução: Ilka Arnaud

1973

Esta obra foi composta e impressa
nas oficinas da IMPRES-SP para
a Editora Três, SP, Brasil.

Editores: Luis Carta, Domingo Alzugaray, Fabrizio Fasano

Redator-chefe: Ignácio de Loyola

Secretário editorial: Armando Gonçalves

Distribuição para todo o Brasil:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907, fone: 258-4848
Rio de Janeiro, GB

BLAVATSKY



BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
DR. DIOMAR PEREIRA DA ROCHA
Guaratinguetá — SP.
RG.

BIBLIOTECA PLANETA

Livros já publicados:

Krishnamurti: *Viagem por um Mar Desconhecido*
Paracelso: *A Chave da Alquimia*
Allan Kardec: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*
Nostradamus: *O Segredo das Centúrias*
H. P. Blavatsky: *A Chave da Teosofia*

Livros a publicar:

Roso de Luna: *O Livro que Mata a Morte*
Roviralta Borrell: *Bhagavad-Gîtâ*
Papus: *Tratado Elementar de Ciências Ocultas I*
Papus: *Tratado Elementar de Ciências Ocultas II*
Visconde de Figanière: *Submundo, Mundo e Supramundo*

BLAVATSKY E SUA OBRA

Uma requintada aptidão literária foi a principal herança de Helena Petrovna Fadeef von Blavatsky. Nascida em 1831, madame Blavatsky (como é hoje mundialmente conhecida) pertencia à mais nobre linhagem da aristocracia russa. Isso não impediria que ela abandonasse o conforto dos palácios para conhecer de perto a aventura espiritual e material dos homens.

Depois de receber uma aprimorada educação musical e lingüística, ela casou-se com o general Nicéforo von Blavatsky, governador da Província russa Erivan, muito mais velho do que ela. O casamento duraria apenas alguns meses.

Após a separação, madame Blavatsky foi morar em Constantinopla. A partir desse ponto, ela pôde visitar quase todos os países da Ásia Menor, estudando seus costumes e suas práticas religiosas.

Em 1851, completamente sem dinheiro, ela foi fixar-se em Londres, passando a lecionar piano para sobreviver. Com apenas vinte anos de idade, ela já era completamente emancipada da família e não tinha condições de regressar à pátria.

Na capital inglesa ela freqüentou sessões espíritas, onde conheceu o célebre médium Douglas Home e fez parte de alguns círculos revolucionários. A influência desses contatos se manifestaria de maneira acentuada, em 1856, quando se filiou à associação carbonária Jovem Europa, a convite de Mazzini. Mais tarde, madame Blavatsky lutaria ao lado de Garibaldi, em Viterbo, e depois em Mentana, onde recebeu tantos ferimentos que foi dada como morta no campo de batalha. Porém, em 1870, Blavatsky aparece no Cairo, onde funda uma sociedade espírita cuja propaganda era feita por um órgão denominado *Revista Espiritualista do Cairo*. Pouco tempo depois, desiludida com as fraudes observadas, ela abandona a prática do Espiritismo.

Em meados de 1873, madame Blavatsky resolveu partir para os Estados Unidos. Essa viagem seria decisiva para sua atividade futura pois, em Nova York, ela conheceria o coronel Henry Steele Olcott, recém-chegado da guerra civil e que dividia seu tempo entre as lojas maçônicas e os centros espíritas.

Essa amizade representou a consolidação definitiva dos seus planos, no terreno espiritualista. Assim, um ano depois, em fins de 1875, eles fundariam a Sociedade Teosófica. Essa missão fora sugerida a Blavatsky, aos vinte anos de idade, quando ainda residia na Inglaterra. Conta-se ainda que nessa época ela conheceu um dos membros da Embaixada do Nepal, que lhe surgira várias vezes, em suas primeiras visões, quando era criança. Não resta dúvida que Blavatsky era dotada de faculdades parapsicológicas, que se manifestariam durante toda sua vida até a hora da morte. Esse embaixador devia ser — provavelmente — um daqueles iluminados da Ásia Central,

descritos por Van Der Neilen em seu livro *Nos Templos do Himalaia*. São seres devotos à causa da espiritualidade e capazes de inspirar os caminhos da metafísica oriental. Esses iluminados despertam faculdades latentes na alma, revelando ao discípulo ou eleito de sua proteção, a mais alta sabedoria.

Esse embaixador deve ter sido o guia espiritual de Blavatsky quando ela publicou, em 1877, sua obra *Ísis sem Véu*, em quatro volumes, que revolucionaria alguns setores das culturas americana e européia, demonstrando categoricamente os postulados ocultistas ao mesmo tempo em que criticava os conceitos materialistas e atacava o imperialismo jesuítico. A certeza de um “guia espiritual” nos vem do fato de Blavatsky, na referida obra, ter feito citações de 1400 livros que lhe eram desconhecidos e até ignorados. Esse fato foi cautelosamente investigado pelo crítico inglês William Emmett Coleman, seguindo as informações de um escritor familiarizado nesse campo de investigações fenomênicas (Jacques Bergier — *Os Livros Malditos*, Ed. HEMUS, 1972).

Madame Blavatsky era uma personalidade autodeterminante, combativa no ideal e humilde junto aos mestres. Ela fazia jus ao mérito de estranhas e belas comunicações com um mundo bem diverso desse que se acha ligado (principalmente em sua época, filosoficamente dominada pelo positivismo) aos cinco sentidos humanos. Evidentemente ela acabaria provocando contra si o ódio clerical — católico e anglicano —, que naquela época andava de mãos dadas com a política européia, eminentemente colonizadora. Tudo isso era fortalecido pela intransigência da filosofia materialista e pelo orgulho de um cientificismo que se julgava insuperável. Foi assim que o século

19 desembocou no século 20 com solene mediocridade: no ano de 1901 o Bureau Francês de Invenções fechava suas portas porque “tudo já estava descoberto...”

Blavatsky sofreu campanha acérrima dos inimigos da sua doutrina: difamações violentas, ataques a mão armada, e até um sinistro provocado a bordo do navio em que ela viajava para o Oriente. Sabe-se que no ano de 1870, ao atravessar o canal de Suez, explodiu a embarcação “onde a maior parte dos viajantes foi reduzida a poeira tão fina que nem se achou mais vestígio de seus cadáveres”, J. Berger, livro citado. Desse ataque, madame Blavatsky escapou miraculosamente.

Várias frentes decidiram lutar contra a fundadora da Sociedade Teosófica: ora o governo inglês, e conseqüentemente a polícia do vice-rei da Índia, ora os missionários protestantes; sem falar nos jesuítas. A Sociedade de Pesquisas Psíquicas, sediada em Londres, tinha na pessoa de Hodgson, vigoroso panfletista, um caluniador de Blavatsky; porém, E.S. Dutt provou a integridade moral da acusada, bem como a honestidade de seus propósitos. Dutt provou ainda a existência de uma conspiração, muito bem organizada, para destruí-la. Logo no início do nosso século, surgem ainda duas obras contrárias ao valor da fundadora da Sociedade Teosófica: José Vasconcelos com *Estudios Indostánicos* e René Guénon com *Le Théosophisme — Histoire d'une Pseudo-religion*; respectivamente de 1923 e 1929.

Essas acusações, porém, iriam se arrebentar como o vidro de uma garrafa contra o rochedo impassível da evidência. Basta ler as respostas de G. R. Mead, *Concerning H. P. B.*; J. Ranson, *Madame Blavatsky Occultist*; F. Arundale, *My Guest H. P. B.*; W. Kingsland,

La Verdadera H. P. Blavatsky; A. L. Cleather, *H. P. Blavatsky, as I Knew Her* e, principalmente, a documentada e volumosa obra de Mario Roso de Luna, *Una Mártir del Siglo XIX, Helena Petrovna Blavatsky*. São estudos criteriosos, desapaixonados, que convergem unanimemente à consagração de uma consciente missionária da Teosofia, da qual ela foi pioneira no Ocidente. São testemunhos de vários matizes, que desmentem as acusações e restabelecem a verdade. As principais obras de madame Blavatsky são *Ísis sem Véu*, 1877; *A Doutrina Secreta*, síntese de filosofia, ciência e religião, em seis volumes, 1888; *The Theosophical Glossary*, 1890; *A Voz do Silêncio*, 1889; *Narrações Ocultistas*, 1890; *Pelas Grutas e Selvas do Hindustão*, 1890; e *A Chave da Teosofia*, em 1891, ano da sua morte.

Assim, o livro que estamos apresentando ao público é a última obra da grande mestra. E também o mais acessível. Parece que no fim da vida ela sentiu necessidade de popularizar seus ensinamentos. Por essa razão, *A Chave da Teosofia*, obra eminentemente didática, se apresenta como um roteiro capaz de orientar todos os que desejam inaugurar seus estudos, ingressando no saguão desse vasto edifício cultural.

A Chave da Teosofia não é a síntese dos diversos livros de Blavatsky. Pode, quando muito, ser encarado como operação inicial de um complicado processo matemático. É sempre bom esclarecer que nossa mentalidade ocidental tem sido suprida por subsídios culturais, muitas vezes contrários à estrutura metafísica. Ainda perduram, em setores de influência da didática oficial — ou da filosofia aplicada —, o sensualismo de Condillac e a “tábua rasa” de Locke como resíduos do aforismo caduco:

"Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu". Admite-se a origem das idéias na experiência externa (sensação) e na interna (reflexão).

Situada em campo contrário, *A Chave da Teosofia* tem como núcleo a metafísica. A definição adotada é a de Ranzoli, em lugar da de Andrônico de Rodes, por indicar aquela parte excelsa do saber humano que trata da essência última das coisas, enquanto procura explicar o mundo e a existência, valendo-se do método apriorístico, isto é, partindo do ser em si, do ente necessário e perfeito. Pode ser entendida como o conhecimento que se obtém com a intuição direta das coisas.

A esse propósito, citamos o espiritualista Huberto Rohden, para esclarecer e avaliar o conceito:

"Para que o homem seja capaz de ver e conscientizar a realidade metafísica em todas as factividades físicas, ele deve isolar-se por longo tempo na pura metafísica, até que o último resquício do físico desapareça no horizonte de seu consciente, e ele permaneça, sozinho e desnudo, no seu cosmo-consciente, sentindo em si o grande *uno*, longe de todo *verso*. Mas é precisamente aqui que está o tremendo problema para quase todos os homens do Ocidente, que, em geral, têm 100% de consciência física e 0% de consciência metafísica. Esse peso-morto tem milhares de anos na raça humana e alguns decênios em cada indivíduo. Neutralizar esse peso-morto é um problema de árdua solução" (in *Sabedoria*, n.º 81, pág. 299).

A Chave da Teosofia é, portanto, uma tentativa de tornar a metafísica acessível ao postulante habituado a tatear outros caminhos. Entretanto, mesmo vencendo as primeiras eta-

pas de sua tarefa, não convém lançar-se imediatamente nos seis volumes da *Doutrina Secreta*. Isto porque essa gigantesca obra não foi elaborada de acordo com o método expositivo adequado à nossa mentalidade ocidental. Pelo contrário, fruto de uma intuição direta, esse livro parece mais um jogo intelectual de proposições abstratas e concretas, ora conseqüentes, ora autônomas, que rompem o equilíbrio e o arranjo da pesquisa. Quanto a isso, Mario Roso de Luna — o maior defensor de Blavatsky, seu discípulo mais fiel e criterioso biógrafo — fez a seguinte apreciação:

"Esse edifício ciclópico do saber arcaico é um monumento prodigioso, mas ao mesmo tempo desordenado e confuso. Não vamos entrar na controvérsia de que assim tenha sido feito deliberadamente, como parece deduzir-se até das frases de certos tópicos, e com o objetivo de estimular o estudante sincero, afastando, outrossim, os leitores possuídos de mera frivolidade científica; mas a verdade é que a tarefa de tais estudantes, diante desses complicados volumes, é seguida não raro de desalento só comparável ao do bom católico simplesmente emotivo manuseando a *Bíblia*".

Por razões evidentes, a Sociedade Teosófica da França achou oportuna a publicação de um volume que fosse o meio-termo entre os rudimentos de *A Chave da Teosofia* e a altitude de *A Doutrina Secreta*. Assim, em 1923, surgiu o *Breviário da Doutrina Secreta*, cujo prefácio advertia: "Aí se encontra, de alguma maneira, a essência da Doutrina Arcaica, obtida, não pelo exame do texto, mas por eliminação de parágrafos considerados menos importantes".

A Chave da Teosofia não oferece prêmios à curiosidade, porque esta é a tangente que

resvala na sabedoria; também não ilumina a mente, porque não é um sol de conhecimento; mas dá ao estudioso a oportunidade de empolgar-se menos com a tecnocracia dominante, e orientar-se a si mesmo no melhor sentido de sua humanização. *A Chave da Teosofia* não é uma escola que leve o homem ao caminho da liberação, pois esta só é alcançada de dentro para fora de nós mesmos. Preferimos ver nela uma convocação de fora para dentro, para despertar em nosso coração o primado do espírito.

A Chave da Teosofia poderá ser um passo — e já teria cumprido sua missão — que nos aproxime das portas da eternidade.

Edmundo Cardillo

INDICE

Prefácio do Autor	19
Dedicatória	21
Teosofia e Sociedade Teosófica	23
Teosofia Exotérica e Esotérica	37
O Trabalho da Sociedade Teosófica	57
Relação da Sociedade Teosófica com a Teosofia	67
Ensinamentos Fundamentais da Teosofia	75
Doutrinas Teosóficas Relativas à Natureza e ao Homem	93
Os Vários Estados Post-Mortem	109
Da Reencarnação ou Renascimento	127
Kama-Loka e Devakhan	143
Natureza de Nosso Princípio Pensante	171
Dos Mistérios da Reencarnação	187
O que é a Teosofia Prática	215
Conceitos Errôneos Sobre a Sociedade Teosófica	241
Os Mahatmas Teosóficos	265
Conclusão	279

PREFÁCIO DO AUTOR

O objetivo deste livro está expresso exatamente no seu título: A CHAVE DA TEOSOFIA, e poucas palavras são necessárias para explicá-lo. Não é um texto completo de Teosofia, mas sim, unicamente, uma chave para abrir a porta que conduz a um estudo mais profundo. Esta obra distingue as principais linhas da Religião da Sabedoria, e expõe seus princípios fundamentais, contestando as várias objeções que possa fazer o ocidental sincero e tratando de apresentar conceitos pouco familiares, na forma mais simples e em linguagem a mais clara possível. Acreditar que conseguiria fazer a Teosofia inteligível, sem esforço mental por parte do leitor, seria esperar demasiado; mas confiamos que a obscuridade que ainda reina na obra é devida ao pensamento profundo que lhe é intrínseca e não à linguagem e à confusão. Para o homem de mente preguiçosa e para o obtuso, a Teosofia será um enigma; pois no mundo intelectual, assim como no espiritual, o homem só progride por seus próprios esforços. O escritor não pode pensar pelo leitor, e nem este tiraria qualquer proveito se isto fosse possível. Faz tempo que aqueles que estão interessados na obra da Sociedade Teosófica sentem necessidade deste trabalho, e esperamos que, isento o mais possível de tecnicismos, preencherá seu objetivo junto a muitas pessoas cuja curiosidade está desperta, embora ainda só intrigadas e não convencidas.

Tivemos cuidado de separar o certo do falso no que diz respeito às doutrinas espiritualistas e à vida além-túmulo, e de

apresentar sob seu verdadeiro aspecto os fenômenos espiritua-
listas. Explicações sobre este particular dadas há tempos foram
causa da ira desencadeada contra a autora desta obra, preferin-
do os espiritualistas, como muitos outros, acreditar mais no que
lhes agrada do que no que é certo, aborrecendo-se sobremaneira
com tudo aquilo que vem destruir uma agradável ilusão. Duran-
te o ano passado a Teosofia foi o alvo dos ataques mais violentos
por parte do Espiritismo como se os que só possuem meia-
verdade sentissem maior antagonismo pelos possuidores da ver-
dade inteira, do que os que nada têm a ver com ela.

Expresso um verdadeiro agradecimento aos teósofos que
me dirigiram perguntas, o que me ajudou muito a escrever esta
obra, que resultará por ela mesma mais útil, sendo esta sua
melhor recompensa.

H. P. B.

H. P. BLAVATSKY A CHAVE DA TEOSOFIA

Exposição clara
em forma de perguntas e respostas
da
ÉTICA, CIÊNCIA E FILOSOFIA

Dedicada por H. P. B.
a todos os seus discípulos
para que aprendam e possam
por sua vez ensinar.

TEOSOFIA E SOCIEDADE TEOSÓFICA

SIGNIFICAÇÃO DO NOME TEOSOFIA

Pergunta: Acontece freqüentemente considerar-se a Teosofia e suas doutrinas como uma nova religião. É uma religião?

Teósofo: Não, não é. A Teosofia é a Ciência ou Sabedoria divina.

P: Qual o verdadeiro significado do termo?

T: “Saber Divino”, Θεοσοφία (Theosophia) é Sabedoria dos deuses, como Θεογονία (Theogonia), genealogia dos deuses. A palavra Θεοα, em grego significa um deus, um dos seres divinos, e de modo nenhum “Deus”, no sentido que atualmente damos a esse termo.

Não é, portanto, a “Sabedoria de Deus”, segundo traduzem alguns, mas sim *Sabedoria Divina*, a possuída pelos deuses. O vocábulo tem milhares de anos de existência.

P: Qual a origem deste nome?

T: Ele nos foi transmitido pelos filósofos alexandrinos chamados de amantes da verdade, *Filaleteos*, palavra composta de

φιλ (phil) “amante” e de αληθεια (aletheia) “verdade”. O nome *Teosofia* data do terceiro século de nossa era, e os primeiros que o empregaram foram Amônio Sakas e seus discípulos¹ que fundaram o Sistema Teosófico Eclético.

P: Qual era o objetivo desse sistema?

T: Inculcar, antes de tudo, certas grandes verdades morais nos discípulos e em todos aqueles que eram “amantes da verdade”. Daí vem a divisa adotada pela Sociedade Teosófica:

“Não há religião superior à verdade”².

¹ Também chamados analogistas. Segundo o professor Alexandre Wilder, M. S. T., em seu *Neoplatonismo e Alquimia*, eles eram chamados deste modo devido ao seu método para interpretar todas as lendas sagradas e narrações, bem como os mitos e mistérios, por meio de uma regra ou princípio de analogia e correspondência; de maneira que acontecimentos referidos como tendo se passado no mundo externo, eram considerados como expressando operações e experiências da alma humana. Eram também designados de neoplatônicos.

Ainda que se atribua geralmente a Teosofia — ou Sistema Eclético Teosófico — ao terceiro século, dando crédito a Diógenes Laércio, sua origem é muito mais antiga, uma vez que atribuída o sistema a um sacerdote egípcio, Pot-Amun, que viveu nos primeiros tempos da dinastia ptolemaica. O mesmo autor nos diz que o nome é Copto, e significa “o que está consagrado a Amun, Deus da Sabedoria”. A Teosofia é o equivalente de *Brahm-Vidya*, o conhecimento divino.

² A Teosofia Eclética compreendia três partes: 1.^a — A crença é uma Divindade absoluta, incompreensível e suprema, ou essência infinita, que é a raiz da natureza inteira e de tudo quanto existe, visível e invisível. 2.^a — A crença é a natureza eterna, imortal do homem, porque sendo este uma radiação da alma universal, é de natureza idêntica a ela. 3.^a — A Teurgia, ou “obra divina”, ou o ato de produzir uma obra dos deuses; de Theoi, “deuses”, e *ergein*, “fazer alguma coisa”.

O termo é muito antigo, mas não era de uso popular, apenas fazia parte do vocabulário dos *Mistérios*. Era crença mística de que purificando-se a si mesmo, tanto quanto aos seres incorpóreos, isto é, voltando a adquirir a própria pureza original da natureza, o homem podia conseguir que os deuses lhe comunicassem mistérios divinos e até conseguir

O principal objetivo a que se propunham os fundadores da Escola Eclética Teosófica era um dos três objetivos de sua sucessora moderna, a Sociedade Teosófica, ou seja, o de reconciliar sob um sistema de ética comum baseado em verdades eternas, todas as religiões, seitas e nações.

fazê-los visíveis em certas ocasiões, seja subjetiva ou objetivamente. Isto era praticamente provado pelos adeptos iniciados e sacerdotes. Era o aspecto transcendental do que agora se chama Espiritismo; mas tendo sido este profanado e mal interpretado pela massa, chegou a ser considerado por alguns como magia negra, e foi proibido. Ainda se conserva uma paródia da teurgia de Jâmblico na magia cerimonial de alguns cabalistas modernos. A Teosofia atual evita e reprovava esses tipos de magia e “necromancia”, por serem por demais perigosos. A teurgia verdadeira, *divina*, requer uma pureza e santidade de vida, quase sobre-humanas, pois de outra forma podem degenerar em mediunismo ou magia negra. Os discípulos próximos de Amônio Sakas, os chamados *Theodidaktes* (“ensinados por Deus”), como Plotino e seu discípulo Porfírio, reprovaram a teurgia no início, mas posteriormente reconciliaram-se com ela, graças a Jâmblico que escreveu uma obra com esse objetivo, intitulada *De Misteriis*, sob o nome de seu próprio mestre, um famoso sacerdote egípcio chamado Abammon. Amônio Sakas nasceu de pais cristãos; desgostoso do Cristianismo dogmático espiritual desde sua infância, converteu-se em neoplatônico, e, como a J. Boehme e outros videntes e místicos célebres, atribui-se que a sabedoria divina lhe foi revelada em sonhos e visões. Este foi o motivo pelo qual se lhe chamou *Theodidakto*. Decidiu reconciliar todos os sistemas religiosos e, demonstrando sua identidade de origem, estabelecer um credo universal baseado na ética. Tão pura era sua vida, tão profundo e vasto seu saber, que vários padres da Igreja eram seus discípulos secretos. Clemente de Alexandria fala muito alto a seu favor. Plotino, o “São João” de Amônio, também era um homem universalmente respeitado e estimado, com uma instrução e integridade enormes. Aos 39 anos de idade, acompanhou o imperador romano Gordiano e seu exército, ao Oriente, a fim de ser instruído pelos sábios da Bactriana e da Índia. Teve uma Escola de Filosofia em Roma. Seu discípulo Porfírio, cujo verdadeiro nome era Malek (judeu, helenizado), reuniu todos os escritos de seu mestre. Porfírio também foi um grande autor e deu uma interpretação alegórica a alguns fragmentos dos escritos de Homero. O sistema de meditação empregado pelos filaeteianos conduzia ao êxtase; sistema parecido à prática da yoga, na Índia. O que se sabe sobre a Escola Eclética, deve-se a Orígenes, Longino e Plotino, discípulos de Amônio. (Veja: *Neoplatonismo e Alquimia*, de A. Wilder.)

P: Como podem demonstrar que isto não é um sonho impossível, e que todas as religiões do mundo estão baseadas em uma mesma e única verdade?

T: Seu estudo e análise comparados o demonstram. "A Religião da Sabedoria" era uma na antiguidade, e isto fica provado pela identidade da filosofia religiosa primitiva, e pelas idênticas doutrinas ensinadas aos iniciados durante os *Mistérios*, instituição universalmente difundida em outros tempos: "Todos os cultos antigos demonstram a existência de uma só Teosofia anterior a eles. A chave que explicará um deles há de explicar todos; de outro modo não poderia ser a verdadeira" (A. Wilder, obra citada).

Como procede a Sociedade Teosófica?

P: No tempo de Amônio havia antigas e importantes religiões, e só no Egito e Palestina, as seitas eram numerosas; como se pode reconciliá-las entre si?

T: Fazendo o que estamos fazendo agora. Os neoplatônicos formavam uma corporação numerosa e pertenciam a várias filosofias religiosas³, como sucede a nós teósofos. O *Judeu Aristóbulo* afirmava naqueles dias que a ética de Aristóteles representava os ensinamentos *esotéricos* da Lei de Moisés; *Filon*, o judeu, se esforçava em reconciliar o *Pentateuco* com a filosofia pitagórica e platônica; e *Josefo* provava que os essênios do Carmelo

³ O **Judaísmo** estabeleceu-se na Alexandria sob Filadelfus, e os mestres helênicos converteram-se desde então em perigosos rivais do Colégio de Rabinos da Babilônia.

O autor do **Neoplatonismo** diz com muita oportunidade: "Os sistemas budhista, vedântico e mágico foram expostos durante aquele período, ao mesmo tempo que as filosofias da Grécia. Não era estranho, portanto, que os pensadores opinassem que a luta de palavras devia cessar, e achassem possível extrair dessas várias doutrinas um sistema harmônico... Panteno, Athenágoras e Clemente foram instruídos inteiramente na filosofia **platônica**, e compreenderam sua unidade com os sistemas orientais".

eram simplesmente os copistas e discípulos dos terapeutas egípcios (os que curavam). O mesmo ocorre em nossos dias. Podemos provar a origem de cada religião, assim como de cada seita, até a mais insignificante. Não são as últimas mais do que pequenas ramificações nascidas das maiores; mas umas e outras saem do mesmo tronco, a *Religião da Sabedoria*.

Provar isto foi o objetivo de Amônio, que tentou fazer com que cristãos e gentios, judeus e idólatras, abandonassem suas lutas e disputas para que pudessem perceber que todos estavam de posse da mesma verdade, oculta sob diferentes aspectos, e de que todos provinham de uma única origem⁴. O mesmo objetivo guia a Teosofia.

P: E quais são as fontes que os autorizam a emitir semelhante julgamento com relação aos teósofos de Alexandria?

T: Um número incalculável de escritores conhecidos. Mosheim, entre eles, diz que:

"Amônio ensinou que a religião das massas estava relacionada com a filosofia, e que, com ela, se deturpavam gradualmente, obscurecendo-se pelos conceitos, mentiras e superstições puramente humanos; que era por conseguinte necessário devolvê-la à sua pureza original, purificá-la dessas escórias e baseá-la em princípios filosóficos; que o objetivo do Cristo era estabele-

⁴ Mosheim, falando sobre Amônio, disse: "Compreendendo que não só os filósofos da Grécia, senão também os das nações bárbaras estavam de perfeito acordo uns com os outros, com relação a cada ponto essencial, propôs-se a expor os princípios de todas essas diferentes seitas, para demonstrar que todas haviam nascido da mesma e única origem, e que todas tendiam a um mesmo e único fim". Se o escritor que fala de Amônio na **Enciclopédia de Edimburgo** conhece a matéria que trata, nesse caso descreve aos teósofos modernos, suas crenças e sua obra, porque afirma ao referir-se ao **Theodidaktos**: "Adotou as doutrinas admitidas no Egito (as esotéricas eram as da Índia), concernentes ao universo e à divindade, considerados como constituindo um grande todo relativo à eternidade do mundo... Estabeleceu também um sistema de disciplina moral, que permitia às pessoas viverem segundo as leis de seu país e os preceitos da natureza, mas que exigia dos sábios a exaltação de seu espírito por meio da contemplação".

cer e restaurar em sua integridade primitiva a sabedoria dos antigos; reduzir o domínio da superstição que prevalecia no universo; corrigir de um lado, e de outro exterminar os diferentes erros que se introduziram nas distintas religiões”.

Os teósofos modernos dizem a mesma coisa. A única diferença consiste em que, enquanto o grande Filaleteu encontrava apoio e ajuda de dois padres da Igreja para seu intento: Clemente e Athenágoras; em todos os rabinos cultos da sinagoga, na academia e no bosque, enquanto ensinava uma doutrina comum a todos, nós, seus discípulos e continuadores, não somos reconhecidos, mas sim pelo contrário, ultrajados e perseguidos. Fica assim demonstrado que as pessoas eram mais tolerantes há 1.500 anos, do que o são neste século das luzes.

P: Não se pode encontrar a causa do apoio dado pela Igreja, pelo fato de ser Amônio cristão e haver ensinado o Cristianismo apesar de suas heresias?

T: De modo nenhum. Ele nasceu cristão mas jamais aceitou o Cristianismo da Igreja. Diz o dr. Wilder: “Só teve que expor suas doutrinas, segundo as antigas colunas de Hermes, que tanto Platão como Pitágoras conheciam antes e com as quais constituíram sua filosofia”. Encontrando as mesmas idéias no prólogo do Evangelho de São João, supôs muito acertadamente que a intenção de Jesus era a de restaurar a grande doutrina da sabedoria em sua primitiva integridade. Considerava ele que as narrações da Bíblia e as histórias dos deuses eram apenas alegorias explicativas da verdade, ou então fábulas inaceitáveis.

Além disso, conforme a *Enciclopédia Edimburgo*: “reconhecia (Amônio) que Jesus era um *homem* excelente e amigo de Deus”, mas declarava que não se propôs abolir inteiramente o culto dos demônios (deuses), e que sua única intenção era purificar a religião antiga.

A religião da sabedoria esotérica em todas as idades

P: Uma vez que Amônio nunca escreveu suas idéias, como poderemos certificar-nos da verdade com relação à sua doutrina?

T: Nem Buddha, nem Pitágoras, nem Confúcio, nem Orfeu, nem Sócrates, nem mesmo Jesus, deixaram qualquer escrito atrás de si. Sem dúvida, a maior parte era de personagens históricos, e todas as suas doutrinas sobreviveram. Os discípulos de Amônio (entre os quais estão Orígenes e Herennius) escreveram tratados e explicaram sua ética. Indubitavelmente esta última é tão histórica quanto os escritos apostólicos, senão mais. Além disso, seus discípulos: Orígenes, Plotino e Longino (conselheiro da famosa rainha Zenóbia) deixaram abundantes dados sobre o Sistema Filaleteu, pelo menos até onde podia ser conhecida publicamente sua profissão de fé, pois a escola dividia seus ensinamentos em exotéricos e esotéricos.

P: Sendo esotérica o que se chama de religião da Sabedoria, como puderam ser transmitidos seus dogmas ou princípios até nossos dias?

T: A religião da Sabedoria sempre foi uma e a mesma, e sendo a última palavra do conhecimento humano possível foi cuidadosamente conservada. Existia antes dos teósofos alexandrinos, alcançou os modernos e sobreviverá a todas as demais religiões e filosofias.

P: Por quem e onde foi conservada?

T: Entre os iniciados de cada nação; entre os profundos investigadores da verdade, seus discípulos; e naquelas partes do mundo onde estas matérias sempre foram mais apreciadas e investigadas: na Índia, na Ásia Central e na Pérsia.

P: Vocês podem dar alguma prova de seu esoterismo?

*T: A melhor prova consiste no fato de que cada culto religioso, ou melhor, filosófico antigo, compreendia um ensinamento esotérico ou secreto, e um culto exotérico (público). Outro fato bastante conhecido é que os mistérios dos antigos dividiam-se em “maiores” (secretos) e “menores” (públicos); como nas soleidades chamadas na Grécia de *Eleusianas*. Desde os Hierofantes de Samotrácia, Egito, os brâmanes iniciados da Índia antiga, até os rabinos hebreus, todos, por temor à profanação, ocultaram suas verdadeiras crenças. Os rabinos hebreus chamavam as suas*

séries religiosas seculares, a *Mercavah* (o corpo exterior), “o veículo” ou a *coberta que oculta a alma*, quer dizer, a sua ciência secreta mais elevada. Na antiguidade nenhuma nação jamais divulgou, através de seus sacerdotes, seus verdadeiros segredos filosóficos para as massas, dando a estas somente a parte exterior deles. O *Buddhismo do Norte* tem seus “veículos” “maiores” e “menores”, conhecidos sob o nome de *Mahayana* ao que é esotérico e de *Hinayana* ao exotérico, que são duas escolas. Não se lhes deve censurar o segredo guardado, pois seguramente a ninguém ocorrerá alimentar um rebanho de ovelhas com dissertações científicas eruditas sobre botânica, ao invés de ervas. Pitágoras denominava a sua *Gnose* “o conhecimento das coisas que são” ou *η γνωσις των ουπων*, e reserva esses conhecimentos somente para seus discípulos que haviam jurado guardar segredo; para aqueles que podiam assimilar esse alimento mental e encontrar nele satisfação; aos que juramentavam para guardar o segredo e o silêncio.

Os alfabetos ocultos e as cifras secretas são o desenvolvimento dos antigos escritos *hieráticos egípcios*, cujo segredo estava antigamente em poder dos hierogramatistas, sacerdotes egípcios iniciados. De acordo com seus biógrafos, Amônio Sakas juramentava a seus discípulos para que não divulgassem suas doutrinas superiores, exceto àqueles que já haviam sido instruídos nos conhecimentos preliminares, e que também estavam ligados por juramento.

Finalmente: não encontramos o mesmo costume no *Cristianismo primitivo*, entre os *Gnósticos*, e até nos ensinamentos de Cristo? Acaso não falou ele às massas em parábolas de duplo sentido, explicando unicamente aos discípulos seus motivos? “A vocês — disse — é dado conhecer os mistérios do reino dos céus; mas aos de fora todas essas coisas se explicam em parábolas” (Marcos, IV, 11). “Os Essênios da Judéia e do Carmelo faziam igual distinção, dividindo seus membros em neófitos, irmãos e perfeitos ou iniciados”⁵. Exemplos deste tipo podem ser encontrados em todos os países.

⁵ Veja: *Neoplatonismo e Alquimia*, de A. Wilder.

P: Pode-se alcançar a “Sabedoria Secreta” unicamente pelo estudo? As enciclopédias definem a Teosofia com sentido parecido ao que faz o dicionário Webster, isto é, como uma suposta comunicação com Deus e os espíritos superiores, e a conseqüente aquisição do conhecimento sobre-humano por meios físicos e procedimentos químicos. Isto é exato?

T: Não acredito, nem existe lexicógrafo algum capaz de aplicar-se a si mesmo, ou explicar aos demais, como se pode alcançar o conhecimento sobre-humano por meio de procedimentos físicos ou químicos. Se Webster tivesse dito por meios metafísicos e alquímicos, teria sido uma definição quase correta, aproximada da verdade; o que escreveu é absurdo. Os antigos teósofos, assim como os modernos, sustentam que o infinito não pode ser conhecido pelo finito, isto é, percebido pelo finito; mas que a essência divina pode ser comunicada ao Ego Espiritual em estado de êxtase. Dificilmente se pode alcançar essa condição, como sucede com o *hipnotismo*, por “procedimentos físicos e químicos”.

P: Como se explica isto?

T: Plotino definiu o verdadeiro êxtase como “a liberação da inteligência de seus conhecimentos finitos, e sua união e identificação com o infinito”. Esta é a condição mais elevada — diz o professor Wilder — mas sua duração não é permanente, e só a muito poucos é dado alcançá-la. Esta situação é idêntica ao estado que se conhece na Índia com o nome de *Samadhi*. Este é praticado pelos iogues, que o facilitam fisicamente pela maior abstinência na comida e bebida, e por um esforço mental contínuo para purificar e elevar a mente. A meditação é silenciosa e não pronunciada, ou, como diz Platão, “é o ardente desejo da alma até o divino; não para pedir alguma graça ou favor particular (como sucede com a oração comum), senão pelo bem em si, pelo Bem Supremo Universal” (do que somos na terra uma parte, e de cuja essência todos procedemos). “Assim, pois — conclui Platão —, guarda silêncio em presença dos seres divinos, até que se dissipem as nuvens diante de teus olhos e te permitam

ver com a luz que deles emana, não aquele que se apresenta como bom, mas como aquele que é intrinsecamente bom ⁶.

P: *Portanto, a Teosofia não é um sistema novo como acreditam alguns?*

T: Só gente ignorante pode considerá-la desta maneira. Em sua ética e ensinamentos, senão no nome, é tão antiga quanto o mundo, assim como é, entre todos, o sistema mais amplo e católico (universal).

P: *Como se explica então que a Teosofia tenha sido tão desconhecida nas nações do hemisfério ocidental? Por que foi um livro fechado para as raças, sem dúvida alguma mais cultas e adiantadas?*

T: Cremos que antigamente existiram nações, seguramente mais “adiantadas” espiritualmente do que nós estamos. Mas há várias razões que motivam essa ignorância voluntária. Uma delas foi dita por São Paulo nos *Cultos Atenienses*: a falta, durante longos séculos, de verdadeiro conhecimento espiritual, e até de interesse por ele, devida a uma inclinação exagerada às coisas sensuais e uma ampla sujeição à letra morta do dogma e do ritualismo.

Mas a principal razão é o fato de haver-se conservado sempre secreta a verdadeira Teosofia.

P: *Foram apresentadas provas da existência do segredo, mas qual a causa real dele?*

T: As causas eram as seguintes: primeiramente, a *perversidade* da natureza do homem vulgar e seu egoísmo tendendo sempre à satisfação de seus desejos *pessoais* em detrimento do próximo. A semelhantes seres jamais se pode confiar segredos *divinos*. Em segundo lugar, sua *incapacidade* para conservar os conhecimentos sagrados e divinos, límpidos de toda degradação. Esta última foi a causa da perversão das verdades e símbolos

⁶ Isto é o que o ilustre autor de *Neoplatonismo*, o professor A. Wilder, M.S.T., descreve como **fotografia espiritual**: “A alma é a câmara onde todos os fatos e acontecimentos futuros, passados e presentes estão fixados, e a mente chega a ter consciência deles. Mas além de nosso mundo limitado, tudo é um só dia ou estado — o passado e o futuro compreendidos no presente... — A morte é o último êxtase

mais sublimes, e da *transformação gradual* das coisas espirituais em formas antropomórficas e comuns; em outras palavras, o rebaixamento da idéia divina e a idolatria.

A Teosofia não é o Buddhismo

P: *Freqüentemente vocês são considerados como “Buddhistas Esotéricos”. Vocês são discípulos de Gautama Buddha?*

T: Não, pois isto equivaleria a dizer que todos os músicos são discípulos de Wagner. Alguns, entre nós, pertencem à religião *Buddhista*; e, sem dúvida, contamos entre nós com muito mais *hindus* e *brâmanes* que *buddhistas*, e mais cristãos (europeus e americanos), que *buddhistas convertidos*.

Esse erro nasceu da má interpretação do verdadeiro sentido do título da excelente obra de Sinnett, *O Buddhismo Esotérico*, onde deveria ter sido escrita a palavra *Buddhismo com um só d ao invés de dois*, porque nesse caso esta palavra teria expressado a idéia do autor, ou seja: *Sabedoria* (Bodha, bodhi, “inteligência”, “sabedoria”), ao invés de *Buddhismo*, que significa a filosofia religiosa de Buddha, o Gautama. A Teosofia, como já se disse, é a religião da Sabedoria.

P: *Que diferença existe entre o Buddhismo — a religião fundada pelo príncipe de Kapilawastu — e o Budhismo ou “Sabedoria”, que está sendo mostrado como sinônimo de Teosofia?*

T: Exatamente a que existe entre o ritualismo e a teologia dogmática das Igrejas e seitas, e os ensinamentos secretos do Cristo, que se chamaram “os mistérios do Reino dos Céus”. Buddha significa o “Iluminado” por *Bodha* ou conhecimento, Sa-

na terra. A alma então se vê livre das travas do corpo e sua parte mais nobre une-se à natureza superior, participando assim da sabedoria e presença dos seres superiores. A verdadeira Teosofia é para os místicos aquele estado que Apolônio de Tyana descreveu: “Posso ver o presente e o futuro como em um claro espelho. O sábio não precisa contemplar os vapores da terra e a corrupção do ar para prever os acontecimentos... Os *theoi*, ou deuses, vêem o futuro; os homens comuns, o presente; os sábios, aquilo que vai ter lugar”. A Teosofia dos sábios de que fala, fica bem clara na afirmação: “O Reino de Deus está em nós mesmos”.

bedoria. Esta se arraigou e difundiu nas doutrinas *esotéricas* que Gautama ensinou somente aos seus *Arhats* escolhidos.

P: Sem dúvida, alguns orientalistas negam que Gautama tenha ensinado jamais qualquer doutrina esotérica.

T: Também podem negar que a natureza possua segredos ignorados pelos homens da ciência. Provarei mais adiante pela conversação de Buddha com seu discípulo Ananda. Suas doutrinas esotéricas eram simplesmente a Gupta Vidya (ciência ou conhecimento secreto) dos antigos brâmanes, cuja chave seus modernos sucessores perderam por completo, com raras exceções; e essa Vidya passou ao domínio do que se conhece agora como doutrina interior (secreta) da escola Mahayana do Buddhismo do Norte. Os que o negam são simples pretendentes, ignorantes do Orientalismo. Aconselho que se leia o Buddhismo Chinês do reverendo Edkins, especialmente os capítulos referentes às escolas e ensinamentos exotéricos e esotéricos, e comparar então o testemunho de todo o mundo antigo sobre esse particular.

P: Mas a ética da Teosofia não é semelhante à que ensinou Buddha?

T: Certamente, porque aquela ética é a alma da religião da Sabedoria, e foi em outros tempos propriedade comum dos iniciados de todas as nações. Mas Buddha foi o primeiro a fundir essa ética subime com seus ensinamentos públicos, e a fazer dela a base e a essência de seu sistema público. Nisto consiste a imensa diferença que existe entre o Buddhismo exotérico e as demais religiões. Porque, enquanto em algumas delas o ritualismo e o dogma ocupam o primeiro e mais importante lugar, a ética sempre foi o principal no Buddhismo.

Isto explica a semelhança — quase a identidade — que existe entre a ética da Teosofia e a da religião de Buddha.

P: Existem alguns graus importantes de diferença?

T: Existe uma notável diferença entre a Teosofia e o Buddhismo exotérico, este último representado pela Igreja do Sul, que nega por completo: a) a existência de qualquer Divindade, e b) uma vida consciente post-mortem, e até uma individualidade consciente que sobreviva ao homem. Esta é, ao menos, a dou-

trina da Seita Siamesa, hoje considerada como a forma mais pura do Buddhismo exotérico. Assim é, na verdade, se nos referimos unicamente aos ensinamentos públicos de Buddha, e mais adiante darei o motivo desta reticência da sua parte. Mas as escolas da Igreja Buddhista do Norte, estabelecidas naqueles países de onde se retiraram os Arhats iniciados depois da morte do Mestre, ensinam tudo o que se conhece hoje em dia com o nome de Doutrinas Teosóficas, porque são parte da ciência dos iniciados, provando assim como foi sacrificada a verdade em altares de letra morta, pela ortodoxia demasiado zelosa do Buddhismo do Sul. No entanto, quão mais sublimes, mais nobres, mais filosóficos e científicos — mesmo em sua letra morta — são sem dúvida seus ensinamentos, se forem comparados com os de qualquer outra religião ou Igreja! Mas, sem dúvida, a Teosofia não é o Buddhismo.

TEOSOFIA EXOTÉRICA E ESÓTERICA

O QUE A SOCIEDADE TEOSÓFICA MODERNA NÃO É

P: Portanto, não são essas doutrinas um renascimento do Budhismo nem estão decalcadas na Teosofia neoplatônica?

T: Não. Mas o melhor meio de contestar suas perguntas é citando um apontamento sobre a "Teosofia", lido na Convenção Teosófica em Chicago (abril, 1889), pelo dr. J. D. Buck, M.S.T.

Nenhum teósofo se expressou ou compreendeu melhor a verdadeira essência da Teosofia, do que o fez nosso estimado amigo dr. Buck:

"A Sociedade Teosófica foi fundada com a finalidade de difundir as doutrinas teosóficas e promover e favorecer a vida teosófica. Não é esta Sociedade a primeira com este intento. Tenho em meu poder uma obra intitulada: **Transações Teosóficas da Sociedade Filadélfica**, publicada em Londres no ano de 1697; e outra chamada: **Introdução à Teosofia**, ou seja, a Ciência do Mistério de Cristo, quer dizer, da Divindade, Natureza e Criatura, compreendendo a filosofia de todos os poderes em ação, na vida, mágicos e espirituais, formando um guia prático para a pureza e santidade mais sublimes, e a perfeição evangélica para adquirir a visão

divina e as santas artes angélicas, poderes e outras prerrogativas da regeneração", publicada em Londres em 1855, com a seguinte dedicatória:

'Aos estudantes das universidades, colégios e escolas da cristandade; aos professores de ciências metafísicas, mecânicas e naturais em todas as suas formas; aos homens e mulheres do magistério da fé fundamental ortodoxa; aos deístas, arrianos, swedenborgianos e demais credos imperfeitos e mal fundamentados, racionalistas e céticos de qualquer espécie; aos maometanos, judeus e patriarcas orientais versados e de julgamento reto; mas especialmente ao ministro e missionário evangélico, tanto os dos povos bárbaros como os intelectuais, é humilde e afetuosamente dedicada esta introdução à Teosofia ou ciência dos princípios e mistérios de todas as coisas'.

No ano seguinte (1856), publicou-se outro livro de seiscentas páginas: **Miscelâneas Teosóficas**. Esta obra teve apenas quinhentos exemplares, destinados à distribuição gratuita em bibliotecas e universidades. Esses movimentos primitivos foram numerosos e **nasciam dentro da Igreja**, com pessoas de grande piedade, zelo e reputação inatacáveis. Todos aqueles escritos revestiam forma ortodoxa, usando expressões cristãs, e, como as obras do eminente eclesiástico William-Law, só se distinguem para o leitor comum, por sua enorme piedade e sinceridade. Todos, sem exceção, tentavam unicamente fixar a origem, explicar o sentido mais profundo e o valor original das Escrituras cristãs e expor e estimular a vida teosófica. Logo essas obras foram esquecidas e hoje em dia são geralmente desconhecidas. **Tentaram reformar o clero** e reavivar a verdadeira piedade, e sempre foram **mal recebidas**. Uma só palavra: "heresia", jogava-as no esquecimento como a todas as utopias semelhantes. Na época da Reforma, **João Reuchlin** tentou o mesmo objetivo sem resultado, apesar de ser amigo íntimo e confidente de Lutero. A ortodoxia jamais quis ser ilustrada.

Sempre se disse a esses reformadores — como ocorreu com Paulo Festus — que a instrução demasiada tornara-os loucos, e que seria perigoso seguir adiante. Apesar da verbosidade que nesses escritores era devida em parte ao costume, à educação, e também ao freio do poder secular, e, voltando à questão principal, pode-se dizer que esses escritores eram teosóficos no seu mais rigoroso sentido, e só se referem ao conhecimento do homem sobre sua própria natureza e à vida superior da alma. O presente movimento teosófico tem sido acusado algumas vezes de tentar converter o Cristianismo ao Buddhismo, o que significa simplesmente que a palavra "heresia" perdeu sua força e renunciou ao seu poder.

Em todas as épocas existiram indivíduos que compreenderam mais ou menos claramente as doutrinas teosóficas e as aplicaram em sua vida particular. Essas doutrinas não pertencem exclusivamente a religião alguma, e não estão relacionadas de modo especial a nenhuma sociedade ou época. São privilégio de toda alma humana. **A ortodoxia deve ser interpretada** por cada um segundo sua natureza, de acordo com suas necessidades peculiares e sua própria experiência. Isto vai explicar por

que aqueles que imaginam ver na Teosofia uma nova religião, buscam em vão seu credo e seu ritual. A lealdade à verdade é seu credo e "honrar cada verdade por seus atos seu ritual". As massas compreendem muito pouco esse princípio de fraternidade universal, e raras vezes reconhecem sua importância transcendental. Provam-no a diversidade de opiniões e falsas interpretações sobre a Sociedade Teosófica. Esta Sociedade foi organizada sob o princípio único da fraternidade essencial do homem, como acabo de demonstrar ainda que breve e imperfeitamente. Tem sido atacada porque a consideravam budhista e anticristã, como se se pudesse ser as duas coisas a um só tempo, precisamente quando ambos — o Buddhismo e o Cristianismo —, conforme foram estabelecidos por seus inspirados fundadores, consideram a fraternidade como o ponto essencial e único da doutrina e da vida. Também consideraram a Teosofia como uma coisa nova no mundo, ou tudo como um antigo misticismo disfarçado com um novo nome. Embora sendo verdade que muitas sociedades fundadas nos princípios de altruísmo ou fraternidade essencial, e unidas para defender esses princípios, tiveram vários nomes, não é menos certo que muitas delas foram também chamadas teosóficas, e seus princípios e objetivos eram os mesmos desta atual Sociedade que tem este nome. Em todas essas sociedades, a essência da doutrina foi sempre a mesma, e tudo o mais incidental, embora seja fato que **muitas pessoas se fixem no acidental e descuidem o essencial**".

Não é possível contestar melhor e mais explicitamente suas perguntas, do que como o faz um homem que é um de nossos mais apreciados e sinceros teósofos.

P: Sendo assim, qual o sistema que adotam além da ética budhista?

T: Nenhum e todos. Não estamos ligados a qualquer religião ou filosofia especial: escolhemos o bom que em cada uma encontramos. Mas é necessário que se repita aqui que a Teosofia, como todos os sistemas antigos, está dividida em duas partes: a Exotérica e a Esotérica.

P: Em que consiste a diferença?

T: Em geral os membros da Sociedade Teosófica podem professar a religião ou a filosofia que acharem mais conveniente, sempre que simpatizem com um ou mais dos três objetivos da associação e estejam dispostos a defendê-los. A Sociedade é uma corporação filantrópica e científica para a propagação da idéia de fraternidade no terreno prático e não no teórico. Não importa que os membros sejam cristãos ou muçulmanos, judeus ou zoroastrianos, budhistas ou brâmanes, espiritualistas ou materialistas;

mas cada membro tem que ser um filantropo, ou um estudante investigador da literatura ariana e outras antigas, ou dedicar-se às ciências psíquicas. Numa só palavra, *deve contribuir, se possível, à realização de um dos objetivos do programa, pelo menos*. De outra maneira, ingressar como “membro” não teria razão de ser. Assim é a maioria da *Sociedade Exotérica*, formada por membros “ligados” e “independentes”¹. Estes podem chegar a ser teósofos de fato ou não. São membros por pertencerem à Sociedade, mas esta não pode converter em teósofo a uma pessoa que não tem o sentido das coisas divinas, ou que aprecia as coisas da Teosofia de uma maneira muito particular — (sectária, se é que se pode usar essa expressão — ou egoísta). O ditado: “generoso é quem faz generosamente” pode parafrasear este caso, e diríamos: “É Teósofo todo aquele que *vive e pratica* a Teosofia”.

Teósofos e membros da Sociedade Teosófica

P: O que foi dito, segundo se entende, refere-se aos membros do círculo externo; mas como é quanto aos que se dedicam ao estudo esotérico da Teosofia? São estes os verdadeiros teósofos?

T: Não necessariamente, a menos que tenham dado provas de que possam ser assim considerados. Entraram em um grupo interior e se comprometeram a observar, tão estritamente quanto lhes seja possível, as regras do círculo oculto. Esta é uma empresa difícil, uma vez que a primeira e principal das regras é a renúncia completa da própria personalidade, isto é, um membro que se comprometeu, tem que se converter em um perfeito altruísta, não pensar jamais em si mesmo, e esquecer sua própria vaidade e orgulho em função do bem de seus semelhantes, além do de seus irmãos do círculo esotérico. Se pretende tirar proveito das instruções esotéricas, sua vida será de abstinência em todas as coisas, de abnegação e estrita moralidade, cumprindo com seu

¹ “Membro ligado” é o que faz parte de uma Rama da S.T.; e “membro independente” é o que pertence à S.T., tem seu diploma expedido pela sede central (Adyar, Madras), mas não está filiado a nenhuma Rama ou Grupo.

dever com relação a todos os homens. Os poucos teósofos verdadeiros com que conta a Sociedade Teosófica encontram-se entre esses membros. Isto não quer dizer que fora da S.T. e do grupo interior não existam teósofos; há em número muito maior do que geralmente se acredita, e, seguramente, muito mais que entre os membros do círculo externo da Sociedade Teosófica.

P: Neste caso, qual a vantagem de pertencer à chamada Sociedade Teosófica? Onde está o estímulo, qual é o móvel para isso?

T: Nenhum, exceto a vantagem de obter instruções esotéricas, as doutrinas puras e verdadeiras da “religião da Sabedoria”; e, se cumpre realmente o programa, gozar do grande apoio do auxílio mútuo, e da simpatia. A união é a força; a harmonia e os esforços simultâneos bem dirigidos fazem milagres. Este tem sido o segredo de todas as associações e comunidades, desde que a humanidade existe.

P: Mas por que não pode um homem de inteligência bem equilibrada e de propósito sincero, de indomável energia e perseverança, chegar a ser ocultista e até adepto, trabalhando sozinho?

T: Pode conseguir, mas existem dez mil probabilidades contra uma, de que falhará em sua empresa. Uma razão existe entre muitas outras, é a de que não se encontram em nossos dias livros sobre Ocultismo ou Teurgia, que revelem os segredos da Alquimia ou da Teosofia da Idade Média, em linguagem vulgar. Todos são simbólicos ou parabólicos; e como foi perdida a chave no Ocidente, há muitos séculos, como pode alguém conhecer o significado exato do que lê ou do que estuda? Este é o maior perigo, perigo que conduz à magia negra inconsciente ou ao mediunismo irremediável. Quem não tiver um iniciado por mestre, melhor que abandone este perigoso estudo. Olhe em volta e observe. Enquanto dois terços da sociedade civilizada ridiculariza a mera possibilidade de que possa haver algo na Teosofia, Ocultismo, Espiritismo ou na Cabala, o outro terço compõe-se de elementos mais heterogêneos e opostos possíveis. Alguns crêem no místico e até no sobrenatural (!), mas cada um crê a sua maneira. Outros se atiram sem nenhum auxílio ao estudo da Cabala, do Psiquismo e Mesmerismo, Espiritismo ou qualquer outra

forma de misticismo. Resultado: não existem dois homens que pensem da mesma forma nem que se ponham de acordo com relação a qualquer dos princípios ocultos fundamentais, ainda que muitos reivindicuem e pretendam possuir a *última palavra* do saber, e queiram fazer crer aos profanos nessas matérias, que são adeptos perfeitos. Não só há carência de um conhecimento exato e científico do Ocultismo acessível ao Ocidente, como da verdadeira astrologia (o único ramo do Ocultismo que possui em seus ensinamentos exotéricos um sistema de leis definidas), *senão também que ninguém sozinho pode ter a menor idéia do significado do verdadeiro Ocultismo*. Alguns se limitam à antiga Sabedoria, à Cabala e ao Zohar judeu, que cada um interpreta a seu modo, segundo a letra morta dos métodos rabínicos. Outros consideram a Swedenborg ou a Boehme como a última expressão da mais elevada sabedoria, enquanto outros, finalmente, *vêm no mesmerismo o grande segredo da antiga magia. Todos estes *sem exceção*, quando querem levar suas teorias à prática, caem rapidamente — como resultado de sua ignorância — na magia negra. Felizes aqueles que se livram desse perigo, carecendo como carecem de experiência e critério que possam guiá-los para distinguir o real do falso.

P: Isto dá a entender que o grupo esotérico da S.T. recebe seus ensinamentos de verdadeiros iniciados e mestres em sabedoria esotérica?

T: Não diretamente. A presença pessoal desses mestres não é necessária. Basta que dêem suas instruções a alguns dos que estudaram sob sua direção durante anos e que consagraram sua vida inteira a seu serviço. Estes podem, por sua vez, transmitir a ciência recebida aos que não tiveram esta oportunidade. É preferível uma parte da ciência verdadeira a uma massa de conhecimentos não digeridos e mal interpretados. Uma onça de ouro vale mais que uma tonelada de pó.

P: Mas que meio temos para averiguar se a onça é de ouro verdadeiro e não uma falsificação?

T: Conhece-se uma árvore por seus frutos, um sistema pelos seus resultados. Enquanto nossos adversários não nos provem que algum estudante solitário de Ocultismo, através das idades, converteu-se em um santo adepto como Amônio Sakas, em um Plotino, em um teurgista como Jâmblico, ou fez coisas como as

que se atribuem a São Germano, sem mestre algum para dirigi-lo, e tudo isto sem ser um médium, um ilusionista ou um charlatão, então confessaremos nosso erro. Mas até prova em contrário, os teósofos preferem ater-se à lei natural, provada e conhecida, da ciência sagrada tradicional. Há místicos que fizeram grandes descobrimentos em química e ciências físicas, quase penetrando nos domínios da Alquimia e do Ocultismo; outros, que somente à luz de seu gênio redescobriram parte ou totalmente os alfabetos perdidos da “Língua do Mistério”, e são, portanto, capazes de ler corretamente os escritos hebreus; e ainda outros que, sendo clarividentes, puderam entrever passageiros resplendores dos segredos da natureza; mas todos esses são especialistas. Um é inventor teórico; o outro um hebraísta, isto é, cabalista sectário; o terceiro, um Swedenborg moderno, que nega tudo aquilo que está fora de sua ciência ou religião particular. Nenhum deles pode se vangloriar de haver produzido um benefício universal ou nacional, nem mesmo um benefício para si mesmo. Exceituando alguns curandeiros que seriam tachados de charlatões pelo Real Colégio de Médicos e Cirurgiões, nenhum ajudou a Humanidade com sua ciência, nem sequer algumas das pessoas que os rodeavam. Onde estão os caldeus da antiguidade, os homens que realizavam curas maravilhosas, “não por meio de encantos ou feitiços, mas pela simplicidade”? Onde um Apolônio de Tyana que curava os enfermos e despertava os mortos em qualquer circunstância? Conhecemos na Europa alguns *especialistas* capazes do primeiro, mas ninguém capaz do segundo, exceto na Ásia, onde o segredo da ioga, “viver na morte”, ainda se conserva.

P: É objetivo da Teosofia criar semelhantes adeptos curadores?

T: São vários os objetivos da Teosofia, mas os mais importantes são aqueles que podem contribuir para o alívio do sofrimento humano de qualquer forma, tanto moral como fisicamente e consideramos a primeira muito mais importante que a segunda. A Teosofia tem que apontar a ética e purificar a alma, se quer aliviar o corpo físico, cujas doenças, salvo em casos de acidentes, são hereditários. O Ocultismo não é estudado com fins egoístas para a satisfação de ambição pessoal, o orgulho ou a vaidade, e dessa forma nem chegará jamais a alcançar o

fim proposto, de aliviar a humanidade que sofre. Nem também estudando apenas um ramo da filosofia esotérica poderá alguém chegar a ser ocultista, mas somente estudando-os todos, ainda que não os domine perfeitamente.

P: Portanto, não se ajuda a alcançar este importantíssimo objetivo, senão aos que estudam as ciências esotéricas?

T: De modo nenhum. Todo membro do círculo externo tem direito à instrução geral, se a deseja; mas poucos querem converter-se no que se chama de “membros ativos”, e a maior parte prefere ser os “Zangões da Teosofia”. Saiba que na Sociedade Teosófica estimulam-se as investigações privadas, contanto que não ultrapassem os limites que separam o exotérico do esotérico, a magia cega do inconsciente.

Diferença entre Teosofia e Ocultismo

P: Teosofia e Ocultismo são idênticos?

T: De maneira nenhuma. Um homem pode ser muito bom teósofo — dentro ou fora da Sociedade — sem ser, de qualquer maneira, ocultista. Mas ninguém pode ser um verdadeiro ocultista, sem ser teósofo em toda a extensão do termo; de outra maneira, não será mais do que um mago negro, consciente ou inconsciente.

P: O que quer dizer isto?

T: Já disse que um teósofo verdadeiro deve pôr em prática o ideal moral mais elevado; deve esforçar-se em reconhecer sua unidade com a humanidade inteira e trabalhar incessantemente para os demais. Pois bem: se um ocultista não desempenhar desta forma sua missão, o fará de maneira egoísta, em seu benefício pessoal; e, se adquiriu maiores poderes práticos que os demais homens, comumente, exatamente por esse motivo, converte-se em inimigo do mundo e dos que o rodeiam, muito mais terrível que um simples mortal.

P: Então um ocultista é um homem que possui maior poder que os outros?

T: Muito maior — se o ocultista prático é realmente instruído e não se contenta em sê-lo apenas de nome. Não são as ciências ocultas “aquelas ciências imaginárias da Idade Mé-

dia que tratavam da suposta ação ou influência de qualidades ocultas ou poderes sobrenaturais, como a alquimia, a magia, a a necromancia e a astrologia”, conforme as descrevem as enciclopédias; porque são ciências reais, verdadeiras e muito perigosas. Ensinam a força e influência secretas das coisas da natureza, desenvolvendo e cultivando os poderes ocultos “latentes no homem”, dando-lhe enormes vantagens sobre os mortais mais ignorantes. Bom exemplo disso é o hipnotismo, hoje em dia tão comum e objeto de indagações científicas. O poder hipnótico foi descoberto quase por acaso, e preparou o caminho do mesmerismo. Atualmente, um hipnotizador experimentado, com seu poder, pode fazer quase tudo o que lhe ocorrer: desde obrigar a um homem a se tornar bobo inconscientemente, até induzi-lo a cometer um crime — às vezes até por meio de algum cúmplice do hipnotizador e em benefício deste. Não é um terrível poder, se entregue em mãos de pessoas sem escrúpulos? E, sem dúvida, este não é mais do que um dos menores ramos do Ocultismo.

P: Mas magia e feitiçaria, e todas essas ciências ocultas, não são consideradas pelas pessoas mais cultas e ilustradas como restos de antiga ignorância e superstição?

T: Esta observação mistura vários pontos de vista num só golpe. Os “mais cultos e ilustrados” também consideram o Cristianismo e todas as demais religiões como restos de ignorância e superstição. As pessoas agora começam a crer no hipnotismo, e alguns (até entre os mais cultos), na Teosofia e nos fenômenos. Mas quem — exceto os pregadores e os fanáticos cegos — se atreverá a confessar sua crença nos milagres bíblicos? Aqui é onde nasce a diferença. Existem teósofos muito bons e puros, que podem crer nos milagres sobrenaturais, inclusive os divinos; mas nenhum ocultista acreditará neles. O ocultista pratica a Teosofia científica, baseada no conhecimento exato dos trabalhos e segredos da natureza, enquanto que o teósofo que pratica os poderes chamados anormais, sem a luz do Ocultismo, tenderá simplesmente a uma forma perigosa de mediunismo, porque, ainda que professe a Teosofia e seu mais elevado código de ética, trabalha às escuras, apoiado em fé sincera mas cega. Qualquer teósofo ou espírita que intente cul-

tivar um dos ramos da ciência oculta, como o hipnotismo, o mesmerismo ou os segredos para produzir os fenômenos físicos, sem o conhecimento da *rationale filosofica* desses poderes, é como uma nave sem timoneiro em meio ao oceano embravecido.

Diferença entre a Teosofia e o Espiritismo

P: Vocês não acreditam no Espiritismo?

T: Se você entende por “Espiritismo” a explicação que os espíritos dão a alguns fenômenos anormais, declaro decididamente que não. Eles sustentam que *todas* essas manifestações são produzidas pelos “espíritos” dos mortos — geralmente seus parentes — que, segundo dizem, voltam à terra para se comunicar com aqueles a quem estão unidos por afeto. Negamos isso de forma absoluta. Afirmamos que os espíritos dos mortos não podem voltar à terra — salvo em casos raros e excepcionais, dos quais falarei mais adiante —; nem tampouco se comunicam com os homens, exceto *por meios inteiramente subjetivos*. O que aparece objetivamente é tão-somente o fantasma do homem “efísico”. Mas cremos decididamente no Espiritismo psíquico, ou melhor dizendo, “espiritual”.

P: Negam também os fenômenos?

T: Por certo que não — salvo em caso de engano consciente.

P: Então como os explicam?

T: De muitas maneiras. As causas de tais manifestações não são tão simples como crêem os espíritos. Antes de tudo, o *deus ex machina* das chamadas “materializações” é geralmente o *corpo astral* ou “duplo” do médium, ou de outra pessoa presente. Também é esse *corpo astral* o produtor ou força ativa nas manifestações de escrita sobre pedras, como as de “Davenport”.

P: Foi dito “geralmente”: o que é então que produz o restante?

T: Depende da natureza das manifestações: às vezes são restos astrais, as cascas kamolóquicas das personalidades que foram; e outras, os elementais. “Espírito” é uma palavra de múltiplo significado. Na realidade, ignoro o que entendem os espí-

ritos por esse termo; mas o que pretendem, segundo entendo, é que os fenômenos físicos são produzidos pelo *Ego* que se reenarna, pela “individualidade” espiritual e imortal. Refutamos inteiramente essa hipótese. *A individualidade consciente dos mortos não pode se materializar*, nem abandonar sua própria esfera mental devakhânica, para voltar ao plano de objetividade terrestre.

P: Sem dúvida muitas comunicações recebidas de “espíritos” revelam não só inteligência como conhecimento de fatos ignorados pelo médium, e algumas vezes até fatos que não estão conscientemente presentes no espírito do investigador ou de qualquer outro componente da reunião.

T: Isto não prova que a inteligência e o conhecimento mencionados pertençam a *espíritos* ou emanem de almas *desencarnadas*. Existiram sonâmbulos que compuseram músicas, poesia e resolveram problemas matemáticos durante seu período de êxtase, sem nunca terem tido conhecimentos de música nem de matemática. Outros respondiam inteligentemente às perguntas que lhes faziam, e, em vários casos, até falavam idiomas como o hebreu ou o latim, que desconheciam totalmente em estado de vigília — e tudo isto enquanto estavam profundamente adormecidos. Você acha que esses fenômenos eram produzidos por “espíritos”?

P: Então como se explica?

T: Afirmamos que, se a chama divina no homem é uma e idêntica em sua essência com o Espírito Universal, nosso “Eu espiritual” é praticamente onisciente; mas, por seus impedimentos da matéria não pode manifestar seu saber. Quanto mais desaparecer esses impedimentos, isto é, quanto mais se paralise o corpo físico no que se refere à sua atividade e consciência próprias e independentes, como nos estados de sono profundo, êxtase ou mesmo de enfermidade, mais profundamente poderá se manifestar o *Eu interior* neste plano. Essa é nossa explicação sobre esses fenômenos de uma ordem elevada verdadeiramente assombrosa, nos quais se mostra uma inteligência e um saber inegáveis. Enquanto as manifestações de ordem inferior, como os fenômenos físicos, as vulgaridades e conversas do já mencionado “espírito”, necessitaríamos (para explicar somente nossas mais importantes doutrinas, com relação a esse ponto), de mais tempo e espaço do que podemos agora dedicar ao assunto. Não

pretendemos intervir nas crenças dos espíritas, nem nas demais crenças. O *onus probandi* deve recair nos que crêem nos “espíritos”; e atualmente tanto os dirigentes como os mais inteligentes e instruídos entre os espíritas, se bem que ainda convencidos de que as manifestações de ordem mais elevada têm por causa as almas desencarnadas, são os primeiros a confessar que *nem todos* os fenômenos são produzidos por espíritos. Gradualmente chegarão a reconhecer a verdade inteira; mas enquanto isso, não temos o direito nem o desejo de convertê-los a nossas opiniões, tanto mais quando acreditamos que nos casos de manifestações puramente psíquicas e espirituais, há comunicação mútua do espírito do homem vivente com o de personalidades desencarnadas ².

P: Quer dizer que rebatem a filosofia do Espiritismo in totum?

T: Se por “filosofia” compreende-se as mal definidas e disformes teorias, na verdade a rebatemos. Mas na realidade eles não possuem filosofia alguma. Isto é dito pelos seus melhores, mais intelectuais e ardentes defensores. Ninguém negará, nem pode negar, com exceção de algum materialista cego da escola de Huxley, sua fundamental e incontestável verdade, isto

² Dizemos que em tais casos não são os espíritos dos mortos os que descem à terra, mas sim os espíritos dos vivos que ascendem à região das almas espirituais puras. Na realidade não existem nem a subida nem a descida, mas sim uma troca de estado ou condição para o médium. Quando este entra em “transe”, o Ego espiritual liberta-se de seus encontros e se encontra no mesmo plano de consciência dos espíritos desencarnados. Então, se houver alguma atração espiritual entre eles, podem-se comunicar, como acontece freqüentemente durante o sonho. A diferença entre uma natureza mediúnica e outra não sensitiva é a seguinte: o espírito do médium, em liberdade, passa a ter faculdade e facilidade para influir sobre seus próprios órgãos — apesar do corpo físico estar em letargia — fazendo-os atuar, falar e escrever à vontade. O Ego pode fazer repetir, como um eco, em linguagem humana, os pensamentos e idéias da entidade desencarnada. Mas o organismo **não receptor** nem sensitivo não pode ser influenciado deste modo. Por isto, ainda que raro, é o ser humano cujo Ego não tenha uma livre correspondência durante o sonho com aqueles a quem amou e perdeu, sem dúvida — em virtude do positivo e não receptivo de seu invólucro físico e de seu cérebro —, nenhuma recordação lhe sobra quando acorda, com exceção, às vezes, de alguma idéia obscura de um sonho muito vago.

é, que os fenômenos se manifestam pelos médiuns, dirigidos por forças invisíveis e inteligentes. Com relação à sua filosofia, prefiro ler o que diz o inteligente editor de *Light* (Luz), o defensor mais ardente e culto com que os espíritas contam. Aqui está o que escreveu M. A. Oxon — um dos mais cotados espíritas *filosóficos* — no que se refere à falta de organização e cego fanatismo:

“Este ponto merece ser considerado seriamente, pois a importância e gravidade do momento é vital. Possuímos uma experiência e um conhecimento fora dos quais qualquer outro conhecimento resulta comparativamente insignificante. O espírito comum se irrita, se alguém se atreve a refutar seu indubitável conhecimento do futuro e sua absoluta certeza com relação à vida vindoura. Enquanto outros homens uniram suas débeis mãos, que tateiam no sombrio e secreto futuro, ele marcha audazmente como quem possui um mapa e não tem dúvidas do caminho. Enquanto a outros bastou uma piedosa aspiração, ou se contentaram com uma fé hereditária, ele se vangloria de saber o que os outros só crêem e de que com seus vastos conhecimentos pode suprir o deficiente das crenças que hoje agnizam, baseadas somente na esperança. É arrogante em seus procedimentos com relação às esperanças mais caras e prediletas do homem. Parece dizer: ‘Vocês esperam naquilo que eu posso demonstrar. Aceitaram uma crença tradicional em tudo aquilo que posso provar experimentalmente de acordo com o mais estrito método científico. Estão caindo as antigas crenças: separem-se delas, pois contêm tanto erro quanto verdade. Só sendo construído sobre o alicerce do fato demonstrado, pode o edifício ter a solidez e estabilidade necessárias. Todos os antigos cultos se desmoronam: fujam deles para que não sejam esmagados na queda’.

Quando alguém se encontra frente a frente com uma pessoa semelhante, o que acontece? Algo muito curioso e pouco agradável. Está tão seguro do terreno que pisa, que não se importa de assegurar-se da interpretação dos demais sobre seus assuntos. A sabedoria dos séculos cuidou de dar a explicação do que com razão considera como provado; mas ele não dedica o mínimo tempo ao seu estudo. Nem está de completo acordo

com seus irmãos espíritas. Parece a história da velha escocesa que formou uma 'igreja' junto com seu marido. Tinham certas chaves para o céu, ou melhor, ela as guardava, pois, 'não tinha muita confiança em Diogo'. O mesmo sucede com as seitas espíritas, divididas e subdivididas até o infinito, e cujos indivíduos não 'estão muito seguros uns dos outros'. Além disso, a experiência coletiva da humanidade é unânime em que a união é a força e a desunião a origem da debilidade e dos fracassos. Um punhado de homens instruídos e disciplinados converte-se num exército, e cada homem vale por cem indisciplinados que lhe façam frente. Em cada divisão do trabalho humano, a organização é sinônimo de êxito, de economia de tempo e trabalho, de benefício e desenvolvimento. A falta de método e planejamento, o trabalho inconstante, a energia vacilante e o esforço indisciplinado conduzem ao completo fracasso. A voz dos séculos testemunha a verdade. O espírita aceita a sentença e age em conseqüência? Certamente não. Rebelar-se contra a organização. Cada um é lei para si mesmo e espinho para seus vizinhos". (*Light*, junho, 22, 1889.)

P: Segundo eu havia entendido, a Sociedade Teosófica foi fundada para matar o Espiritismo e a crença na individualidade futura do homem.

T: Você está equivocado. Todas as nossas crenças estão justamente baseadas nessa individualidade imortal; mas, como tantos outros, você confunde a personalidade com a individualidade. Os psicólogos ocidentais parecem não ter estabelecido distinção alguma entre ambas, e é precisamente essa diferença que dá a chave para a inteligência da filosofia oriental, e é a causa fundamental da divergência que existe entre as doutrinas teosófica e espírita. Mesmo tendo que enfrentar uma maior hostilidade dos espíritas contra nós, devo declarar aqui que a Teosofia é o verdadeiro e puro Espiritismo, mesmo que a imitação moderna deste nome, como o praticam atualmente as massas, é sensivelmente um materialismo transcendental.

P: Explique mais claramente sua idéia.

T: O que quero dizer é que apesar de nossas doutrinas insistirem na identidade do espírito e da matéria, e mesmo dizendo que o espírito é matéria potencial, e a matéria simplesmente

espírito cristalizado (como, por exemplo, o gelo é vapor solidificado); sem dúvida, como a condição original e eterna de tudo não é espírito, senão *Meta-Espírito* (a matéria visível e sólida é simplesmente sua manifestação periódica), por chamá-lo assim, sustentamos que o termo espírito só se pode aplicar à verdadeira individualidade.

P: Mas qual é a distinção entre essa "verdadeira individualidade" e o "Eu ou Ego" de que todos temos consciência?

*T: Antes de responder devo discorrer sobre o que você entende por "Eu ou Ego". Distinguimos entre o fato simples de consciência própria, o sentimento simples de que "Eu sou eu", e o pensamento complexo de que sou o "sr. Smith" ou "a sra. Brown". Acreditando como acreditamos, em uma série de nascimentos para o mesmo Ego, ou reencarnação, essa distinção é o eixo fundamental da idéia inteira. "Sr. Smith" na realidade significa uma longa série de experiências diárias, todas unidas pela continuação da memória, formando aquilo que o sr. Smith chama de "meu eu". Mas nenhuma dessas "experiências" é realmente o "Eu" ou o "Ego", nem produz ao sr. Smith a sensação de ser ele mesmo, pois esquece a maior parte de suas experiências diárias, e produzem nele o sentimento de eguidade unicamente enquanto duram. Portanto, nós, os teósofos, distinguimos entre esse conjunto de "experiências" que chamamos de falsa personalidade (por ser tão fugaz e finita), e aquele elemento do homem a que se deve o sentimento do "eu sou eu". Para nós, é este "eu sou eu" a verdadeira individualidade: e sustentamos que este "Ego" ou individualidade representa como o ator nos palcos muitos papéis na peça da vida³. Consideramos cada nova vida na terra, do mesmo Ego, como uma representação diferente no cenário de um teatro: aparece uma noite como *Macbeth*, na seguinte como *Júlio César*, depois será *Romeu*, na próxima *Hamlet* ou o *Rei Lear*, e assim sucessivamente, até que tenha completado o ciclo de encarnações. O Ego começa sua peregrinação de vida em papéis bem secundários como o de um espectro, um *Ariel* ou um *duende*; logo representa um papel de coadjuvante: é um soldado, um criado, um cantor no coro; depois ascende a "papéis falados": desempenha*

³ Veja mais adiante, "Individualidade e Personalidade"

alternadamente papéis principais e outros insignificantes, até que, finalmente, despede-se da cena como *Próspero*, o mago.

P: Entendo. Mas foi dito que aquele verdadeiro Ego não pode voltar à terra imediatamente após a morte. Tem o ator a liberdade de voltar, se quiser, à cena onde desempenhou seus atos anteriores, se é que conservou o sentido de sua individualidade?

T: Simplesmente nego, porque um regresso semelhante à terra seria incompatível com um estado qualquer de felicidade e bem-aventurança sem mescla depois da morte, conforme quero provar. Acreditamos que o homem sofre tantas e imerecidas penas e misérias durante sua vida, por culpa dos demais com quem está relacionado, ou por causa do ambiente que o rodeia, que seguramente tem direito a um descanso e uma tranquilidade perfeitos, senão à felicidade, antes de voltar a carregar novamente o peso da vida. Poderemos discutir este ponto em minúcias, mais para frente.

Por que a Teosofia interessa

P: Entendo até certo ponto as doutrinas teosóficas, mas observo que são muito mais complicadas e metafísicas que as do Espiritismo ou as idéias religiosas comuns. Explique-me como o sistema da Teosofia despertou tanto interesse e tanta animosidade ao mesmo tempo?

T: Creio que existem várias razões para isso. Entre as várias causas que podem ser citadas, em primeiro lugar figura a grande reação que existe, filha das grosseiras teorias materialistas que prevalecem hoje entre os homens da ciência. Em segundo lugar, o descontentamento geral com relação à teologia artificial das diferentes Igrejas cristãs, e o número cada vez maior de seitas que se combatem umas às outras. Terceiro, uma percepção crescente do fato de que as crenças que se contradizem tão evidentemente não podem ser verdadeiras, e que pretensões não comprovadas não podem ser reais. A essa natural desconfiança nas religiões convencionais, deve-se acrescentar o fracasso completo das mesmas, quanto à conservação da moral e à purificação das massas. Quarto, a convicção em muitos e o saber em alguns, de que deve existir em algum lugar um sistema

filosófico e religioso, que seja científico e não somente especulativo. Finalmente, a crença de que talvez tal sistema deva ser buscado em doutrinas que antecederam a toda fé moderna.

P: Mas como esse sistema veio revelar-se precisamente agora?

T: Porque precisamente agora encontrou ocasião propícia e a época preparada para ele; o que é provado pelo decidido esforço e o empenho de tantos ardentes escritores e sábios, em alcançar a verdade custe o que custar, e onde estiver oculta. Levando isto em consideração, os depositários dela permitiram que pelo menos uma parte dessa verdade fosse divulgada. Se a formação da Sociedade Teosófica tivesse sido adiada para daqui a alguns anos, metade das nações civilizadas seria declaradamente materialista, e a outra metade, antropomorfista e fenomenalista.

P: A Teosofia deve ser considerada de algum modo como uma revelação?

T: De maneira nenhuma — nem mesmo no sentido de uma revelação de alguns seres superiores, sobrenaturais, ou pelo menos sobre-humanos; tem somente o sentido de um “descobrimiento” de verdades muito antigas, por inteligências até agora ignorantes delas; ignorantes até mesmo da existência e conservação dessa ciência arcaica⁴.

P: Já falamos de “animosidade”: por que a Teosofia tem

⁴ Está na moda, de uns tempos para cá, ridicularizar a noção de que houve alguma coisa além de impostura sacerdotal nos **mistérios** de povos grandes e civilizados, tais como os egípcios, os gregos ou os romanos. Pretende-se mesmo que os rosa-cruzes tenham sido uma espécie de lunáticos e impostores. Numerosos livros foram escritos a respeito deles; e até principiantes, que mal tinham acabado de conhecer esse nome, apresentaram-se como grandes críticos e gnósticos, sobre a alquimia dos filósofos do fogo e do misticismo em geral. Sem dúvida sabe-se que uma longa série de hierofantes do Egito, da Índia, da Caldéia e da Arábia, assim como os maiores filósofos e sábios da Grécia e do Ocidente, incluíram todo o conhecimento sob a designação de Sabedoria e ciência divina, porque consideravam a base e a origem de toda arte e ciência, como **essencialmente** divina. Platão tinha os **mistérios** por sagrados; e Clemente de Alexandria, que havia sido iniciado nos mistérios eleusínicos, declarou “que as doutrinas que neles se ensinavam continham a meta de todo o saber humano”. Platão e Clemente eram dois impostores, dois loucos, ou ambas as coisas de uma vez?

encontrado tanta oposição e, em geral, pouca aceitação, se a verdade é tal como ela a apresenta?

T: Por muitas e diversas razões, uma das quais é a aversão que os homens sentem pelas “inovações”. O egoísmo é essencialmente conservador, e odeia que o molestem. Prefere a mentira fácil e cômoda à maior verdade, se esta exigir um sacrifício pessoal, por insignificante que seja. O poder da inércia mental é enorme, quando se trata de algo que não signifique um benefício ou recompensa imediatos. *Nossa época é essencialmente prática e antiespiritual.* Além disso deve-se levar em conta a índole especial dos ensinamentos teosóficos; a natureza eminentemente abstrata de suas doutrinas, algumas delas contradizendo abertamente muitas extravagâncias humanas consideradas importantes pelos sectários, e que têm penetrado no cerne das crenças populares. Se a tudo isto se somar os esforços pessoais e a grande pureza de vida exigidos daqueles que aspiram figurar entre os discípulos do círculo interno, e a classe muito limitada de pessoas que são atraídas por um código ou regulamento inteiramente desinteressado e altruísta, compreende-se facilmente por que a Teosofia está destinada a um trabalho tão lento e rudimentar. Tem sido essencialmente a filosofia dos que sofrem e perderam toda a esperança de encontrar alívio e socorro nas lutas da vida, por qualquer outro meio. E a história de qualquer sistema de crenças ou de moral recentemente introduzido em país estrangeiro demonstra que seu início é sempre combatido por todos os meios e obstáculos, sugeridos tanto pelo obscurantismo como pelo egoísmo. “Na verdade, a coroa do inovador é uma coroa de espinhos.” Não se podem demolir antigos edifícios sem algum perigo.

P: Tudo isto se refere mais à filosofia e ética teosóficas. E quanto a uma idéia mais geral, sobre seu objetivo e estatutos?

T: Nunca se guardou segredo sobre isso — pode perguntar o que quiser, que responderei.

P: Ouvi dizer que há ligações por compromisso ou juramento.

T: Somente na seção “esotérica” ou secreta.

P: Também ouvi dizer que os membros que se desligaram

não são mais considerados como ligados pelo compromisso ou juramento. Podem fazer isto?

T: Esta pergunta demonstra que seu conceito de honra é imperfeito. Como diz muito bem o *Path* (Senda), nosso órgão teosófico em Nova York, com relação a um caso análogo: “Suponha-se que se forme um conselho de guerra para um soldado que faltou ao juramento e à disciplina, e que é expulso do serviço. Revoltado ante o castigo merecido, cujas conseqüências não ignorava, por haver sido claramente advertido sobre elas, o soldado transfere-se para o inimigo onde começa a dar informações como espião ou traidor, para vingar-se de seu chefe, pretendendo ficar exonerado do juramento de lealdade a sua causa, em virtude do castigo que lhe deram”. Você acredita que ele tem razão, que está justificado? Não acha que ele deve ser considerado um homem sem honra, um covarde?

P: Sim, acredito; mas há outros que pensam diferente.

T: Pior para eles. Mas voltaremos a falar sobre esse assunto.

O TRABALHO DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

FINS DA SOCIEDADE

P: Quais são os fins da Sociedade Teosófica?

T: Desde seu começo, três são seus fins: 1.º) Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinções de raça, cor, sexo ou credo. 2.º) Incrementar o estudo das Escrituras, das religiões e as ciências do mundo, tanto arianas como as outras, e reivindicar a importância da antiga literatura asiática, e principalmente das filosofias brahmânica, budhista e zoroástrica. 3.º) Investigar os mistérios ocultos da natureza sob todos os aspectos possíveis, e os poderes psíquicos e espirituais latentes, especialmente no homem. Em linhas gerais estes são os três objetivos principais da Sociedade Teosófica.

P: Dê informações mais detalhadas a respeito deles.

T: Podemos dividir cada um dos três objetivos em tantas cláusulas quantas forem necessárias.

P: Começemos pela primeira: quais são os meios usados para despertar semelhante sentimento de fraternidade entre raças completamente diferentes em suas religiões, costumes, crenças e modo de pensar?

T: Sabemos certamente que, excetuando dois restos de raças — os persas e os judeus —, toda nação está em discórdia, não só contra todas as outras, senão até dentro dela mesma.

Encontra-se isso sobretudo nas chamadas nações cristãs civilizadas. Provém daí sua estranheza e o porquê de nosso primeiro objetivo parecer uma utopia, não é?

P: É verdade; mas que dizer contra isso?

T: Contra o fato, nada; mas muito sobre a necessidade de atacar as causas que fazem a fraternidade universal parecer uma utopia nos dias que correm.

P: Quais são essas causas, na sua opinião?

T: Primeiro, e acima de todos, o *egoísmo próprio da natureza humana*. Em vez de ser combatido, esse egoísmo cada dia adquire maior força; e é estimulado pela educação religiosa atual, convertendo-se em um sentimento feroz e irresistível, que a dita educação tende não só a fomentar como a justificar positivamente. As idéias das pessoas quanto ao bem e o mal foram pervertidas por completo pela aceitação literal da *Bíblia* hebraica. Todo o desinteresse das doutrinas altruístas de Jesus converteram-se em tema puramente teórico para a oratória do púlpito; enquanto que os preceitos de egoísmo prático ensinados na *Bíblia* mosaica — contra os quais Cristo pregou em vão — incrustaram-se na vida mais íntima das nações ocidentais. “Olho por olho e dente por dente” tornou-se a primeira máxima de suas leis. Pois bem: declaro abertamente e sem temor que só a Teosofia pode extirpar a perversidade dessa doutrina, assim como de tantas outras.

A origem comum do homem

P: Como?

T: Demonstrando simplesmente, no terreno lógico, filosófico, metafísico e até científico, que: a) Todos os homens têm a mesma origem espiritual e física: o que constitui a doutrina fundamental da Teosofia. b) Que tendo a humanidade uma mesma e única essência, e sendo essa essência una — infinita, incriada e eterna, chamemos Deus ou natureza — nada, portanto, pode afetar uma nação ou a um homem, sem afetar a todas as demais nações e a todos os outros homens. Isto é tão certo e óbvio como uma pedra atirada a um lago porá em mo-

vimento — mais cedo ou mais tarde — cada gota de água ali contida.

P: Mas esta não é uma doutrina de Cristo e sim uma noção panteísta.

T: Engano seu: é puramente cristã, se bem que não judaica, e talvez por isso as nações bíblicas preferem ignorá-la.

P: Esta é uma acusação injusta. Onde estão as provas?

T: Estão à mão. Se atribuem a Cristo estas palavras: “Amai-vos uns aos outros” e “Amai a vossos inimigos, pois se amais só àqueles que vos amam, que mérito tereis? Acaso os publicanos¹ não o fazem? E se apenas saudais a vossos irmãos, que mais fazeis que os outros? Não o fazem acaso os próprios publicanos?” Estas são as palavras de Cristo. Mas o *Gênesis*, IX, 25, diz: “Maldito seja Canaã; servo dos servos seja aos seus irmãos”. E a gente cristã mas bíblica prefere a lei de Moisés à lei amorosa de Cristo. Apóiam no *Antigo Testamento* — que se presta a todas as paixões — suas leis de conquista, anexação e tirania, com relação às raças que chamam inferiores. Só a História pode nos dar uma idéia, mesmo imperfeita, dos crimes cometidos com o apoio desta passagem infernal do *Gênesis* (tomado ao pé da letra)².

¹ Publicanos: considerados naqueles tempos como ladrões e larápios. Tanto o nome como a profissão de publicano eram para os judeus as coisas mais odiosas do mundo. Não se lhes permitia entrar no templo, e Mateus (XVIII, 17) fala de um pagão e de um publicano, como sinônimos. Sem dúvida eram apenas os arrecadadores de impostos romanos, e ocupavam a mesma posição que os empregados oficiais ingleses ocupam hoje em dia na Índia e outros países ocupados.

² “No fim da Idade Média, a escravidão dominada por forças morais havia desaparecido da Europa; mas aconteceram dois episódios importantes que anularam o poder moral que trabalhava na sociedade europeia, e deram margem a uma série de calamidades que quase se pode dizer que jamais se conheceram outras maiores. Um desses acontecimentos foi a primeira viagem à costa populosa e bárbara onde os seres humanos eram artigo usual de tráfico; e o outro, o descobrimento do Novo Mundo, onde se abriram mananciais de riqueza, para cuja exportação só faltava levar braços que trabalhassem. Durante quatrocentos anos, homens, mulheres e crianças foram separados de todos os que amavam e conheciam, para serem vendidos como escravos; acorrentados nos porões dos navios (muitas vezes juntos — os mortos e os vivos — em terríveis travessias); e conforme Bancroft — historiador imparcial —

P: Foi dito que a identidade de nossa origem física está provada pela ciência, e a de nossa origem espiritual pela religião da Sabedoria. Mas, sem dúvida, os darwinistas não dão provas de afeição fraternal muito grande.

T: Precisamente. Isto é o que demonstra a deficiência dos sistemas materialistas, e prova que nós — os teósofos — temos razão. A identidade de nossa origem física não alcança nem estimula nossos sentimentos mais elevados e profundos. Privada de sua alma e espírito, ou de sua essência divina, a matéria não pode falar ao coração humano. Mas uma vez provada e gravada profundamente em nossos corações, a identidade da alma e do espírito do homem real, imortal, conforme nos ensina a Teosofia, isto nos levará muito longe no caminho da verdadeira caridade e bons desejos fraternais.

P: Mas como a Teosofia explica a origem comum do homem?

T: Ensinando que a raiz de toda a natureza — objetiva e subjetiva — e tudo no universo — visível e invisível — é, era e será sempre uma essência absoluta de onde tudo vem e para onde tudo volta. Esta é a filosofia ariana, representada totalmente só pelos vedantinos e budistas. Com esta finalidade, é dever de todo teósofo incrementar por todos os meios práticos e em todos os países a difusão da educação anti-sectária.

P: Além disso, que recomendam os estatutos da Sociedade a seus membros? Refiro-me ao plano físico.

T: A organização da Sociedade conforme foi descrita por

de mais de três milhões de seres, 250 mil foram jogados à água nesta época, enquanto o resto era condenado a inenarrável miséria e sofrimento cruel nas minas, ou a gemer sob o chicote nos canaviais e arrozais. A culpabilidade deste grande crime recai sobre a Igreja cristã. O governo espanhol firmou mais de dez tratados autorizando a venda de quinhentos mil seres humanos, “em nome da Santíssima Trindade”. Em 1562, sir John Hawkins se pôs ao mar para empreender a infernal viagem que tinha por objetivo comprar escravos na África para vendê-los nas Índias Ocidentais, em um navio que tinha o nome sagrado de Jesus; e Isabel, a rainha protestante, recompensou-o por seu êxito nesta primeira aventura dos ingleses naquele desumano tráfico, autorizando-o a usar como escudo de armas “um meio mouro em sua cor natural, preso com uma corda”, isto é, um escravo negro acorrentado” (*Conquistas da Cruz* — tirado do *Agnostic Journal*).

Eduardo Bellamy na sua magnífica obra *Looking Backwards* (*Olhando Para Trás*), representa admiravelmente a idéia teosófica, mostrando que deveria ser o primeiro grande passo até a completa realização da fraternidade universal. O estado de coisas que descreve só não alcança a perfeição porque ainda existe o egoísmo no coração dos homens. Mas, em geral, o egoísmo e o individualismo foram dominados pelo sentimento de solidariedade e fraternidade mútuos; e o plano de vida descrito na obra reduz a um mínimo as causas que tendem a criar e alimentar o egoísmo.

P: Deste modo, todo teósofo deve tomar parte em qualquer esforço que tenda à realização de semelhante ideal?

*T: Certamente, e o temos provado com fatos. Você não ouviu falar dos clubes e do partido nacionalista que surgiram na América depois da publicação do livro de Bellamy? Vão ganhando terreno cada dia e com o tempo irão ganhando muito mais. Esses clubes e esse partido foram criados no princípio por teósofos. Um dos primeiros, o Clube Nacionalista de Boston (Massachusetts), tem teósofos como presidente, secretário e a maioria do conselho executivo. Na constituição de todos os clubes e na do partido, a influência teosófica e da Sociedade é franca e aberta, porque a base e o princípio fundamental é o da fraternidade humana, tal como a ensina a Teosofia. Na sua Declaração de Princípios dizem: “O princípio da fraternidade é uma das verdades eternas que dirigem o progresso do mundo por caminhos que distinguem a natureza humana da natureza irracional”. O que é mais teosófico do que isto? Mas não basta: é necessário também imprimir nos homens a idéia de que se a origem da humanidade é *una*, deve então haver igualmente uma verdade comum em todas as diferentes religiões — exceto na judia, uma vez que nem na *Cabala* se encontra expressada.*

P: Isto se refere à origem comum das religiões. Mas como se pode aplicar a fraternidade prática no plano físico?

T: Primeiro, porque o que é verdade no plano metafísico, necessariamente o será no plano físico. Em segundo lugar, porque não existe causa mais poderosa de ódio e disputas do que as diferenças religiosas. Quando uma parte da humanidade se julga única possuidora da verdade absoluta, é natural que con-

sidere seu vizinho perdido em erro ou em poder do diabo. Mas, conseguir demonstrar a um homem que ninguém possui *toda* a verdade, senão que se completam mutuamente, que a verdade completa só pode ser encontrada na união das diversas opiniões, depois da eliminação do falso de cada uma delas, só então a verdadeira fraternidade, em religião, poderá ser um fato. A mesma coisa pode ser aplicada no mundo físico.

P: Por favor, desenvolva mais sua idéia.

T: Um exemplo: uma planta é composta de raiz, tronco, galhos e folhas. Do mesmo modo a humanidade — como um todo — é o tronco que procede da raiz espiritual; o tronco é a unidade da planta. Atacado o tronco, é evidente que cada galho e cada folha serão afetados. Assim sucede com a humanidade.

P: É verdade; mas, ao mesmo tempo, se apenas se ataca uma folha ou um ramo, não se maltrata a planta inteira.

T: De forma que você acredita que prejudicando a um homem não prejudica a humanidade? Você ignora que até a ciência materialista ensina que qualquer prejuízo, por ligeiro que seja, causado a uma planta, vai afetá-la completamente em seu desenvolvimento? Você está errado e a analogia é perfeita. Leve em conta que um simples corte no dedo pode melindrar todo o corpo e influir no sistema nervoso; e não esqueça que pode haver outras leis espirituais que operam sobre as plantas e os animais, assim como sobre a humanidade.

P: Que leis são essas?

T: Nós a chamamos de leis kármicas; mas para compreender o significado completo deste termo é preciso estudar Ocultismo. Meu argumento não se apoiava na suposição dessas leis, senão somente na analogia da planta. Entendida essa idéia, aplicando-a universalmente, logo ficará claro que, na filosofia verdadeira, cada ação física tem seu efeito moral e eterno. Prejudique a um homem, causando-lhe um dano corporal; pensará que sua pena e sofrimento não podem de nenhum modo afetar a seus próximos, e muito menos a homens de outras nações. Nós afirmamos que isto acontecerá no seu devido tempo. Enquanto cada homem não compreender e aceitar — como uma verdade axiomática — que prejudicando a outro nos prejudicamos, não só a nós mesmos como a toda humanidade, não são

possíveis na Terra sentimentos fraternais, tal como pregaram todos os grandes pensadores, principalmente Buddha e Jesus.

Nossos outros objetivos

P: Explique agora os meios de atingir o segundo objetivo.

T: Reunimos para a biblioteca de nossa sede geral de Adyar, Madras (e para nossas bibliotecas locais), todas as melhores obras sobre as religiões do mundo. Apresentando por escrito informações corretas das várias filosofias, tradições e lendas antigas, e difundindo-as na prática por meio de traduções e publicação de obras originais de valor, extratos e comentários sobre elas, além de instruções orais de pessoas versadas em seus respectivos conhecimentos.

P: E sobre o terceiro objetivo, o de desenvolver no homem seus poderes latentes, espirituais ou psíquicos?

T: Também este deve ser executado por meio de publicações, nos lugares onde não são possíveis as reuniões e ensinamentos pessoais. Nosso dever é conservar vivas no homem suas intuições espirituais. Opor-se e combater a superstição em todas as suas formas (depois da devida investigação e prova de sua natureza irracional): religiosa, científica ou social, e sobretudo a hipocrisia, seja como espírito religioso de seita, ou como crença em milagres ou qualquer coisa sobrenatural. O que tratamos de conseguir é o conhecimento de todas as leis da natureza e difundi-lo. Incrementar o estudo dessas leis menos compreendidas por gente moderna — as chamadas ciências ocultas — baseadas no verdadeiro conhecimento da natureza, ao invés de ser como no presente, em crenças supersticiosas, fundamentadas na fé cega e na autoridade. Ainda que fantásticos, às vezes, os conhecimentos e tradições populares, depois de depurados, podem nos levar ao descobrimento de importantes segredos da natureza, perdidos há tempo. Ao seguir esta linha de investigação, a Sociedade espera alargar o campo da observação científica e filosófica.

Caráter sagrado do compromisso

P: Há algum sistema de ética que se aplique na Sociedade?

T: A nossa é bastante clara e fácil para quem quiser se-

gui-la. É a essência da ética do mundo, tirada dos ensinamentos de todos os grandes reformadores do universo. Nela podem-se ver representados: Confúcio, Zoroastro, Lao-Tsé e o Bhagavad-Gîtâ, os preconceitos de Gautama Buddha e Jesus de Nazaré, de Hillel e sua escola, assim como os de Pitágoras, Sócrates, Platão e suas respectivas escolas.

P: E os membros da Sociedade seguem esses preceitos? Entendo que existem grandes dissensões e disputas entre eles.

T: É muito natural, pois, apesar da reforma, em seu estado atual pode se considerar como nova. Os homens e as mulheres que precisam ser reformados são as mesmas naturezas humanas pecadoras dos tempos passados. Como já disse, são poucos os membros ativos, zelosos e ardentes; mas muitos são os sinceros e bem dispostos, que tratam de defender, o melhor que podem, os ideais da Sociedade e os seus próprios. Nosso dever é ajudar os membros individualmente, em seu progresso intelectual, moral e espiritual, e não censurar os que erram ou fracassam. Não temos o direito de negar a admissão a pessoa alguma — especialmente na seção esotérica — onde “quem entra é igual a um recém-nascido”. Mas se algum membro, apesar de seus compromissos sagrados, contraídos sob palavra de honra e em nome do “Eu” imortal, continua depois desse “novo nascimento” com os vícios e defeitos da vida antiga, tolerando-os e satisfazendo-os não obstante pertencer à Sociedade, então, naturalmente, é muito provável que será convidado a se demitir ou, no caso de negar-se a isso, será expulso. Temos regras rigorosas para tais casos.

P: Pode citar algumas delas?

*T: Sim: nenhum membro da Sociedade — seja exotérico ou esotérico — tem o direito de impor suas opiniões pessoais a outro membro. É uma ofensa contra a Sociedade. Quanto à seção interna, agora chamada *esotérica*, possui uma regra apresentada e adotada desde 1880: “Nenhum irmão poderá servir-se para seu uso egoísta de nenhum conhecimento que lhe for dado por qualquer membro de grau superior, sendo a violação desta regra punida com a expulsão”. Antes que possam ser comunicados esses conhecimentos, o aspirante deve comprometer-se sob juramento solene a não fazer uso dos mesmos com obje-*

tivos egoístas, nem a revelar nada do que lhe foi confiado, exceto estando autorizado a isso.

P: Mas uma pessoa expulsa ou demissionária pode revelar o que aprendeu, ou violar qualquer cláusula do compromisso adquirido?

T: Certamente que não. Sua expulsão ou demissão somente a exonera da obrigação de obediência ao mestre e de tomar parte ativa na obra da Sociedade, mas certamente não do sagrado compromisso do segredo.

P: Mas essa razão é justa?

T: Seguramente. Todo homem ou mulher dotado do mínimo sentimento de honra, sua promessa de segredo tomada sob sua palavra de honra — e muito mais — em nome de seu Eu superior (o Deus interno), é inviolável enquanto for vivo. E, mesmo deixando a Sociedade, nenhum homem ou mulher dignos pensará em atacar ou prejudicar uma corporação a que pertenceram em virtude de semelhante compromisso.

P: Isto não é extremar as coisas?

*T: Pode ser que sim, levando-se em conta o relaxamento destes tempos e da moral; mas, se a promessa não fosse firme, que necessidade haveria de compromisso? Como pode alguém aspirar a ser instruída na ciência secreta, se espera poder libertar-se quando bem entender, de todas as obrigações que lhe impuseram? Que segurança, confiança ou crédito poderiam existir entre os homens, se tais compromissos não tivessem valor ou alguma força real? Acredite: a lei de retribuição (Karma) muito rapidamente daria o merecido a quem dessa maneira quebrassem seu compromisso; tão depressa talvez como se manifestaria o desprezo de todo homem honrado, até mesmo neste plano físico. Como disse muito bem o *Path* (julho, 1889, Nova York), quanto a este assunto: “Uma vez adquirido um compromisso, obriga-nos para sempre no mundo moral e no mundo oculto. Se alguma vez o violamos e sofremos as conseqüências, isto não justifica o violarmos de novo; e sempre que o façamos reagirá sobre nós a poderosa balança da Lei (do Karma)”.*

RELAÇÕES DA SOCIEDADE TEOSÓFICA COM A TEOSOFIA

DO PRÓPRIO PROGRESSO

P: A elevação moral é, portanto, o objetivo principal da Sociedade?

T: Sem dúvida. Quem aspira ser um verdadeiro teósofo deve viver assim.

P: Se assim é, conforme sua observação anterior, a conduta de alguns membros está em oposição com esse princípio fundamental.

T: É claro. Mas não se pode evitar. Acontece também entre os que se dizem cristãos e procedem como se fossem inimigos de Cristo. A culpa não provém de nossos estatutos e regulamentos, mas da natureza humana. Mesmo nos ramos exotéricos públicos, os membros se comprometem em nome de seu "Eu Superior", a levar a vida prescrita pela Teosofia. Têm que conseguir que seu "Eu Divino" seja o guia de todo ato e pensamento, a cada dia e em cada momento de suas vidas. Um verdadeiro teósofo deve "se conduzir com justiça e caminhar humildemente".

P: O que se entende por isso?

T: Deve, simplesmente, esquecer-se de si mesmo pelos de-

mais. Um membro da S.T. — um verdadeiro Filaleteu — expressou-se admiravelmente em *The Theosophist*: “O que cada homem necessita, antes de mais nada, é estudar-se a si mesmo e fazer um honrado inventário de seu domínio subjetivo, e por pior que este seja, acontecerá a redenção, se se propõe a alcançá-la com resolução verdadeira”. Mas quantos o fazem? Todos estão dispostos a trabalhar por seu próprio desenvolvimento e progresso; muito poucos pelo desenvolvimento e progresso dos outros. O mesmo autor disse ainda: “Os homens foram demasiadamente enganados e frustrados; têm que destruir seus ídolos: deixar-se de ficções e de trabalhar para eles (é aqui se está dizendo algo de mais ou de menos, porque o que trabalha para si mesmo, melhor seria não fazer nada); que, ao contrário, trabalhe para os demais, para todos. Para cada flor de amor e caridade que plantar no jardim de seu vizinho, desaparecerá uma erva má do seu, e desta maneira a humanidade — este jardim dos deuses — poderá florescer. Em todas as Bíblias, em todas as religiões, encontramos este conceito claramente exposto; mas homens de má-fé primeiro o desnaturalizaram e depois o romperam e materializaram. Não é preciso uma nova revelação. Que cada homem seja para si mesmo uma revelação; que o espírito imortal do homem tome posse do templo de seu corpo; que expulse dele mesmo os mercadores e demais impurezas, e sua própria humanidade divina o redimirá, porque quando estiver unido consigo mesmo conhecerá o “Arquiteto do Templo”.

P: Confesso que considero isto puro altruísmo.

T: E é. Se apenas um membro entre dez o praticasse, nossa Sociedade seria, sem dúvida, um corpo de eleitos. Mas entre os que não fazem parte da Sociedade, há os que não verão jamais a diferença essencial que existe entre a Teosofia e a Sociedade Teosófica; entre a idéia e sua representação imperfeita. Essas pessoas fazem recair cada falta ou cada imperfeição do veículo (o corpo humano) sobre o espírito puro que precipita nele sua luz divina. Isto é justo? Atacam uma associação que luta pela propagação de seus ideais contra forças opostas tremendas. Alguns desacreditam e caluniam a Sociedade Teosófica só porque ela se atreve a tentar conseguir o que outros sistemas

(a Igreja e o Estado cristão principalmente) não puderam alcançar, tendo fracassado por completo em seu intento; outros, porque quiseram conservar o estado de coisas existente: fariseus e saduceus no lugar de Moisés, e publicanos e pecadores gozando e desfrutando nos altos postos, como sob o Império Romano durante sua decadência. As pessoas de julgamento reto e sadio deveriam ao menos levar em conta que o homem que faz tudo quanto pode, faz tanto quanto aquele que mais tem conseguido, neste mundo de possibilidades relativas. Isto é um axioma para os crentes nos Evangelhos, explicado na parábola dos talentos entregues pelo amo: o servidor que dobrou seus dois talentos foi recompensado da mesma forma que seu companheiro que havia recebido cinco. A cada um é dado “segundo sua capacidade”.

P: Neste caso, é difícil fixar uma linha de demarcação entre o abstrato e o concreto, pois só temos este último para formar uma opinião.

*T: Por que então fazer uma exceção quando se trata da Sociedade Teosófica? A justiça, e mesmo a caridade, deve começar na própria casa. Deve-se atacar o “Sermão da Montanha” ou fazer burla dele, porque as leis sociais, políticas e até religiosas não somente não conseguiram pôr em prática até agora seus preceitos, nem em seu espírito, nem sequer em sua letra morta? Suprima-se o juramento nos tribunais, parlamentos, exércitos e em toda parte, e faça-se o que praticam os *quakers*, se querem chamar-se cristãos. Suprimam-se mesmo os tribunais, pois seguindo os mandamentos de Cristo haverão de dar abrigo a quem os despojou e apresentar a face esquerda aos que esbofetearam a direita. “Não vos rebeleis contra o mal, amai a vossos inimigos, bendizeis aos que vos façam sofrer, fazeis o bem àqueles que vos odeiam”, pois “o que infringir um mínimo desses mandamentos e assim ensinar a fazer aos homens, será chamado o último no Reino dos Céus”, e “o que chama louco a seu irmão, estará no perigo do fogo infernal”. Não julgue nada se não quer ser julgado. Insistir que entre a Teosofia e a Sociedade Teosófica não existe diferença, é expor o sistema cristão e sua essência a iguais acusações mas em uma forma mais grave.*

P: Por que mais grave?

T: Porque enquanto os dirigentes do movimento teosófico — reconhecendo plenamente suas deficiências — fazem o quanto podem para corrigi-las e arrancar o mal que existe na Sociedade; enquanto seus regulamentos e leis próprios estão baseados no espírito teosófico, os legisladores e Igrejas das nações ditas cristãs fazem o contrário. Até os piores entre nossos membros não são piores que o cristão comum. Além disso, se os teósofos ocidentais têm tanta dificuldade em levar uma vida verdadeiramente teosófica, é porque são filhos de sua geração. Todos eram cristãos, educados na sofisticação de sua Igreja, de seus costumes sociais e até de suas leis paradoxais. Assim eram antes os teósofos, ou melhor dizendo membros da Sociedade com esse nome, já que nunca repetiremos o bastante, que existe uma importantíssima diferença entre o ideal abstrato e seu veículo.

O abstrato e o concreto

P: Solicito que esclareça um pouco mais essa diferença.

T: A Sociedade é uma grande corporação de homens e mulheres, composta de elementos os mais heterogêneos. A Teosofia em sua significação abstrata é a Sabedoria Divina, ou a síntese da ciência e sabedoria que sustém o universo — a homogeneidade do eterno *bem*; e em seu sentido concreto, é somente a soma total do mesmo, concedida ao homem pela natureza nesta Terra. Alguns membros se esforçam sinceramente em viver verdadeiramente a Teosofia, objetivando-a; enquanto que outros desejam apenas saber, sem praticar; e há ainda os que entraram na Sociedade unicamente por curiosidade ou por interesse passageiro, ou talvez porque algum amigo fazia parte dela. Como se pode, portanto, julgar o sistema com o critério dos que querem ostentar o nome sem nenhum direito a ele? Devemos julgar a poesia apenas pelos que pretendem ser poetas mas só nos ferem os ouvidos? Somente em seus objetivos e motivos abstratos, a Sociedade pode ser julgada como representação exterior da Teosofia; jamais poderá pretender ser seu veículo concreto, enquanto todas as debilidades e imperfeições humanas se encontrem nela; de outro modo a Sociedade não faria mais do que repetir o grande erro e os sacrilégios das chamadas

Igrejas de Cristo. Se nos for permitida uma comparação oriental, diremos que a Teosofia é o oceano infinito da verdade universal, do amor e sabedoria que se reflete na Terra, enquanto que a Sociedade Teosófica é tão-só uma bolha visível desse reflexo. A Teosofia é a natureza divina, visível e invisível, e a Sociedade que leva seu nome, a natureza humana esforçando-se em se elevar até à primeira. A Teosofia, enfim, é o sol fixo e eterno, e a Sociedade o cometa que trata de entrar em sua órbita para converter-se em planeta, girando eternamente sob a atração do sol da verdade. Foi formada para ajudar a demonstrar aos homens que existe uma coisa chamada Teosofia, dando meios de alcançá-la, elevando-se até ela pelo estudo e assimilação de suas verdades eternas.

P: Mas não foi dito que não havia princípios ou doutrinas especiais?

T: E não as temos. A Sociedade não possui uma sabedoria própria para defender ou ensinar. É simplesmente o receptáculo de todas as verdades expostas pelos grandes videntes, iniciados e profetas de todas as idades históricas e mesmo pré-históricas, ao menos de tudo o que possa reconhecer. Em consequência, é somente o órgão pelo qual os fragmentos da verdade que se encontram nos ensinamentos acumulados dos grandes Mestres do mundo, são recolhidos e expostos aos homens.

P: Mas é impossível alcançar semelhante verdade fora da Sociedade? Cada Igreja não aspira exatamente a isso?

T: A existência inegável de grandes iniciados — verdadeiros “Filhos de Deus” — demonstra que tal sabedoria foi alcançada freqüentemente por indivíduos isolados, mas jamais, sem dúvida, sem a direção de um mestre.

Mas muitos dos discípulos, também por sua vez convertidos em instrutores, reduziram a universalidade dos ensinamentos na medida de seus próprios dogmas sectários. Os mandamentos de um só Mestre eleito foram adotados e seguidos, com exclusão de todos os demais (se é que foram seguidos, levando-se em conta o que sucede com o Sermão da Montanha). Cada religião é, portanto, um fragmento da verdade divina, que ilumina um vasto panorama da fantasia humana, e pretende representar e replantar aquela verdade.

P: Mas não foi dito que a Teosofia não é uma religião?

T: Seguramente não o é, uma vez que é a essência de toda religião e da verdade absoluta, uma gota da qual alimenta cada credo. Empregando novamente uma metáfora, diremos que a Teosofia na Terra é como um raio branco do espectro solar, e cada religião é somente uma das sete cores prismáticas. Ignorando todos os outros e tachando-os de falsos, não só reivindicamos a cada raio de cor a prioridade, como sustenta que é o raio branco mesmo, e anatematiza até mesmo seus matizes — desde os claros como os escuros — como heresias. Sem dúvida, como o sol da verdade se eleva cada vez mais no horizonte da percepção do homem, e em cada raio de cor se desvanece gradualmente até que seja reabsorvido, não será já ao fim atormentada a humanidade com polarizações artificiais, mas sim poderá gozar da pura e branca luz da verdade eterna. E esta será a Teosofia.

P: Pretendem provar que todas as grandes religiões procedem da Teosofia, e que pela assimilação dela o mundo poderá por fim salvar-se de suas grandes ilusões e erros?

T: Precisamente. E acrescentamos que nossa Sociedade Teosófica é a humilde semente que, se bem regada e deixada em condições de viver, há de produzir por fim a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, que está enxertada na Árvore da Vida Eterna. Porque unicamente estudando as grandes religiões e filosofias da humanidade, comparando-as desapassionadamente e com ânimo livre de prejulgamentos, é como os homens podem conseguir a verdade. Especialmente analisando os vários pontos de conformidade, é o melhor caminho para o fim pretendido. Sempre que chegamos — ou por estudo, ou porque alguém que sabe nos ensinou — a compreender a significação íntima de religiões ou filosofias, sempre encontramos alguma grande verdade da natureza.

P: Sempre ouvimos falar de que existiu uma Idade de Ouro, e essa descrição seria uma Idade de Ouro realizável no futuro. Quando chegará?

T: Nunca antes que a humanidade inteira sinta necessidade dela. Uma máxima da obra persa Javidan Khirad diz: “A verdade é de duas classes — uma manifesta e evidente por si, e

outra que requer constantemente novas provas e demonstrações”. Somente quando esta última classe de verdade se converter em uma evidência tão universal e óbvia como atualmente é obscura (e, em consequência, sujeita a ser alterada pelo sofisma e a casuística); só quando essas duas classes de verdade voltarem a fundir-se, se poderá conseguir a unidade de crenças nos homens.

P: Mas os poucos que sentiram a necessidade de tais verdades tiveram que optar por uma crença definida qualquer. Se a Sociedade não tem doutrinas próprias, cada membro tem liberdade de crer o que lhe pareça, e aceitar aquilo que lhe convenha. Parece que a Sociedade está disposta a ressuscitar a confusão de línguas e crenças da antiga Torre de Babel. Não há crenças comuns?

T: Dizer que a Sociedade não tem doutrinas ou crenças próprias ou particulares, significa que não são obrigatórias crenças ou doutrinas especiais em seus membros; mas é evidente que isto se refere somente à Sociedade em geral, que está dividida, conforme já dissemos, em externa e interna. Os que pertencem a esta última, possuem naturalmente uma filosofia ou — se preferir — um sistema religioso próprio.

P: Podemos saber em que consiste?

*T: Não fazemos segredo dele. Há poucos anos atrás foi esboçado no *The Theosophist* e em *O Buddhismo Esotérico*, e será encontrado ainda mais desenvolvido em *A Doutrina Secreta*. É fundamentado na mais antiga filosofia do mundo, chamada religião da Sabedoria ou Doutrina Arcaica.*

Sobre isso, pode fazer as perguntas que achar convenientes.

ENSINAMENTOS FUNDAMENTAIS DA TEOSOFIA

SOBRE DEUS E A ORAÇÃO

P: Acreditam em Deus?

T: Depende do que se entende por esse termo.

P: Referimo-nos ao Deus dos cristãos, o Pai de Jesus e Criador; ao Deus bíblico de Moisés.

T: Em semelhante Deus não acreditamos. Repelimos a idéia de um Deus pessoal ou extracósmico e antropomórfico, que apenas é a sombra gigantesca do homem, e nem mesmo do que há de melhor nele. Dizemos e provamos que o Deus da teologia é um conjunto de contradições e uma impossibilidade lógica. Portanto, nada temos a ver com ele.

P: Mostre razões.

T: São várias e podemos nos ocupar de todas. Mas aqui estão algumas: esse Deus é chamado por seus adoradores de infinito e absoluto, não é certo?

P: Creio que sim.

T: Sendo assim, se é infinito — quer dizer, ilimitado — e especialmente se é absoluto, como pode possuir uma forma e ser criador de alguma coisa? A forma implica limitação e um princípio, bem como um fim, e, para criar, um ser necessita pensar e projetar. Como se pode supor que o Absoluto pense —

isto é —, que tenha alguma relação com o limitado, finito e condicionado? É um absurdo filosófico e lógico. Até a *Cabala* hebraica repele tal idéia, e faz do princípio Uno Deífico Absoluto, uma unidade infinita chamada Ain-Soph¹. Para criar, o criador deve tornar-se ativo e como isto é impossível para o que é *Absoluto*, o princípio infinito se nos apresenta como causa da evolução (não da criação), de um modo indireto — quer dizer — pela emanção de si mesmo (outro absurdo devido desta vez aos tradutores da *Cabala*), da Sephiroth².

P: Então como se explica que ainda existam cabalistas que crêem em Jehovah ou no Tetragrammaton?

T: Podem acreditar no que quiserem, já que sua crença ou incredulidade dificilmente pode afetar um fato tão evidente. Os jesuítas nos dizem que dois mais dois nem sempre fazem quatro, uma vez que depende da vontade de Deus fazer: $2 + 2 = 5$. Devemos por isso aceitar seu sofisma?

P: Então vocês são ateus?

T: Nós não nos consideramos assim, a não ser que se aplique o epíteto de “ateu” aos que não crêem em um Deus antropomórfico. Cremos num Princípio Divino Universal, a raiz de Tudo, de onde tudo procede e onde tudo será obtido ao fim do grande ciclo do Ser.

P: Isto é o que defende o antiqüíssimo panteísmo. Se são panteístas não podem ser deístas; e, não sendo deístas, devem ser considerados como ateus.

T: Não necessariamente. O termo “Panteísmo” também é um dos muitos de que se tem abusado, e cuja significação real e primitiva foi falseada e corrompida pela cega preocupação e por considerá-lo sob um só ponto de vista. Se você aceita a etimologia cristã desta palavra composta, deve formá-la de παν,

¹ **Ain-Soph** igual a το παν ou επειρον, o infinito, ou o limitado, em e com natureza; o não existente que É, mas não é um Ser.

² Como pode o princípio eterno não ativo emanar, ou emitir? Nada disto faz o **Parabrahm** dos vedantinos; nem tampouco o **Ain-Soph** da *Cabala* caldaica. É uma lei eterna e periódica, a que faz emanar uma força ativa e criadora (o **Logos**), do princípio uno, inteiramente oculto e incompreensível, no começo de cada **Maha-manvantara**, ou novo ciclo de vida.

“todo” e σεος, “Deus”, e acreditar e ensinar que isto significa que cada pedra e cada árvore na natureza é um Deus ou o Deus Uno, e então é claro que você tem razão de chamar de fetichistas aos panteístas. Mas se empregar a etimologia da palavra Panteísmo esotericamente, como nós fazemos, dificilmente há de chegar ao mesmo resultado.

P: Qual é então sua definição?

T: Deixe-me antes fazer uma pergunta: o que entende por Pan ou natureza?

P: Acreditamos que a natureza é a soma total das coisas existentes que nos rodeiam; o agregado de causas e efeitos no mundo da matéria, a criação, o universo.

T: Então é a soma e a ordem personificadas das causas e efeitos conhecidos; o total de todos os agentes e forças finitos, separados completamente de um Criador ou Criadores inteligentes, e talvez “concebido como uma força isolada e separada” — como dizem as enciclopédias?

P: Assim acredito.

T: Pois bem: nós não levamos em consideração esta natureza objetiva e material que chamamos de ilusão passageira, nem tampouco a palavra παν tem para nós o significado de natureza, no sentido aceito de sua derivação latina: natura (de nascere, nascer). Quando falamos em Divindade e a identificamos com a natureza, fazendo-a, portanto, contemporânea da mesma, referimo-nos à natureza eterna e incriada e não a seu agregado de sombras passageiras e ilusões imaginárias. Deixamos para os compositores de hinos o considerar como o paraíso ao céu visível, como o Trono de Deus, e, à nossa Terra de lama, como seu banquinho. Nossa Divindade não se encontra nem em um paraíso, nem em uma árvore especial, edifício ou montanha: está em toda parte, em cada átomo do Cosmo, tanto visível como invisível, dentro, em cima e ao redor de cada átomo invisível e molécula divisível; porque Aquele é o misterioso poder da evolução e involução, a potencialidade criadora, onipresente, onipotente e até onisciente.

P: Alto aqui: a onisciência é a prerrogativa de algo que pensa, e foi negado — em outra resposta — o poder de pensamento ao Absoluto!

T: Nós o negamos ao Absoluto, uma vez que o pensamento é uma coisa limitada e condicionada. Mas, evidentemente você está esquecendo que na filosofia, a inconsciência absoluta também é consciência absoluta, já que de outro modo não seria o absoluto.

P: Então, quer dizer que o seu Absoluto pensa?

T: Não; *Aquele* não pensa; pela simples razão de que é o próprio *Pensamento Absoluto*. Nem tampouco existe, pelo mesmo motivo, pois que é a existência absoluta, é o Ser em Si, não um Ser. No magnífico poema cabalístico de Salomão Ben Jehudah Ibn Gebirol, no *Kether-Malchuth*, compreende-se isso, quando diz: “És um, a raiz de todos os números, mas não como elemento de numeração; porque não admite a unidade-multiplicação, troca ou forma alguma. És um, e perdem-se os homens mais sábios no segredo de tua unidade, porque a ignoram. És um, e jamais poderás ser unidade diminuída, aumentada, nem pode ser trocada. És um, e nenhum pensamento meu pode fixar-te um limite ou definir-te. És, mas não como um existente, porque nem a inteligência nem a visão dos mortais podem alcançar tua existência, nem determinar acerca de Ti o onde, como e de onde” etc. Em uma palavra, nossa Deidade é a eterna construtora do universo; não criando mas sim evolucionando incessantemente, surgindo o universo de sua própria essência, sem ser *criado*. Em seu simbolismo, é uma esfera sem limites, com um atributo único eternamente ativo, que abrange a todos os demais atributos existentes ou imagináveis: *Ele Mesmo*. É a lei única dando impulso a leis manifestadas, eternas e imutáveis, dentro dessa *Lei* que jamais se manifesta porque é absoluta, e que durante seus períodos de manifestação é o *Eternamente Vir a Ser, o Eterno Sobrevir*.

P: Certa vez ouvimos um dos membros da S.T. dizer que essa Deidade Universal, encontrando-se em toda parte, estava também no impuro da mesma forma que no puro, e, portanto, presente em cada átomo da cinza de seu cigarro. Isto não é uma horrível blasfêmia?

T: Não acreditamos, porque dificilmente pode-se considerar a lógica como blasfêmia. Se excluirmos o Princípio Onipresente de um só ponto matemático do universo, ou de uma par-

tícula de matéria que ocupe qualquer espaço concebível, poderíamos considerá-lo ainda como infinito?

É necessário rezar?

P: Acreditam na oração? Vocês rezam?

T: Não. Trabalhamos em vez de falar.

P: Nem mesmo oferecem orações ao Princípio Absoluto?

T: E por que haveríamos de fazê-lo? Sendo gente ocupada como somos — e temos muito a trabalhar — não podemos perder tempo em dirigir orações a uma pura abstração. O incognoscível unicamente relaciona suas partes entre si; mas não tem existência quando se trata de relações finitas. A existência e fenômenos do universo visível dependem de suas formas ativas e de suas leis, não de orações.

P: Então não crêem na oração?

T: Não em oração composta de tais ou quais palavras que se repetem exteriormente, se é que você entende por oração a súplica externa dirigida a um Deus desconhecido, como a que inauguraram os judeus e popularizaram os fariseus.

P: Existe outro tipo de oração?

T: Sem dúvida: nós a chamamos de oração da vontade, e é muito mais uma ordem ou mandamento interno do que uma petição.

P: E a quem se reza, então, quando se o faz?

T: A “nosso Pai no céu” — em seu sentido esotérico.

P: Por acaso é diferente do que nos ensina a Teologia?

T: Inteiramente. Um ocultista ou um teósofo dirige sua oração a seu Pai que existe em segredo (leia e trate de compreender o Cap. VI, vers. 6, de Mateus), e não a um Deus extracósmico, e, portanto, finito; e esse “Pai” se encontra no próprio homem.

P: Então vocês fazem do homem um Deus?

T: Diga “Deus” e não um Deus. Para nós, o homem interno é o único Deus que se pode conhecer. E como pode ser de outra maneira? Concede-nos o que pretendemos, isto é, que

Deus é um princípio infinito universalmente difundido. Nesse caso, como pode o homem não compenetrar-se *com, por e na* Divindade? Chamamos nosso “Pai no céu” àquela deífica essência que reconhecemos em nós, no nosso coração e consciência espiritual e que nada tem a ver com o conceito antropomórfico que podemos formar em nosso cérebro ou em nossa imaginação: “Não sabeis que sois um templo de Deus e que em vós habita o espírito de (o absoluto) Deus?”³. O homem deve evitar antropomorfizar aquela essência que está nele. Se um teósofo quiser seguir a verdade divina e não a humana, não deve dizer que esse “Deus em segredo” escuta o homem finito, ou é separado dele mesmo ou da essência infinita; porque todos são um. Nem tampouco que a oração é um pedido, como acabamos de mostrar. É, isso sim, um mistério; um procedimento oculto pelo qual pensamentos e desejos condicionados e finitos, incapazes de ser assimilados pelo espírito absoluto, que é incondicionado, são transformados em desejos espirituais e em vontade, chamando-se esse procedimento “transmutação espiritual”. A intensidade em nossas ardentes aspirações transmuda a oração em “pedra filosofal”, ou aquilo que transforma o chumbo em ouro puro. Por nossa “oração da vontade”, a única essência homogênea converte-se em força ativa e criadora, e produz efeitos de acordo com nossos desejos.

P: Pretende com isto dizer que a oração é um procedimento oculto que gera resultados físicos?

³ Nos escritos teosóficos se encontram, freqüentemente, afirmações contraditórias sobre o princípio de **Christos** no homem. Alguns o chamam o sexto princípio (**Buddhi**); outros, o sétimo (**Atmã**). Se os teósofos cristãos desejarem empregar semelhantes expressões — usando-as filosoficamente de modo correto — devem seguir a analogia dos símbolos da antiga religião da Sabedoria. Dizemos que não só **Christos** é um dos três princípios superiores, como os três podem ser considerados como uma Trindade. Essa Trindade representa o Espírito Santo, o Pai e o Filho, já que responde ao espírito abstrato, ao espírito diferenciado e ao espírito encarnado. Krishna e o Cristo são, filosoficamente, o mesmo princípio sob seu triplice aspecto de manifestação. No **Bhagavad-Gitã**, vemos que Krishna se chama a si mesmo, indiferentemente, **Atmã**, o Espírito abstrato, **Kshetragnum Ego Superior** (ou o que se reencarna), e o eu universal, nomes esses que quando se aplicam ao homem ao invés do universo, respondem a **Atma Buddhi** e **Manas**. **Anugita** está impregnado da mesma doutrina.

T: Sim. O Poder da Vontade converte-se em força viva, real. Mas, pobres dos ocultistas e teósofos que, ao invés de exterminar os desejos de seu *ego* inferior, pessoal, o homem físico, disser a seu Ego Espiritual Superior rodeado de luz **Atma-Búddhica**: “Tua vontade se cumpra, não a minha”, usando do poder da vontade para objetivos egoístas ou ímpios! Isto é magia negra, abominação e feitiçaria espiritual. Desgraçadamente esta é a ocupação favorita de nossos homens de Estado e gerais cristãos, especialmente quando esses jogam dois exércitos um contra o outro, para que se destruam mutuamente. Uns e outros se entregam antes da ação, a um ato de bruxaria, oferecendo — cada um — orações ao mesmo Deus dos exércitos, pedindo-lhe ajuda para exterminar a seus inimigos.

P: Davi rogou ao Deus dos exércitos que lhe ajudasse a derrotar os filisteus e a matar os sírios e moabitas; e o “Senhor protegeu a Davi em todas as orações”. Nisto nos limitamos a seguir o que diz a Bíblia.

*T: É claro. Mas já que se chamam de cristãos e não de israelitas ou judeus, por que não fazem o que disse Cristo? Ordena muito claramente para não imitar “aos dos tempos antigos” ou da lei mosaica, e os convida a seguir o que ele ensinava, advertindo aos que quisessem usar a espada, que por ela pereceriam. O Cristo lhes deu uma oração que converteram em ostentação rotineira, pois só os lábios a pronunciavam, e ninguém, exceto o verdadeiro ocultista, a compreende. Dizem nela, no sentido da letra morta: “Perdoa-nos nossas dívidas, assim como perdooamos nossos devedores”, coisa que nunca fazem. Também lhes disse: *Amai a vossos inimigos e fazei o bem àqueles que vos odeiam*. Seguramente não é o “doce profeta de Nazaré” quem os ensina a rezar ao “Pai” para matar e vencer aos inimigos! Aí está por que repelimos aquilo que vocês chamam de “orações”.*

P: Mas como se explica o fato universal de que todas as nações e povos rezaram e adoraram a um Deus ou Deuses? Alguns adoraram e invocaram ao diabo e espíritos malignos; mas isto prova a universalidade da crença na eficácia da oração.

T: Explica-se pelo fato da oração, além do significado que lhe dão os cristãos, ter vários outros. Não só significa

um rogo, um pedido, como antigamente tinha mais o sentido de uma invocação ou encantamento. O *mantra* — a oração rítmica cantada dos hindus — tem precisamente este sentido, pois os brâhmanes se consideram superiores aos *devas* comuns, ou “Deuses”. Uma oração pode ser um apelo ou encantamento para uma maldição e uma blasfêmia (como no caso de dois exércitos rezando simultaneamente para conseguir a mútua destruição); ou para uma bênção. E como a grande maioria das pessoas é sumamente egoísta e só reza para si mesma, pedindo que se lhes dê o “pão nosso de cada dia”, ao invés de trabalhar para consegui-lo; e rogando que Deus não os deixe cair “em tentação”, e os livre do mal (só ao suplicante), resulta que a oração tal como se entende atualmente, é duas vezes perniciosa: a) Destrói no homem a própria confiança, e b) Desenvolve nele um egoísmo ainda mais feroz do que o que já possui naturalmente. Repetimos que cremos na “comunhão” com nosso “Pai Secreto”; e, em raros momentos de felicidade extática, na fusão de nossa alma superior com a essência universal, sendo atraída para sua origem e centro; estado chamado de *Samadhi* durante a vida, e *Nirvana* depois da morte. Apenas nos negamos a orar ante seres criados e finitos: deuses, santos, anjos etc, porque consideramos idolatria. Não podemos rezar ao Absoluto pelas razões já expostas e, como conseqüência, tratamos de substituir a oração — estéril e inútil — por atos meritórios e boas ações.

P: Os cristãos considerariam isto blasfêmia e orgulho. Estão equivocados?

T: Totalmente. Ao contrário, são eles que dão prova de um orgulho satânico, com sua crença de que o Absoluto, ou o infinito (supondo-se que pudesse existir a possibilidade de alguma relação entre o incondicionado e o condicionado), se dignasse a escutar cada oração boba ou egoísta que lhe é dirigida. Eles é que virtualmente blasfemam, ensinando que um Deus onisciente e onipotente necessita de orações faladas para saber o que há a fazer! Isto (entendido esotericamente) foi corroborado por Buddha e Jesus. O primeiro disse: “Não solicites nada dos deuses impotentes; não ores, ou melhor, faze; pois a escuridão não se aclarará. Nada peças ao silêncio, pois não

pode nem falar, nem ouvir”. E o outro — Jesus — disse: “Qualquer coisa què peçais em meu nome (o de Christos), a farei”. Esta frase considerada em seu sentido *literal*, vai contra nosso argumento. Mas se o fazemos esotericamente, com o pleno conhecimento do termo “Christos”, que para nós representa Atma-Buddhi-Manas (o Eu Superior), quer dizer que o único Deus que devemos reconhecer e ao que temos de rogar, ou melhor, com *quem temos de trabalhar de acordo*, é esse espírito de Deus, cujo templo é nosso corpo, no qual habita.

A oração comum destrói a confiança em si mesmo

P: Mas o próprio Cristo não rezou e não recomendou a oração?

T: Assim consta; mas aquelas “orações” pertencem precisamente a essa espécie de comunhão que acabamos de mencionar, com o “Pai Secreto” de cada um. De outro modo, identificando a Jesus com a divindade universal, seria por demais ilógica e absurda a inevitável conclusão de que ele, “o próprio Deus”, orou-se a si mesmo, separando a vontade desse Deus da sua.

P: Vou opor mais um argumento, que é muito usado pelos cristãos: “Sinto-me incapaz de vencer minhas paixões e debilidades com minhas próprias forças. Mas quando rezo a Jesus Cristo, sinto que me dá forças e que com sua ajuda sou capaz de vencer”.

T: Não é estranho. Se o “Cristo Jesus” é Deus e independente e separado do que reza, é claro que tudo é e deve ser possível a “um Deus todo-poderoso”. Mas então, onde está o mérito ou a justiça de semelhante triunfo? Por que se há de recompensar ao pseudovencedor, se só lhe custou algumas orações? Vocês dariam, embora simples mortais, um dia inteiro de salário ao seu jornaleiro, se fizessem quase todo trabalho em seu lugar, enquanto ele descansava embaixo de uma árvore, só porque ele suplicou que o fizesse? A idéia de que alguém passe a vida inteira numa ociosidade moral, enquanto que outro — seja Deus ou homem — carregue os trabalhos e deveres mais duros, nos revolta em alto grau, pois é muito degradante para a dignidade humana.

P: Pode ser, e sem dúvida, a crença em um Salvador pessoal, que nos ajuda e fortalece nas lutas da vida, é a idéia fundamental do Cristianismo moderno. E não há dúvida de que, subjetivamente, tal crença é eficaz, isto é, os que crêem sentem-se auxiliados e fortalecidos.

T: Tampouco se duvida de que alguns pacientes dos chamados “Sábios Cristãos e Mentais” (os famosos “negadores”⁴), às vezes se curam; nem de que o hipnotismo e a sugestão, a psicologia aplicada e até a mediunidade, produzem os mesmos resultados, senão mais. Para dar força ao seu argumento, você só considerou os êxitos. Como explica os fracassos, dez vezes mais numerosos? Seguramente não pretende dizer que é desconhecido o fracasso entre os cristãos fanáticos, mesmo com toda sua cega fé?

P: Mas como explica os freqüentes casos de pleno êxito? Onde busca o teósofo o poder e a força necessários para dominar suas paixões e seu egoísmo?

*T: No seu Eu Superior, no espírito divino — o Deus que nele habita, no seu Karma. Quantas vezes ainda precisaremos repetir que se conhece a árvore por seus frutos, a natureza da causa pelos seus efeitos? Não fale do domínio das paixões e da conversão ao bem, por e com a ajuda de Deus ou de Jesus Cristo. Nós perguntamos: onde se encontra mais gente pura e virtuosa, que se abstenha mais do pecado e do crime? No Cristianismo ou no Buddhismo? Em países cristãos ou em nações pagãs? Aí estão as estatísticas que provam nossas afirmativas. Conforme o último censo, no Ceilão e na Índia, no quadro comparativo de crimes cometidos por cristãos, muçulmanos, eurásianos, hindus, budistas etc, sobre 2 milhões de habitantes tomados ao acaso, e abrangendo os delitos de vários anos, os cometidos por cristãos estão em proporção de 15 a 4 em relação à população budista. (Ver o *Lúcifer*, abril, 1888, pág. 147, artigo *Conferencistas Cristãos Sobre Buddhismo*.) Nenhum orientador, historiador de relativa fama, ou viajante por países*

⁴ Seita de saneadores que, negando a existência de tudo o que não seja espírito, o qual não pode nem sofrer nem ficar doente, pretendem curar todas as enfermidades, desde que o paciente tenha fé. Uma nova forma de auto-hipnotismo.

budistas, desde o bispo Bigandet e o abade Huc, até sir William Hunter, e todo empregado sincero na Índia, deixará de conceder a palma da virtude aos budistas sobre os cristãos. Sem dúvida, os primeiros não crêem em Deus nem em recompensa futura fora deste mundo (pelo menos a verdadeira seita Budista siamesa). Nem os sacerdotes nem os seculares rezam. Rezar! a quem ou a quê? — exclamariam surpreendidos, se lhes falassem disso.

P: Neste caso, são verdadeiros ateus?

T: Sem dúvida, mas também são os homens que mais amam a virtude e que melhor a praticam no mundo. O Buddhismo diz: “Respeita a religião dos outros e conserva-te fiel à tua”; mas o Cristianismo eclesiástico, considerando a todos os deuses das demais nações como diabos, quer condenar à perdição eterna qualquer pessoa não-cristã.

P: E o clero budista não faz o mesmo?

*T: Jamais. Respeita demasiadamente o sábio preceito do *Dhammapada*, pois sabe que, “se qualquer homem, seja ou não instruído, se considera tão superior que despreza os demais, parece-se a um cego levando uma luz” (cego ele, quer clarear aos outros).*

Da origem da alma humana

P: Como se explica então que o homem é dotado de um espírito e de uma alma? De onde procedem?

T: Da Alma Universal; e não, certamente, concedidos por um Deus pessoal. De onde procede o elemento úmido na água-viva? Do oceano que a rodeia, no qual vive e respira, ao qual volta quando se dissolve.

P: Negam, então, que a alma seja dada ao homem por Deus?

*T: Somos obrigados a isto. A “alma” de que se fala no capítulo II do *Gênesis* (vers. 7) é, conforme está escrito, a “alma vivente”, ou *Nephesh* (a alma vital, animal) com que Deus (nós dizemos “a natureza” e a lei imutável), dota ao homem assim como aos animais. De modo nenhum é a alma que pensa, a mente, e muito menos o *Espírito imortal*.*

P: Farei a pergunta de outro modo: é Deus quem dota o homem de uma alma humana racional e de um Espírito imortal?

T: Da forma como foi colocada a questão, não podemos estar de acordo. Uma vez que não acreditamos em um Deus pessoal, como podemos crer que dote o homem de alguma coisa? Em consideração ao argumento, supondo-se um Deus que tome sobre si o risco de criar uma alma nova para cada recém-nascido, tudo o que se pode dizer é que dificilmente se pode considerar a semelhante Deus, dotado de sabedoria ou previsão. Outras dificuldades e a impossibilidade de conciliá-las com a piedade, justiça, equidade e onisciência que se atribuem a esse Deus, são outros tantos obstáculos contra os quais se arrebenta constantemente aquele dogma teológico.

P: Quais são as dificuldades a que se refere?

T: Neste momento me ocorreu um argumento incontestável dirigido um dia, na minha presença, por um sacerdote budhista senegalês, pregador famoso, a um missionário cristão, homem nada ignorante e bem preparado para a discussão pública, como a em que foi apresentado este argumento. Era perto de Colombo, e o missionário havia desafiado ao sacerdote Megittuvate a que apresentasse as razões pelas quais os “pagãos” não admitem o Deus cristão. Pois bem, o missionário saiu, como de costume em casos semelhantes, danado daquela memorável discussão.

P: Gostaria de saber o que sucedeu.

T: Foi o seguinte: o sacerdote budhista começou por perguntar ao padre, se o seu Deus havia dado os mandamentos a Moisés, para que fossem cumpridos pelos homens, mas para serem violados por Ele próprio, Deus. O missionário rebateu indignado. “Pois bem — disse seu adversário —, disse-nos que Deus não admite exceção a esta regra, e que não pode nascer nenhuma alma sem sua vontade. Deus proíbe o adultério, entre outras coisas, e, sem dúvida, afirmam ao mesmo tempo, que é Ele quem cria cada recém-nascido, e o dota de uma alma. Temos que concluir, então, que é obra de seu Deus, os milhões de criaturas nascidas no crime e no adultério? Que seu Deus proíbe e castiga a violação de suas leis, e que, apesar disto, cria cada dia e cada momento almas para essas mesmas cria-

turas? Conforme a lógica mais elementar, esse Deus é cúmplice no crime uma vez que sem sua ajuda e intervenção, aqueles filhos da luxúria não poderiam haver nascido. Onde está a justiça, castigando não apenas aos pais culpados, mas até à inocente criatura, feita por esse mesmo Deus, de quem vocês tiram toda a culpa?...” O missionário olhou seu relógio e concluiu que já era tarde para continuar a discussão.

P: Esquece que todos esses casos inexplicáveis são mistérios e que nossa religião nos proíbe analisar os mistérios de Deus?

T: Não, não esquecemos, mas simplesmente rebatemos tais impossibilidades. E também não queremos fazer acreditar naquilo que cremos. Respondemos somente às perguntas que nos fazem. Só que temos outro nome para seus “mistérios”.

Ensinamentos budhistas sobre o que precede

P: O que ensina o Budhismo com relação à alma?

*T: Depende, se a referência é ao Budhismo exotérico, popular, ou a seus ensinamentos esotéricos. O primeiro explica, no *Catecismo Budhista*: “Considera a alma como uma palavra empregada pelo ignorante para expressar uma idéia falsa. Se cada coisa está sujeita a mudança, deve-se incluir, então, ao homem, e cada parte material dele deve mudar. O que está sujeito à troca não é permanente, portanto, uma coisa insconstante não pode ter uma sobrevivência imortal”.*

*Isto parece claro e definido. Mas quando chegamos à questão de que a nova personalidade em cada renascimento sucessivo é o agregado dos *skandhas*, ou atributos da antiga personalidade, e perguntamos se essa nova agregação de *skandhas* é também um novo ser, onde não restou nada do último, lemos que: “Em determinado sentido, é um novo ser e em outro não é. Durante esta vida os *skandhas* mudam continuamente. Enquanto que o homem A.B., de quarenta anos, com relação à personalidade é idêntico ao jovem A.B., de dezoito, sem dúvida, pelo desgaste e reparação contínuos de seu corpo e a mudança de inteligência e caráter, é um ser diferente. Não obstante, em sua velhice, o homem recolhe com justiça a recompensa ou os sofrimentos correspondentes a seus pensamen-*

tos e ações de cada período anterior da vida. Da mesma maneira, o novo ser, sendo em cada renascimento a *mesma individualidade de antes* (mas não a mesma personalidade), com uma forma diferente, ou nova agregação de *skandhas*, recolhe com justiça as conseqüências de seus atos e pensamentos em uma existência anterior.

Isto é metafísica abstrusa, e de modo nenhum expressa a *negação* da alma.

P: O "*Buddhismo esotérico*" não fala de algo parecido?

T: Sim, porque esta doutrina pertence tanto ao *Buddhismo esotérico* — ou Sabedoria Secreta — quando ao *Buddhismo exotérico* — ou filosofia religiosa de Gautama Buddha.

P: Mas sempre nos disseram claramente que a maior parte dos *buddhistas* não crê na *imortalidade da alma*.

T: Nós também não acreditamos nela, se você se refere por alma ao *ego* pessoal ou alma de vida (*Nephesh*). Mas todo *buddhista* culto acredita no *Ego* individual, ou divino. Os que não crêem nele equivocam-se em seu julgamento. Enganam-se com relação a esse ponto, da mesma forma que os cristãos que confundem as interpolações teológicas dos últimos redatores dos Evangelhos, sobre a condenação e o fogo do inferno, com a linguagem "ao pé da letra" de Jesus. Nem Buddha, nem Jesus, jamais escreveram coisa alguma, e ambos se expressaram alegoricamente, usando "palavras obscuras", como aliás fizeram e farão ainda por muito tempo, todos os verdadeiros iniciados. As Escrituras de ambos tratam de todas essas questões metafísicas com muita prudência e cautela; e os anais *buddhistas* e cristãos pecam por esse excesso de exoterismo, ambos abusando do sentido da letra morta.

P: Está pretendendo dizer que nem os ensinamentos de Buddha, nem os de Cristo foram corretamente interpretados até agora?

T: É precisamente o que penso. Os Evangelhos de ambos foram pregados com o mesmo objetivo. Os dois reformadores foram ardentes filantropos e altruístas práticos, pregando — sem nenhuma dúvida — o *Socialismo* mais nobre e elevado, o próprio sacrifício, até o último momento da vida. "Recaiam

sobre mim os pecados do mundo inteiro, a fim de que possa aliviar as misérias e sofrimentos do homem" — exclama Buddha... — "Eu não deixaria gemer a quem pudesse salvar" — diz o príncipe mendigo, coberto de farrapos recolhidos dos cemitérios. — "Venham a mim todos os que trabalham e estão abatidos e eu lhes darei descanso"; assim chama aos pobres e deserdados o "homem das angústias", que não tinha onde descansar a cabeça. Ambos baseiam seus ensinamentos no amor ilimitado à humanidade, na caridade, no perdão das injúrias, no esquecimento de si mesmo e na piedade pelo povo enganado; ambos manifestam o mesmo desprezo às riquezas e não fazem diferença entre *meu* e *teu*. O desejo era — mesmo sem revelar a todos os sagrados mistérios da iniciação — atrair os ignorantes extraviados, cuja carga na vida fora excessiva; dar-lhes esperança e fazê-los entrever o suficiente da verdade, para que fosse um auxílio em suas horas mais penosas. Mas o objetivo dos dois reformadores foi frustrado pelo excesso de zelo de seus discípulos posteriores. Pela má compreensão e interpretação das palavras dos Mestres, olhe as conseqüências!

P: Sem dúvida Buddha deve ter negado a *imortalidade da alma*, já que todos os *orientalistas* e seus próprios sacerdotes o afirmam.

T: Os *arhats*, no princípio, seguiram o sistema de seu Mestre; mas a maioria dos sacerdotes que lhes sucederam não tinha sido iniciada, como também aconteceu no Cristianismo; e foi assim, pouco a pouco, que quase chegaram a se perder as verdades esotéricas. A prova disso é que das duas seitas existentes no Ceilão, a siamesa crê que a morte é o aniquilamento absoluto da individualidade e da personalidade; e a outra explica o Nirvana no sentido em que nós o fazemos.

P: Mas nesse caso, por que representam o *Buddhismo* e o *Cristianismo* os dois pólos opostos dessa crença?

T: Porque as condições em que foram pregadas não eram iguais. Os brâhmanes da Índia eram zelosos de sua superior sabedoria, excluindo dela as demais castas, o que acarretou a precipitação de milhares de homens na idolatria e quase no fetichismo. Buddha teria que dar o golpe de misericórdia a uma exuberância tão grande de fanática superstição e de fantasia

malsã, nascidas da ignorância, como poucas vezes se tem visto na história, antes ou depois. Mais vale um ateísmo filosófico do que tal culto ignorante, para aqueles

“que invocam a seus deuses, não são ouvidos
nem atendidos”

e vivem e morrem em estado de desespero mental. Teria que conter, antes de mais nada, aquela lamacenta e corrompida torrente de superstição; extirpar os *erros*, antes de dar a conhecer a verdade. E por não poder dá-la a conhecer *toda*, pelas mesmas boas razões que teve Jesus quando disse aos discípulos que os Mistérios do Céu não eram para as massas ignorantes, mas apenas para os eleitos, e por isso, “lhes falava em parábolas” (Mat. XIII, 10, 11), também Buddha levou sua prudência até o extremo de *ocultar demais*. Até se negou a contestar o monge Vacchagotta, se existia ou não um Ego no homem. Instado a que contestasse, “o homem sublime permaneceu silencioso”⁵.

P: Isto se refere a Gautama, mas que relação tem com os Evangelhos?

T: Leia a história e reflita. No tempo em que aconteceram os fatos descritos no Evangelho, existia uma fermentação intelectual análoga em todo o mundo civilizado, só que com resul-

⁵ No diálogo traduzido por Oldenburg do *Samyutaka Nikaya*, Buddha dá a Ananda, seu **discípulo iniciado** que lhe pergunta a razão deste silêncio, uma resposta clara e inequívoca: “Se eu, Ananda, ao perguntar-me o monge errante Vacchagotta, ‘existe o Ego?’, tivesse respondido ‘o Ego existe’, então, Ananda, isto teria confirmado a doutrina dos samanas e brâhmanes que crêem na permanência. Se eu, Ananda, quando o monge errante Vacchagotta me perguntou ‘não existe o Ego?’, tivesse respondido ‘o Ego não existe’, então, Ananda, isto teria confirmado a doutrina dos que crêem na aniquilação. Se eu, Ananda, quando o monge errante Vacchagotta me perguntou ‘existe o Ego?’, lhe tivesse respondido ‘o Ego existe’: teria isto servido a meu propósito, Ananda, produzindo nele o conhecimento de que todas as existências (*dhamma*) são não-ego? Mas se eu, Ananda, tivesse respondido ‘o Ego não existe’, então, Ananda, isto teria somente dado como resultado produzir no monge errante Vacchagotta uma nova confusão. ‘Meu Ego não existia antes? E agora eu não existo!’ ” Isto demonstra melhor do que tudo que Gautama Buddha evitava dar às massas semelhantes doutrinas metafísicas-dífíceis, para não confundi-las ainda mais. Referia-se era à diferença que existe entre o Ego pessoal, temporal, e o Eu Supremo que verte sua luz sobre o Ego imorredouro, o “Eu” espiritual do homem.

tados opostos no Oriente e no Ocidente. Os antigos deuses morriam. Enquanto as classes civilizadas na Palestina se deixavam arrastar pelos incrédulos saduceus às negações materialistas, somente pela letra morta da forma mosaica, e Roma se achava em plena dissolução moral, as classes pobres e inferiores corriam atrás de bruxarias e deuses estranhos, ou tornavam-se hipócritas. Mais uma vez havia soado a hora de uma reforma espiritual. O Deus receoso, cruel e antropomórfico dos judeus, com suas sanguinárias leis de “olho por olho e dente por dente”, derramando sangue e sacrificando animais, teria que ser relegado a segundo plano e ver-se substituído pelo misterioso “Pai Secreto”. Este último teria que se apresentar, não como um Deus extracósmico, mas sim com um divino Salvador de carne e osso, guardado em seu próprio coração e alma, igual para o pobre e para o rico. Nem aqui, nem na Índia, poderiam os segredos da iniciação ser divulgados, a menos que, atirando pérolas aos porcos, se visse o Revelador e o revelado atirado ao solo, pisoteado e arrastado. Resultam daí as reticências de Buddha e de Jesus (que se absteve de revelar claramente os mistérios da Vida e da Morte). Essas reticências tiveram como resultado, no primeiro caso, as negações vazias do Budismo meridional; e, no segundo, as três formas contraditórias da Igreja cristã e as trezentas seitas existentes só na Inglaterra protestante.

DOUTRINAS TEOSÓFICAS RELATIVAS À NATUREZA E AO HOMEM

X A UNIDADE DE TUDO EM TUDO

P: Uma vez explicado o que Deus, a alma e o homem não são, conforme sua doutrina, pode agora dizer o que são?

T: Na sua origem e na eternidade, os três (como o universo e tudo quanto contém) formam um só com a Unidade absoluta, a essência deífica incognoscível, sobre a qual já falei. Não cremos na criação, mas sim nas aparições periódicas e consecutivas do universo, desde o plano subjetivo do ser ao objetivo, em intervalos regulares de tempo, cobrindo períodos de duração imensa.

P: Por favor, detalhe melhor sobre esse assunto.

*T: Como primeira comparação e como auxílio para um conceito mais correto, vamos usar como base o ano solar, e, como segunda comparação, as duas metades dessê mesmo ano, produzindo cada uma um dia e uma noite de seis meses de duração, nos pólos. Pois bem: imagine, em vez de um ano solar de 365 dias, a *Eternidade*; que o Sol representa o universo, e os dias e noites polares de seis meses são dias e noites que duram 182 trilhões ou quatrilhões de anos; ao invés de 182 dias cada um. Assim como o Sol sai a cada manhã de seu espa-*

ção *subjetivo* (para nós), e contrário, em nosso horizonte *objetivo*, do mesmo modo, periodicamente, surge o universo no plano da objetividade, procedendo do da subjetividade, os antípodas do primeiro. Assim é o “Ciclo da Vida”, e da mesma forma que o Sol desaparece de nosso horizonte, desaparece o universo em períodos regulares, quando começa a “noite universal”. Os hindus chamam a essas alternativas os Dias e as Noites de Brahma, ou o tempo do *Manvantara* e o do *Pralaya* (dissolução). Os ocidentais podem chamá-las, se preferir, de Dias e Noites Universais. Durante as noites, *Tudo está em Tudo*; cada átomo é reabsorvido na homogeneidade.

Evolução e ilusão

P: Mas quem é que a cada vez cria o universo?

T: Ninguém o cria. A ciência chamaria a esse processo: evolução; os filósofos pré-cristãos e os orientistas, o chamavam: *emanação*; nós, ocultistas e teósofos, vemos nele a única realidade universal e eterna, que projeta um reflexo de si mesma nas profundidades infinitas do espaço. Esse reflexo que você considera como o universo *objetivo material*, nós o vemos como uma ilusão passageira, e mais nada. Só o que é eterno é *real*.

P: De acordo com isso, você e eu também somos ilusões?

T: Como personalidades passageiras, sendo hoje uma pessoa e amanhã outra, realmente o somos. Você chama de “realidade” aos repentinos resplendores da aurora boreal, às clarezas do norte, por mais que sejam reais e possíveis enquanto as contempla? Seguramente não; a causa que as produz, sim, é permanente e eterna, é a única realidade, enquanto que o efeito não é mais do que uma ilusão passageira.

P: Tudo isso não me explica como se origina esta ilusão chamada universo; como procede o ser consciente para se manifestar, da inconsciência que é.

T: Só é *inconsciência* com relação à nossa consciência finita. Podemos bem parafrasear o versículo 5 do primeiro capítulo de São João, e dizer: “E a (absoluta) luz (que é a

o homem dos bosques e o negro até o Apolo de Bellvedere —, obscuridade para nós), resplandece nas trevas (que é a luz material ilusória); e as trevas não a compreenderam”. Aquela luz absoluta é também a lei absoluta e imutável. Seja por radiação ou *emanação* — não vamos discutir pelos termos — o universo passa de sua subjetividade homogênea ao primeiro plano de manifestação, existindo, segundo nos ensinaram, sete deles; vai-se fazendo mais material e denso em cada plano, até alcançar este — o nosso — no qual o único mundo aproximadamente conhecido e compreendido em sua composição física pela ciência é o sistema planetário ou solar, sistema *sui generis*, conforme nos dizem.

P: Por que sui generis?

T: Entendo que se a lei fundamental e as leis universais ativas da natureza são uniformes, sem dúvida nosso sistema solar tem (assim como cada sistema semelhante entre os milhões no cosmo), e até nossa terra, seu programa de manifestações próprio, particular, que difere dos programas dos demais. Falamos dos habitantes de outros planetas e imaginamos que, se são *homens*, isto é, entidades que pensam, serão como nós. A imaginação dos poetas, pintores e escultores sempre nos representa: até os anjos são cópias bonitas do homem, mas de asas. Dizemos que tudo isto é um erro e uma ilusão; porque, se apenas na terra encontramos uma diversidade tão grande de flora, fauna e humanidade — desde a alga marinha até o cedro do Líbano, desde a água-viva até o elefante, desde o homem dos bosques e o negro até o Apoio de Belvedere —, alteradas as condições cósmicas e planetárias, o resultado há de ser uma flora, fauna e humanidade completamente diferentes. As mesmas leis mudam a ordem das coisas e dos seres, até mesmo neste nosso plano, incluindo nele todos os nossos planetas. Quanta diferença deve haver na natureza *externa* em outros sistemas solares! E que loucura é julgar as outras *estrelas*, mundos e seres humanos, por aquilo que somos, como faz a ciência física!

P: Em que antecedentes se baseiam para formular esta asserção?

T: O que a ciência jamais aceitará como prova: os testemunhos acumulados de uma interminável série de videntes que o atestam. Suas visões espirituais, suas explorações reais através dos sentidos psíquicos e espirituais livres da matéria cega, foram sistematicamente regularizadas, comparadas umas com outras, e sua natureza analisada e investigada. Tudo aquilo que não era corroborado por uma experiência unânime e coletiva, era desprezado; e só era aceito como verdade estabelecida, o que em várias idades, sob diferentes climas e depois de um sem número de observações incessantes, resultou exato e podia ser constantemente comprovado. Como você percebe, os métodos empregados por nossos discípulos e estudantes das ciências psico-espirituais não diferem dos usados pelas ciências naturais e físicas. Só que nossos campos de indagação acham-se em dois planos diferentes; e nossos instrumentos não são construídos por mãos humanas, e, talvez por isso, mais dignos de crédito. As retortas e microscópios do químico e do naturalista podem se decompor; o telescópio e os instrumentos do astrônomo podem partir-se; mas nossos instrumentos de análise escapam à influência dos elementos da atmosfera.

P: E, em consequência, têm fé implícita neles?

T: A palavra fé não se encontra nos dicionários teosóficos: dizemos *conhecimento*, baseado na observação e experiência. Sem dúvida, existe a seguinte diferença: enquanto que a observação e experiência da ciência física conduz os sábios a tantas hipóteses “ativas” quantos cérebros há para formá-las, nosso *conhecimento* nos permite somar à sua sabedoria somente aqueles fatos que resultaram inegáveis e absolutamente demonstrados. A respeito do mesmo ponto, não temos duas crenças ou hipóteses distintas.

P: E com semelhantes dados, aceitaram as estranhas teorias encontradas no “Buddhismo esotérico”?

T: Precisamente. Essas teorias podem ser algo incorretas em seus menores detalhes, e até errôneas em sua exposição, feita por estudantes do círculo externo; mas sem dúvida são fatos na natureza, e se aproximam mais da verdade que qualquer hipótese científica.

A constituição setenária de nosso planeta

P: Pelo que tenho entendido, descrevem nosso planeta como parte de uma cadeia de terras.

T: Sim, é verdade. Mas as outras seis “terras”, ou globos, não se acham no mesmo plano de subjetividade da nossa terra; por isso não podemos vê-las.

P: Deve-se a isso a grande distância que nos separa delas?

T: De maneira nenhuma, porque vemos a olho nu planetas e até estrelas muito mais distantes; mas, deve-se antes, a que esses seis globos se encontram fora do alcance de nossos meios físicos de percepção, ou plano de nosso ser. Não é também porque sua densidade material, peso ou constituição sejam inteiramente diferentes dos da terra e dos demais planetas conhecidos, mas sim porque se encontram situados (para nós) em uma camada do espaço, digamos, inteiramente diferente; uma camada que não pode ser percebida, ou melhor, sentida por nossos sentidos físicos. E quando digo “camada”, não pense que se trata de faixas materialmente colocadas umas sobre as outras, pois isto só nos levaria a um novo absurdo e novo erro. O que entendo por “camada” é aquele plano do espaço infinito, que por sua própria natureza não pode ser percebido por nossas faculdades comuns em estado de vigília, quer sejam mentais ou físicas, mas sim que existe na natureza, fora de nossa mentalidade normal ou consciência, além de nosso espaço de três dimensões e de nossa divisão de tempo. Cada um dos sete planos (ou camadas) fundamentais no espaço — considerados como um todo, como o espaço puro, segundo a definição de Locke, não como nosso espaço finito —, tem sua própria objetividade e subjetividade, seu próprio espaço e tempo, sua consciência e sua classe de sentidos. Mas tudo isto é de difícil compreensão para o homem educado na maneira de pensar atual.

P: O que se entende por classe diferente de sentidos? No nosso plano humano existe algo que pudesse ser apresentado como exemplo, para nos dar uma idéia mais clara sobre essa variedade de sentidos, espaços e percepções respectivas?

T: Nada; exceto talvez, aquilo que para a ciência serviria

de argumento para se colocar contra nós. Acaso quando sonhamos, não temos uma classe diferente de sentidos? Sentimos, falamos, ouvimos, vemos, tocamos e trabalhamos em um plano diferente, ficando evidenciada a troca de estado de nossa consciência pelo fato de que uma série de atos e acontecimentos que, segundo nos parece abrangem vários anos, se sucedem idealmente por nossa mente num momento. Pois bem: essa extrema rapidez de nossas operações mentais durante os sonhos, e a perfeita naturalidade de todas as demais funções, demonstra que nos encontramos em um plano completamente diferente. Nossa filosofia ensina que do mesmo modo como existem sete forças fundamentais na natureza e sete planos de existência, há também sete estados de consciência em que o homem pode viver, pensar, recordar e ter sua existência. Impossível enumerá-los aqui; para isso é preciso dedicar-se ao estudo da Metafísica oriental. Mas esses dois estados — a vigília e os sonhos — todos os mortais, do profundo filósofo até o selvagem mais inculto, têm boas provas de que diferem um do outro.

P: Então não admitem as conclusões bem conhecidas da biologia e fisiologia no que se refere aos sonhos?

T: Não. Refutamos até as hipóteses dos psicólogos, preferindo nos ater às doutrinas da Sabedoria oriental. Acreditando em sete planos do Ser cósmico e os estados de consciência relativos ao universo ou macrocosmo, nos detemos ao chegar no quarto plano, vendo a impossibilidade de passar adiante com algum grau de segurança. Mas com relação ao microcosmo — o homem — especulamos livremente sobre seus sete estados e princípios.

P: O que é isto?

T: Antes de mais nada, encontramos no homem dois seres distintos: o espiritual e o físico; o homem que pensa e o homem que recorda tantos daqueles pensamentos quantos possa assimilar. Por conseguinte, consideramos duas naturezas distintas: o ser superior ou espiritual, composto de três “princípios” ou aspectos, e o inferior ou quaternário físico, portanto, sete no total.

A natureza setenária do homem

P: É o que chamamos espírito, alma e homem de carne?

*T: Não, essa é a antiga divisão platônica. Platão era iniciado e, portanto, não podia entrar em detalhes proibidos; mas quem conhece a doutrina arcaica, encontra o número sete nas várias combinações de Platão quanto à alma e ao espírito. Considerava o homem constituído de duas partes: uma, eterna, formada da mesma essência que o Absoluto; a outra, mortal e corruptível, derivando suas partes constituintes dos deuses menores “criados”. Para ele, o homem é composto de: 1.º) um corpo mortal, 2.º) um princípio imortal, e 3.º) “uma espécie de alma mortal separada”. É o que chamamos, respectivamente, o homem físico, a alma espiritual ou espírito, e a alma animal (o *Nous* e *psiche*). Esta mesma divisão foi adotada por São Paulo, também iniciado, que defende a idéia de que existe um corpo psíquico (alma ou corpo astral implantado no corruptível). Até mesmo Santiago (III, 15) o confirma dizendo que a “sabedoria” (de nossa alma inferior) não vem de cima, mas ao contrário, é terrestre, “psíquica”, “demoníaca” (veja o texto grego); enquanto que a outra Sabedoria é celeste. Isto é tão claro que Platão e mesmo Pitágoras ao fazerem somente três “princípios”, lhes dão sete funções separadas em suas diferentes combinações; e se compararmos isto com nossas doutrinas, ficará evidente a concordância. Vamos fazer um apanhado destes sete aspectos por meio dos dois quadros seguintes:*

Termos Sâncritos	Significado Exotérico	Explicação
a) Rupa ou Sthula-Sarira	a) Corpo físico	a) É o veículo de todos os demais "princípios" durante a vida.
b) Prâna	b) Vida ou princípio vital	b) Necessário só para a, c, d, e as funções do manas inferior, que abrange todas as limitadas ao cérebro físico.
c) Linga Sharira	c) Corpo astral	c) O duplo , o corpo fantasma.
d) Kama - Rupa	d) Centro dos desejos animais e paixões	d) Este é o centro do homem animal, onde se acha a linha de demarcação que separa o homem mortal da entidade de imortal.

Termos Sâncritos	Significado Exotérico	Explicação
e) Manas, princípio dual em suas funções	e) Mente, inteligência; é a mente humana superior cuja luz ou radiação une a Mônada a natureza a virante a vida, ao homem mortal.	e) O estado futuro e o destino kármico do homem dependem da gravitação de manas até embaixo (a kama-rupa, centro das paixões animais, ou até em cima, a Buddhi , o Ego espiritual. Neste último caso, a consciência mais elevada das aspirações espirituais individuais da mente (manas), assimilando-se a Buddhi , são absorvidas por este e formam o Ego que passa ao estado de felicidade devakhânica (1).
f) Buddhi	f) A Alma Espiritual	f) O veículo do Espírito puro universal.
g) Atmã	g) O Espírito	g) A unidade com o Absoluto, como sua radiação.

1 No Budhismo esotérico de Sinnett, d, e e f são chamados respectivamente a alma animal, a humana e a espiritual. Embora os princípios; estejam numerados no Budhismo esotérico, isto, estritamente falando, é inútil. Só a Mônada dual (Atma-Buddhi) é suscetível de ser considerada como os dois números superiores o sexto e o sétimo). Quanto a todos os demais, como apenas *aquele* "princípio" que predomina em cada homem deve considerar-se como o primeiro e o principal, nenhuma numeração é possível. Em alguns homens é a inteligência superior (manas ou o 5.º) a que domina o resto; em outros é a alma animal (kama-rupa) quem reina completamente, manifestando os instintos mais bestiais.

Pois bem: o que nos ensina Platão? Ele fala do homem *interno*, como constituído de duas partes: uma, imutável e sempre a mesma, formada da mesma *substância* que a Deidade; e a outra, mortal e corruptível. Essas duas partes encontram-se em nossa *triáde* superior e no *quaternário* inferior. Ele explica que quando a alma, *psiche*, "se une ao *Nous* (espírito ou substância divina),² passa a agir de forma reta e feliz em todas as coisas"; mas que sucede o contrário quando se deixa arrebatar por *anoia* (a loucura, ou alma animal irracional). Percebemos então, aqui, *manas* (ou a alma) em seus dois aspectos: quando se soma à *anoia* (nossa *kama-rupa*, ou "alma animal" no Budhismo esotérico) vai até o seu completo aniquilamento quanto ao ego pessoal; mas quando se une ao *Nous* (Atma-Buddhi), funde-se ao Ego imortal e imorredouro, e então a consciência espiritual do que era a personalidade, converte-se em imortal.

Distinção entre a alma e o espírito

P: É verdade então que vocês realmente ensinam a aniquilação de toda personalidade, conforme a acusação que contra vocês é feita por alguns espiritualistas e espíritas franceses?

T: Não fazemos isso. Mas como essa questão da dualidade — a individualidade do Ego divino e a personalidade do animal humano — envolve a possibilidade da aparição do Ego real, imortal nas sessões espíritas como "espírito materializado" (o que negamos, conforme minha explicação anterior), nossos adversários nos lançaram essa desatinada acusação.

P: Você acabou de falar do completo aniquilamento da "psiche" quando esta se soma à anoia. O que entendia Platão por isso, e qual a sua explicação?

² Paulo chama de "espírito" ao *Nous* de Platão mas, como esse espírito é "substância", evidentemente, refere-se a **Buddhi** e não a **Atmã**, uma vez que, filosoficamente, este em nenhum caso pode ser chamado de "substância". Incluímos Atma nos "princípios humanos" para não criar maior confusão. Na realidade, não é princípio humano e sim o princípio **Absoluto** universal, do qual Buddhi — o Espírito-alma — é veículo.

T: O aniquilamento completo da consciência pessoal deve ser caso raro e excepcional, segundo me parece. A regra geral e quase invariável é a fusão da personalidade na consciência individual ou imortal do Ego (uma transformação ou transfiguração divina), e o aniquilamento completo, somente do quaternário inferior. Você pensa acaso na possibilidade de que o homem carnal, ou a *personalidade temporal*, sua sombra, o “astral”, seus instintos animais e até sua vida física possam sobreviver juntos com o “Ego espiritual”, e sejam eternos? Naturalmente tudo isto deixa de existir, seja no momento da morte corporal, seja depois. Desagrega-se por completo no seu tempo, e desaparece da vista, aniquilando-se em conjunto.

P: Nesse caso vocês se opõem à “ressurreição da carne”?

T: Absolutamente! Se nós cremos na filosofia arcaica esotérica dos antigos, por que haveríamos de aceitar as especulações ante-filosóficas da Teologia cristã posterior, tirada dos sistemas exotéricos gregos e egípcios dos gnósticos?

P: Os egípcios honravam aos espíritos da natureza, e dedicavam até as cebolas; os hindus são até agora idólatras; os zoroastrianos adoravam e ainda adoram o Sol; e os melhores filósofos gregos eram sonhadores ou materialistas como Platão e Demócrito, respectivamente. Como vocês se atrevem a compará-los?

T: Pode ser que o catecismo cristão e até a ciência moderna mostre assim, mas para os espíritos livres isso não é exato. Os egípcios cultuavam ao “Uno-Único-Uno” sob o nome de *Nout*, e foi desta palavra que Anaxágoras tirou sua denominação *Nous*, ou conforme a chama, *Nous an to kpa tis* “a Mente ou Espírito Potente por si mesmo”; o *αρχη της κινήσεως*, “o motor principal”, o *primum mobile* de tudo. Para ele o *Nous* era Deus, e o *logos*, o homem, sua emanção. O *Nous* é o espírito (tanto no cosmo quanto no homem); e o *logos*, seja o universo ou o corpo astral, a emanção do primeiro, sendo que o corpo físico é somente o animal. Nossos poderes externos percebem os fenômenos, mas unicamente nosso *Nous* é capaz de conhecer seus números. Somente o *logos* ou o *noumenon* é o que sobrevive, pois é imortal em sua própria natureza e essência, e o

logos é o Ego eterno no homem, que se reencarna e vive eternamente. Portanto, como pode a sombra externa que se desvanece, a roupagem temporal dessa emanção divina, que volta à fonte de onde surgiu, ser “o formado na incorruptibilidade”?

P: Sem dúvida vai ser muito difícil que vocês se livrem da acusação de haver inventado uma nova divisão das partes constituintes do homem espiritual e psíquico; porque nenhum filósofo fala delas, embora acreditem que Platão as mencione.

T: E o sustento. Além de Platão, aí está Pitágoras que pensava da mesma forma³. Descreveu a Alma como uma unidade (Mônada) que se movimenta por si mesma, composta de três elementos: o *Nous* (Espírito), o *phren* (a mente), e o *thumos* (a vida, o alento, ou o *nephesh* dos cabalistas); cujos três elementos correspondem aos nossos “Atma-Buddhi” (Espírito-alma mais elevado), *manas* (o Ego) e a *kama-rupa* em conjunção com o reflexo inferior de *manas*. O que os antigos filósofos gregos chamavam *alma*, nós chamamos espírito ou alma espiritual, *Buddhi*, como veículo de Atma (o *Agathon*, ou Deidade Suprema de Platão). O fato de Pitágoras e outros considerarem que *phren* e *thumos* formam o homem e os animais, prova que neste caso referem-se ao reflexo manásico inferior (instinto), e a *kama-rupa* (paixões animais ativas). E como Sócrates e Platão admitiram isto e o tomaram como seu, esses cinco princípios que são: *Agathon* (Deidade ou Atmã), *psiche* (a alma em seu sentido coletivo), *Nous* (o Espírito ou mente), *phren* (a mente física) e *thumos* (*kama-rupa* ou as paixões), agregamos o *eidolon* dos Mistérios, (a *forma* ou duplo humano), e o *corpo físico*, fácil será demonstrar que as idéias — tanto de Pitágoras como de Platão — eram idênticas às nossas. Os próprios egípcios aceitavam a divisão setenária. Ensinavam que na partida, a alma (Ego) tinha que passar atra-

³ “Platão e Pitágoras — diz Plutarco — dividem a alma em duas partes: a racional (noética) e a irracional (agnoia); aquela parte do homem que é racional, é eterna, pois embora não seja Deus, sem dúvida é produto de uma divindade eterna; mas aquela parte da alma privada da razão (agnoia), morre.” O moderno termo *agnóstico* provém de *agnose*, palavra similar. Estranho é que o autor da palavra, Huxley, haja relacionando sua grande inteligência com “a alma privada de razão que morre”. Isto é humildade exagerada do materialista moderno?

vés de suas sete camadas ou princípios: os que deixava atrás de si e os que com ela seguiam. A única diferença que vemos, sempre levando-se em conta o castigo que trazia consigo o revelar as doutrinas dos Mistérios (o qual se pagava com a vida), é que nós damos mais forma e explicações mais detalhadas sobre esse assunto do que eles. Embora ensinando ao mundo tanto quanto nos é permitido fazê-lo, sem dúvida até mesmo em nossa doutrina vários pontos importantes são reservados, e somente os que estudam a filosofia esotérica e prometeram silêncio estão autorizados a conhecer.

Os ensinamentos gregos

P: Temos grandes helenistas, latinistas, sanscritistas e hebraístas. Como se explica que em suas tradições não se encontre nada do que vocês dizem?

T: Porque seus tradutores tomaram aos filósofos — principalmente aos gregos — por escritores nebulosos, ao invés de reconhecer que são místicos. Veja por exemplo Plutarco, e o que ele diz a respeito dos “princípios” do homem. Sua descrição foi aceita literalmente e atribuiu-se à superstição metafísica e ignorância. Como por exemplo: “O homem — diz Plutarco — é composto; e estão errados aqueles que o acreditam composto de somente duas partes. Pois supõem que o entendimento (intelecto do cérebro) é uma parte da alma (a tríade superior); mas se equivocam nisto, da mesma forma que aqueles que fazem da alma uma parte do corpo (isto é, da tríade uma parte do quaternário mortal corruptível). Pois o entendimento (Nous) tanto excede à alma como esta sobrepuja em bondade e divindade ao corpo. Pois bem, esse composto da alma (psiche), com o entendimento (Nous) forma a razão; e, com o corpo (o thumos, alma animal), a paixão; sendo uma, a origem ou princípio do prazer e da dor, e o outro, da virtude e do vício. Dessas três partes unidas e compactas entre si, a terra deu o corpo, a lua a alma e o sol o entendimento à geração humana”.

Esta última frase é puramente alegórica, e só aqueles que estão versados na ciência esotérica das correspondências a en-

tendem, e sabem qual é o planeta relacionado com cada princípio. Plutarco os divide em três grupos, e faz do corpo um composto de forma física, sombra astral e alento, ou parte triplíce inferior, que “foi tirada da terra e à terra voltará”. Do princípio médio e da alma instintiva, ele forma a segunda parte, derivada da lua e influenciada por ela⁴; e unicamente da parte superior da *Alma Espiritual* (Buddhi), com os elementos átmicos e manásicos nela, faz uma emanção direta do sol, que aqui representa *Agathon*, a Deidade Suprema. Isto fica provado pelo que ele diz:

“Assim é que das mortes pelas quais passamos, uma faz ao homem, dois de três, e a outra, um de dois. A primeira ocorre na região e jurisdição de Demeter, pelo que o nome dado aos mistérios, *τελειν* se assemelhava ao que davam à morte *τελειν ταν*. Os atenienses também consideravam os mortos como consagrados a Demeter. Quanto à outra morte, tem lugar na lua, ou região de Persefona”.

Esta é nossa doutrina, que mostra o homem como um setenário durante a vida; um quinário imediatamente depois da morte, em *Kama-Loka*; e uma tríade, o Ego, espírito-alma e consciência, em *Devakhan*. Essa separação, primeiro nos “Prados de Hades”, como chama Plutarco à *Kama-Loka*, e depois em *Devakhan*, era parte integrante das representações dos sagrados Mistérios, quando os candidatos à iniciação representavam o drama completo da morte e ressurreição como espírito glorioso, entendendo-se por esse nome a *plena consciência*. A isto se refere Plutarco, quando diz:

“E tanto como o um — o terrestre — como com o outro — o celeste — vive Hermes. Ele arranca repentina e violentamente a alma do corpo; mas docemente e durante longo tempo, separa Proserpina, o entendimento da alma⁵. Por esta razão

⁴ Os cabalistas que conhecem a relação que existe entre Jehovah o produtor da vida e dos filhos, com a lua, e a influência desta sobre a geração, compreenderam este ponto, assim como alguns astrólogos.

⁵ Proserpina ou Perséfone, representa aqui o Karma *post-mortem*, que se supõe reger ou regular a semente. Assim como o Karma dos superiores, isto é, a alma, a parte superior da tríade, a parte superior dos “princípios” inferiores que permanece durante a vida, como *nephesh*, o hálito da vida animal composto, que permanece algum tempo em *Kama-Loka*, do Ego superior entra em estado de *Devakhan*, ou bem-aventurança.

é chamada *Monógenes*, autogerada, ou melhor, que gera a um só; porque a melhor parte do homem fica só, quando é separada por ela. Tanto um quanto outro, assim sucede, de acordo com a natureza. Prescreve o destino (o Karma) que cada alma, com o sem-entendimento (inteligência), uma vez fora do corpo, há de vagar durante um tempo determinado, embora não todas por igual, pela região que se estende entre a terra e a lua (Kama-Loka)⁶. Os que foram injustos e dissolutos sofrem então o merecido castigo por suas culpas; mas os bons e virtuosos ficam aí detidos até que estejam purificados e tenham purgado por meio da expiação todas as corrupções que possam ter adquirido pelo contágio do corpo, como enfermidades vergonhosas; vivendo na parte mais suave do ar chamada Prados de Hades, onde vão permanecer durante certo tempo determinado e assinalado. E então, como se voltassem ao seu país depois de uma peregrinação, ou depois de longo desterro, experimentam uma sensação de alegria, como a que sentem principalmente aqueles que são iniciados nos sagrados Mistérios, mesclada de inquietude, de admiração, e cada um com suas esperanças peculiares”.

Esta é a bem-aventurança nirvânica, e nenhum teósofo poderia descrever em linguagem mais clara, embora esotérica a alegria e gozos mentais de Devakhan, onde cada homem se vê rodeado do paraíso formado por sua consciência. Mas deve colocar-se em alerta contra o erro em que muitos caem, até nossos teósofos. Não se imagine que pelo fato do homem ser chamado setenário, depois quádruplo, e depois tríade, seja por isto um composto de sete, cinco ou três *entidades*; ou, como disse um escritor teosófico, um conjunto de peles ou cascas separáveis como as de uma cebola. Como já se disse, os “princípios”, excetuados o corpo, a vida e o *eidolon* astral, os quais se dispersam na morte, são simplesmente *aspectos* e *estados de consciência*. Só existe um homem *real* permanente através do ciclo da vida, imortal em essência, senão na forma, e esse é o homem imortalmente ou consciência encarnada. A objeção manas, o homem...

⁶ Até que tenha lugar a separação do “princípio” superior espiritual, dos inferiores, que permanecem em Kama-Loka até a desintegração.

dos materialistas, que negam a possibilidade da ação da inteligência e da consciência sem a matéria, não tem qualquer valor em nosso caso. Não negamos força a seu argumento, mas perguntamos simplesmente a nossos adversários: “conhecem *todos os estados da matéria*, vocês que até agora só sabiam de três? Como sabem se aquilo a que nos referimos como *Consciência Absoluta*, ou Deidade, sempre invisível e incognoscível, não é o que embora escapando eternamente a nosso conceito humano finito, é, sem dúvida, o espírito-matéria universal ou matéria-espírito, em sua infinidade absoluta?” O Ego consciente é um dos aspectos inferiores deste espírito-matéria *fracionado* durante suas manifestações manvantáricas, o qual cria o seu próprio paraíso, paraíso fantasmagórico talvez, mas sem dúvida um estado de felicidade.

P: Mas o que é o Devakhan?

T: Literalmente, a “terra dos deuses”; uma condição, um estado de felicidade mental. Filosoficamente, uma condição mental análoga ao sonho; porém muito mais viva e real que o sonho mais vivo. É o estado da maioria dos mortais, depois da morte.

OS VÁRIOS ESTADOS POST-MORTEM

O HOMEM FÍSICO E O ESPIRITUAL

P: Gostei de saber que acreditam na imortalidade da alma.

T: Não “da alma”, mas sim do Espírito divino; ou melhor, na imortalidade do Ego que se reencarna.

P: Qual é a diferença?

T: Na nossa filosofia é enorme; mas esta é uma questão por demais abstrata e difícil para ser tratada pouco detidamente, ou de passagem. Precisamos analisá-la primeiro separadamente, para só depois examiná-la em conjunto. Podemos começar pelo Espírito.

Dizemos que o Espírito (o “Pai Secreto” de Jesus), ou Atmã, não é propriedade individual do homem e sim a essência divina que precisa de corpo e forma, que é imponderável, invisível e indivisível, aquilo que *não existe* e no entanto *é*, como os budistas dizem do Nirvana. Somente ampara ao mortal, pois o que penetra nele e preenche seu corpo inteiro são apenas seus raios de luz projetados por meio de *Buddhi*, seu veículo e emanção direta. Esta é a razão secreta das afirmações de quase todos os antigos filósofos, quando diziam que

“a parte racional da alma do homem¹ nunca entrava completamente nele, mas que só o amparava por meio da alma irracional, espiritual, ou Buddhi”².

P: Sempre tive idéia de que só a “alma animal” era irracional, nunca a divina.

T: É preciso aprender a diferença que existe entre o que é “irracional” negativa, ou passivamente, porque não está diferenciado, e o que é irracional por ser demasiado ativo e positivo. O homem é uma correlação de poderes espirituais, bem como uma correlação de forças químicas e físicas, postos a funcionar pelo que chamamos “princípios”.

P: Tenho lido muito sobre este assunto, e parece-me que as noções dos antigos filósofos diferiam muito das dos cabalistas da Idade Média, embora tenham pontos comuns.

T: A diferença mais substancial entre eles e nós é que enquanto nós cremos — como os neoplatônicos e as doutrinas orientais — que jamais o Espírito (Atmã) desce hipoteticamente no homem vivo, mas apenas dá o seu resplendor mais ou menos intenso ao homem interno (o composto psíquico e espiritual dos princípios astrais). Os cabalistas sustentam que o espírito humano, separando-se do oceano de luz e do Espírito Universal, penetra na alma do homem, onde permanece durante a vida, prisioneiro na cápsula astral. Os cabalistas cristãos também acreditam nisto porque não são capazes de romper totalmente com suas doutrinas antropomórficas e bíblicas.

P: E vocês o que dizem?

T: Dizemos que só admitimos a presença da irradiação do Espírito (ou Atmã), na cápsula astral; e somente no que se refere a esse resplendor espiritual. Dizemos que o homem e a alma terão que conquistar sua imortalidade por meio da

¹ A palavra “racional”, em seu sentido genérico, significando algo que emana da Sabedoria Eterna.

² Irracional no sentido de que, como pura encarnação da Mente Universal, não pode ter, neste plano de matéria, nenhuma razão individual própria; mas, como a lua, que recebe sua luz do sol e sua vida da terra, assim também Buddhi, recebendo sua luz de sabedoria de Atma, alcança suas qualidades racionais de manas. Carece de qualquer atributo, como coisa homogênea *per si*.

ascensão até a unidade; que se tiverem êxito ficarão unidas no fim, e nelas serão finalmente absorvidas. A individualização do homem depois da morte depende do espírito, e não de sua alma e corpo. No sentido em que se entende usualmente, a palavra “personalidade” é um absurdo se for aplicada literalmente a nossa essência imortal, pois sem dúvida que ela é, como Ego individual, uma entidade diferente, imortal e eterna *per si*. Apenas os magos negros e os criminosos cuja redenção não é possível; criminosos que o foram durante uma longa série de vidas — é quando o fio brilhante, que une o espírito à alma pessoal desde o momento do nascimento da criatura, foi violentamente partido, e a entidade desencarnada se encontra divorciada da alma pessoal; e esta última será aniquilada sem deixar a menor impressão ou rastro de si mesma, na primeira. Se esta união entre o manas inferior ou pessoal, e o Ego individual que se reencarna não foi efetuada durante a vida, então, o destino do primeiro será como o dos animais inferiores que gradualmente se dissolvem no éter e cuja personalidade é aniquilada; mas ainda assim é o Ego um ser individual. Nesse caso apenas perde um estado devakhânico (depois desta vida, o que por certo é inútil), como *personalidade* idealizada; e se reencarna quase imediatamente, depois de haver desfrutado um curto espaço de tempo de sua liberdade, como espírito planetário.

P: Em seu livro Isis Sem Véu está dito que esses espíritos planetários ou anjos, “os deuses dos pagãos ou os arcanjos dos cristãos”, jamais serão homens de nosso planeta.

T: Perfeitamente. Mas não são estes de que agora falamos, mas sim algumas classes de Espíritos Planetários mais elevados, que jamais serão homens neste planeta, porque são Espíritos libertos de um mundo primitivo anterior, e assim sendo, não podem voltar a ser homens nesta terra. Sem dúvida, eles viverão de novo no próximo e muito mais elevado Mahamanvantara, depois que esta “Grande Idade” e sua “pralaya brâhmica” (um pequeno período de 16 algarismos de anos mais ou menos), tiver passado. Pois a filosofia oriental nos ensina que a humanidade compõe-se de tais “Espíritos”, prisioneiros em corpos humanos. A diferença que existe entre os animais e os homens

é que os primeiros são animados *potencialmente* pelos “princípios”, e os segundos o são *influenciadamente* ³. Agora deu para perceber a diferença?

P: Sim, mas esta especialização tem sido o grande obstáculo dos metafísicos de todos os tempos.

T: Assim tem sido. Todo o esoterismo da filosofia budhista é baseado sobre esta doutrina misteriosa, compreendida por tão poucas pessoas e falseada tão completamente por muitos dos mais profundos eruditos modernos. Até os metafísicos tendem a confundir o efeito com a causa. Um Ego que ganhou sua vida imortal como espírito continuará sendo o mesmo eu interno em todos os seus renascimentos na terra; mas isto não quer dizer necessariamente que tenha de continuar sendo o sr. Smith ou Brown que foi, e que ao contrário, perca sua individualidade. Em consequência, a alma astral e o corpo terrestre do homem podem ser absorvidos na escuridão além no oceano cósmico dos elementos sublimados; o homem chega a deixar de sentir seu último ego pessoal (se não mereceu se elevar mais); e continuar ainda o Ego divino sendo a mesma entidade inalterável, embora aquela experiência terrestre de sua emancipação possa ser totalmente esquecida, no momento em que se separa do veículo indigno.

P: Conforme Orígenes, Sinésio e outros filósofos semicristãos e semiplatônicos ensinaram, se o “espírito” ou a porção divina da alma é ser determinado em toda eternidade preexistente; e se é a mesma alma, metafisicamente objetiva e mais nada, como pode ser de outra maneira mais que eterna? E o que importa neste caso que um homem leve uma vida pura ou animal, se, faça o que quiser, nunca pode perder sua individualidade?

T: Esta doutrina é tão perniciosa em suas consequências, como o é a reparação das faltas por meio da intervenção de um intermediário. Se este último dogma aliado com a falsa idéia de que todos somos imortais, tivesse sido demonstrado ao mundo sob seu verdadeiro aspecto, sua propagação teria melhorado a humanidade.

³ Veja *Doutrina Secreta*, vol. II (Comentários).

Volto a repetir Pitágoras, Platão, Timeu e Locres e a antiga Escola Alexandrina, emanavam a alma do homem (ou seus princípios e atributos mais elevados), da Alma Universal do mundo, sendo esta última *Aether* (Pater-Zeus). Portanto, nenhum desses “princípios” pode ser a essência pura, sem mistura, do *Monas* pitagórico ou do nosso *Atma-Buddhi*; porque a *Anima Mundi* apenas é o efeito, a emanação subjetiva, ou, dizendo melhor, a radiação de *Monas*. O espírito humano (a individualidade), o Ego espiritual que se reencarna, e *Buddhi*, a alma espiritual, são preexistentes. Mas enquanto o primeiro existe como entidade distinta ou individualização, a alma existe como alento que preexiste e é parte inconsciente de um todo inteligente. Na sua origem ambos foram formados do Oceano Eterno de Luz. Mas conforme se expressaram os filósofos do fogo (os teósofos da Idade Média), há no fogo um espírito visível e outro invisível. Estabeleciam uma diferença entre a *anima bruta* e a *anima divina*. Empédocles acreditou firmemente que todos os homens e animais possuíam duas almas; e vemos que Aristóteles chama a uma a alma que raciocina, *vous*, e a outra a alma animal, *ψυχη*. Conforme esses filósofos a alma que raciocina vem de dentro da Alma Universal, e a outra de fora.

P: Vocês chamariam de matéria à alma, isto é, a alma humana que pensa, ou aquilo que chama de Ego?

*T: De matéria não, mas seguramente é substância; também não rejeitaremos a palavra “matéria”, desde que venha unida ao adjetivo *primordial*. Dizemos que essa matéria é coeterna com o Espírito, e que não é nossa matéria visível, tangível e divisível, mas sim, sua extrema sublimação. O Puro Espírito não é senão uma mudança do *não-espírito* ou o Todo Absoluto. A menos que se admita que o homem evoluiu deste Espírito-Matéria primordial, e representa uma escala regular progressiva de “princípios” desde a *meta* espírito até a matéria mais grosseira, como poderemos considerar o homem interno como imortal e, ao mesmo tempo considerá-lo como entidade espiritual e homem mortal?*

P: Por que, então, não acreditam em Deus como tal entidade?

T: Porque o que é infinito e incondicionado não pode ter forma alguma nem existir como ser, pelo menos em nenhuma filosofia oriental digna desse nome. Uma “entidade” é imortal, mas só em sua essência última, não em sua forma individual. Nesse último ponto de seu ciclo, é absorvida em sua natureza primordial, e volta a ser espírito, quando então perde o seu nome de entidade.

Sua imortalidade como forma fica limitada unicamente a seu ciclo de vida, ou ao *Mahamanvantara*; depois do qual é una e idêntica com o Espírito Universal, e não mais uma entidade separada. Quanto à alma pessoal (o que entendemos como a chama de consciência que conserva no Ego Espiritual a idéia do “eu” pessoal da última encarnação), subexiste como recordação distinta separada unicamente durante o período devakhânico; depois do qual é agregada à série de outras inumeráveis encarnações do Ego, como a recordação em nossa memória, de um dia em uma série de dias, ao fim de um ano. Como vocês podem limitar a infinidade que reclamam para seu Deus a condições finitas? Somente aquilo que está indissolivelmente alicerçado por *Atmā* (isto é, *Buddhi-Manas*), é imortal. A alma do homem (isto é, da personalidade), não é imortal *per si*, nem eterna nem divina. Diz o *Zohar*: “A alma, quando é enviada a esta terra, reveste-se de uma vestimenta terrena para se preservar aqui embaixo; e do mesmo modo recebe em cima uma brilhante vestimenta que a torna capaz de olhar sem danos no espelho cuja luz procede do Senhor da Luz”. Além disso, o *Zohar* ensina que a alma não pode alcançar a mansão da glória antes de ter recebido o “santo ósculo”, ou reunião da alma com a substância da qual emanou (o espírito). Todas as almas são duais, e são um princípio feminino, enquanto que o espírito é masculino. Encarcerado no corpo, o homem é uma trindade, a não ser que a sua corrupção seja tão grande, que cause seu divórcio com o espírito. “Desgraçada a alma que prefere o himeneu sensual com seu corpo terrestre, a seu divino esposo (o espírito)”, diz o texto de uma obra hermética, o *Livro das Chaves*. Pobre dela! porque nenhuma recordação daquela personalidade ficará registrada na imorredoura memória do Ego!

P: Mas como aquilo que foi dado por Deus ao homem —

conforme sua própria confissão — é de substância idêntica ao divino, pode deixar de ser imortal?

T: Cada átomo e pedaço de matéria, bem como de substância, é imorredouro em sua essência, mas não em sua consciência individual. A imortalidade é apenas a própria consciência não interrompida; e dificilmente a consciência pessoal pode durar mais tempo que a própria personalidade. Esta consciência, como já disse, sobrevive tão-somente durante o período devakhânico, após o qual é reabsorvida primeiro na consciência individual, e depois na universal.

Perguntem a seus teólogos por que alteraram tão profundamente as escrituras judaicas. Leiam a *Bíblia* se quiserem ter uma boa prova de que os escritores do *Pentateuco* e do *Gênesis*, principalmente, jamais consideraram a *nephesh*, o sopro com que Deus dotou a Adão como alma imortal (*Gên.* II, 7). Eis aqui alguns exemplos: “E Deus criou... a cada *nephesh* (vida) que se move” (*Gên.* I, 21) referindo-se aos animais; e diz (*Gên.* II, 7) “E o homem foi feito uma *nephesh* (alma viva)”, o que demonstra que a palavra *nephesh* era aplicada indiferentemente ao homem imortal, assim como ao animal mortal. “E certamente requererei o sangue de vossa *nepheshim* (vidas); requererei a cada animal e ao homem” (*Gên.* IX, 5). “Escapa-te por tua *nephesh*” (*Gên.* XIX, 17). “Não a matem os”, diz a versão inglesa (XXXVII, 21). “Não matem os a sua *nephesh*”, diz o texto hebraico. “*Nephesh* por *nephesh*” diz o *Levítico*. “Aquele que mata a qualquer homem, seguramente será morto”, literalmente: “Aquele que mata a *nephesh* de um homem” (*Lev.* XXIV, 17). “E o que mata a um animal (*nephesh*) tem que pagá-lo... animal por animal”, ao invés do texto que diz: “*nephesh* por *nephesh*”. Como poderia o homem matar o que é imortal? E isto também explica por que os saduceus negavam a imortalidade da alma; como também prova que, muito provavelmente, os judeus mosaicos (pelo menos os não-iniciados), jamais acreditaram na sobrevivência da alma.

Da recompensa e castigo eternos, e do Nirvana

P: Julgo que é demasiado perguntar se acreditam nos dogmas cristãos do paraíso e do inferno, ou em recompensa e castigos futuros, conforme ensinam as Igrejas ortodoxas.

T: Não admitimos de forma alguma, pelo menos da forma como os apresentam seus catecismos; e menos ainda aceitaríamos sua eternidade. Mas acreditamos firmemente naquilo que chamamos a *Lei de retribuição*, na justiça e sabedorias absolutas que regem essa Lei, ou Karma. Portanto, negamo-nos positivamente a aceitar a crença cruel e antifilosófica da recompensa ou castigo eternos. Dizemos com Horácio:

“Fixem-se as regras que nosso furor reprimem
E castiguem-se as culpas com pena proporcionada;
Mas não destruais aquele que merece somente
Uma chicotada pela falta cometida”

Esta é uma regra para todos os homens, e uma regra justa. Podemos crer que Deus, que segundo vocês é a personificação de toda a sabedoria, amor e misericórdia, tem esses atributos em menor grau que o homem mortal?

P: *Dê algumas razões para repelir esse dogma.*

T: Nosso motivo principal se apóia na reencarnação. Como já disse, não admitimos a idéia da criação de uma nova alma para cada criança recém-nascida. Acreditamos que todo ser humano é o veículo de um Ego, contemporâneo com todos os demais Egos; porque todos os Egos são da mesma essência, e pertencem à emanção primeira de um Ego Universal infinito. Este que é chamado por Platão de *Logos* (o segundo Deus manifestado); e que nós chamamos o princípio divino manifestado, que é uno com a inteligência ou alma universal; e não o Deus antropomórfico, extracósmico e pessoal, em quem tantos deístas acreditam. É preciso não confundir.

P: *Mas por que, a partir do momento em que aceitam um princípio manifestado, não acreditam que a alma de cada novo ser é criada por aquele Princípio, como o foram antes todas as almas?*

T: Porque o que é impessoal mal pode criar, projetar e pensar a seu capricho. Existindo uma Lei universal, imutável em suas manifestações periódicas de radiação e expressão de sua própria essência, no princípio de cada novo ciclo de vida, não se lhe pode atribuir a criação dos homens, com um único objetivo de se arrepender depois de alguns anos de havê-lo criado. Se temos de acreditar em algum princípio divino, terá

de ser naquele que representa a harmonia, a lógica e a justiça absolutas, como é o amor, a sabedoria e a imparcialidade absolutas; e um Deus que criasse a cada alma para uma vida de breve duração, sem se preocupar se havia animado o corpo de um homem rico e feliz, ou o de um pobre miserável que sofre, desgraçado do nascimento até a morte, sem haver feito nada para merecer seu destino cruel, melhor que um Deus, seria um demônio implacável⁴. Nem mesmo os filósofos judeus crentes na Bíblia mosaica (esotericamente se entende), jamais conceberam semelhante idéia. Além disso, como nós, acreditavam na reencarnação.

P: *Pode dar alguns exemplos que provem isso?*

T: Seguramente. Filon diz (*De Somis*, pág. 455): “O ar está cheio delas (de almas); as que se encontram mais perto da terra descem para ser unidas aos corpos mortais, *παλιανδρουμεναι αυθις* voltam a outros corpos, desejando viver neles”. Conforme se vê no *Zohar*, a alma defende sua liberdade perante Deus: “Deus do Universo! — diz — sou feliz neste mundo e não desejo ir a outro, onde serei uma serva exposta a toda sorte de corrupções”⁵. A doutrina da necessidade fatal, a imutável e eterna Lei, fica reafirmada na resposta da Deidade: “Contra tua vontade te convertes em embrião, e contra a tua vontade nasces”⁶. Incompreensível seria a luz sem a escuridão que a faz manifesta pelo contraste; o bem, não seria o bem, sem o mal, que nos ensina a natureza inapreciável do primeiro; e a virtude pessoal nenhum mérito teria, se não tivesse passado precisamente pelas tentações. Fora da Deidade oculta, não há nada eterno e permanente. Nada do que é finito — seja porque teve um princípio ou deve ter um fim —, pode ficar estacionado. Terá de progredir ou retroceder; e uma alma que aspira à reunião com seu espírito, único que pode conferir a imortalidade, terá de purificar-se através das transmigrações cíclicas, em seu caminho até a única região de glória e descanso eterno, chamada no *Zohar*, “O Palácio do Amor”; “Moksha” na religião hindu; “a plenitude da luz eterna”, entre os gnósticos, e

⁴ Veja mais adiante “Da recompensa e castigo do Ego”.

⁵ *Zohar*, vol. II, pág. 96.

⁶ *Mishna, Aboth*, vol. IV, pág. 19.

“Nirvana” entre os budhistas. E todos estes estados não são eternos mas temporais.

P: Mas isto não se trata de reencarnação.

T: Uma alma que suplica se lhe conceda permanecer onde se encontra, deve ser preexistente, e não ter sido criada para aquela ocasião. Sem dúvida há outra prova melhor no *Zohar*. Falando dos Egos que se reencarnam (as almas racionais), aquelas cuja última personalidade há de desaparecer por completo, diz: “Todas as almas que não são inocentes neste mundo, no céu serão separadas do Santo Único — bendito seja seu Nome —, serão precipitadas em um abismo, a risco de sua própria existência, e anteciparão o momento em que terão de voltar (mais uma vez), à terra”. “O Santo Único” significa aqui, esotericamente, o *Atmā* ou *Atma-Buddhi*.

P: Acho muito estranho que nos falem do “Nirvana” como sinônimo do Reino dos Céus, ou paraíso, já que conforme os orientistas famosos, o Nirvana é sinônimo de aniquilamento!

T: Considerando literalmente, com relação à personalidade e à matéria diferenciada, sim, mas nunca de outro modo. Estas idéias sobre a reencarnação e a trindade do homem foram sustentadas por muitos dos primeiros padres cristãos. A confusão originada pelos tradutores do *Novo Testamento* e dos antigos tratados filosóficos, acerca da alma e do espírito, foi a causa que produziu tantas desavenças e erros. É também uma das muitas razões por que Buddha, Plotino e tantos outros iniciados, são acusados atualmente de haver aspirado à extinção total de suas almas — “a absorção na Deidade”, ou “reunião com a alma universal”, o que significa aniquilamento de acordo com as idéias modernas. Supõe-se, desta forma, que a alma pessoal tem que ser desintegrada em suas partículas, antes de que possa fundir para sempre sua existência mais pura com o Espírito imortal. Mas os tradutores dos *Atos*, bem como das *Epístolas* que apresentaram os fundamentos do *Reino dos Céus*; e os modernos comentadores do *Sutra Buddhista* da fundação do *Reino da Justiça*, alteraram o sentido tanto do grande apóstolo do Cristianismo, quanto do grande reformador da Índia. Os primeiros desfiguraram a palavra *psichicos*, de forma que nenhum leitor pode imaginar que tenha alguma relação com a alma; e o efeito dessa confusão entre a alma e o Espírito faz com

que os que lêem a Bíblia só obtenham um falso sentido nesta matéria. Por outro lado, os intérpretes de Buddha não souberam compreender o significado e objetivo dos quatro graus budhistas de *Dhyâna*. Pergunte aos pitagóricos, se esse espírito que dá vida e movimento, e participa da natureza da luz, pode ser reduzido a não-entidade. Pode o espírito, sensível até nos animais que exercitam a memória, uma das faculdades racionais, morrer e voltar ao nada? — observam os ocultistas. Na filosofia budhista, a aniquilação somente significa uma dispersão da matéria, em qualquer forma ou aparência de forma, porque tudo o que possui uma forma é temporal, e, portanto, realmente é uma ilusão. Para a eternidade, os mais longos períodos de tempo podem comparar-se a um abrir e fechar de olhos; o mesmo ocorre com relação à forma. Antes de termos tempo de dar conta de sua existência, já desapareceu para sempre, como o resplendor instantâneo do relâmpago. Quando a entidade espiritual rompe para sempre com cada partícula de matéria ou forma, e volta a ser um hálito espiritual, só então é que penetra no eterno e invariável *Nirvanā*, vivendo tanto tempo como durou o ciclo de vida — verdadeiramente uma eternidade. E então aquele hálito, existindo *em espírito*, não é *nada* porque *é tudo*; como forma, aparência ou figura foi aniquilado por completo; como espírito absoluto ainda é, porque se converteu na Egoidade. A frase: “absorvido na essência universal”, que se usa quando se fala da alma como espírito, significa: *união com*. Jamais pode significar aniquilamento, que implicaria em separação eterna.

P: Nessa linguagem que está sendo empregada, não estão se expondo à acusação de pregar o aniquilamento? Este último pensamento fala da alma do homem que volta a seus primeiros elementos.

T: Esqueceu-se de que tratamos das diferenças existentes entre os vários significados da palavra “alma” e demonstramos a imprecisão com que o termo “espírito” tem sido traduzido. Falamos da alma animal humana e espiritual; e as distinções entre elas. Platão, por exemplo, chama “alma racional” ao que nós chamamos *Buddhi*, acrescentando o adjetivo “espiritual”; mas ao que chamamos o Ego que se reencarna, *manas*, chama espírito, *Nous* etc.; e aplicamos o termo *Espírito*, somente e

sem qualificação alguma, unicamente a Atmã. Pitágoras confirma nossa doutrina arcaica, ao dizer que o Ego (Nous) é eterno com a Deidade; que a alma só, passa por vários graus para alcançar a excelência divina, enquanto que *thumos* volta à terra, e até o *phren*, o *manas* inferior, acaba eliminado. Além disso, Platão define a alma (Buddhi), como “o movimento capaz de mover-se a si mesmo”. “A alma — conclui — é a mais antiga de todas as coisas, e o princípio do movimento” (*Leis X*); chamando assim a Atma-Buddhi — alma, e a *manas* — espírito, o que nós também fazemos.

“A alma foi criada antes do corpo, e este é posterior e secundário, sendo, segundo a natureza, governado pela alma. A alma, que rege todas as coisas que se movem em cada direção, rege igualmente os céus. A alma, portanto, governa todas as coisas no céu e na terra, assim como no mar, por seus movimentos, cujos nomes são: querer, considerar, vigiar, consultar, formar opiniões justas e erradas, ter alegria, pena, confiança, medo, ódio, amor, junto com todos aqueles movimentos primitivos que a estes estão unidos. Sendo uma deusa sempre tem a *Nous*, um deus, por aliado, e ordena todas as coisas correta e felizmente; mas quando se une a *Anoia* (não a *Nous*), trabalha em todas as coisas em sentido oposto.”

Nesta linguagem, assim como nos textos budhistas, considera-se o negativo, como existência essencial. O aniquilamento está explicado de modo semelhante. O estado positivo é o ser essencial, mas não a manifestação como tal. Em linguagem budhista, quando o espírito entra no Nirvana, perde a existência objetiva, mas conserva o ser subjetivo. Para as inteligências objetivas isto é converter-se em absolutamente nada, e para as subjetivas em Nenhuma Coisa, isto é, em nada que possa ser manifestado aos sentidos. Em consequência, seu Nirvana significa a certeza da imortalidade individual em espírito, não em alma, a qual, embora sendo “a mais antiga de todas as coisas” sem dúvida, é em união com todos os demais deuses, uma emanção finita, em formas e individualidade, senão em substância.

P: Ainda não compreendi bem a idéia e agradeceria se a desenvolvesse por meio de alguns exemplos.

T: Não resta dúvida de que é muito difícil de compreender,

principalmente para quem foi educado nas idéias ortodoxas usuais da Igreja cristã. Devo acrescentar que, a não ser estudando perfeitamente as funções separadas assinaladas a todos os “princípios” humanos, e o estado de todos eles depois da morte, dificilmente pode ser compreendida nossa filosofia oriental.

Dos vários “princípios” no homem

P: Tenho escutado falar muito sobre essa constituição do homem “interno” — como vocês a chamam — mas nunca pude entendê-la.

T: Seguramente é “confusa” e muito difícil de entendê-la corretamente e saber distinguir entre os diferentes aspectos que chamamos de os “princípios” do Ego real. E é mais ainda, quando se pensa que existe uma notável diferença entre as várias escolas orientais, com relação à enumeração desses princípios, embora a base da doutrina seja idêntica.

P: Por acaso está usando como exemplo os vedantinos, que reduzem os sete princípios de que vocês falam a apenas cinco?

*T: Realmente eles fazem isto; mas, sem querer discutir este ponto com um vedantino instruído, posso dizer, como opinião minha particular, que têm um motivo claro e evidente para agir assim. Para eles, o que se chama o homem, é unicamente esse conjunto espiritual que consiste em vários aspectos mentais, não merecendo o corpo físico, segundo eles, senão o mais profundo desprezo e sendo uma pura ilusão. E a Vedanta não é a única filosofia que o encara desse modo. Lao-Tsé em seu *Tao-te-King*, apenas menciona cinco princípios, pois, da mesma forma que os vedantinos, deixa de incluir dois princípios que são o espírito (Atmã) e o corpo físico, a que chama “o cadáver”. A escola *Taraka Raja Yoga* também só reconhece três princípios, mas na realidade, seu *Sthulopadhi*, ou corpo físico, em estado de vigília consciente; seu *Sukshmopadhi*, o mesmo corpo em *Svapna*, ou estado de sonho, e seu *Karanopadhi*, “corpo causal”, o que passa de uma encarnação a outra, são todos duais em seus aspectos, e desta maneira formam seis. Somando-se a estes Atmã, o princípio divino impessoal, ou o elemento imortal no homem, indistinguível do Espírito Universal, e teremos os*

mesmos sete princípios⁷. Eles fazem bem em ater-se à sua divisão, assim como nós conservamos a nossa.

P: Esta divisão está parecendo quase a mesma estabelecida pelos místicos cristãos: corpo, alma e espírito.

T: Exatamente a mesma. Facilmente poderíamos fazer do corpo o veículo do “duplo vital”, e deste, o veículo da Vida, ou Prana; de Kama-Rupa, ou alma (animal), o da inteligência superior e inferior, e fazer seis princípios, todos eles coroados pelo espírito uno imortal. Em Ocultismo cada troca qualificativa no estado de nossa consciência dá ao homem um novo aspecto, e, se prevalece e chega a fazer parte do Ego vivente e ativo, deve receber (e recebe) um nome especial para distinguir entre o homem nesse estado particular, e esse mesmo homem quando se encontra em estado diferente.

P: É precisamente isto que é difícil de entender.

T: Pois a mim, ao contrário, parece muito fácil desde que se compreenda a idéia essencial, isto é, que o homem trabalha num ou noutro plano de consciência, em estreita conformidade com sua condição mental e espiritual. Mas é tão grande o materialismo de nossa época, que parece que quanto mais explicamos, menos as pessoas são capazes de entender. Dividi o ser terrestre chamado homem em três aspectos principais, porque, a menos que o considerem como um simples animal, não se pode fazê-lo por menos; considere-se seu corpo objetivo e o princípio reflexivo que está nele (que apenas é um pouco mais elevado que o elemento instintivo no animal), ou alma vital consciente; e, por último, aquilo que o coloca tão incomensuravelmente acima do animal: a alma que raciocina, ou “espírito”. Se tomarmos esses três grupos ou entidades representativas, e as subdividirmos conforme ensina a Doutrina Secreta, o que resulta?

Antes de tudo, o espírito (no sentido do Absoluto, o *Todo* indivisível), ou Atma. Como este não pode ser localizado nem limitado em filosofia, sendo simplesmente aquilo que é na Eternidade, e que não pode estar ausente do ponto geométrico ou matemático menor do universo, da matéria ou substância, não deveria, de maneira nenhuma, chamar-se princípio “humano”. Em metafísica, é tudo o mais: aquele ponto que a Mônada

humana e seu veículo, o homem, ocupam no espaço durante o período de cada vida. Este ponto é tão imaginário quanto o próprio homem, e na realidade é uma ilusão, ou *maya*; mas, para nós, assim como para os demais Egos pessoais, somos uma realidade durante esse momento de ilusão chamado vida, pois devemos levar em conta a nós mesmos, pelo menos em nossa imaginação. Com o objetivo de tornar mais compreensível para a inteligência que começa a estudar o Ocultismo e a solução do ABC do mistério do homem, o Ocultismo chama a esse sétimo princípio de síntese do sexto, e lhe dá por veículo a alma espiritual, *Buddhi*. Pois bem: este último encerra um mistério que jamais é revelado a ninguém, exceto aos chelas ligados por juramento, ou àqueles em quem se pode confiar sem nenhum temor. É evidente que se isto pudesse ser dito, haveria menos confusão; mas como está diretamente relacionado com o poder da projeção do duplo pessoal e da vontade, e como este dom — como o “anel de Gijes” — resultaria fatal para o homem em geral e para o possuidor dessa faculdade em particular, ela é ocultada cuidadosamente. Mas, vamos voltar aos “princípios”. Essa alma divina, ou *Buddhi*, é o veículo do Espírito. Os dois unidos são um só, impessoal e sem nenhum atributo (neste plano), e formam dois “princípios” espirituais. Se formos considerar a alma humana, *manas* ou *mens*, todos hão de convir que a inteligência do homem é pelo menos dual, isto é, o homem de inteligência superior, dificilmente pode confundir-se com o homem inferior; o homem muito intelectual e espiritual acha-se separado por um abismo do homem obtuso, torpe e material, talvez de tendências animais.

P: Mas por que não se representa o homem por dois princípios, ou dois aspectos?

*T: Cada homem traz em si esses dois princípios, um mais ativo que o outro, e somente em casos raros um dos dois se vê paralisado por completo, quer dizer, em seu crescimento ou desenvolvimento, pela força e predomínio do outro aspecto, em qualquer direção. Estes são, pois, o que chamamos os dois princípios ou aspectos de *manas*, o superior e o inferior; o primeiro, o *manas* superior ou Ego consciente e reflexivo) gravita até a alma espiritual (*Buddhi*); e o último, ou seu princípio instintivo, é atraído até *Kama*, centro dos desejos animais e das pai-*

⁷ Para uma explicação mais clara, veja *Doutrina Secreta*, vol. I.

xões no homem. Deste modo demonstramos quatro “princípios”; sendo os três últimos: 1) o “duplo” que temos chamado alma proteu — mutável ou plástica; 2) o princípio de vida; e 3) o corpo físico. Nenhum fisiólogo ou biólogo aceitará esses princípios, nem tão pouco os compreenderá. E talvez por isso nenhum deles compreendeu até agora as funções do baço, o veículo físico ou duplo proteu, ou a de certo órgão situado no lado direito do homem, centro dos desejos acima mencionados; nem sequer sabe nada sobre a glândula pineal, que descreve como uma glândula que contém um pouco de areia, quando, na verdade, é o próprio centro da mais elevada e divina consciência do homem, sua inteligência onisciente espiritual, que abrange tudo. E isto demonstrará ainda mais claramente, que não inventamos esses sete princípios, e nem eles são novos no mundo da filosofia, como facilmente podemos provar.

P: Mas, de acordo com sua crença, o que é afinal que se reencarna?

T: O Ego Espiritual pensante, o princípio permanente no homem, aquilo que é o centro de manas. O homem individual ou divino, não é Atmã, nem tampouco Atma-Buddhi, considerado como a Mônada dual; porque Atmã é o Todo Universal e se converte no Eu Supremo do homem somente em conjunção com Buddhi, seu veículo, que une à individualidade (o homem divino). Buddhi-manas é o que os vedantinos chamam o corpo causal (os quinto e sexto princípios unidos), que é a consciência que O enlaça a cada personalidade que vive na terra. Sendo a alma um termo genérico, há nos homens três aspectos de alma: o terrestre ou animal; a alma humana, e a Alma Espiritual; e todas elas são uma só alma sob três aspectos. Pois bem: do primeiro aspecto, nada sobra depois da morte; do segundo (nous ou manas) somente sobrevive sua essência divina se esta ficou sem mancha; enquanto que o terceiro, além de ser imortal, converte-se conscientemente em divino, pela assimilação de manas superior. Para maior clareza, precisamos dizer, antes de tudo, algumas palavras sobre a reencarnação.

P: Isso é bom, porque essa doutrina é a que seus inimigos combatem com maior energia e empenho.

T: Você se refere aos espíritas? Eu sei, e muitas são as

objeções absurdas tecidas laboriosamente por eles, que achamos nas páginas da revista *Light* (Luz). Alguns são tão grosseiros e malévolos que nada os detém. Ultimamente um deles encontrou uma contradição que discute gravemente em uma carta dirigida àquele periódico, em dois pontos tirados das conferências de Sinnett: descobriu, nas duas frases seguintes, esta importante contradição:

“Os regressos prematuros à vida terrestre, quando isto ocorre, podem ser em virtude de alguma complicação kármica...”; e “não existe *acidente* no supremo ato de dirigir a justiça divina da evolução”. Tão profundo pensador por certo encontraria uma contradição na lei da gravidade, se um homem estendesse a mão para impedir que uma pedra, em sua caída, arrebentasse a cabeça de uma criança.

DA REENCARNAÇÃO OU RENASCIMENTO

O QUE É A MEMÓRIA, CONFORME A DOUTRINA TEOSÓFICA?

P: Explicar semelhante crença, apoiando-a em princípios racionais, será o mais difícil para vocês. Até agora nenhum teósofo conseguiu apresentar-me uma prova capaz de quebrar meu ceticismo. Antes de tudo, têm contra essa teoria da reencarnação o fato de que não se encontrou ainda nenhum homem que se lembrasse de haver vivido antes, e muito menos de quem era durante sua vida anterior.

T: Seu argumento tem a antiga objeção de costume: a perda da memória em cada um de nós, com relação à nossa encarnação precedente. Acredita que isto tira o valor de nossa doutrina? A isso respondo que não, e de qualquer forma, objeção semelhante não pode ser concludente.

P: Quero ouvir seus argumentos.

*T: São poucos e curtos. Sem dúvida, quando se leva em consideração a absoluta incapacidade dos melhores psicólogos modernos para explicar ao mundo a natureza da mente, e sua completa ignorância sobre as potencialidades e estados superiores dela, você deve reconhecer que aquela objeção está baseada numa conclusão *a priori*, tirada de uma evidência de *prima facie* e circunstancial, mais que de qualquer outra coisa. Responda-me: qual o seu conceito de “memória”?*

P: O que geralmente se entende por ela: a faculdade de nossa mente de recordar e conservar o conhecimento dos pensamentos, atos e acontecimentos anteriores.

T: Se gostar, some a isto, que existe uma grande diferença entre as três formas aceitas da memória. Além da memória em geral, temos a recordação, a reprodução e a reminiscência. Alguma vez você já notou a diferença que há entre elas? Lembre-se de que memória é um nome genérico.

P: Apesar disso todos esses são sinônimos.

T: Seguramente não o são, ao menos em filosofia. A memória é simplesmente um poder inato nos seres racionais, e até nos animais, para reproduzir impressões passadas por meio de uma associação de idéias, sugeridas principalmente por coisas objetivas ou por alguma impressão sobre nossos órgãos sensoriais externos. A memória é uma faculdade que depende inteiramente do funcionamento mais ou menos sadio e normal de nosso cérebro físico; a recordação e a reprodução são os atributos e os servidores dessa memória. Mas a reminiscência é uma coisa inteiramente diferente. O psicólogo moderno define a reminiscência como algo intermediário entre a recordação e a reprodução; um processo consciente pelo qual recordam-se os fatos passados, mas sem aquela referência completa e variada de objetos determinados, que caracteriza a reprodução.

Locke, falando da reprodução e da recordação, diz: "Quando uma idéia se apresenta de novo à memória, sem a influência do mesmo objeto sobre o sensorial externo, isto se chama recordação; se a mente encontra uma idéia que buscou com trabalho e esforço, isto é reprodução". Mas o próprio Locke deixa de nos dar uma definição clara da reminiscência, porque não é uma faculdade ou atributo de nossa memória física, mas sim uma percepção intuída à parte e fora de nosso cérebro físico; uma percepção que, ao ser posta em ação pelo conhecimento sempre presente de nosso Ego espiritual, abrange aquelas visões consideradas anormais no homem (desde as pinturas inspiradas pelo gênio, até o delírio e devaneios da febre e da própria loucura), classificadas pela ciência como não existentes, exceto em nossa imaginação. O Ocultismo e a Teosofia consideram a reminiscência sob um ponto de vista completamente diferente. Para nós, a memória é física e passageira, e

depende das condições fisiológicas do cérebro, proposição fundamental entre todos os professores de mnemotecnica, apoiada pelas investigações dos psicólogos modernos; mas a reminiscência é a memória da alma. É a que dá a quase todos os seres humanos, compreendendo ou não, a certeza de haver vivido anteriormente e de ter que viver de novo. Como muito bem disse Wordsworth:

"Nosso nascimento é somente um sonho e um esquecimento; a alma que em nós surge, a estrela de nossa vida, em outra parte teve seu ponto de partida, e vem de longe".

P: Se sua doutrina está baseada nessa classe de memória (poesia e fantasias imaginárias, segundo sua própria confissão), neste caso acredito que não vai conseguir convencer a muitos.

T: Não confessei que fosse uma fantasia. Simplesmente disse que os fisiólogos e cientistas consideram tais reminiscências como alucinações e fantasias, e é muito bem recebida tão "sábua" conclusão. Não nego que essas visões do passado, esses rastros de luz passageira dos tempos que foram, sejam anormais se comparados com nossa experiência de vida diária e a memória física. Mas concordamos com o professor W. Knight: "a ausência de memória de qualquer ato executado em um prévio estado, não pode ser argumento concludente contra a possibilidade de haver vivido nele". E todo bom adversário deverá convir com o que diz Butler em suas *Leituras Sobre a Filosofia Platônica*: "que a idéia de extravagância que isto (a preexistência) produz, tem sua origem secreta nos prejulgamentos materialistas ou semi-materialistas". E também afirmamos que a memória, como a chamou Olimpodoro, é simplesmente uma fantasia, e a mais insegura entre tudo o que há em nós¹. Amônio Sakas assegurava que a única faculdade do homem, diretamente oposta à profecia ou visão do futuro, é a memória. Atente também para

¹ Diz Olimpodoro (In *Platonis Phædo*): "A fantasia é um impedimento para nossos conceitos intelectuais, e, portanto, quando estamos agitados pela influência inspiradora da Divindade, se a fantasia intervém, cessa a energia entusiasta; porque o entusiasmo e o êxtase são contrários um ao outro. Se se pergunta se a alma é capaz de produzir energia sem a fantasia, respondemos que sua percepção dos universais prova que é capaz disso. Em consequência, tem percepções independentes da fantasia; ao mesmo tempo, sem dúvida, a fantasia ajuda suas energias, da mesma forma que a tempestade persegue o navegante".

o fato de que uma coisa é a memória, e outra, a mente ou pensamento; uma, é a máquina de arquivar, um registro que facilmente se decompõe; os pensamentos são eternos e imorredouros. Você se negaria a crer na existência de certas coisas ou homens, só porque não os viu com seus olhos físicos? O testemunho coletivo de gerações passadas que o viram não é garantia suficiente de haver existido Júlio César? Por que não se deve levar em consideração o mesmo testemunho dos sentidos psíquicos das massas?

P: Mas estas não são distinções por demais sutis para que possam ser aceitas pela maioria dos mortais?

T: Melhor dizendo: pela maioria dos materialistas. A eles dizemos: olhe que até no curto espaço da existência comum, a memória é demasiado débil para registrar todos os acontecimentos de uma vida. Com que frequência permanecem adormecidos em nossa memória os fatos mais importantes, até que são despertados por alguma associação de idéias, ou postos em movimento por algum laço de união! Isto acontece principalmente com as pessoas de idade avançada, cuja memória sempre se debilita. Portanto, levando-se em conta o que sabemos sobre os princípios físicos e espirituais do homem, o fato de que a memória não registre nossas vidas anteriores não deveria nos surpreender, mas, ao contrário, se assim sucedesse.

Por que não recordamos nossas vidas passadas?

P: Já foram explicados os sete princípios: à luz deles, como se explica a completa falta de memória com relação às nossas vidas passadas?

T: Muito facilmente. Os “princípios” que chamamos físicos² desintegram-se depois da morte, ao mesmo tempo que seus elementos constitutivos, e a memória junto com o cérebro. Essa memória desvanecida de um corpo que desapareceu não

² A saber: o corpo, a vida, os instintos passionais e animais, e o fantasma astral — ou *eidolon*, de cada homem, seja percebido em pensamento, por nosso olho mental, ou objetivamente e separado do corpo físico; cujos princípios chamamos: *Sthula sharira*, *Prana*, *Kama-rupa* e *Linga sharira*. Nenhum desses princípios é negado pela ciência, embora os chame de modo diferente.

pode recordar nem registrar coisa alguma na posterior encarnação do Ego. Reencarnação significa que esse Ego deve ser dotado de um novo corpo, novo cérebro e nova memória. Seria tão absurdo esperar que essa memória se lembrasse daquilo que nunca pôde registrar, como resultaria inútil examinar no microscópio uma camisa de um assassino, em busca de manchas de sangue, se não era essa a roupa que ele vestia na ocasião do crime. Não é a camisa limpa a que deve ser interrogada; mas, se a outra foi queimada e destruída, como encontrar a resposta?

P: Como pode ter segurança de que se cometeu um crime, ou de que o “homem da camisa limpa” existiu anteriormente?

T: Seguramente não por meios físicos, nem baseando-se no testemunho de quem já não existe. Mas há a evidência circunstancial, que nossas sábias leis admitem. Para se convencer do fato da reencarnação e das vidas passadas, é necessário colocar-se em relação com o próprio Ego real e permanente, e não com a memória que é passageira.

P: Mas como pode uma pessoa acreditar naquilo que não sabe, nunca viu, e, menos ainda, pôr-se em relação com isto?

T: Se as pessoas mais cultas crêem na “gravidade”, no “éter”, na “força” e tantas outras conclusões da ciência, em abstrações e “hipóteses” que não viram, tocaram, cheiraram, ouviram nem provaram, por que não haveriam de acreditar outras pessoas, partindo do mesmo princípio, no próprio Ego permanente, “hipótese” muitíssimo mais lógica e importante que qualquer outra?

P: O que é, enfim, esse misterioso princípio eterno? Pode explicar sua natureza de um modo compreensível a todos?

*T: O Ego que se reencarna é o Eu individual e imortal, não o pessoal; em uma palavra, o veículo da Mônada Atma-Búddhica; aquele que é recompensado no Devakhan e castigado na terra, e aquele, enfim, a que se une somente o reflexo dos *skandhas*, ou atributos de cada reencarnação³.*

³ Nas doutrinas budhistas existem cinco *skandhas*, ou atributos: *Rupa* (forma ou corpo), qualidades materiais; *Vedana*, sensação; *Sanna*, idéias abstratas; *Sankhara*, tendências da mente; *Vinnana*, poderes mentais. Somos formados deles; por eles somos conscientes da existência, e por meio deles nos comunicamos com o mundo que nos rodeia.

P: O que são skandhas?

T: Precisamente o que acabo de dizer: os “atributos”, entre os quais está compreendida a memória. Todos morrem como a flor, deixando atrás de si apenas um débil aroma. Aqui está um trecho do *Catecismo Buddhista* de H. S. Olcott⁴, que se refere precisamente a esse assunto: “O ancião recorda os incidentes de sua juventude, apesar de haver mudado física e mentalmente. Então por que não levamos conosco a recordação de nossas vidas passadas de um nascimento a outro? Porque a memória está incluída nos skandhas, e tendo trocado estes com a nova existência, a memória, a recordação da existência anterior particular, se desvanece. Sem dúvida deve sobreviver a recordação ou reflexo de todas as vidas passadas, porque quando o príncipe Siddharta se converteu em Buddha, a série completa de seus nascimentos anteriores lhe foi revelada..., e quem quer que chegue a alcançar o estado de *Jnana*, pode traçar deste modo, retrospectivamente, a linha de suas vidas”. Isto prova que, enquanto as qualidades imperecíveis da personalidade, como o amor, a bondade, a caridade etc., unem-se ao Ego imortal, fotografando nele, se assim se pode dizer, uma imagem permanente do aspecto divino do homem que anteriormente existia, seus skandhas materiais (aqueles que geram os efeitos kármicos mais marcantes), são tão passageiros como a luz dos relâmpagos, e não podem influir no cérebro da nova personalidade, e não alteram, de nenhum modo, a identidade do Ego reencarnado.

P: Isto quer dizer que aquilo que sobrevive é unicamente a memória da alma, sendo essa alma e o Ego um só, e nada sobra da personalidade?

T: Não por completo. Exceto no caso de que esta tenha sido a de um materialista absoluto, cuja natureza não tenha sido penetrada pelo menor raio espiritual, algo pertencente a cada personalidade deve sobreviver, já que deixa sua eterna pegada no

⁴ Por H. S. Olcott, presidente e fundador da Sociedade Teosófica. A exatidão da doutrina foi sancionada pelo rev. H. Sumangala, Grão Sacerdote de Sripada e Gales, e Principal do *Widyodaya Parivena* (Colégio), em Colombo, de acordo com o Cânone da Igreja Buddhista do Sul.

eu permanente que se encarna, o Ego Espiritual⁵. A personalidade com seus skandhas muda constantemente a cada novo nascimento. Como já dissemos antes, é tão somente o papel que representa o ator (o verdadeiro Ego), durante uma noite. Este é o motivo por que não nos lembramos de nossas vidas passadas no plano físico, embora o Ego real que as viveu as conheça todas.

P: Por que, então, o homem real ou espiritual não imprime aquele conhecimento em seu novo “eu” pessoal?

T: Como puderam umas criadas de uma pobre herdade falar o hebraico e tocar violino em estado de êxtase ou de sonambulismo, coisas que desconheciam totalmente no seu estado normal? Porque, como diria todo verdadeiro psicólogo da escola antiga, o Ego Espiritual só pode se manifestar quando o ego pessoal está paralisado. O eu Espiritual no homem é onisciente, e toda sabedoria é inata nele; enquanto que o eu pessoal é a organização do que o rodeia, e o escravo da memória física. Se o primeiro pudesse se manifestar sem interrupção nem impedimento algum, já não haveria homens na terra, pois seríamos todos deuses.

P: Sem dúvida deve haver exceções, alguns devem se recordar.

T: Realmente há. Mas quem acredita em seus relatos? Tais pessoas são consideradas, geralmente, pelo materialismo moderno, como alucinados histéricos, maníacos ou farsantes. Leia as obras que tratam deste assunto, especialmente *Reencarnação, um Estudo da Verdade Esquecida*, por S. D. Walker, M. S. T., e observe a quantidade de provas que o autor apresenta sobre tão debatida questão. Fala-se de alma, e algumas pessoas perguntam: “O que é a alma? Alguma vez provou sua existência?” Portanto, é inútil argumentar aos que são materialistas, mas ainda assim queria lhes dirigir esta pergunta: “Podem recordar do que eram e do que faziam quando crianças pequenas? Conservaram a menor recordação da vida, pensamentos ou atos, ou mesmo de que tenham vivido durante os primeiros dezoito

⁵ Espiritual, em oposição ao eu pessoal. O estudante não deve confundir esse Ego Espiritual com o “Eu Supremo”, que é Atmã, o nosso Deus interno e inseparável do Espírito Universal (Veja no capítulo IX).

meses ou dois anos de sua existência? Por que, então, partindo do mesmo princípio, nos negam também o ter vivido alguma vez como crianças?" Com relação a tudo isto concluímos que o Ego que se reencarna, ou *individualidade*, retém durante o período devakhânico unicamente a essência da experiência de sua vida terrestre passada, ou personalidade, sendo absorvidas todas as experiências físicas em um estado *in potentia*, ou sendo convertidas, por assim dizer, em fórmulas espirituais. Além disso, se levarmos em conta o espaço de tempo que transcorre entre dois renascimentos (diz-se que é de dez a quinze séculos), e que durante esse período a consciência física está total e absolutamente inativa, carecendo de órgãos que trabalhem nela, o que quer dizer: está sem existência a razão da ausência de toda recordação, fica portanto bem clara.

P: Se o Ego Espiritual é onisciente, onde fica então essa decantada onisciência durante sua vida devakhânica?

T: Durante esse tempo está em estado latente e potencial, porque, em primeiro lugar, o Ego Espiritual não é o *Eu Supremo*, que sendo uno com a Alma Universal ou Inteligência, só ele é onisciente; e segundo, porque o Devakhan é a continuação idealizada da vida terrestre que se acaba de abandonar, período de ajustamento retributivo e recompensa pelos danos e sofrimentos imerecidamente experimentados naquela vida especial. O Ego Espiritual só é *potencialmente* onisciente, em Devakhan, e de *fato*, exclusivamente em Nirvana, quando o Ego funde-se na Alma-Mente Universal. Volta a ser *quase* onisciente durante aquelas horas na terra em que certas condições anormais e mudanças fisiológicas do corpo, libertam o físico dos entraves e impedimentos da matéria. Exemplos disso são os casos de sonambulismo já citados, de uma pobre criada falando hebraico e outra tocando violino. Isto não quer dizer que as explicações dadas pela medicina a esses dois casos não tenham em si alguma verdade, pois uma das moças ouviu, anos antes, seu professor, um pastor protestante, ler obras hebraicas em voz alta, e a outra ouviu um artista tocar violino na casa de cómodos onde morava. Mas nenhuma das duas poderia fazer nada disso com a perfeição com que o fizeram, se não tivessem sido animadas por *Aquele* que — em virtude da identidade de sua natureza com a Mente Universal — é onisciente. No pri-

meiro caso, o princípio superior agiu sobre os skandhas, colocando-os em movimento; e, no último, estando a personalidade paralisada, manifestou-se a própria individualidade. Solicito que não se confundam as duas coisas.

Da individualidade e personalidade ⁶

P: Mas qual é a diferença entre as duas? Confesso que ainda me encontro às escuras com relação a esse ponto.

T: Esforço-me em explicar, mas, com alguns, é mais difícil consegui-lo do que lhes infundir um sentimento de respeito quase infantil, somente porque são *ortodoxos* e a ortodoxia é respeitável. Para compreender bem a idéia, é necessário primeiramente estudar as duas séries de "princípios": os *espirituais* — ou aqueles que pertencem ao Ego imperecível; e os *materiais* — ou os que constituem os corpos, constantemente variáveis, ou as várias personalidades daquele Ego. Para facilitar, demos nomes permanentes, que são:

⁶ O coronel Olcott, em seu *Catecismo Budhista*, obrigado pela lógica da filosofia esotérica, teve necessidade de corrigir os erros de orientalistas anteriores que não fizeram essa diferença, e dar ao leitor suas razões para isso. Diz: "As aparições sucessivas sobre a terra, ou descidas na geração das partes *tanhaicamente* coerentes (skandhas) de um ser determinado, são uma sucessão de personalidades. A **Personalidade** difere em cada nascimento, tanto do anterior como do sucessivo. Karma — o *deus ex-machina*, se oculta (diremos melhor, que se reflete?) a si mesmo, ora na personalidade de um sábio, ora sob a forma de um artesão, e assim sucessivamente, através de toda a série de existências. Mas embora as personalidades sempre mudem, a linha única de vida que as enfia como as contas de um rosário permanece unida; é sempre essa **linha particular**, nenhuma outra. Portanto, é uma ondulação individual e vital que principiou em Nirvana, o lado subjetivo da Natureza, como a ondulação da luz ou do calor, propagada através do éter, nasceu numa origem dinâmica; percorre o lado objetivo da Natureza sob o impulso de Karma e a direção criadora de *tanha* (desejo de viver não satisfeito); e conduz através de muitas mudanças cíclicas, novamente ao Nirvana. O sr. Rhys-Davis chama àquilo que passa de personalidade a personalidade pela cadeia individual, o "caráter" ou "ação". Uma vez que o "caráter" não é uma simples abstração metafísica, mas sim a soma de nossas próprias qualidades mentais e propensões morais, não conviria repelir ou desvanecer o que o sr. Rhys-Davis chama de "o desesperado expediente de um mistério" (*Buddhismo*, pág. 101), e considerar a ondulação da vida como a individualidade e a cada uma de suas manifes-

I. *Atma*, ou *Eu Supremo* — não é o meu espírito nem o seu, mas, como o Sol, resplandece sobre todos. É o *princípio divino* universalmente difundido, inseparável de seu *meta-espírito uno e absoluto*, da mesma forma que o raio solar é inseparável da luz do sol.

II. *Buddhi* (a alma espiritual) é apenas seu veículo. Nem *Atma*, nem *Buddhi* por si, nem os dois coletivamente, são mais úteis ao corpo do homem do que o seriam a uma pedra de granito sepultada na terra, ou à luz do sol e seus raios, a menos que “a dualidade divina seja assimilada por *alguma consciência*, e reflita nela”. Nem *Atma* nem *Buddhi* poderão ser alcançados por *Karma*, porque o primeiro é o mais elevado aspecto de *Karma*, seu próprio agente ativo, e, o segundo, é inconsciente neste plano.

III. *Manas*⁷ — o derivado (ou produto), em forma reflexa, de *Ahankara*, “o conceito do eu, ou egoidade”. É, portanto, chamado o *Ego Espiritual*, quando está inseparavelmente unido aos dois primeiros, bem como de *Taijasa* (radiante). Esta é a verdadeira Individualidade real, ou o homem divino. É este *Ego* o que, tendo encarnado originalmente na forma humana sem entendimento, animado pela presença em si mesmo da Mônada dual, mas inconsciente dela (uma vez que não tinha cons-

tações natais, como uma personalidade separada? O indivíduo perfeito, buddhisticamente falando, é um *Buddha*; mas *Buddha* não é mais do que a flor rara da humanidade, sem a menor mistura sobrenatural. E como é necessário um sem-número de gerações, “quatro *asankheyyas* e cem mil ciclos”, segundo Fansböll e Rhys-Davis (*Buddhist Birth Stories*, pág. 13), para converter um homem em *Buddha*, e a vontade de ferro para se converter em tal permanece através de todos os nascimentos futuros, como chamaremos àquele que deste modo quer e persevera? O caráter? Nossa individualidade; uma individualidade apenas em parte manifestada em qualquer nascimento nosso, mas constituída por fragmentos de todos os nascimentos?”

⁷ *Mahat*, ou a *Mente Universal*, é a origem de *Manas*, e este é o *mahat*, isto é, a mente no homem. Também se chama a *Manas* de *Kshetrajñā*, espírito encarnado, porque, conforme nossa filosofia, os *Manasaputras*, ou “Filhos da Mente Universal”, são os que criaram, ou, dizendo melhor, produziram ao homem pensador, *manu*, encarnado na terceira raça da humanidade em nossa Ronda. Por conseguinte, *Manas* é o verdadeiro e permanente *Ego Espiritual* que se encarna, a *Individualidade*, e, nossas inumeráveis e diferentes personalidades são apenas seus aspectos externos.

ciência), fez dessa forma — humana na aparência — um verdadeiro homem. Este *Ego* é aquele “Corpo-Causal” que acoberta a cada personalidade em que *Karma* o obriga a se encarnar. É o responsável, ainda, por todos os pecados cometidos por cada novo corpo ou personalidade (aparências passageiras que ocultam o verdadeiro Indivíduo através das longas séries de renascimentos).

P: Mas isto é justo? Por que deve ser castigado esse *Ego* por fatos que já esqueceu?

T: Não os esqueceu; sabe e recorda suas más ações, tão bem como você se lembra do que fez ontem. Pelo fato de a memória desse conjunto de compostos físicos chamado “corpo” não recordar o que seu predecessor (a personalidade anterior) fez, imagina que o *Ego* real o esqueceu?

P: Mas não existem meios de comunicação entre a consciência ou memória espiritual e a humana?

T: Lógico que há; mas jamais foram reconhecidos pelos modernos psicólogos. A que você atribui a intuição, a “voz da consciência”, as reminiscências em forma de aviso, vagas e indefinidas, senão a tais comunicações? Que bom seria se a maioria dos homens, pelo menos os cultos, fosse dotada das delicadas percepções espirituais de Coleridge, que demonstra até que ponto chega sua intuição em alguns de seus comentários! Veja o que ele diz quanto à probabilidade de que “todos os pensamentos sejam em si mesmos imorredouros”: “Se fosse mais compreensiva a faculdade inteligente (despertar súbito da memória), apenas se necessitaria para trazer ante cada alma humana a experiência coletiva de toda sua existência passada (existências), uma organização diferente e apropriada, o corpo celeste ao invés do terrestre”. Este corpo celeste é nosso *Ego Manásico*.

Da recompensa e castigo do *Ego*

P: Ouvi você dizer que o *Ego* — qualquer que tenha sido a vida da pessoa na qual se encarnou — jamais está sujeito a qualquer castigo post-mortem.

T: Nunca, salvo em casos muito raros e excepcionais, sobre os quais falaremos, já que a natureza do “castigo” em nada se

relaciona com nenhum de seus conceitos teológicos acerca da condenação.

P: Mas se é castigado nesta vida pelas más ações cometidas em uma vida anterior, então, também deveria haver recompensas para este Ego, seja aqui, ou depois de desencarnado.

T: E assim sucede. Se não admitimos nenhum castigo fora desta terra, é porque o único estado que o Eu Espiritual conhece na vida futura, é o da felicidade sem sombras.

P: O que quer dizer isto?

*T: Simplesmente que não podem os crimes e pecados cometidos em um plano de objetividade e em um mundo de matéria, receber nenhum castigo em um mundo de pura subjetividade. Não acreditamos em inferno ou paraíso como localidades; em nenhum fogo objetivo do inferno nem em alguma Jerusalém com ruas incrustadas de safiras e diamantes. Cremos em um estado *post-mortem* ou condição mental, parecida com aquela em que nos encontramos durante um sonho lúcido. Acreditamos em uma lei imutável de amor, justiça e misericórdia absolutos. E crendo nisto, dizemos: seja qual for o pecado, e por piores que sejam os resultados da transgressão kármica original dos Egos na carne⁸, nenhum homem (a forma exterior material e periódica da Entidade Espiritual), pode ser responsabilizado das conseqüências de seu nascimento. Ele não pede para nascer, nem eleger os pais que lhe darão a vida. Sob qualquer aspecto é vítima do que o rodeia; é filho das circunstâncias sobre as*

⁸ Sobre essa transgressão foi baseado o cruel e ilógico dogma dos anjos caídos, que está explicado no vol. II da **Doutrina Secreta**. Todos os nossos Egos são entidades pensantes e racionais (Manasaputras), que viveram sob forma humana ou outras, no ciclo de vida precedente (Manvantara), e cujo Karma era o de encarnar-se no homem no presente ciclo. Ensinavam nos Mistérios que, deixando de cumprir com esta lei (ou havendo se “negado a criar”, como diz o hinduísmo dos **Kumaras** e a lenda cristã do arcanjo São Miguel), isto é, não tendo se encarnado no devido tempo, os corpos que lhes estavam predestinados se corromperam (Veja Stanzas, VIII e IX, nas **Slokas de Dzian**), Vol. II da **Doutrina Secreta**). Daqui nasceu a idéia do pecado original nas formas sem entendimento, e do castigo dos Egos. A lenda dos anjos rebeldes precipitados no inferno é explicada de forma muito simples pelo fato desses Espíritos ou Egos puros verem-se aprisionados em corpos de matéria impura (a carne).

quais não tem ação nem poder, e investigando imparcialmente cada uma das suas transgressões, o resultado seria que nove em cada dez casos, ele foi o ofendido e não o ofensor ou pecador. Em essência a vida é um fogo cruel, um mar borrascoso que deve ser cruzado e, às vezes, um peso muito difícil de suportar. Os mais profundos filósofos tentaram em vão penetrar e descobrir sua *razão de ser*, e todos fracassaram em seu intento, exceto aqueles que possuíam a chave para consegui-lo, isto é, os sábios orientais. Shakespeare descreve a vida como:

“Não é mais que uma sombra errante — um mau ator
Que se pavoneia e se agita quando entra em cena,
E do qual não se ouve mais falar; é um conto,
Narrado ruidosa e furiosamente por um louco,
Significando nada...”

Nada é em suas partes separadas, mas sem dúvida é da maior importância, em sua coletividade ou série de vidas. De qualquer maneira, quase todas as vidas individuais, em seu completo desenvolvimento, são um sofrimento. E haveríamos de acreditar que o homem desgraçado e desamparado, batido pelas enfurecidas ondas da vida, se não consegue resistir e se vê arrastado por elas, há de ser castigado com uma condenação *eterna*, ou sequer a uma pena passageira? Jamais. Grande ou vulgar pecador, bom ou mau, culpado ou inocente, uma vez livre do peso da vida, o *Manu* (“Ego pensante”), exausto e consumido, adquiriu o direito de um período de bem-aventurança e repouso absolutos. A mesma Lei infalível, sábia e justa, mais do que misericordiosa, que inflige ao Ego na carne o castigo kármico a cada pecado cometido durante a vida anterior na terra, prepara à entidade agora desencarnada, um longo período de descanso mental, isto é, o completo esquecimento de todos os acontecimentos infelizes e até dos pensamentos dolorosos mais insignificantes, pelos que passou como personalidade em sua última vida; deixando na memória da alma somente a reminiscência do que foi feliz. Plotino, que afirmou ser nosso corpo o verdadeiro rio Leteu, porque “as almas que nele submergem tudo esquecem”, queria dizer alguma coisa além do que disse. Porque assim como nosso corpo terrestre se asse-

melha ao rio Leteu, o mesmo sucede com nosso corpo celeste em Devakhan, e muito mais.

P: Deve-se então acreditar que o assassino, o transgressor da lei divina e humana, não recebe nenhum castigo?

T: Quem disse isso? Nossa filosofia tem uma doutrina de castigo tão severa como a do calvinista mais rigoroso, porém, muito mais filosófica e de acordo com a justiça absoluta. Nenhum ato, nem mesmo um pensamento culpável, deixará de receber o seu castigo; mais severamente este último que o primeiro, porque é muito mais potente e eficaz na criação de maus resultados, que o próprio ato⁹. Acreditamos em uma Lei de retribuição infalível, chamada *Karma*, que se afirma a si mesma em um encadeamento natural de causas, de resultados ou conseqüências inevitáveis.

P: Como e onde funciona essa lei?

T: Cada trabalhador requer seu salário, diz a sabedoria do Evangelho; cada ação boa ou má é um pai prolífero, diz a Sabedoria das Idades. Some as duas sentenças e encontre o “porquê”. Depois de haver concedido uma compensação suficiente e até multiplicada à alma libertada dos sofrimentos da vida pessoal, Karma, com seu exército de skandhas, espera na entrada de Devakhan a volta do Ego para assumir uma nova encarnação. É neste momento que o futuro destino do já descansado Ego oscila nas balanças da justa retribuição, ao cair novamente sob a ação da ativa lei kármica. Neste renascimento preparado para ele — renascimento eleito e disposto por esta misteriosa Lei, inexorável mas infalível em sua equidade e sabedoria — é onde são castigados os pecados cometidos na vida anterior do Ego. Apenas não é em um inferno imaginário, com chamas teatrais e ridículos diabos com rabos e chifres, onde é precipitado o Ego, mas sim nesta terra, plano e região de seus pecados, e onde terá que expiar cada mau pensamento e cada má ação. O que semeou colherá. Ao seu redor a reencarnação reunirá a todos aqueles outros Egos que sofreram — direta ou indiretamente — por culpa da personalidade passada,

⁹ “Eu porém, vos digo, que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já cometeu adultério com ela em seu coração” (Mateus, V, 28).

mesmo que esta não tenha sido mais que um instrumento inconsciente. Serão lançados por Nêmesis no caminho do *novo* homem, que oculta o *antigo*, o eterno Ego, e...

P: Mas aonde está a equidade se estas novas “personalidades” ignoram ter pecado ou que tenham pecado contra elas?

T: Deve-se considerar que tenha sido tratado com justiça um casaco que fosse feito em farrapos, quando arrancado das costas do homem que o roubou, por aquele que foi roubado e reconheceu sua propriedade? A nova “personalidade” é como uma roupa nova, com sua forma, cor e qualidades especiais que a caracterizam; mas o homem verdadeiro que a leva é o mesmo pecador de antes. A *individualidade* é quem sofre por meio de sua “personalidade”. Somente isto, e nada além disto, nos pode dar razão da terrível, embora *aparente* injustiça, na distribuição dos quinhões que tocam ao homem na vida. Nenhum filósofo moderno nos deu uma boa razão por que tantos homens inocentes e aparentemente bons nascem unicamente para sofrer durante toda sua vida; por que tantos nascem pobres a ponto de morrer de fome nas ruas das grandes cidades, abandonados pela sorte e pelos homens; por que uns nascem em casebres enquanto outros vêm à luz dos palácios; por que acontece tão freqüentemente estar a nobreza e a fortuna nas mãos dos homens piores, e raras vezes dos bons; por que existem mendigos, cujo “eu interno” é igual ao dos homens superiores e nobres; só quando tudo isto for satisfatoriamente explicado, quer por seus filósofos quer por seus teólogos, só então terão direito de repelir a teoria da reencarnação. Os maiores poetas entreviram essa verdade das verdades. Shelley acreditou nela, e deve ter sido pensando nela que Shakespeare escreveu sobre a insignificância do nascimento:

“Por que há de reter meu nascimento a meu espírito ascendente?
Não estão todas as criaturas sujeitas ao tempo?
Legiões de mendigos existem na terra,
Cujas origens provêm dos reis.
E monarcas há hoje, cujos pais eram
Os miseráveis de sua época...”

Mude a palavra “pais” pela de “Egos”, e terá a verdade.

KAMA-LOKA E DEVAKHAN

DO DESTINO DOS "PRINCÍPIOS" INFERIORES

P: Você falou muito de Kama-Loka. O que é?

T: Quando o homem morre, seus três princípios inferiores o abandonam para sempre; isto é: o corpo, a vida e o veículo dela, o corpo astral ou duplo do homem. Então, seus outros quatro princípios: o princípio central ou médio (a alma animal ou *Kama-rupa*) com o que assimilou de manas inferior, e a Tríade superior, se encontram em *Kama-Loka*. Esta é uma localidade astral, ou *limbus* da teologia escolástica, o *Hades* dos antigos, enfim, uma *localidade* somente em um sentido relativo. Não tem área definida, nem tampouco limites, mas existe dentro do espaço subjetivo, isto é, fora do alcance de nossas percepções sensoriais. Sem dúvida existe, e é ali onde os *eidolons* astrais de todos os seres que já viveram, inclusive os animais, esperam sua segunda morte. Esta última vem, para os animais, com a desintegração e a completa desapareição de suas partículas astrais. Para o *eidolon* humano, começa quando a Tríade Atma-Buddhi-Manásica "separa-se" de seus princípios inferiores, ou seja, do reflexo da personalidade que foi, ao entrar num estado devakhânico.

P: E o que sucede depois?

T: Então o fantasma *kama-rúpico* privado de seu princípio pensante (o *manas superior*), e do aspecto inferior deste, e a inteligência animal já não recebendo luz alguma da mente superior e sem cérebro físico para poder se manifestar, desaparece.

P: De que modo?

T: Cai em um estado semelhante ao de uma rã quando o vivisseccionista a priva de certas partes de seu cérebro. Já não pode pensar, nem mesmo em um plano animal inferior. Não é sequer o *manas inferior*, pois este não é nada sem o superior.

P: É esta não-entidade a que se vê materializar nos médiuns, nas sessões espíritas?

T: É uma verdadeira não-entidade, com relação às faculdades que raciocinam e meditam; no entanto, é uma entidade, embora astral e fluídica, como ficou demonstrado em alguns casos em que, atraída magnética e inconscientemente por um médium, reviveu por algum tempo e nele viveu por procuração. Este “fantasma” ou *Kama-rupa* pode ser comparado com a água-viva, que tem uma aparência gelatinosa etérea enquanto está em seu próprio elemento, a água (a aura específica do médium); mas que se dissolve na mão ou na areia, ou ao sol, assim que sai de seu elemento. O *Kama-rupa* vive na aura do médium uma espécie de vida fictícia; e raciocina e fala, pelo cérebro do médium, ou o de outras pessoas presentes. Mas isto nos levaria muito longe entrando em terreno alheio, que não desejo violar. Fiquemos no nosso assunto, a reencarnação.

P: Quanto tempo permanece em estado devakhânico o Ego que se encarna?

T: Segundo nos ensinam, isto depende do grau de espiritualidade e do mérito ou demérito da última encarnação. Como já disse, o tempo médio é de dez a quinze séculos.

P: E por que não poderia este Ego se manifestar e comunicar-se com os mortais, como acreditam os espíritas? Existe alguma razão que se oponha a que a mãe se comunique com os filhos que deixou na terra, um marido com sua mulher etc? Confesso que acho uma crença muito consoladora e não estranho que os que a professam resistam tenazmente a abandoná-la.

T: E ninguém os obriga a isto, a não ser que prefiram a

verdade à ficção, por “consoladora” que seja. Nossas doutrinas podem desgostar aos espíritas, mas, sem dúvida, nada do que cremos e ensinamos é tão cruel e egoísta como o que eles pregam.

P: Não entendo. O que chama de egoísta?

T: A doutrina do regresso dos espíritos, as verdadeiras “personalidades”, conforme afirmam; e direi por quê. Se *Devakhan* — chame “paraíso” se quiser, “lugar de bem-aventurança e felicidade supremas” — é tal lugar de felicidade (melhor dizendo *estado*), nos diz a lógica que nele não existe o menor sofrimento nem a sombra de penas. Lemos no livro das promessas que “Deus enxugará todas as lágrimas dos olhos daqueles que estão no paraíso”. E se os “espíritos dos mortos” podem voltar e contemplar tudo o que está se passando sobre a terra, e especialmente em suas casas, que espécie de bem-aventurança é a que os espera?

Por que os Teósofos não acreditam na volta dos espíritos puros

P: Em que isto se opõe à sua felicidade?

T: É muito simples e darei um exemplo. Morre uma mulher, deixando órfãs e abandonadas criaturas que adora, e talvez também um marido querido. Dizemos que seu “Espírito” ou Ego — essa individualidade penetrada completamente durante todo o período devakhânico pelos mais nobres sentimentos que sua última personalidade teve — isto é, amor pelos filhos, compaixão pelos que sofrem etc.; dizemos que então está inteiramente separada deste “vale de lágrimas”; que sua felicidade futura consiste na bendita ignorância de todas as misérias que deixou atrás de si. Os espíritas, pelo contrário, sustentam que eles se dão conta delas *mais que antes*, porque os “espíritos vêem melhor do que os mortais”. Nós defendemos que a felicidade em estado devakhânico consiste na completa convicção de não haver abandonado nunca a terra, e de que a morte não existe; que a consciência *post-mortem* espiritual da mãe a fará sentir e ver que vive rodeada de seus filhos e de todos aqueles a quem amou; e não faltará nada que pudesse turbar em seu estado

desencarnado a felicidade mais perfeita e absoluta. Os espíritas negam este ponto violentamente. Segundo sua doutrina, o desgraçado ser humano não se livra das penas desta vida nem mesmo com a morte. Nenhuma gota do cálice da amargura e tormentos da vida escapará de seus lábios; *nolens volens*, uma vez que agora vê tudo e há de apurá-lo até o fim. Desse modo a esposa que durante sua vida esteve disposta a evitar qualquer sofrimento para seu marido, encontra-se condenada a ver seu desespero sem poder de nenhum modo remediá-lo, e a perceber cada lágrima que derrama por sua perda. Pior ainda: pode observar que as lágrimas secam demasiado rápido, e pode ver outra mulher junto ao pai dos seus filhos, substituindo-a em seu carinho; condenada a ouvir seus filhos órfãos, chamar de mãe a uma mulher que não sente por eles mais que indiferença, e contemplar, talvez, até desatenção para com eles, ou mesmo maltratos. De acordo com esta doutrina “a tranqüila e doce ascensão à vida imortal” converte-se, sem nenhuma transição, em um novo caminho de sofrimentos mentais! As colunas do *Banner of Light* — antigo órgão dos espíritas norte-americanos — estão cheias de comunicações e avisos, procedentes dos mortos, os “queridos ausentes”, que escrevem para avisar quão felizes todos eles são! Esse conhecimento é compatível com o que sucede na terra, com a felicidade? A felicidade, neste caso, é igual ao castigo mais terrível; em comparação, a condenação ortodoxa seria um consolo.

P: E como sua teoria resolve este ponto? Como podem conciliar a teoria da onisciência da alma, com sua ignorância sobre o que se passa na terra?

T: Porque esta é a lei do amor e da compaixão. Durante cada período devakhânico, o Ego onisciente se reveste do reflexo da “personalidade” passada. Acabo de dizer que a florescência *ideal* de todo o abstrato, e, portanto, de todas as qualidades e atributos imperecíveis e eternos, como o amor e a misericórdia, o amor ao bem, à verdade e ao belo, que se aninharam no coração da “personalidade” viva, aderem-se ao Ego depois da morte, e, por conseguinte, seguem-no a Devakhan. Durante esse tempo o Ego converte-se no reflexo ideal do ser humano que ultimamente existiu na terra; e *este* não é onisciente. Se o fosse, não estaria no estado que chamamos Devakhan.

P: Quais as razões que explicam isto?

T: Se quer uma resposta baseada estritamente em nossa filosofia, direi que isto é assim porque, fora da verdade eterna, que não tem nem forma, nem cor, nem limites, tudo é *ilusão* (*maya*). Aquele que se colocou fora do véu de maya (como sucede com os adeptos e iniciados mais elevados), não pode ter Devakhan. Enquanto que para o comum dos mortais, sua bem-aventurança é completa em Devakhan. É o esquecimento absoluto de tudo quanto lhes causou dor ou mágoa em sua última encarnação; é até mesmo o esquecimento do fato de que existam semelhantes sofrimentos. A entidade devakhânica vive durante seu ciclo intermediário entre duas encarnações, rodeada por tudo aquilo a que aspirou e desejou em vão, em companhia de todos os que amou na terra. Alcança a realização de todas as aspirações de sua alma, e vive assim durante séculos de uma existência de felicidade sem sombras, que é o prêmio de seus sofrimentos na vida terrestre. Banha-se em um mar de contínua felicidade, somente intercalada por sucessos de um grau de felicidade ainda maior.

P: Isto é ainda mais do que uma ilusão: é uma existência de insanas alucinações!

T: Sob seu ponto de vista, pode ser que seja assim, mas não o é, dentro da filosofia. Ao lado disto: não é toda nossa vida terrestre cheia de tais ilusões? Você nunca encontrou homens e mulheres que vivem durante anos em um paraíso fantástico? Se verificasse que o marido de uma mulher — que é por ela amado, e igualmente se crê amada —, no entanto, a trai, você teria coragem de despedaçar seu coração e derrubar suas douradas ilusões, revelando-lhe a verdade? Não acredito. Repito que esse esquecimento e alucinação de Devakhan — se você aceita esse nome — não são mais do que estrita justiça e uma lei misericordiosa da natureza. De qualquer forma, é uma perspectiva muito mais atraente do que a ortodoxa, com sua harpa dourada e seu par de asas. Acreditar que “a alma vivente ascende com frequência à celestial Jerusalém, percorrendo familiarmente suas ruas, visitando os patriarcas e profetas, saudando os apóstolos e admirando o exército de mártires”, poderá parecer a alguns mais piedoso. Sem dúvida é uma alucinação de caráter

muito mais ilusório, porque todos sabemos que as mães querem a seus filhos com amor imortal, enquanto que os personagens mencionados na “celestial Jerusalém” são de natureza mais duvidosa. Mas, sem dúvida, eu aceitaria melhor o da “nova Jerusalém”, com suas ruas empedradas no estilo de vitrina de joalheiro, que o consolo da doutrina desapiedada dos espíritos. Sua idéia de que as almas intelectuais conscientes de nosso próprio pai, mãe, filha ou irmão, encontram a felicidade em uma “terra de verão” (*summer land*), que descrevem (algo mais natural, mas exatamente tão ridícula quanto a “nova Jerusalém”), bastaria para fazer perder todo o respeito pelos seus “ausentes.” Crer que um espírito puro pode ser feliz enquanto se vê condenado a presenciá-los os pecados, os erros, a traição, e, sobretudo, os sofrimentos daqueles de quem está separado pela morte, e, por mais bem que os queira, sem poder prestar-lhes auxílio, seria um pensamento capaz de enlouquecer qualquer um.

P: Seu argumento encerra algo de verdade. Confesso que nunca o havia encarado sob este ponto de vista.

T: Assim é, e é preciso ser profundamente egoísta e privado em absoluto do sentido da justiça retributiva, para se imaginar coisa semelhante. Em Devakhan estamos com aqueles que perdemos quando nos achávamos em forma material, e muito, muito mais perto então, que quando estávamos vivos. E isto não é apenas uma ilusão da entidade devakhânica, como possa parecer a alguns, mas sim uma realidade. Porque o puro amor divino não é apenas a flor de um coração humano, mas tem suas raízes na eternidade. O santo amor espiritual é eterno, e cedo ou tarde Karma faz com que os que se amaram com esse afeto espiritual, encarnem mais uma vez no mesmo grupo, ou família. Repetimos que o amor de após a morte — por mais que o considerem ilusório — tem um poder mágico e divino, que reage sobre os vivos. O amor que o Ego de uma mãe sente pelos filhos imaginários que vê perto de si (ao viver uma felicidade que é tão real para ela como quando se encontrava na terra), seus filhos sempre sentirão este amor durante a vida. Vai manifestar-se em sonhos, freqüentemente em diversos acontecimentos, como em proteções providenciais; porque o amor é um escudo poderoso, e não é limitado pelo espaço nem pelo tempo. O que acabamos de dizer com relação a essa “mãe”

devakhânica, pode ser aplicado às demais relações e afetos, exceto aos puramente egoístas ou materiais. A analogia sugerirá o resto.

P: Então, em nenhum caso admitem a possibilidade de comunicação dos vivos com o espírito desencarnado?

T: Sim, existem duas exceções à regra. A primeira, é durante os dias imediatamente após a morte de uma pessoa, antes de que o Ego entre em estado devakhânico. Quanto ao fato de que nenhum mortal obteve muito benefício do regresso do espírito ao plano objetivo, essa é uma outra questão. Talvez assim haja ocorrido em alguns raros casos excepcionais, quando a intensidade do desejo do moribundo por algum objeto determinado haja forçado à consciência superior a permanecer desperta, e, nesse caso, foi a individualidade, o “espírito”, que se comunicou. Depois da morte o espírito está ofuscado, deslumbrado, e rapidamente cai no que chamamos a “inconsciência pré-devakhânica”. A segunda exceção corresponde aos Nirmanakayas.

P: Quem são estes? Que significado tem esse nome para vocês?

T: É o nome dado àqueles que, embora tenham ganho o direito ao Nirvana e ao repouso cíclico¹, renunciaram, por compaixão à humanidade e aos que deixaram na terra, ao estado nirvânico. Semelhantes adeptos, santos, ou como quiserem chamar, considerando como um ato de egoísmo o repouso na bem-aventurança, enquanto a humanidade geme sob o peso dos sofrimentos e da miséria produzidos pela ignorância, renunciaram ao Nirvana e resolvem permanecer invisíveis em espírito, nesta terra. Os Nirmanakayas abandonaram o corpo material, mas, de resto, continuam na posse de todos seus princípios, até na vida astral de nossa esfera. Eles podem se comunicar — e realmente o fazem — com alguns eleitos, embora seguramente não com os médiuns comuns.

P: Fiz a pergunta sobre os Nirmanakayas, porque li em algumas obras alemãs e outras que este era o nome dado nas

¹ Não ao Devakhan, pois este é uma ilusão de nossa consciência, um sonho feliz; e os que são dignos do Nirvana necessariamente perderam todo desejo, ou possibilidade de desejo, das alusões do mundo.

doutrinas budistas do norte, às aparências terrestres ou corpos de que se revestem os Buddhas.

T: É verdade, só que os orientistas confundiram esse corpo “terrestre”, concebendo-o como objetivo e físico, ao invés de puramente astral e subjetivo.

P: E qual o bem que os Nirmanakayas podem fazer na terra?

T: Não muito, com relação aos indivíduos, uma vez que não têm o direito de intervir no Karma, e só podem aconselhar e inspirar os mortais para o bem geral. Mas sem dúvida fazem maior número de ações benéficas do que você possa imaginar.

P: A ciência, nem sequer a psicologia moderna, jamais aceitariam isto. Para elas, nenhuma porção de nossa inteligência pode sobreviver ao cérebro físico. Que explicação vocês oferecem?

T: Não deveria sequer me dar ao trabalho de responder, mas direi, simplesmente, com as palavras atribuídas a M. A. Oxon: “A inteligência se perpetua depois que o corpo morre. Porque não é somente uma questão de cérebro... Pelo que já sabemos, pode-se sustentar com a razão a indestrutibilidade do espírito humano”².

P: Mas M. A. Oxon é espírita.

T: Precisamente, e o único verdadeiro espírita que conheço, embora discorde dele em várias questões de menor importância. Ao lado disto, nenhum espírita se aproxima mais que ele das verdades ocultas. Constantemente fala como o faria qualquer um de nós, “dos perigos exteriores que ameaçam o profanador do oculto, ignorante e pouco preparado, que penetra em seu domínio sem calcular o risco”³. Nossa desavença é unicamente na questão da “identidade do espírito”. Excetuando-se esse ponto, estou quase completamente de acordo com ele, e aceito as três proposições contidas em seu discurso de julho de 1884. Melhor dizer que este eminente espírita está em desacordo conosco, do que nós com ele.

P: Quais são essas proposições?

² Pág. 69 de **Spirit Identity**.

³ “Coisas que sei do Espiritismo, e outras que não sei.”

T: 1.^a — Que existe uma vida que coincide com a vida física do corpo e que é independente desta.

2.^a — Que como corolário preciso, essa vida se estende além dos limites da vida do corpo. (Nós dizemos que se estende através de Devakhan.)

3.^a — Que existe comunicação entre os que vivem naquele estado de existência, e os habitantes do mundo em que vivemos agora.

Como você percebe, tudo depende dos aspectos secundários destas proposições fundamentais. Baseia-se tão só no modo de considerar o espírito e a alma, ou a individualidade e a personalidade. Os espíritas confundem ambas em “uma só”; nós as separamos, e dizemos que — à parte das exceções já enumeradas — nenhum espírito voltará a visitar a terra, embora a alma animal possa fazê-lo. Mas vamos voltar ao nosso assunto principal, ou seja, os skandhas.

P: Começo a entender melhor. É a essência dos skandhas mais elevados, a que, aderindo ao Ego que se encarna, sobrevive e é agregada à massa de suas experiências; enquanto que os atributos relacionados com os skandhas materiais, com objetivos ou motivos egoístas e pessoais, são os que desaparecem do campo de ação entre duas encarnações, para reaparecer na encarnação subsequente, como resultados kármicos que deverão ser remidos; e, em consequência, o espírito não abandonará o Devakhan. Não é isto?

T: Quase inteiramente. Se a isto acrescentar que a lei de retribuição ou Karma, que recompensa em Devakhan aos seres mais elevados e espirituais, jamais deixa de premiá-los novamente na terra, dotando-os de um desenvolvimento mais completo, e proporcionando ao Ego um corpo em harmonia com ele, então você terá a verdade exata.



Algumas palavras sobre os skandhas

P: O que sucede com os skandhas inferiores da personalidade depois da morte do corpo? São aniquilados completamente?

T: São e não são; outro mistério metafísico e oculto para

vocês. São destruídos como material ao serviço da personalidade; permanecem como *efeitos kármicos*, como germes fluando na atmosfera do plano terrestre, prontos a voltar à vida, qual inimigos vingativos e rancorosos, aderindo-se à nova personalidade do Ego quando se reencarna.

P: Isto excede à minha inteligência e é muito difícil de entender.

T: Não o será se você assimilar todas as minúcias. Então há de ver que quanto à lógica, consistência, filosofia profunda, compaixão e equidade divinas esta doutrina da reencarnação não tem paralelo na terra. É a crença em um perpétuo progresso para cada Ego que se encarna; é uma evolução do externo ao interno, do material ao espiritual, alcançando ao fim de cada etapa, a unidade absoluta com o Princípio divino. De uma força a outra força; da beleza e perfeição de um plano à beleza e perfeição superiores de outro plano, com acessos a nova glória, novo conhecimento e poder em cada ciclo, tal é o destino de todo Ego, que deste modo se converte em seu próprio Salvador em cada mundo e encarnação.

P: Mas o Cristianismo ensina o mesmo; também prega o progresso.

T: Sim, mas acrescentando algo. Fala-nos da impossibilidade de alcançar a salvação sem ajuda de um salvador milagroso; e, além disso, condena à perdição a todos aqueles que não aceitam o dogma. Precisamente esta é a diferença que existe entre a Teologia cristã e a Teosofia. A primeira impõe a crença da descida do Ego espiritual ao eu inferior; a segunda recomenda a necessidade de se esforçar na própria elevação até o Christos, ou estado de Buddhi.

P: Não acredita que ensinar o aniquilamento da consciência, em caso de um fracasso, equivale ao aniquilamento do Eu na opinião dos que não são metafísicos?

T: Do ponto de vista daqueles que crêem literalmente na ressurreição do corpo, e insistem em que cada osso, cada artéria e átomo da carne surgirão corporalmente no Dia do Juízo, é indubitável. Se você insiste em que a forma perecível e as qualidades finitas são as que constituem o homem imortal, nesse caso, dificilmente nos entenderemos. E se não compreender que

limitando a existência de cada Ego há somente uma vida na terra, converte a Deidade em um Indra eternamente cego, considerado de acordo com a letra morta Purânica; em um Moloch cruel, em um Deus que produz uma inexplicável confusão na terra, e que quer, além do mais, que por isso lhe demos graças; então, quanto antes cortarmos esta conversa, melhor.

P: Já que fugimos do assunto relativo aos skandhas, voltemos à questão da consciência que sobrevive à morte. Este é um ponto que interessa à maioria das pessoas. Em Devakhan possuímos um conhecimento maior do que na vida terrestre?

T: Num certo sentido podemos adquirir maiores conhecimentos, isto é, podemos desenvolver em mais alto grau qualquer das faculdades que prezamos e que nos esforçamos em fazer nossas durante a vida, contanto que estejam relacionadas com coisas abstratas e ideais, como são a música, a pintura, a poesia etc.; pois Devakhan é apenas uma continuação idealizada e subjetiva da vida terrestre.

P: Mas se em Devakhan o espírito se vê livre da matéria, por que não possui a completa sabedoria?

T: Porque o Ego está, por assim dizer, unido à recordação de sua última encarnação. Assim é que, se refletir sobre o que já disse e enlaçar todos os fatos, há de ver que o estado devakhânico não é um estado de onisciência, mas sim uma continuação transcendente da vida pessoal que acaba de findar. É o descanso da alma depois do sofrimento da vida.

P: Os cientistas materialistas asseguram que com a morte do homem tudo finda; que o corpo humano simplesmente se desintegra nos próprios elementos que o compõem, e que o que chamamos alma é unicamente uma consciência passageira, filha e produto indireto da ação orgânica, que se dissipará como o vapor. Não é estranho este modo de pensar?

T: Não creio nisso. Dizendo que a própria consciência morre com o corpo, apenas emitem uma profecia inconsciente; porque, a partir do momento em que estejam firmemente convencidos de sua afirmativa, não haverá sobrevivência possível para eles. Não há regra sem exceção.

✱ Da consciência após a morte e após o nascimento⁴

P: Se pela regra geral a própria consciência sobrevive à morte, por que há de haver exceções?

T: Nos princípios fundamentais do mundo espiritual não é possível nenhuma exceção. Mas existem leis para os que vêm, e leis para aqueles que preferem permanecer cegos.

P: Isto eu compreendo perfeitamente. Neste caso apenas se trata da aberração do homem cego que nega a existência do sol porque não o vê. Mas, depois da morte, seguramente seus olhos espirituais o obrigarão a ver. Não é isto o que está querendo dizer?

*T: Nem o obrigará, nem verá nada. Tendo negado com persistência durante a vida, a continuação da existência depois da morte, não poderá vê-la; porque se suas faculdades espirituais foram reprimidas durante a vida, não podem desenvolver-se depois da morte, e continuará cego. Quando você insiste em que deve ver, evidentemente está se referindo a uma coisa e eu a outra. Fala do espírito do Espírito, da chama da Chama (em uma palavra, de Atma), e o confunde com a alma humana, manas... Vejo que não me compreende; e tentarei me explicar com toda a clareza possível. O ponto capital de sua pergunta é saber se, em se tratando de um materialista completo, é possível a perda da própria consciência e da própria percepção depois da morte. Não é isto? E eu respondo: é possível. Porque acreditando firmemente em nossa doutrina esotérica que fala do período *post-mortem*, ou intervalo entre duas vidas ou nascimentos, como de um estado simplesmente transitório, digo: quer seja que o intervalo entre dois atos do drama ilusório da vida dure um ano ou um milhão deles, pode esse estado *post-mortem* — sem quebrar em nada a lei fundamental — ser precisamente o mesmo que o de um homem em estado de síncope profunda.*

P: Mas, se acabou de dizer que as leis fundamentais do estado post-mortem não admitem exceções, como pode ser isto?

⁴ Algumas partes deste capítulo e do anterior foram publicadas na revista *Lúcifer*, sob a forma de um "Diálogo sobre os Mistérios da Vida Futura", no número de janeiro de 1889. O artigo não estava assinado, como se fosse escrito pelo editor, mas era da autora do presente volume.

*T: Não digo que admita alguma exceção; mas, a lei espiritual de continuidade só se aplica às coisas verdadeiramente reais. Para aquele que leu e compreendeu o *Mundakya Upanishad* e o *Vedanta-Sara*, tudo isso parece muito claro. Direi mais: basta compreender o significado de *Buddhi* e o dualismo de *manas*, para entender claramente por que pode o materialista perder a própria consciência depois da morte. Como *manas* em seu aspecto inferior é o centro da inteligência terrestre, só pode dar aquela percepção do universo que está baseada na evidência dessa inteligência; não pode dar-nos a visão espiritual. A Escola Oriental diz que entre *Buddhi* e *manas* (o *Ego*), ou *Iswara* e *Pragna*⁵, na realidade não há mais diferença do que a que existe entre um bosque e suas árvores, um lago e suas águas, conforme ensina o *Mundakya*. Uma centena ou várias centenas de árvores mortas por falta de vitalidade ou arrancadas da raiz, sem dúvida não impedem que o bosque continue sendo um bosque.*

*P: Se entendi bem, nesta comparação *Buddhi* representa o bosque e *Manas-Taijasa*⁶ as árvores. E se *Buddhi* é imortal, como pode aquilo que é semelhante ao mesmo *Buddhi*, isto é, *Manas-Taijasa*, perder completamente sua consciência até o dia da nova encarnação? Não posso compreender.*

*T: Não pode, porque mistura uma representação abstrata de tudo, com suas mudanças acidentais de forma. Tenha presente de que se pode dizer de *Buddhi-Manas* que é incondicionalmente imortal, não se pode dizer de *manas* inferior, e muito menos de *Taijasa*, que é meramente um atributo. Nenhum dos dois, *manas* nem *Taijasa*, pode existir separado de *Buddhi*, a alma divina; porque *manas* em seu aspecto inferior é um atributo qualificativo da personalidade terrestre, e *Taijasa* é o mesmo *manas*, apenas com a luz de *Buddhi* refletida nele. Ao mesmo*

⁵ *Iswara* é a consciência coletiva da Deidade manifestada, *Brahma*, isto é, a consciência coletiva da Hoste dos *Dhyana-Chohans* (veja *Doutrina Secreta*); e *Pragna* é a sabedoria individual destes.

⁶ *Taijasa* significa o radiante, em virtude de sua união com *Buddhi*; isto é, *manas*, a alma humana, iluminada pela radiação da Alma divina. Por conseguinte, *Manas-Taijasa* pode ser descrita como a mente radiante; a razão humana iluminada pela luz do espírito; e *Buddhi-Manas* é a revelação do intelecto divino mais o intelecto e a própria consciência humana.

tempo, Buddhi, sozinho, seria um espírito impessoal, sem este elemento emprestado pela alma humana que o condiciona e faz dele, neste universo ilusório, como se fosse uma coisa separada da alma universal, durante todo o período do ciclo de encarnação. Dizendo melhor, Buddhi-manas não pode nem morrer nem perder sua própria consciência una na eternidade, nem a recordação de suas encarnações anteriores, nas quais a alma espiritual e a alma humana estiveram intimamente ligadas. Mas, isto não sucede quando se trata de um materialista, cuja alma humana não só não recebe nada da alma divina, como se nega a reconhecer a existência desta. Dificilmente você poderá aplicar este axioma da imortalidade aos atributos e qualidades da alma humana; pois seria o mesmo que dizer que sendo sua alma divina imortal, é também imortal a frescura de sua face, quando esta frescura, como Taijasa, é simplesmente um fenômeno transitório.

P: Não devemos confundir em nossa mente o número com o fenômeno, a causa com seu efeito?

T: Sim; e repito que o esplendor de Taijasa, limitado a manas ou à alma humana só, reduz-se a uma mera questão de tempo, porque depois da morte, a imortalidade, e a consciência convertem-se para a personalidade terrestre do homem, simplesmente em atributos condicionados, já que dependem completamente das condições e crenças criadas pela alma humana durante a vida de seu corpo. Karma trabalha incessantemente; depois de nossa vida, recolhemos somente o fruto daquilo que nós mesmos semeamos nela.

P: Se depois da destruição de meu corpo meu Ego some em um estado de inconsciência completa, onde terá lugar o castigo pelos pecados cometidos durante minha vida passada?

T: Nossa filosofia ensina que somente em sua próxima encarnação o Ego encontra o castigo kármico. Depois da morte, apenas recebe o prêmio dos sofrimentos imerecidos que experimentou durante sua encarnação passada⁷. Todo o castigo

⁷ Alguns teósofos discordaram desta frase, mas as palavras são do Mestre, e seu sentido unido à palavra “imerecidos”, é o que foi dado antes. No folheto número 6, da T.P.S. (Sociedade Teosófica de Publicações), empregava-se uma frase com a mesma idéia, de que depois se fez uma crítica em *Lúcifer*. A palavra era “desgraçada” e se prestava

depois da morte — até para um materialista — consiste, portanto, em não receber recompensa alguma e na perda total da consciência da própria felicidade e descanso. Karma é filho do Ego terrestre, o fruto das ações da árvore que constitui a personalidade objetiva visível para todos, assim como o fruto de todos os pensamentos e até dos motivos do “Eu” espiritual, mas Karma é também a mãe carinhosa e eterna que cura as feridas infligidas por ela durante a vida anterior, sem torturar aquele Ego, causando-lhe novos sofrimentos. Se se pode dizer que não existe nenhum sofrimento — mental ou físico — na vida de um mortal, que não seja fruto e consequência direta de algum pecado cometido em uma existência prévia; por outro lado, o homem não conservando a menor recordação disto em sua vida atual, considera que não merece tal castigo e que está sofrendo por um crime que não é seu. Basta isso para que a alma humana tenha direito ao consolo, descanso e bem-aventurança mais completos, em sua existência *post-mortem*. Para nossos Egos espirituais a morte sempre se apresenta como salvadora e amiga. Para o materialista, que não foi mau apesar de seu materialismo, será o intervalo entre as duas vidas semelhante ao sono tranqüilo e não interrompido de uma criança, ou seja, inteiramente livre de sonhos ou cheio de imagens de que não tem percepção definida; enquanto que para o mortal comum, será um sonho tão vivo e animado como a própria vida, cheio de felicidade e visões reais.

P: Então o homem pessoal continuará sempre sofrendo cegamente as penalidades em que o Ego incidiu?

T: Não de todo. No momento solene da morte, todo homem — mesmo quando a morte for repentina — vê sua vida passada traçada inteira ante seus olhos, em seus menores detalhes. Durante um rápido instante, o Ego pessoal funde-se com o Ego individual onisciente, formando uma unidade. E basta este instante para revelar toda a cadeia de causas postas em ação durante sua vida. Contempla-se e compreende então a si mesmo, tal qual é, desprovido de toda adulação e ilusões pró-

à crítica que se fez dela; mas a idéia essencial era que os homens sofrem freqüentemente por efeito de ações consumadas por outros; efeito que não faz parte essencialmente de seu próprio Karma, e, como é natural, merecem a compensação desses sofrimentos.

prias. Lê em sua vida, como o espectador que dirige seu olhar para o mundo que está abandonando; e então sente a justiça de todos os sofrimentos que experimentou.

P: Sucede isto a todo mundo?

T: Sem nenhuma exceção. Ensinam-nos que homens muitos santos e bons não apenas vêem a vida que estão deixando, como até várias vidas anteriores, nas quais se produziram as causas responsáveis por eles na vida que nesse momento abandonam. Reconhecem a Lei de Karma em toda sua majestade e justiça.

P: Existe algo correspondente a isto antes do renascimento?

T: Sim. Assim como o homem na hora da morte tem uma visão retrospectiva profunda da vida que levou, assim também o Ego, no momento de renascer na terra, despertando do estado de Devakhan, tem uma visão previsora da vida que o espera, e considera todas as causas que a ela o levaram. Dá-se conta e vê o futuro porque entre o Devakhan e o renascimento, o Ego recupera toda sua consciência manásica, e, por um momento, volta a ser o Deus que era antes de que, em cumprimento da lei kármica — desceu pela primeira vez na matéria e encarnou-se no homem: O “fio de ouro” contempla todas as suas “pérolas” e não perde nenhuma delas.

O que significa na realidade o aniquilamento

P: Ouvi alguns teósofos falando de um fio dourado no qual estão enfiadas suas vidas. Que querem dizer com isto?

*T: Os livros sagrados hindus dizem que o que está sujeito à encarnação periódica é o *Sutratma*, que significa literalmente “alma fio”. É um sinônimo do Ego que se reencarna (manas unido a Buddhi), que absorve as recordações manásicas de todas as nossas vidas anteriores. Chama-o assim porque do mesmo modo que as pérolas em um fio, assim estão enfiadas as longas séries de vidas humanas naquele fio. Nos *Upanishad*, esses renascimentos repetidos são comparados à vida de um mortal, que oscila periodicamente entre o sono e a vigília.*

P: Isto não me parece muito claro e vou dizer por quê:

para o homem que desperta, começa outro dia — mas esse homem é, em corpo e alma, o mesmo do dia anterior; ao passo que, em cada encarnação, há uma mudança completa, não só do invólucro externo, sexo e personalidade, como nas capacidades mentais e psíquicas. Não me parece muito correta a comparação. O homem que desperta recorda-se claramente do que fez na véspera, na antevéspera e até meses e anos antes. Mas nenhum de nós guarda a menor recordação de uma vida anterior ou de qualquer fato ou acontecimento relacionado com ela... Posso de manhã ter esquecido o que sonhei durante a noite, mas, sem dúvida, sei que dormi e tenho segurança de que vivi enquanto dormia. Mas que recordação posso ter de minha encarnação passada, até o momento da morte? Como conciliar isto?

*T: Algumas pessoas se lembram de suas encarnações passadas, mas estas pessoas são Buddhas e iniciados. Os iogues chamam de *sammasambuddha*, ao conhecimento da série inteira das próprias encarnações passadas.*

*P: Mas como nós, o comum dos mortais, que não alcançamos o *sammasambuddha*, poderemos compreender esse caso?*

T: Estudando e tratando de compreender com mais exatidão o caráter do sono e suas três classes. Tanto para o homem como para o animal, o sono é uma lei geral e imutável; mas existem diferentes classes de sono, sonhos e visões bem diferenciadas.

P: Isto nos distancia de nosso presente objetivo. Voltemos ao materialista que, embora não negue os sonhos — porque dificilmente poderia fazê-lo — sem dúvida repele a imortalidade e a sobrevivência de sua própria individualidade.

*T: E tem razão o materialista, embora não se dê conta disso. Para aquele que não tem a percepção interna, a fé na imortalidade de sua alma jamais poderá se converter em Buddhi-Taijasa. Sempre será simplesmente manas, e para manas somente, não há imortalidade possível. Para poder viver conscientemente no mundo futuro, alguém deve crer primeiramente naquela vida durante sua existência terrestre. Toda a filosofia relativa à consciência e imortalidade *post-mortem* da alma, está baseada nesses aforismos da *Ciência Secreta*. O Ego sempre pagou conforme seus merecimentos. Depois da dissolução do*

corpo, começa para ele um período de completa consciência, um estado de sonhos caóticos, ou um sono inteiramente livre de sonhos, semelhante ao aniquilamento; e estas são as três classes de sono. Se os fisiólogos encontram a causa dos sonhos e das visões na preparação dos mesmos durante a vigília, por que não se pode admitir o mesmo com relação aos sonhos *post-mortem*? Repito: a morte é um sono. Depois da morte começa a se desenrolar frente aos olhos espirituais da alma uma representação correspondente ao programa aprendido, e que, com muita frequência, foi composto por nós mesmos; a realização prática das crenças corretas ou das ilusões que nós criamos. O metodista será metodista; o muçulmano será muçulmano, pelo menos por algum tempo, em um paraíso de insensatos, criado segundo o gosto de cada um. Estes são os frutos *post-mortem* da árvore da vida. Nossa crença ou incredulidade sobre a imortalidade consciente, é naturalmente incapaz de exercer qualquer influência sobre a realidade incondicionada do fato em si, uma vez que existe; mas a crença ou incredibilidade naquela imortalidade como propriedade de entidades independentes ou separadas, não pode deixar de dar cor àquele fato, em sua aplicação a cada uma dessas entidades. Começa agora a entender?

P: Creio que sim. O materialista repelindo tudo aquilo que não pode ser provado por meio de seus cinco sentidos, ou pelos arrazoados científicos, baseado exclusivamente nos dados que esses sentidos podem lhe proporcionar, apesar de sua insuficiência; e não admitindo qualquer manifestação espiritual, aceita a vida como a única existência consciente. Portanto, sua vida futura corresponderá às suas crenças. Perderá seu Ego pessoal e submergirá num sono vazio até um novo despertar, não é isto?

T: Quase. Não esqueça a doutrina verdadeiramente universal das duas classes de existência consciente: a terrestre e a espiritual. Sendo esta última habitada pela Mônada eterna, imutável e imortal, deve considerar-se como real; enquanto que o Ego que encarna, reveste-se de invólucros inteiramente diferentes daqueles que levava em suas anteriores encarnações, e nas quais — com exceção de seu protótipo espiritual — tudo está submetido a uma mudança tão radical, que não deixa nenhum rastro.

P: Como é isto? Meu "Eu" consciente terrestre pode perecer — não só por um tempo determinado, como a consciência

do materialista — mas tão completamente que não deixe nenhum rastro de si?

T: Conforme nos ensina a doutrina, deve perecer por completo, exceto o princípio que, tendo se unido à Mônada, converteu-se em essência espiritual, pura e indestrutível, formando com ela o um na eternidade. Mas em se tratando de um materialista absoluto, em cujo "eu" pessoal jamais se refletiu Buddhi algum, como pode este levar sequer uma partícula daquela personalidade terrestre à eternidade? O "eu" espiritual é imortal; mas só pode conduzir à eternidade aquela parte do eu atual que se fez digna da imortalidade, isto é, só o aroma da flor ceifada pela morte.

P: Mas e a flor, ou o "eu" terrestre?

T: A flor, como todas as flores passadas e futuras que brotaram ou brotarão no ramo-mãe (o Sutratma), todas filhas de um mesmo tronco, ou Buddhi, se converterá em pó. Seu presente "Eu", como você sabe, não é o corpo que neste momento está diante de mim, nem mesmo o que eu chamaria manas-Sutratma, mas sim Sutratma-Buddhi.

P: Mas isto de forma nenhuma explica por que chama de imortal, infinita e real a vida que sucede a morte, e mero fantasma ou ilusão à vida terrestre, uma vez que até essa vida post-mortem é limitada, mesmo sendo seus limites muito mais amplos que os da vida terrestre.

*T: Sem dúvida. O Ego espiritual do homem move-se na eternidade como um pêndulo, entre as horas do nascimento e da morte. Mas se bem que essas horas que marcam os períodos da vida terrestre e da vida espiritual sejam limitadas em sua duração, e mesmo o número daqueles períodos na eternidade, entre o sono e o despertar, a ilusão e a realidade, tem seu princípio e seu fim; por outro lado, o peregrino espiritual é eterno. Assim é que as horas de sua vida *post-mortem*, quando se encontre o desencarnado frente a frente com a verdade e não com as aparências falazes de suas transitórias existências terrestres (durante o período de peregrinação que chamamos "o ciclo de renascimentos"), em nosso conceito, essas horas são a única realidade. Tais intervalos, apesar de sua limitação, não impedem o Ego de continuar se aperfeiçoando sempre, embora*

gradual e lentamente, sem desviar-se do caminho que conduz à sua última transformação, em que o Ego — havendo alcançado seu objetivo — converte-se em um ser divino. Estes intervalos e etapas ajudam a conseguir o resultado final, em vez de retardá-lo, e sem eles o Ego divino jamais conseguiria alcançar sua meta. Já usei um exemplo, ao comparar o Ego a um ator, e suas numerosas e distintas encarnações, aos papéis que representa. Você considera esses papéis, ou os trajes apropriados aos mesmos, como constituindo a individualidade do ator? Da mesma maneira que o ator, o Ego é obrigado a representar, durante o ciclo de necessidade, até chegar ao umbral de *Para-nirvana*, muitos papéis que o desgostam e molestam. Mas assim como a abelha recolhe o mel de cada flor, deixando o resto para alimento dos vermes da terra, da mesma forma procede nossa individualidade espiritual, quer a chamemos Sutratma ou Ego. Recolhendo de cada personalidade terrestre em que Karma lhe obriga a reencarnar-se, somente o néctar das qualidades espirituais e a própria consciência, forma de todas elas um todo, e surge de sua crisálida, como *Dhyān-Chohan* glorificado. Tanto pior para aquelas personalidades terrestres, das quais nada se pôde recolher. Seguramente, semelhantes personalidades não podem sobreviver conscientemente a sua existência terrestre.

P: Pelo que se depreende do que foi dito, é condicional a imortalidade para a personalidade terrestre. A imortalidade não é por si mesma incondicional?

T: De maneira nenhuma. A imortalidade não pode alcançar o não-existente: para tudo o que existe como sat, ou emana de sat, a imortalidade e a eternidade são absolutas. A matéria é o pólo oposto do espírito, e, sem dúvida, ambos não formam mais que um. A essência de tudo isto, quer dizer, o Espírito, a Força e a Matéria, ou seja, os três em um, não tem fim, como tampouco tem princípio; mas a forma adquirida por esta tríplice unidade durante suas encarnações, sua exterioridade, seguramente não é mais que a ilusão de nossas concepções pessoais. Portanto, somente chamamos de realidade, ao Nirvana e à vida universal, relegando a vida terrestre, inclusive sua terrestre personalidade e até sua existência devakhânica, ao fantasmagórico reino da ilusão.

P: Mas neste caso, por que chamar realidade ao sonho e ilusão ao estado de vigília?

T: É simplesmente uma comparação, com o objetivo de facilitar a compreensão do assunto: e sob o ponto de vista dos conceitos terrestres, é muito correta.

P: Não posso compreender ainda: se a vida futura está baseada na justiça e na merecida retribuição por todos os nossos sofrimentos terrestres, como é que quando se trata dos materialistas — entre os quais se contam muitos homens realmente honrados e caritativos — não há de sobrar nada de sua personalidade, exceto o resíduo, o resto da flor murcha?

T: Jamais se disse coisa parecida. Nenhum materialista, por mais incrédulo que seja, pode morrer para sempre, na plenitude de sua individualidade espiritual. O que se disse é que, no caso de um materialista, a consciência pode desaparecer completa ou parcialmente, de forma a que não sobrevivam restos conscientes de sua personalidade.

P: Mas isto é o aniquilamento?

T: De forma nenhuma. Uma pessoa durante uma longa viagem de trem pode dormir profundamente e deixar passar várias estações, sem a mais ligeira recordação ou consciência disso; despertar num determinado ponto e continuar a viagem, passando por inumeráveis estações, até por fim chegar ao término. Falei em três classes de sono: o sono sem sonhos, o caótico e o sono tão real que os sonhos parecem realidades completas ao adormecido. Se acredita no último, por que não pode crer no primeiro? Conforme a crença que o homem teve com relação à sua vida futura, e o que dela esperou, assim será o que o aguarda. Quem não esperou vida futura alguma, encontrará um vazio absoluto, semelhante ao aniquilamento, no intervalo entre dois renascimentos. Precisamente assim é o cumprimento do programa de que falamos — programa traçado pelos próprios materialistas. Mas, como você disse bem, há várias classes de materialistas. Um homem egoísta e perverso que jamais verteu uma lágrima por ninguém — nem por si mesmo — somando à incredulidade uma completa indiferença pelo mundo inteiro, às portas da morte deve perder para sempre sua personalidade. Se essa personalidade carece de laços

de simpatia que a unissem ao mundo que a rodeava, e, portanto, sem nada que dar ao Sutratma, resulta que toda relação entre ambos fica rota com o último suspiro. Como não existe nenhum Devakhan para essa espécie de materialista, o Sutratma se reencarnará quase imediatamente. Mas os materialistas que, com exceção de sua incredulidade em nada mais faltaram — apenas deixaram passar uma estação em seu sono —, verão um tempo em que se reconhecerão a si mesmos na eternidade, e em que talvez até se arrependam de ter perdido um só dia, uma só estação da vida eterna.

P: Não seria talvez mais correto dizer que a morte é o nascimento a uma nova vida, ou um novo regresso à eternidade?

T: Se lhe agrada, pode dizer assim. Somente não esqueça que os nascimentos diferem; e que há nascimentos de seres que morrem ao nascer e são fracassos da natureza. Aliás, dentro das idéias fixas ocidentais sobre a vida material, as palavras “ser” e “vidente” são inteiramente inaplicáveis ao puro estado subjetivo da existência *post-mortem*. Precisamente porque os filósofos — com exceção de alguns poucos não lidos pela maioria das pessoas — vêem-se eles mesmos desconcertados para poder traçar um quadro claro e preciso disto, e precisamente porque as idéias ocidentais sobre a vida e a morte são tão estreitas e mesquinhas, eis porque todos se encontram conduzidos, de um lado ao materialismo grosseiro, e de outro, ao conceito ainda mais material de outra vida, formulado pelos espíritos em seu “país de estio” (*summer land*), onde as almas dos homens comem, bebem, casam-se e vivem num paraíso tão sensual como o de Mahoma, e ainda menos filosófico. Tampouco são melhores as generalidades dos conceitos dos cristãos sem cultura, senão mais materialistas ainda, se isto for possível; pois com seus anjos incompletos, suas trombetas de metal, suas harpas douradas e seu fogo material do inferno, o céu cristão mais se parece a uma cena de magia em uma pantomima de Natal. A causa da dificuldade que vocês encontram em compreender estas idéias, consiste nesses conceitos mesquinhos. Justamente porque a vida da alma desencarnada, embora possuindo toda a lucidez do real, como sucede em certos sonhos, carece de toda forma grosseira objetiva da vida terrestre, é que os filósofos orientais a comparam às visões durante o sonho.

Palavras definidas para coisas determinadas

P: Não acha que a confusão que reina em nossa mente sobre as respectivas funções dos “princípios”, é exatamente por que não existem termos fixos e definidos para indicar cada “princípio”?

T: Esse é também meu pensamento. A confusão nasceu porque expusemos e discutimos esses “princípios” empregando seus nomes sânscritos, ao invés de inventar imediatamente seus equivalentes em inglês, para uso dos teósofos. Tentaremos remediar nossa falta.

P: É bom, para que se evite maior confusão daqui para a frente. Parece que não se encontram dois escritores teosóficos que estejam de acordo em chamar um mesmo “princípio” pelo mesmo nome.

T: Sem dúvida a confusão é mais aparente do que real. Já ouvi alguns teósofos expressarem surpresa ao falar desses “princípios” e criticarem vários escritos que tratam deles; mas quando se examina detidamente, percebe-se que o único erro que se encontra é ao empregar a palavra “alma” para compreender três princípios, sem especificar as diferenças. O primeiro, e sem dúvida o mais claro de nossos escritores teosóficos, o sr. A. P. Sinnett, escreveu admiravelmente algumas passagens sobre o “Eu Supremo”⁸, e também seu verdadeiro pensamento foi mal interpretado por alguns, por empregar a palavra “alma” em sentido geral. Vou transcrever aqui alguns trechos que demonstram quão claro e compreensível é tudo quanto escreveu sobre o assunto:

“A alma humana, uma vez lançada nas correntes da evolução como individualidade humana⁹, atravessa períodos alternados de existência física e de existência relativamente espiritual. Passa de um plano ou condição da natureza a outro, sob a direção de suas afinidades kármicas. Vivendo em suas encarnações a vida que seu Karma de antemão lhe preparou; modificando seu progresso dentro dos limites das circunstâncias, e desenvolvendo novo Karma através do uso ou abuso de suas oportunidades, volta à existência espiritual (Devakhan), depois de cada

⁸ Transcrições da **London Lodge** da Sociedade Teosófica, número 7, outubro 1885.

⁹ O “Ego que se reencarna”, ou alma humana, como ele o chamava (o **Corpo Causal** para os vedantinos).

vida física, passando pela região intermediária de Kama-Loka, para o descanso e absorção gradual em sua essência, como progresso cósmico da experiência da vida adquirida “sobre a terra” ou durante a existência física. Este ponto de vista, aliás, sugeriu muitas inferências colaterais a quem quer que haja pensado neste assunto; como por exemplo, que a transferência deste progresso da consciência, de Kama-Loka ao período devakhânico, terá de ser necessariamente gradual (10); que na realidade, nenhuma linha de demarcação separa a variedade das condições espirituais; que até os planos espirituais físicos não estão tão absolutamente separados um do outro como pretendem as teorias materialistas, como o demonstram as faculdades psíquicas dos seres vivos; que todos os estados da natureza nos rodeiam simultaneamente e apelam a faculdades perceptivas distintas, e assim sucessivamente... Claro está que durante a existência física, as pessoas que possuem faculdades psíquicas continuam em relação com os planos da consciência superfísica, e embora muitas possam carecer de tais faculdades, todos somos capazes de entrar em certas condições de consciência que nada têm a ver com os cinco sentidos físicos, como o demonstram os fenômenos do sonho e especialmente os do sonambulismo ou mesmerismo. Nós, as almas que estão em nós, não flutuamos ao acaso sobre o oceano da matéria. Conservamos um interesse, ou direitos bem marcados, a custo do qual nos temos afastado por algum tempo; o processo da encarnação, portanto, não se descreve com toda exatidão quando falamos de uma existência *alternada* sobre os planos físicos e espirituais, e representamos deste modo a alma como uma entidade completa que passa toda ela de um estado de existência a outro. As definições mais corretas do procedimentos, provavelmente representariam a encarnação como tendo lugar neste plano físico da natureza, por efeito de um eflúvio que emana da alma. A verdadeira morada da alma seria sempre o reino espiritual, o qual não abandonaria nunca por completo; e aquela parte não materializável da alma, que vive permanentemente no plano espiritual, talvez possa chamar-se corretamente o **Eu Supremo**”.

Este “Eu Supremo” é *Atmā*, e, como diz Sinnett, “*não é materializável*”. Direi ainda mais: jamais pode ser, em circunstância alguma, “objetivo”, nem sequer para a percepção espiritual mais elevada. Porque *Atmā*, o “Eu Supremo”, em realidade é Brahma, o *Absoluto*, e indistinguível deste. Nos momentos de *Samadhi*, a mais elevada consciência espiritual do iniciado absorve-se por completo na essência *Única*, que é *Atmā*, e, co-

¹⁰ A duração desta “transferência” sem dúvida depende do grau de espiritualidade da ex-personalidade do Ego desencarnado. Para aqueles cujas vidas foram muito espirituais, essa transferência, embora gradual, é muito rápida. A duração é maior para aqueles por demais inclinados à matéria.

mo consequência, formando um só com o todo, para ela nada pode haver de objetivo. Alguns teósofos acostumaram-se a empregar as palavras “Self”, “Eu” e “Ego”, como sinônimas, e de associar o termo “Self” com o mais elevado Ego individual, ou com o eu pessoal do homem, quando na verdade nunca deveria ser aplicado esse termo, exceto referindo-se ao *Self* (Eu) *Único e Universal*. Daí a confusão. Falando de manas (o “Corpo Causal”), quando o relacionamos com o resplendor búddhico, podemos chamá-lo de “Ego Superior”, mas jamais o “Self ou Eu Supremo”. Porque mesmo Buddhi, a “alma espiritual”, não é o *self*, mas tão-somente o veículo do *self*. Todos os demais *Selves* (Eus), como o *Self* ou “Eu Individual”, e o *Self* ou “Eu pessoal”, jamais devem ser pronunciados ou escritos sem seus adjetivos qualificativos e característicos.

Neste excelente escrito sobre o “Eu Supremo”, este termo se aplica ao *sexto princípio* ou Buddhi (em união com manas, já que sem essa união não haveria princípio ou elemento pensante na alma espiritual); e isto tem dado lugar a erros. A declaração que “uma criança não adquire seu sexto princípio — logo, não se converte em um ser moralmente responsável, capaz de engendrar Karma — até a idade de sete anos”, prova o que se quis dizer com a expressão “Higher Self” (Eu Supremo). O autor fica, portanto, perfeitamente justificado quando explica que depois que o Eu Supremo encarna no ser humano e impregna a personalidade (nos seres mais refinados), com sua consciência, “as pessoas dotadas de faculdades psíquicas podem perceber esse Eu Supremo de vez em quando, por meio de seus sentidos internos mais delicados”. Mas também ficam “justificados” os que não o compreendem porque limitam o termo de “Eu Supremo” ao Princípio Divino Universal. Porque sem estar bem preparado para esta confusão de termos metafísicos,¹¹ quando lemos que enquanto “o Eu Supremo se manifesta completamente no plano físico, continua sendo um Ego espiritual consciente no plano correspondente da natureza” — inclinando-

¹¹ “Confusão de termos metafísicos” aplica-se aqui unicamente na mudança de equivalentes traduzidos das expressões orientais; até o momento jamais existiram termos semelhantes em inglês, razão pela qual cada teósofo teve que criar seus próprios termos para expressar sua idéia. E tempo, portanto, de fixar-se uma nomenclatura definitiva.

nos a ver no Eu Supremo dessa frase a “Atmã”; e a *manas*, ou melhor, a *Buddhi-manas*, no citado “Ego espiritual”. Como consequência, podemos tachar todo ele de incorreto.

Para evitar tais erros daqui para a frente, minha idéia é traduzir literalmente os equivalentes dos termos ocultos orientais e propor o seu emprego.

O EU SUPREMO é	{	Atmã, o raio inseparável do <i>Eu Uno</i> e Universal. É o Deus que está <i>por cima</i> melhor que dentro de nós. Feliz o homem que consegue impregnar dele seu <i>Ego interno</i> !
----------------	---	---

O Ego Espiritual <i>divino</i> é	{	a alma Espiritual, ou <i>Buddhi</i> , intimamente unida com <i>manas</i> , o princípio da mente, sem o qual não é Ego algum, e sim puramente o veículo átmico.
----------------------------------	---	--

O Ego Interno ou Eu Superior é	{	<i>manas</i> , o “quinto” princípio, assim chamado independentemente de <i>Buddhi</i> . O princípio da mente só é o Ego Espiritual quando se fez <i>um</i> com <i>Buddhi</i> ; e não se supõe que nenhum materialista possua semelhante Ego, por maiores que sejam suas capacidades intelectuais. É a <i>Individualidade</i> permanente, o “Ego que se reencarna”.
--------------------------------	---	--

O Ego Inferior ou Eu Pessoal é	{	o homem físico em união com seu inferior, isto é, os instintos animais, as paixões, os desejos etc. É chamado “falsa personalidade”, e compõe-se de <i>manas inferior</i> combinado com <i>Kama-rupa</i> , que age por meio do corpo físico e seu fantasma, ou <i>duplo</i> .
--------------------------------	---	---

O “princípio” restante: *Prana*, ou a “Vida”, estritamente falando é a força radiante ou energia de *Atmã* — considerado como a Vida Universal e *Eu Único* —, seu aspecto inferior, ou, dizendo melhor, mais físico em seus efeitos, porque é seu aspecto manifestado, *Prana* ou a Vida, interpenetra o ser inteiro do universo objetivo; e é chamado “princípio” somente por que é um fator indispensável, é o *deus ex machina* do homem vivo.

P: Creio que esta divisão simplificada em suas combinações responderá melhor à idéia; a outra é demasiado metafísica.

T: Se tanto os profanos como os teósofos quiserem aceitá-la, certamente será muito mais fácil de compreender.

NATUREZA DE NOSSO PRINCÍPIO PENSANTE

DO MISTÉRIO DO EGO

P: Advirto que na citação feita anteriormente do Catecismo Buddhista há uma divergência que gostaria de ver explicada. Diz ele que os skandhas — inclusive a memória — mudam a cada nova encarnação, e nos assegura que o reflexo das vidas passadas “deve sobreviver”, e, segundo nos dizem, estão inteiramente integradas pelos skandhas. Neste momento não vejo claramente o que sobrevive e desejo saber. O que é? Tão somente aquele “reflexo”, são esses skandhas, ou é sempre o mesmo Ego, o manas?

T: Acabo de explicar que o princípio que reencarna, ou o que chamamos de homem divino, é indestrutível através da vida do ciclo: indestrutível como entidade que pensa e até como forma etérea. O “reflexo” não é mais do que a recordação espiritualizada, durante o período devakhânico da ex-personalidade do sr. A. ou da sra. B., com que se identifica o Ego durante aquele período. Como este período devakhânico não é mais que a continuação, por assim dizer, da vida terrestre, o apogeu em série contínua dos poucos momentos felizes da passada existência, o Ego há de se identificar, ele mesmo, com a consciência pessoal dessa vida, se é que restará algo dela.

P: Isto significa que o Ego, apesar de sua natureza divina, passa cada período entre duas encarnações em um estado de escuridão mental ou de extravio passageiro.

T: Você pode dar a apreciação que quiser. Acreditando, como cremos, que fora da Única Realidade, tudo o mais não passa de uma ilusão transitória, inclusive o universo, não o consideramos como extravio, mas sim como uma conseqüência ou desenvolvimento muito natural da vida terrestre. O que é a vida? Um conjunto de experiências variadíssimas, de idéias, emoções e opiniões, que se modificam e mudam diariamente. Durante nossa juventude geralmente nos entusiasmos por um ideal, por algum herói ou heroína, que tratamos de imitar e ressuscitar; alguns anos mais tarde, quando o frescor de nossos sentimentos desvaneceu-se, somos os primeiros a rir de nossas fantasias. E, sem dúvida, existiu um dia em que identificamos tão completamente nossa própria personalidade com a do ideal de nossa imaginação, que uma fundiu-se na outra. Pode-se dizer de um homem de cinquenta anos que é o mesmo ser de quando tinha vinte? O homem interno é o mesmo, mas a personalidade externa transformou-se e mudou por completo. Você chamaria também de extravios a estas mudanças da mente humana?

P: E como vocês as chamariam? E, especialmente, como explicariam a permanência de um e a mutabilidade da outra?

T: Temos nossa doutrina, e para nós não há dificuldade. A chave está na dupla consciência de nossa mente, e também na dupla natureza do “princípio” mental. Existe uma consciência espiritual, a mente manásica iluminada pela luz de Buddhi, que percebe subjetivamente as abstrações; e há uma consciência sensível (a luz manásica inferior), inseparável de nosso cérebro e sentidos físicos. Esta última consciência é dominada pelo cérebro e pelos sentidos físicos, e como depende deles, deve desvanecer-se e morrer, como é natural, quando desaparecem o cérebro e os sentidos físicos. Somente a primeira classe de consciência, cuja raiz nasce na eternidade, é a que sobrevive e vive eternamente, e por conseguinte, é a que pode considerar-se imortal. Todo o resto são ilusões passageiras.

P: O que entende realmente por ilusão neste caso?

T: Foi muito bem descrito no estudo sobre o “Eu Supremo” que vimos há pouco. Seu autor se expressa nos seguintes termos:

“A teoria que examinamos agora (a mudança de idéias entre o Eu Superior e o eu inferior), harmoniza-se perfeitamente com o conceito de que este mundo em que vivemos é um mundo fenomenal de ilusão, sendo por outro lado os planos espirituais da natureza, o mundo numeral, ou plano da realidade. Essa região da natureza em que a alma permanente está arraigada, é mais real que esta, onde suas efêmeras flores aparecem por breve espaço de tempo para murchar e morrer, enquanto a nova planta recobra energia para dar vida a outra flor. Supondo-se que somente as flores fossem perceptíveis aos sentidos comuns, e que as raízes existissem em um estado da natureza intangível e invisível para nós; os filósofos que em semelhante mundo adivinhassem que existiam coisas chamadas raízes em outro plano de existência, poderiam dizer das flores: “Estas não são as plantas verdadeiras; relativamente não têm importância; são puros fenômenos ilusórios do momento”.

Isto é o que quero dizer. O mundo em que brotam as flores transitórias das vidas pessoais não é o mundo permanente; e sim aquele em que encontramos a raiz da consciência, essa raiz que se acha fora de toda ilusão e vive na eternidade.

P: Que entedem por “a raiz que vive na eternidade”?

T: Refiro-me à entidade inteligente, ao Ego que encarna, quer o consideremos como um anjo, um espírito, ou uma força. De tudo quanto conhecemos por meio de nossas percepções sensíveis, somente o que nasce diretamente daquela raiz invisível superior, ou está ligado a ela, pode participar de sua vida imortal. Daí que todo pensamento, idéia e aspiração elevados da personalidade, procedentes dessa raiz e alimentados por ela, há de converter-se em permanente. Enquanto a consciência física deve desaparecer, sendo esta uma condição do princípio sensível, mas inferior (Kama-rupa ou instinto animal, iluminado pelo reflexo manásico inferior, ou alma humana). O que manifesta atividade enquanto o corpo dorme ou está paralisado é a consciência superior; e nossa memória registra só que de um modo débil e incorreto, por agir automaticamente,

essas experiências que, freqüentemente, nem mesmo ligeiramente ficam impressas nelas.

P: Mas como se explica que manas — apesar de o chamarem Nous — um “Deus”, seja tão débil durante suas encarnações que permaneça vencido e prisioneiro de um corpo?

*T: Poderia responder com a mesma pergunta e dizer: “Como é que aquele a quem consideram como o Deus dos Deuses e o Único Deus vivo, é tão débil que permite ao mal (ou ao Diabo), que possa vencê-lo assim como a todas as suas criaturas, tanto enquanto estava no céu, como quando estava encarnado sobre a terra?” Seguramente você vai retrucar que “isto é um mistério, e nos é proibido indagar os mistérios de Deus”. Como nossa filosofia religiosa não nos proíbe, respondo sua pergunta dizendo que, exceto no caso de descer um Deus à terra como um *Avatara*, todo princípio divino há de se ver sujeito e paralisado pela turbulenta matéria animal. A heterogeneidade sempre vencerá a homogeneidade sobre este plano de ilusões; e quanto mais se aproxima uma essência à homogeneidade primordial que é seu princípio-base, mais difícil lhe é impor-se na terra. Os poderes espirituais e divinos encontram-se adormecidos em todo ser humano; e quanto mais ampla for sua visão espiritual mais poderoso será seu Deus interno. Mas poucos são os homens capazes de sentir a esse Deus. Geralmente assinalamos limites em nosso pensamento à Deidade, como feito de nossos primeiros conceitos sobre ela, arraigados em nós desde a meninice. Por estas razões é tão difícil compreender nossa filosofia.*

P: E esse nosso Ego é por acaso nosso Deus?

T: De modo nenhum. “Um Deus” não é a Deidade universal, mas apenas um resplendor do oceano único do Fogo Divino. Nosso Deus interno, ou “nosso Pai Secreto”, é o que chamamos o “Eu Supremo”, Atmã. Nosso Ego que se encarna foi um Deus em sua origem, como o foram todas as emanções primitivas do Princípio Uno Desconhecido. Mas desde sua “caída na matéria”, necessitando encarnar-se através do ciclo, desde seu princípio a seu fim, já não é um Deus livre e feliz, mas sim um pobre peregrino que tenta recuperar aquilo que perdeu. Posso responder mais detalhadamente, repetindo o que

disse sobre o *Homem Interno* em *Isis sem Véu* (volume II, pág. 593, ed. inglesa):

“Desde a mais remota antiguidade, a humanidade em conjunto, sempre esteve convencida da existência de uma entidade pessoal espiritual dentro do homem físico. Esta entidade interna era mais ou menos divina, conforme sua proximidade à coroa... Quanto mais íntima é a união, mais agradável e puro é o destino do homem, menos perigosas as condições externas. Esta crença não é fanática nem supersticiosa, mas sim um sentimento instintivo, constante, da proximidade de outro mundo espiritual e invisível que, embora subjetivo para os sentidos exteriores do homem é perfeitamente objetivo para o Ego interno. Acreditava-se também, que existem condições externas e internas, que afetam à determinação de nossa vontade sobre nossos atos. Repelia-se o fatalismo, por que ele implica numa conduta cega de um poder ainda mais cego. Mas se acreditava no destino ou Karma, pois que o homem — tal como a aranha — tece fio por fio desde o nascimento até a morte, e esse destino é guiado por aquela presença, que alguns chamam de anjo da guarda, ou por nosso homem astral interno mais íntimo, que freqüentemente é o gênio do mal para o homem de carne (ou a personalidade). Ambos guiam o homem, mas um dos dois há de prevalecer; e desde o princípio da invisível luta, a severa e implacável lei de *compensação* (e *retribuição*), intervém e continua seu curso, seguindo com fidelidade as flutuações (do conflito). Concluída a última trama, fica o homem envolto na rede que ele mesmo teceu, e então se encontra sob o império desse destino forjado por *ele mesmo*. Então o destino o fixa, qual concha inerte à rocha imóvel, ou o arrasta como uma pluma no torvelinho produzido por suas próprias ações”.

Tal é o destino do homem, o verdadeiro Ego, não o autômato, a *Casca* a quem emprestam esse nome. Dele depende chegar a converter-se num vencedor da matéria.

Natureza complexa de manas

P: Diga-me algo sobre a natureza de manas e sua relação com os skandhas do homem físico.

T: Essa natureza misteriosa, mutável, fora de todo alcan-

ce, quase confusa em suas correlações com os demais princípios, é muito difícil de compreender e mais ainda de explicar. Manas é um “princípio”, e, sem dúvida, é uma “entidade” e individualidade, o Ego. É um “Deus” e, sem dúvida, está condenado a um interminável ciclo de encarnações, de cada uma das quais é tido por responsável, e a cada uma das quais tem de sofrer. Tudo isto parece tão contraditório como enigmático; e, no entanto, existem milhares de pessoas até mesmo na Europa, que compreendem tudo isto perfeitamente, porque concebem o Ego não só em sua integridade, com também em seus múltiplos aspectos. Enfim, para explicar-me de maneira compreensível, devo começar pelo princípio, tentando dar em poucas linhas a genealogia desse Ego.

Tratemos de imaginar um “espírito”, um ser celestial — não importa que nome se lhe dê — divino em sua natureza essencial, mas não bastante puro para ser *uno com o Todo*, necessitando purificar sua natureza para conseguir alcançar esse objetivo. Só pode alcançá-lo passando *individual e pessoalmente*, isto é, espiritual e fisicamente, por toda experiência e sensação existentes no universo diferenciado. Por conseguinte, depois de haver adquirido aquela experiência nos reinos inferiores, havendo evoluído mais e mais na escala do Ser, tem que passar por todas as experiências dos planos humanos. Em sua própria essência é o *Pensamento*; portanto, em sua pluralidade toma o nome de *Manasaputra*, os “filhos da mente universal”. A este *Pensamento individualizado*, nós, os teósofos, chamamos o *verdadeiro* Ego humano, a entidade pensante prisioneira em uma prisão de carne e osso. Seguramente é uma entidade espiritual, não-material; e essas entidades são os Egos que se encarnam animando a massa de matéria animal chamada humanidade, cujo nome é *Manasaputra*, e são as “mentes”. Mas, uma vez prisioneiros (ou encarnados), sua essência converte-se em dual: isto é, os *raios* da Mente divina e eterna, considerados como entidades individuais, adquirem um duplo atributo: a) seu caráter essencial inerente, a aspiração da mente ao céu (manas superior), e b) a qualidade humana de pensar, ou reflexão animal, racionalizada por efeito da superioridade do cérebro humano, inclinado à Kama, ou manas inferior. Um gravita até Buddhi, o outro tende para baixo, até o centro das paixões e dos desejos

animais. Para estes últimos não há lugar em Devakhan, nem podem associar-se com a Tríade divina que, como unidade, ascende à bem-aventurança mental. Sem dúvida o Ego, a entidade manásica, é responsável por todos os pecados dos atributos inferiores, da mesma forma que um pai é responsável pelas transgressões de seu filho enquanto este é irresponsável.

P: *E acaso o “filho” é a “personalidade”?*

T: Sim. Por isso, quando se diz que a “personalidade” morre com o corpo, não se disse tudo. O corpo, que só era o símbolo objetivo do sr. A. ou da sra. B., extingue-se com todos seus skandhas materiais, que são as expressões visíveis dele. Mas todo aquele que durante a vida constituiu um núcleo *espiritual* de experiências: as aspirações mais nobres, as afeições imortais e a natureza altruísta do sr. A. ou da sra. B., durante o período devakhânico aderem-se ao Ego, identificando com a parte espiritual daquela entidade terrestre que desapareceu de nossa vista. O ator está tão imbuído do *papel* que acaba de representar, que sonha com ele durante a noite devakhânica inteira; e essa *visão* dura até que soa para ele a hora de voltar ao cenário da vida para desempenhar outro papel.

P: *Mas como se explica que esta doutrina, que conforme sua afirmação é tão antiga quanto o pensamento humano, não tenha penetrado na Teologia cristã?*

T: Equívoco seu: penetrou nela, só que a Teologia a desfigurou de tal modo, que ficou desconhecida, como sucede com muitas outras doutrinas. A Teologia chama ao Ego o anjo que Deus nos dá no momento de nascer, para cuidar de nossa alma; e em vez de fazer aquele anjo responsável pelas transgressões da pobre “alma” desamparada, esta é que — segundo a Teologia — recebe castigo por todos os pecados, tanto da carne como da mente. E é a alma, o *Hálito* imaterial de Deus e sua *pretensa criação*, a que, graças a um dos enganos intelectuais mais extraordinários que se conheceu, está condenada a arder sem jamais se consumir¹, em um inferno material; enquanto que o “anjo”, depois de dobrar suas brancas

¹ Já que é de uma “natureza como o amianto, ou asbesto”, conforme a eloqüente e foga expressão de um moderno Tertuliano inglês.

asas, que umedece com algumas lágrimas, escapa ileso. Sim, desta forma são nossos “espíritos defensores”, os enviados “mensageiros de paz”, segundo nos disse o bispo Mant:

“... para fazer o
Bem aos herdeiros da Salvação;
Sofrer por nós quando pecamos, e
Regozijar-se quando nos arrependemos”.

Sem dúvida fica evidente que se pedirmos a todos os bispos do mundo inteiro, uma definição clara e terminante sobre o que entendem por *alma* e suas funções, seriam tão incapazes de fazê-lo, como de demonstrar a menor sombra de lógica na crença ortodoxa.

O evangelho de São João ensina esta doutrina

P: Os partidários desta crença poderiam argumentar que mesmo quando o dogma ortodoxo ameaça com um inferno demasiado realista ao pecador impenitente e materialista, por outro lado lhes concede a possibilidade de se arrepender até o último momento. Além disso, não ensina o aniquilamento, ou perda da personalidade, que vem a dar no mesmo.

T: Se a Igreja não ensina nada disto, em compensação Jesus o fazia; e isto é alguma coisa, para os que consideram Cristo superior ao Cristianismo.

P: Cristo ensinou coisa semelhante?

*T: Sim, ensinou; e todo ocultista bem informado e até qualquer cabalista dirá o mesmo. Cristo, ou pelo menos o quarto Evangelho, ensina a reencarnação e também o aniquilamento da personalidade, como se pode ver — rejeitando a letra morta e atentando com espírito esotérico. Recordemos os versículos 1 e 2 do capítulo XV de São João. — De que trata a parábola senão da Tríade superior no homem? *Atmã* é o lavrador; o Ego Espiritual, ou *Buddhi* (Christos), a videira, enquanto que a alma animal e vital, a *personalidade*, é a “vara”. “Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai o lavrador. Toda a vara em mim, que não dá fruto, a arranço... Como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também*

vós, se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós as varas. Se alguém não estiver em mim, será lançado fora, como a vara, e secará; e os colhem e lançam no fogo, e ardem.”

Nós o explicamos da seguinte forma: não acreditando no fogo do inferno que a Teologia descobriu na ameaça dirigida às varas, dizemos que os “lavrador” significa *Atmã*, o símbolo do princípio impessoal infinito², enquanto que a “videira” representa a Alma Espiritual, *Christos*, e cada “vara” uma nova encarnação.

P: Em que provas se apóia para sustentar uma interpretação tão arbitrária?

*T: O simbolismo universal é uma garantia de sua exatidão e de que não é arbitrária. Hermes, falando de “Deus”, disse que plantou o “vinhedo”, isto é, que criou a humanidade. Vemos na cabala que o Ancião dos Anciões, ou a “Longa Face”, planta uma vinha, esta representando a humanidade, e uma cepa ou videira, que significa a vida. Por esta razão, o espírito do “rei Mesiah” o representa lavando suas vestimentas no vinho de cima, desde a criação do mundo³. O rei Mesiah é o Ego purificado pela lavagem de suas vestimentas (isto é, as personalidades de seus renascimentos), no vinho de cima, ou Buddhi. Adam ou A-dam, é o “sangue”. A vida da carne está no sangue (nephesh, alma), *Levítico*, XVII. E Adam-Kadmon é o Único Gerado. Também Noé planta um vinhedo, o berço alegórico da futura humanidade. Como consequência da adoção da mesma alegoria, encontramos-la reproduzida no *Codex nazareno*. Sete são os troncos ou videiras criadas — que são nossas Sete Raças, com seus sete Salvadores, ou *Buddhas* — que nascem de Jukabar Zivo, e Aebel Zivo as rega⁴. Quando os bem-aventurados ascenderem até as criaturas de Luz, contemplarão a Jabar Zivo, Senhor da Vida e a primeira videira⁵. Estas metáforas cabalísticas, naturalmente, repetem-se no Evangelho de São João.*

² Durante os *Mistérios*, o Hierofante era o “Pai” que plantava a vinha. Cada símbolo tem suas sete chaves. O revelador do *Pleroma*, sempre era chamado “Pai”.

³ *Zohar*, XL, 10.

⁴ *Codex Nazareus, Liber Adami Appellatus*, III, 60, 61.

⁵ *Ibid*, II, 281.

Não esqueçamos que no sistema humano — segundo aquelas mesmas filosofias que ignoram nossa divisão setenária — o Ego ou homem pensante é chamado *Logos*, ou “filho” da alma e do espírito. “Manas é o filho adotivo do rei — e da rainha” — equivalentes esotéricos de *Atmã* e *Buddhi*, diz uma obra oculta. Ele é o “homem Deus” de Platão, que se crucifica a si mesmo no “espaço”, ou duração do ciclo de vida, para a redenção da matéria. Desempenha-se disso encarnando-se uma e outra vez, guiando deste modo a humanidade até a perfeição, e fazendo assim lugar às formas inferiores para desenvolverem-se em outras superiores. Nem uma só vida deixa de progredir por si mesma e de ajudar a progredir a natureza física inteira; e até mesmo o caso fortuito, muito raro, de perder uma de suas personalidades — por carecer absolutamente da menor chispa de espiritualidade — lhe ajuda em seu progresso individual.

P: Mas se o Ego é responsável pelas transgressões de suas personalidades, também deve responder pela perda, ou melhor, pelo completo aniquilamento de uma delas.

T: De maneira nenhuma, a não ser que nada tenha feito para impedir essa horrível sorte. Mas se apesar de todos seus esforços, sua voz — a da nossa consciência — não pôde penetrar através da matéria, então, se a estupidez desta procede de sua natureza imperfeita, vai reunir-se com os demais fracassos da natureza. O Ego fica suficientemente castigado com a perda de Devakhan, e sobretudo, com ter que encarnar quase imediatamente.

P: Esta doutrina da possibilidade de perder a alma — ou a personalidade — opõe-se com as teorias ideais tanto dos cristãos como dos espíritos, embora, até certo ponto, a admita Swedenborg, no que chama a morte espiritual. Os cristãos e espíritos jamais aceitaram tal doutrina.

*T: O que de maneira nenhuma altera um fato da natureza, nem impede que coisa semelhante possa acontecer em determinadas circunstâncias. O universo e tudo quanto encerra, moral, mental, físico, psíquico ou espiritual, está baseado em uma lei perfeita de equilíbrio e harmonia. Como já disse em *Ísis sem Véu*, a força centrípeta não poderia se manifestar nas harmo-*

niosas revoluções das esferas, sem a força centrífuga; e todas as formas e seu progresso, são produtos dessa força dual na natureza. Pois bem, o espírito (ou *Buddhi*), é a energia centrífuga espiritual, e a alma (manas) a centrípeta; para produzir um resultado é necessário que se encontrem em perfeita união e harmonia. Rompa ou altere o movimento centrípeta da alma terrestre que tende ao centro que a atrai; detenha seu progresso, impondo-lhe um peso de matéria superior ao que possa suportar, ou ao que lhe corresponde no estado devakhânico, e ficará destruída a harmonia do conjunto. Somente pode continuar a vida pessoal ou, talvez melhor, seu reflexo ideal, por meio da dupla força, isto é, pela união íntima de *Buddhi* e manas em cada renascimento ou existência pessoal. O menor desvio da harmonia a quebra; e quando fica destruída sem remédio, as duas forças se separam no momento da morte. Durante um breve intervalo, a forma pessoal (chamada indiferentemente *Kamarupa* e *mayavi-rupa*), cuja florescência espiritual, unindo-se ao Ego o segue ao Devakhan e empresta sua cor pessoal à individualidade permanente, é arrastada a *Kama-Loka*, onde fica até ser gradualmente aniquilada. Porque, depois da morte, é que chega o momento crítico e supremo para os absolutamente depravados, os antiespirituais e os criminosos que se encontram fora de qualquer redenção. Se durante a vida, o último e desesperado esforço feito pelo Eu interno (manas), para ligar algo da personalidade a ele e ao raio superior e resplandecente do divino *Buddhi*, foi em vão; se o cérebro físico se distancia mais e mais desse raio, o Ego espiritual, ou manas, uma vez livre dos laços da matéria, fica inteiramente separado da relíquia etérea da personalidade; e esta última, ou *Kamarupa*, seguindo suas atrações terrestres vê-se precipitada em *Hades*, que nós chamamos de *Kama-Loka*. Estas são as “varas secas” que deveriam ser arrancadas da vida, a que se referiu Jesus. Sem dúvida, o aniquilamento nunca é instantâneo, e, às vezes, pode necessitar de séculos para se verificar. A personalidade permanece ali com os *resíduos* de outros Egos pessoais mais afortunados; e, como eles, converte-se em uma *casca* ou em um *elemental*. Conforme consta em *Ísis sem Véu*, estas duas classes de “espíritos”: as *cascas* e os *elementais*, são as principais “estrelas” no grande teatro espírita das “materializações”. Mas você pode

estar seguro de que não são elas que se encarnam; e por isto tão poucos entre os “queridos ausentes” sabem uma palavra sobre reencarnação, levando assim os espíritos a tantos erros.

P: Mas a autora de Isis sem Véu não foi acusada de pregar contra a reencarnação?

T: Sim, por aqueles que não compreenderam o que foi dito. Na época em que se escreveu aquela obra, ninguém entre os espíritas — tanto ingleses quanto americanos — acreditava na reencarnação, e o que foi dito naquela obra sobre reencarnação era dirigido aos espíritas franceses, cuja teoria é tão anti-filosófica e absurda, quanto é lógica e evidente a teoria oriental. Os reencarnacionistas da escola de Allan Kardec acreditam em uma reencarnação arbitrária e imediata. Segundo eles, o pai morto pode encarnar-se em sua própria filha ainda por nascer, e assim sucessivamente. Não existe nem Devakhan, nem Karma, nem teoria filosófica que garanta ou prove a necessidade dos renascimentos consecutivos. Como pôde a autora de Isis argumentar contra a reencarnação kármica, com longos intervalos que variam entre mil e mil e quinhentos anos, se esta é a crença fundamental tanto dos budistas como dos hindus?

P: Então, vocês se opõem inteiramente às teorias dos espíritas reencarnacionistas e as dos não-reencarnacionistas, ou espiritualistas?

T: Não por completo, mas unicamente no que se refere às respectivas crenças fundamentais. Uns e outros confiam no que lhes diz seus “espíritos” e estão de tal forma em desacordo entre si como nós, os teósofos, discordamos de uns e outros. A verdade é uma; e quando vemos os espectros franceses pregarem a reencarnação e os espectros ingleses negarem esta doutrina e atacá-la, afirmamos que tanto os “espíritas” franceses como os ingleses não sabem o que dizem. Acreditamos, como os espiritualistas e os espíritos, na existência de “espíritos”, ou seres invisíveis dotados de maior ou menor inteligência. Mas enquanto nossa doutrina admite a existência de legiões de classes e gêneros, nossos adversários não admitem mais que “espíritos” humanos desencarnados, os quais, conforme sabemos são, em sua maioria, cascas kamalólicas.

P: Você ataca muito duramente aos “espíritos”. Já que me

deu os motivos por que não acredita na materialização dos espíritos desencarnados, ou “espíritos dos mortos”, assim como também na comunicação direta nas “sessões” espíritas, pode me inteirar de outro ponto? Por que alguns teósofos não se cansam de advertir do perigo que oferece o comércio com os espíritos e o mediunismo? Têm algum motivo especial para isso?

T: Eu de minha parte, tenho. Graças a minha intimidade durante mais de meio século com essas “influências” invisíveis (mas, sem dúvida, bastante tangíveis e inegáveis), desde os elementais conscientes e as cascas semiconscientes, até os mais sensíveis e indefinidos espectros de todas as classes, tenho algum direito de defender minha opinião.

P: Pode dar-me algum exemplo que demonstre o perigo que tais práticas encerram?

T: Isto necessitaria mais tempo do que posso dedicar a esse ponto. Toda causa deve ser julgada pelos efeitos que produz. Repasse a história do Espiritismo durante os últimos cinquenta anos, desde sua reaparição na América neste século, e julgue você mesmo sobre o resultado bom ou mau, produzido sobre seus partidários. Compreenda bem: não falo contra o verdadeiro Espiritismo, mas sim contra o movimento moderno que leva esse nome, e a pretensa filosofia inventada para explicar seus fenômenos.

P: Não crê em seus fenômenos?

T: Precisamente porque tenho em demasia bons motivos para crer neles e que (salvo em alguns casos de engano deliberado) sei que são tão certos como você e eu estarmos vivos, é porque meu ser inteiro se rebela contra eles. Repito que falo somente dos fenômenos físicos e não dos mentais, ou dos psíquicos. O semelhante se atrai. Conosco há várias pessoas, homens e mulheres de elevado espírito, bons e puros que passaram muitos anos de sua vida sob a direção imediata, e até sob a proteção de “espíritos” elevados, seja desencarnados ou planetários. Mas essas inteligências não pertencem ao tipo dos “John Kings” e dos “Ernestos” que figuram nas reuniões espíritas. Essas inteligências guiam e protegem aos mortais somente em casos raros e excepcionais, atraídas até eles magneticamente pelo passado kármico do indivíduo. Não basta para atraí-las, o

esperar passivamente “para desenvolver-se”. Com isto somente se abre a porta a um enxame de “aparições” boas, más e indiferentes convertendo-se o médium em escravo durante toda a sua vida. Essa promiscuidade do médium e esse comércio com os duendes, é o que combate, e não o misticismo espiritual. Este enobrece e santifica; a natureza do primeiro pertence exatamente aos fenômenos pelos quais tantos feiticeiros e bruxas sofreram tormentos há duzentos anos. Leia Glanvil e outros autores que falam da bruxaria, e encontrará em suas obras o paralelo da maioria dos fenômenos físicos, senão de todos, do “espiritismo” do século 19.

P: Pretende que tudo isso é bruxaria e nada mais?

T: O que entendo é que, consciente ou inconsciente, todas essas comunicações com os mortos são *necromancia* e práticas perigosíssimas. Séculos antes de Moisés a evocação dos mortos já era considerada pecaminosa e cruel por todas as nações inteligentes, uma vez que perturba o descanso das almas e contraria seu progresso evolutivo até os estados superiores. A sabedoria coletiva dos séculos passados sempre denunciou terminantemente tais práticas. Enfim, digo o que não cesso de repetir, verbalmente e por escrito, durante quinze anos: enquanto alguns chamados “espíritos” não sabem o que dizem, repetindo simplesmente como papagaios, o que encontram no cérebro do médium e de outras pessoas, outros, em compensação são muito perigosos, e só podem conduzir ao mal. Estes são dois fatos evidentes. Vá aos círculos espíritas da escola de Allan Kardec, e encontrará “espíritos” que sustentam a reencarnação e falam de nascimento como católicos romanos. Dirija-se aos “queridos ausentes” na Inglaterra e América, e vai ouvi-los negar rotundamente a reencarnação, atacando aos que a ensinam e defendendo as idéias protestantes. Todos os médiuns, os melhores e mais poderosos, sofrem física e moralmente. Recorde-se do triste fim de Charles Foster, que morreu louco furioso em um asilo, de Slade, epilético; Eglinton (hoje em dia o melhor médium da Inglaterra), sujeito à mesma enfermidade. Veja o que foi a vida de D. D. Home, homem de caráter áspero e amargurado, que jamais teve uma palavra boa para aqueles que supunha dotados de poderes psíquicos, e caluniava a todos os demais médiuns. Este Calvino do Espiritismo padeceu durante

anos de uma terrível enfermidade da medula, produzida por suas comunicações com os “espíritos”, e morreu de uma maneira espantosa. Pense também na triste sorte do pobre Washington Irving Bishop. Conheci-o em Nova York quando ele tinha quatorze anos, e sem dúvida alguma era um verdadeiro médium. Verdade que o pobre homem pregou uma peça “a seus espíritos”, batizando-os com o nome de “ação muscular inconsciente”, para maior alegria de todas as corporações de sábios e cientistas tolos, ao mesmo tempo que enchia seu bolso. Mas *de mortuis nil nisi bonum*; sua morte foi má. Ocultou tenazmente seus ataques epiléticos — o primeiro sintoma, assim como o mais seguro, do verdadeiro mediunismo —; e quem sabe se estava morto ou em transe quando se efetuou o reconhecimento *post-mortem*? Se devemos dar crédito aos telegramas da Reuter, seus pacientes insistem em que estava vivo. Enfim considere as mais antigas médiuns, as fundadoras e primeiras estimuladoras do espiritismo moderno, as irmãs Fox. Depois de mais de quarenta anos de relações com os “anjos”, estes permitiram que elas se tornassem imbecis incuráveis, e que declarassem em conferências públicas que a longa obra de sua vida, assim como sua filosofia, são total engano. Agora pergunto: que classe de “espíritos” serão os que as inspiraram?

P: Acredita que sua dedução seja exata?

T: Se os melhores alunos de uma escola especial de canto morressem por ter abusado da delicadeza de suas gargantas, que dedução se tiraria desse fato? Seguramente a de que o método seguido não era bom. Por isso é que creio igualmente correta a dedução relativa ao Espiritismo, quando vejo o que sucede a seus melhores médiuns. Só peço que os que se interessam pela questão julguem a árvore do Espiritismo por seus frutos e reflitam. Nós, os teósofos, sempre tivemos os espíritos por irmãos que possuem a mesma tendência mística; mas eles sempre nos consideraram como inimigos. Como estamos de posse de uma filosofia mais antiga tratamos de ajudá-los e colocá-los em alerta; mas nos pagaram com calúnias e injúrias. Sem dúvida, sempre que os melhores espíritas ingleses tratam seriamente de suas crenças, dizem exatamente o mesmo que nós. Ouça o sr. M. A. Oxon confessar a seguinte verdade: “Os espíritas in-

clinam-se em demasia a crer, exclusivamente, na intervenção dos espíritos externos em nosso mundo, descuidando os poderes do espírito encarnado”⁶. Por que quando dizemos precisamente a mesma coisa, terão de nos atacar e insultar? Daqui para frente não queremos ter nada com o Espiritismo. Agora voltemos à reencarnação.

DOS MISTÉRIOS DA REENCARNAÇÃO

OS RENASCIMENTOS PERIÓDICOS

P: Portanto, acredita que todos já vivemos antes na terra, em muitas encarnações passadas, e que continuaremos vivendo desse modo?

T: Acredito. O ciclo da vida, ou melhor, o ciclo da vida consciente, começa com a separação em sexos do homem animal mortal, e terminará com o fim da última geração de homens, na sétima ronda e sétima raça da humanidade. Se considerarmos que somente nos encontramos na quarta ronda e quinta raça, é mais fácil imaginar sua duração do que expressá-la.

P: E continuamos nos encarnando em novas personalidades durante todo o tempo?

T: Seguramente; porque essa vida cíclica ou período de encarnação, pode muito bem ser comparado com a vida humana. Como cada vida é composta de dias de atividade, separados por noites de sono ou inação, assim, em um ciclo de encarnação, cada vida ativa é seguida de um descanso devakhânico.

P: E essa sucessão de nascimentos é a que geralmente leva o nome de reencarnação?

⁶ Segunda Vista — introdução.

T: Precisamente. Somente por meio desses nascimentos é que pode ser atingido o progresso perpétuo dos inumeráveis milhões de Egos até a perfeição, e um descanso final por tanto tempo quanto haja durado o período de atividade.

P: *E o que é que regula a duração, ou as qualidades especiais dessas encarnações?*

T: Karma, a Lei universal de justiça retributiva.

P: *Essa Lei é inteligente?*

T: Para o materialista, que considera a lei de periodicidade que regula a ordem das coisas, e todas as demais leis da natureza como forças cegas e leis mecânicas, não há dúvida de que Karma será uma lei ou causalidade, e nada mais. Para nós, não há nenhum adjetivo ou qualificativo capaz de descrever o que é impessoal, o que não é uma entidade, mas sim uma lei operativa universal. Se você me perguntar sobre a inteligência causal que existe nisso, responderei que não sei. Mas se deseja que defina seus efeitos e que, segundo nossas crenças, diga quais são, posso dizer que a experiência de milhares de anos nos tem demonstrado que são a equidade, a sabedoria e a inteligência absolutas e infalíveis. Porque, em seus efeitos, Karma é um reparador seguro da injustiça humana e de todas as demais faltas da natureza, e corrige os erros com estrita justiça; é uma lei retributiva que recompensa e castiga com igual imparcialidade. Restritamente falando, “não respeita a pessoa alguma”, e, por outro lado, não se deixa aplacar nem modificar por meio da oração. Esta crença é comum aos hindus e aos budistas, pois ambos crêem em Karma.

P: *Os dogmas cristãos contradizem a ambos, e duvido que algum cristão aceite tal doutrina.*

T: Não; e faz muitos anos que Inman nos explicou o porquê. Como disse muito bem: “Os cristãos admitirão qualquer contra-senso, sempre que a Igreja o declare questão de fé... enquanto que os budistas sustentam que nada que esteja em contradição com a razão, pode ser uma verdadeira doutrina de Buddha”. Os budistas não acreditam no perdão de seus pecados, exceto depois de um castigo justo e adequado para cada má ação ou pensamento, em uma encarnação futura, e uma compensação proporcional às partes prejudicadas.

P: *Onde consta isto?*

T: Na maioria de seus livros sagrados. Na *Roda da Lei* pode ser encontrada a seguinte sentença teosófica: “Crêem os budistas que cada ato, palavra ou pensamento produz sua consequência, que mais cedo ou mais tarde há de surgir, seja nesta vida, seja em um estado futuro. As más ações geram más consequências e as boas darão bons resultados: a prosperidade neste mundo, ou o nascimento no céu (Devakhan) ... no estado futuro”.

P: *Os cristãos não acreditam no mesmo?*

T: Não; crêem no perdão e na remissão de todos os pecados. Prometeram-lhes que só em acreditar no sangue de Cristo (vítima inocente!), no sangue que ele ofereceu pela expiação dos pecados da humanidade inteira, ficarão redimidos todos os pecados mortais. Nós não acreditamos nem no perdão por meio de um vigário, nem na possibilidade da remissão do pecado mais insignificante por nenhum Deus, ainda que fosse “pessoal Absoluto” ou “Infinito”, se pudesse existir coisa semelhante. Acreditamos na justiça imparcial e rigorosa. Nossa idéia da Deidade Universal desconhecida, representada por Karma, é a de um poder que não pode errar e que não pode, portanto, sentir cólera nem compaixão, porque é a equidade absoluta, que deixa cada causa — pequena ou grande — produzir seus inevitáveis efeitos. A sentença de Jesus: “Com a mesma medida com que medirdes sereis medidos” (Mateus, VII, 2), não faz alusão nem pela expressão da frase, nem implicitamente, a qualquer esperança de salvação ou perdão, por meio de terceiros. Reconhecendo nossa filosofia a justiça dessa sentença, nunca achamos que recomendamos o bastante a compaixão, a caridade e o perdão das ofensas. “Não resista ao mal”, e “Devolve o bem pelo mal”, são preceitos budistas pregados em vista do implacável da lei kármica. O homem fazer justiça por suas próprias mãos é sempre um ato de orgulho sacrílego. A lei humana pode usar de medidas restritivas, não de castigos; pois aquele que acreditando em Karma vinga-se e nega-se a perdoar as ofensas, a devolver bem por mal, é criminoso, e só a si mesmo prejudica. Karma castigará seguramente, àquele que ao invés de confiar à grande Lei a reparação, intervém no castigo por sua própria conta, pois com isso cria uma causa de recompensa para seu

inimigo e um castigo para si mesmo. O infalível “regulador” assinala em cada encarnação a qualidade da que lhe sucede; e a soma de mérito ou de demérito das anteriores encarnações determina o renascimento seguinte.

P: Podemos, portanto, inferir o estado passado de um homem pelo seu presente?

T: Somente até o ponto de acreditar que sua vida presente é o que havia de ser em justiça, para redimir os pecados da vida anterior. Por suposição, (excetuando os videntes e os grandes adeptos), nós, como mortais comuns, não podemos conhecer o que foram esses pecados; assim como, pelos poucos dados de que dispomos, nos é impossível determinar o que deve ter sido a juventude de um ancião, pelas mesmas razões, também podemos tirar conclusões decisivas somente pelo que vemos na vida de um homem, do que possa ter sido sua vida passada.

Que é Karma?

P: Mas o que é Karma?

T: Como já disse, consideramo-lo como a Lei última do universo, a fonte e a origem de todas as demais leis que existem na natureza. Karma é a Lei infalível que ajusta o efeito à causa, nos planos físico, mental e espiritual do ser. Como nenhuma causa deixa de produzir seu devido efeito — desde a maior até a menor — desde a perturbação cósmica até o movimento de nossas mãos, e, como o semelhante produz o semelhante, Karma é aquela lei invisível e desconhecida que ajusta sábia, inteligente e equitativamente cada efeito a sua causa, fazendo esta remontar até seu produtor. Embora incognoscível sua ação é perceptível.

P: Neste caso nos encontramos com o “absoluto”, o “incognoscível”, e não tem grande valor como explicação dos problemas da vida?

T: Ao contrário. Porque se ignoramos o que Karma é por si, e qual é sua essência, sabemos como age, e podemos definir com exatidão sua forma de ação. Somente ignoramos sua causa

última, exatamente como a filosofia moderna que admite que a causa última das coisas é “incognoscível”.

P: O que pode nos dizer a Teosofia com relação à solução das necessidades mais práticas da humanidade? Que explicação oferece sobre os espantosos sofrimentos e a terrível miséria que prevalecem entre as chamadas “classes inferiores”?

T: Segundo nossa doutrina, todos esses males sociais, a distinção de classes na sociedade e a dos sexos nos assuntos da vida, a distribuição desigual do capital e do trabalho etc, são devidas ao que chamamos Karma.

P: Mas, seguramente, todas essas calamidades que parecem cair indistintamente sobre as massas, não serão Karma realmente merecido e individual?

T: Não; seus efeitos não podem ser definidos tão estritamente que nos permita demonstrar que cada meio ambiente individual e as condições particulares de vida em que cada pessoa se encontra, não sejam outra coisa senão Karma retributivo, gerado pelo indivíduo em uma vida anterior. Não se pode perder de vista o fato de que cada átomo está sujeito à lei geral que rege todo o corpo de que faz parte; e aqui entramos mais de cheio na lei kármica. Não vê que o agregado de Karma individual converte-se no da nação a que esses indivíduos pertencem, e a soma total de Karma nacional é o Karma do mundo? Os males que você citou não são peculiares ao indivíduo ou à nação, são mais ou menos universais, e sobre esta larga base da independência humana, a Lei de Karma encontra sua aplicação legítima e uniforme.

P: Isto quer dizer que a Lei de Karma não é necessariamente uma lei individual?

T: Isto é o que digo. Se Karma não tivesse uma esfera de ação ampla e geral, seria impossível que pudesse equilibrar a balança do poder na vida e no progresso do mundo. Entre os teósofos considera-se uma verdade, que a solidariedade e mútua dependência da humanidade é a causa do que se chama Karma distributivo; e esta Lei é a que oferece a solução da grande questão do sofrimento coletivo e de seu alívio. Além disso, uma lei oculta ensina que nenhum homem pode sobrepor-se a seus defeitos individuais, sem elevar, por pouco que

seja, à toda a corporação de que faz parte integrante. Da mesma forma como ninguém pode pecar e sofrer sozinho os efeitos do pecado. A *separação* não existe em realidade; e a maior proximidade a esse estado egoísta, que as leis da vida permitem, está na intenção ou motivo.

P: E não existem meios através dos quais se possa concentrar ou reunir, por assim dizer, o Karma distributivo ou nacional, e levá-lo à sua realização natural e legítima, sem tanto sofrimento prolongado?

T: Por regra geral, e dentro de certos limites que marcam a época a que pertencemos, não se pode precipitar nem conter a Lei de Karma. Mas tenho certeza de que nunca se cogitou da possibilidade de levá-lo ao fim em nenhum dos dois sentidos. Atente para a seguinte relação sobre uma fase de sofrimento nacional, e diga você mesmo se admitindo o poder ativo do Karma individual, relativo e distributivo, não se pode modificar extensamente e aliviar-se esses males em geral. O que vou ler foi escrito por um salvador nacional; de uma pessoa que, tendo vencido ao eu e livre para eleger, escolheu servir à humanidade carregando todo o peso do Karma nacional, na medida em que são capazes as forças de uma mulher. Eis o que disse:

“Sim, sempre fala a natureza, não acreditam? Só que às vezes fazemos tanto ruído que sufocamos sua voz. Eis por que repousa tanto fugir da cidade e descansar um pouco entre os braços da Mãe. Penso na tarde que, em Hampstead Heath, contemplávamos o pôr-do-sol; mas, ai, entre quanto sofrimento e miséria havia-se posto aquele sol! Ontem uma senhora trouxe-me uma grande cesta de flores silvestres. Pensei que alguma pessoa de minha família do East-End teria mais direito a elas do que eu, e, por isso, levei-as esta manhã a uma escola muito pobre de Whitechapel. Queria que tivessem visto alegrar-se aqueles jovens e pálidos semblantes! Depois fui a uma taberna para pagar um jantar para umas crianças. Estava situada numa ruazinha estreita, cheia de gente irrequieta; havia um mau-cheiro indescritível que exalavam os peixes, a carne e outros alimentos requentados por um sol que, em Whitechapel, em vez de purificar, corrompe. A taberna era a quintessência de todos os odores. Pastéis de carne inverossímeis a um *penny* cada, alimentos repugnantes e enxames de moscas; um verdadeiro tem-

plo de belzebu! Por toda parte crianças colocavam restos de comida em caçarolas; uma delas, com uma cara parecida à de um anjo, recolhia caroços de cerejas como alimento ligeiro e nutritivo. Voltei para o oeste presa de um forte estremecimento de todos os nervos do corpo, perguntando-me se existe a possibilidade de fazer algo em favor de alguns bairros de Londres, que não seja o afundá-los em um terremoto, salvando a seus habitantes e submergindo-os em algum Leteu purificador, de onde nenhuma recordação pudesse surgir. E então pensei em Hampstead Heath, e meditei. Se por algum sacrifício alguém pudesse adquirir o poder de salvar a essa gente, não valeria a pena reparar no gasto. Mas como compreendem, é necessário que *mudem*: e como se poderia alcançar isto? Nas condições em que se encontram agora, não se beneficiariam de qualquer ambiente em que se lhes colocasse; e, sem dúvida, em suas atuais circunstâncias continuariam por força se corrompendo. Esta miséria infinita e desesperada e a degradação brutal, que é a um tempo seu resultado e sua causa, partem-me o coração. Sucede como com o plátano: cada galho estende por si mesmo raízes e produz novos ramos. Que diferença entre esses sentimentos e a tranqüila cena de Hampstead! E, sem dúvida, nós que somos irmãos e irmãs destas pobres criaturas, só temos o direito de nos servir dos Hampstead Heaths a fim de adquirir a força necessária para salvar aos Whitechapels”.

(Assinado com um nome por demais respeitado e conhecido para expô-lo às brincadeiras e ao escárnio.)

P: Esta é uma carta bem triste, embora bonita, e creio que apresenta com dolorosa clareza a ação terrível do que chamam “Karma relativo e distributivo”. Mas não vemos nenhuma esperança imediata de alívio fora de algum terremoto, ou de alguma catástrofe geral?

T: Que direito temos de pensar dessa forma, quando metade da humanidade está em situação de poder aliviar imediatamente as provações que sofrem seus semelhantes? Quando cada indivíduo haja contribuído com tudo o que possa para o bem geral, com seu dinheiro, seu trabalho e seus nobres pensamentos, então, e só então, se modificará a balança do Karma nacional; e até então não temos o direito, nem razão alguma, para dizer que há mais vidas sobre a terra do que as que a natureza

pode manter. Às almas heróicas, aos salvadores de nossa raça e nação, está reservada encontrar a causa dessa carga desigual do Karma retributivo; e por meio de um supremo esforço, reajustar a balança do poder, salvando as pessoas de um afundamento moral mil vezes mais desastroso e funesto que a mesma catástrofe física em que você parece ver a única saída possível para tanta miséria acumulada.

P: Pois bem: diga-me em termos gerais como vocês descrevem esta Lei de Karma.

T: Nós a descrevemos como uma Lei de ajuste, que tende sempre a restabelecer o equilíbrio no mundo físico e a turbada harmonia no mundo moral. Dizemos que Karma não age sempre neste ou naquele sentido particular, mas sim que sempre o faz de maneira que restabeleça a harmonia e o equilíbrio da balança em virtude da qual existe o universo.

P: Dê-me um exemplo.

T: Darei um completo, mais adiante. Pense em um lago. Cai uma pedra na água e produz ondas que perturbam sua tranqüilidade. Essas ondas oscilam para trás e para frente até que ao fim, graças à operação que os físicos chamam de lei de dissipação da energia, acalmam-se e voltam as águas a seu estado de tranqüilidade. De maneira idêntica procede toda ação em cada plano: uma perturbação na harmonia do universo; e as vibrações produzidas deste modo continuarão oscilando para trás e para frente, se sua área é limitada, até que se restabeleça o equilíbrio. Mas como cada uma dessas perturbações parte de um ponto determinado, está claro que somente se pode restabelecer o equilíbrio e a harmonia, voltando a convergir até àquele mesmo ponto todas as forças postas em movimento a partir dele. Esta é a prova de que as conseqüências dos atos de um homem, assim como as de seus pensamentos, devem reagir todas sobre ele mesmo com a mesma força com que foram postos em ação.

P: Mas não encontro nessa Lei nenhum caráter moral. Parece-me igual à simples lei física de que a ação e a reação são iguais e opostas.

T: Não me surpreende ouvir você dizer isto. Como está gravado nos europeus o costume de considerar a razão e a

não-razão, o bem e o mal, como questões que dependem de um código de lei arbitrário fixado pelos homens ou imposto por um Deus pessoal! Mas nós, os teósofos, dizemos que “bem” e “harmonia” (assim como “mal” e “falta de harmonia”), são sinônimos. Além disso, afirmamos que toda dor e sofrimento são resultado da falta de harmonia, e que a perturbação desta é causa terrível e única do egoísmo, de uma forma ou de outra. Por conseguinte, Karma devolve a cada homem as conseqüências precisas de seus próprios atos, sem levar em conta para nada seu caráter moral; mas uma vez que recebe o que lhe é devido por tudo, é evidente que terá que expiar todos os sofrimentos que haja causado, exatamente da mesma forma que recolherá com júbilo os frutos de felicidade e harmonia que contribuiu para produzir. O melhor benefício que posso fazer para vocês é citar trechos de livros e escritos de alguns teósofos que têm uma idéia correta de Karma.

P: Muito bem lembrado, uma vez que sua literatura com relação a este ponto parece-me muito escassa.

T: Em virtude deste ser o ponto mais difícil de nossa doutrina. Há algum tempo escritora cristã nos fez a seguinte objeção:

“Admitindo-se que a doutrina da Teosofia seja correta e que o ‘homem deva ser seu próprio salvador, deva vencer-se a si mesmo e dominar o mal que existe em sua dupla natureza para conseguir a emancipação de sua alma’; que fará o homem depois de haver abandonado até certo ponto o mal e haver se convertido a uma vida melhor? Como alcançará a emancipação, o perdão ou a anulação do mal que já haja cometido?”

A isto responde, muito oportunamente, o sr. J. H. Conelly, que nada pode fazer com “que a máquina teosófica siga o mesmo rumo que a teológica”. Diz assim:

“Que seja possível evitar a responsabilidade individual, não faz parte dos conceitos da Teosofia. Nesta crença não existe o perdão nem a ‘supressão do mal já cometido’, exceto por meio do castigo adequado a quem faltou, e o restabelecimento da harmonia do universo, turbada pela sua má ação. O mal foi feito e enquanto outros têm que sofrer suas conseqüências, a expiação corresponde ao que o produziu”.

“O suposto caso... de que um homem haja abandonado até certo ponto o mal, é o de quem compreendeu que suas ações eram más, e que merecem castigo. Em semelhante reconhecimento é inevitável um sentimento de responsabilidade pessoal, e o sentimento desta responsabilidade terrível, deve estar em proporção exata ao grau de sua ‘conversão’. E esta pesa com maior força sobre ele, quando se insiste em que aceite a doutrina da expiação por procuração. Dizem-lhe também que deve se arrepender mas nada é tão fácil como isto. É uma agradável debilidade da natureza humana, a que nos faz arrepender muito facilmente do mal que temos feito, quando nos chamam a atenção sobre ele e depois que sofremos ou desfrutamos de seus resultados. Uma minuciosa análise do sentimento em questão, possivelmente nos demonstrará que nos arrependemos mais da necessidade que pareceu exigir o mal como meio de conseguir nossos fins egoístas, que do próprio mal.

Por atrativa que seja para a inteligência comum a idéia de descarregarmos o peso de nossos pecados ‘ao pé da cruz’, para o teósofo não tem nenhum valor. Não pode conceber por que o pecador que chegou ao conhecimento de suas culpas, há de merecer por este motivo algum perdão por sua passada perversidade, ou pelo esquecimento da mesma; nem compreende por que o arrependimento, e uma vida justa e honrada daí para frente, lhe darão direito a uma suspensão, em seu favor, da lei universal de relação entre causa e efeito. Os resultados de suas más ações continuam existindo; o sofrimento ocasionado aos demais por sua iniquidade, não se apagou. O teósofo considera como parte integrante de sua equação, o resultado de sua perversidade sobre o inocente. Analisa não apenas a pessoa culpável como também suas vítimas.

O mal é uma infração das leis de harmonia que regem o universo e sua penalidade deve recair sobre o violador daquelas leis. Jesus Cristo disse: ‘Não peques mais, para não suceder-te uma coisa pior’. E disse São Paulo: ‘Trabalhai em vossa própria salvação. O que um homem semeia, aquilo colherá’. Isto, diga-se de passagem, é uma bela metáfora da sentença dos *Puranas*, muito anteriores àquele apóstolo, que diz que ‘todo homem colhe as conseqüências de suas próprias ações’.

Este é o princípio da Lei de Karma, ensinado pela Teosofia. Em seu *Buddhismo Esotérico*, Sinnett interpretou Karma como ‘a Lei de causação ética’. Mais exata é a versão de madame Blavatsky: ‘a Lei de retribuição’. É o poder que:

Justo embora misterioso nos conduz de modo infalível por caminhos ocultos, desde a falta até o castigo.

Mas ainda é mais. Tão infalível e amplamente recompensa o mérito, como castiga o demérito. É o resultado de cada ato, pensamento e palavra, e por eles moldam os homens sua vida e acontecimentos. A filosofia oriental repele a idéia da criação de uma nova alma para cada criatura que nasce. Acreditam em um número limitado de Mônadas que evoluem e se aperfeiçoam por meio da assimilação de várias personalidades sucessivas. Estas personalidades são produto de Karma; e é através de Karma e reencarnação que a Mônada humana volta — em seu devido tempo — à sua origem, a Deidade absoluta.”

E. D. Walker, em sua obra *Reencarnação*, nos oferece a seguinte explicação:

“Em poucas palavras, a doutrina de Karma explica que nós mesmos nos fizemos o que somos, por atos anteriores, e que formamos nossa eternidade futura com as ações presentes. Não existe outro destino além daquele que nós mesmos determinamos. Não há nenhuma salvação nem condenação, exceto a que nós mesmos nos originamos... Como Karma não oferece nenhum amparo aos atos culpáveis e requer muito valor, não encontra boa acolhida entre as naturezas débeis, que preferem as fáceis doutrinas religiosas da remissão dos pecados, da intercessão, do perdão e das conversões de última hora... No domínio da eterna justiça, a ofensa e o castigo estão inseparavelmente unidos como um só fato, porque não existe diferença real entre a ação e sua conseqüência... Karma — ou nossos antigos atos — são os que nos trazem de volta à vida terrestre. A residência do espírito muda segundo seu Karma, e Karma não permite uma longa permanência em uma mesma condição, porque sempre se está modificando. Enquanto a ação estiver governada por motivos materiais egoístas, seus efeitos deverão se manifestar em renascimentos físicos. Somente o homem per-

feitamente desinteressado pode evitar o peso da vida material. Poucos o conseguiram, mas é a meta a que tende a humanidade”.

Aqui o autor cita o seguinte, da *Doutrina Secreta*:

“Os que acreditam em Karma têm que crer no destino que cada homem — desde o nascimento até a morte — está tecendo ao seu redor, fio por fio como a aranha em sua teia; e este destino é guiado, seja pela voz celeste do protótipo invisível fora de nós, ou por nosso homem astral íntimo e interno, que freqüentemente é o gênio do mal da entidade encarnada chamada homem. Ambos guiam o homem externo, mas um deles há de prevalecer; e, desde o próprio princípio da contenda, a implacável lei de compensação intervém, seguindo seu curso e suas flutuações. Quando tece a última linha, o homem fica envolto na rede de sua própria composição, e encontra-se, então, absolutamente em poder desse destino criado por ele mesmo. . . Um ocultista ou um filósofo não falarão da bondade ou crueldade da Providência, pois, identificando-a com Karma-Nêmesis, ensinará que protege aos bons e vela por eles nesta vida e nas futuras, e que castiga ao que faz o mal — ainda que até seu sétimo renascimento; em uma palavra: enquanto o efeito que produziu a perturbação até no menor átomo, no mundo infinito da harmonia, não tenha sido finalmente corrigido. O único decreto de Karma — decreto eterno e imutável — é a harmonia absoluta no mundo da matéria e no do espírito. Portanto, não é Karma quem dá prêmio ou castigo, mas sim nós quem nos recompensamos ou castigamos, conforme trabalhemos com e pela natureza, obedecendo às leis das quais depende aquela harmonia, ou as violemos. Tampouco os desígnios de Karma seriam inescrutáveis, se os homens agissem em união e harmonia, ao invés de na desunião e na guerra. Porque nossa ignorância desses desígnios — que uma parte da humanidade chama desígnios da Providência, obscuros e intrincados, enquanto outra vê neles a ação de um fatalismo cego, e, outra ainda, simples casualidade sem deuses ou demônios que os dirijam — seguramente desapareceriam se quiséssemos atribuí-los todos a sua verdadeira causa. . . Ficamos perturbados e surpreendidos ante o mistério de nossa própria obra e dos enigmas da vida que não queremos resolver, e acusamos à grande esfinge de nos devorar. Mas,

verdadeiramente, não há um acidente em nossas vidas, um só dia desgraçado, ou um só percalço cuja causa não se possa fazer remontar a nossos próprios atos nesta ou em outra vida. . . A Lei de Karma está inextricavelmente ligada com a da reencarnação. . . Somente esta doutrina pode nos explicar o misterioso problema do bem e do mal e reconciliar o homem com a terrível e aparente injustiça da vida. Somente essa certeza é capaz de acalmar nosso sublevado sentimento de justiça. Porque quem quer que ignore essa nobre doutrina, olhando em seu redor e observando as desigualdades de nascimento e de fortuna, da inteligência e capacidade, e contempla nas mãos de loucos e libertinos as honras e as riquezas, devidas unicamente a seu nascimento, enquanto que os seus próximos, com toda sua inteligência e nobres virtudes, perecem na miséria, carentes de todo apoio e simpatia, quando vê tudo isto e, despedaçado o coração, encontra-se impossibilitado de aliviar tanto sofrimento imerecido, somente o conhecimento bendito da Lei de Karma poderia impedi-lo de maldizer a vida e os homens, assim como do seu suposto Criador. . .

Seja consciente ou inconscientemente, essa Lei a ninguém nem a nada predestina. Verdadeiramente existe desde e na eternidade, por que é a própria eternidade; e, como tal, posto que nenhum ato pode ser co-igual com a eternidade, não se pode dizer que age, porque é a própria ação. Não é a onda que afoga um homem, mas sim o ato pessoal do infeliz que deliberadamente coloca a si mesmo sob a ação impessoal das leis que regem o movimento do oceano. Karma não cria nem prejudica coisa alguma. O homem é quem projeta e cria as causas, e a lei kármica ajusta os efeitos. Essa concordância não é um ato, mas sim a harmonia universal que sempre tende a recuperar sua posição original, do mesmo modo que um galho dobrado violentamente para baixo, rebate com uma força correspondente. Se acontece de quebrar o braço de quem tentou dar-lhe uma direção diferente de sua posição natural, diremos que o galho foi quem quebrou o braço, ou que a ignorância foi a causa do dano sofrido? Karma jamais tentou anular a liberdade intelectual e individual, como sucede com o deus inventado pelos monoteístas. Não ocultou seus decretos na escuridão, com a finalidade de confundir e perturbar os homens, nem também castigará àquele que se atrever a inves-

tigar seus mistérios. Ao contrário: aquele que por meio do estudo e da meditação descobre seus intrincados caminhos e derrama a luz sobre essas escuras sendas, em cujas sinuosidades tantos homens perecem devido à sua ignorância do labirinto da vida, trabalha pelo bem de seus semelhantes. Karma é uma lei absoluta e eterna no mundo das manifestações e como só pode existir um Absoluto, assim como uma Causa eternamente presente, os que acreditam em Karma não podem ser considerados ateus ou materialistas, e, menos ainda, por fatalistas, porque Karma forma um só todo com o Incognoscível, do qual é um aspecto, em seus efeitos no mundo fenomenal”.

Outro escritor teosófico (*Objeto da Teosofia*, por P. Sinnett):

“Cada indivíduo está criando Karma bom ou mal, com cada ato e pensamento diários, e, ao mesmo tempo, está esgotando nesta vida o Karma produzido pelos atos e desejos da anterior. Quando se vêem pessoas aflitas por sofrimentos naturais, pode-se dizer que esses sofrimentos são resultados inevitáveis de causas originadas por elas mesmas em nascimentos anteriores. Poderá se argumentar que como são doenças hereditárias, não têm nada que ver com encarnações passadas; mas é preciso se levar em conta que o Ego, o homem real, a individualidade, não tem sua origem espiritual na parentela que o reencarna, mas sim que é atraído pelas afinidades que o gênero de sua vida anterior agrupou em seu redor, dentro da corrente que o leva, quando chega a hora do renascimento, até a moradia mais adequada para o desenvolvimento dessas tendências... Bem entendida esta doutrina de Karma, ela guia e auxilia àqueles que compreendem sua verdade, elevando e melhorando sua vida; porque não se deve esquecer que, não apenas nossos atos, mas também nossos pensamentos atraem seguramente um acúmulo de circunstâncias que influirão bem ou mal em nosso futuro, e, o que é mais importante ainda, no futuro de nossos semelhantes. Se os pecados por omissão ou comissão somente interessassem ao Karma do pecador, o fato teria menos consequências; mas, como cada pensamento e ato na vida entra uma influência correspondente, boa ou má, sobre outros membros da família humana, o sentido estrito da justiça, moralidade e generosidade

são necessários à felicidade ou progresso futuros. Nenhum arrependimento — por maior que seja — pode apagar os resultados de um crime já cometido, ou os efeitos de um mau pensamento. O arrependimento, se é sincero, deterá o homem, impedindo-o de voltar a cair em suas faltas; mas nem a ele mesmo, nem tampouco aos demais, pode livrar dos efeitos já produzidos por elas, que infalivelmente recairão sobre ele, seja nesta vida ou no próximo renascimento”.

E conclui F. H. Conelly:

“Os que crêem em uma religião baseada em tal doutrina, desejariam que se a comparasse com aquela em que o destino do homem na eternidade fica determinado pelos acidentes de uma vida terrestre única e curta, durante a qual se lhe consolam com a promessa de que ‘a árvore jazera do modo como caiu’; na que quando chega o conhecimento de sua perversidade, sua maior esperança é a doutrina da remissão, graças a um vigário proposto ao efeito, e, em alguns casos, até mesmo essa esperança deve perder, conforme a profissão de fé presbiteriana, que diz:

‘Por decreto do Todo-Poderoso — para manifestação de sua glória — alguns homens e anjos estão predestinados à vida eterna e outros já condenados de antemão à eterna morte’.

Esses anjos e esses homens assim predestinados ficam já designados imutável e individualmente, e tão exato é seu número, que não pode ser aumentado ou diminuído... Deus designou o eleito para a glória... Tampouco ninguém pode ser redimido, eficazmente chamado, justificado, adotado, santificado e salvo por Cristo, exceto o eleito.

Deus se compraz, de acordo com o próprio parecer de sua vontade, em efeito do qual concede ou nega o perdão para glória de seu poder soberano sobre suas criaturas, em não cuidar-se do resto da humanidade, e em condená-lo à desonra e à ira por seus pecados, em louvor de sua gloriosa justiça”.

Isto é o que diz o distinto defensor de nossa filosofia. Não podemos fazer nada melhor para terminar este assunto, que imitá-lo, citando um trecho de um magnífico poema. Como disse muito bem:

“A esquisita beleza da descrição de Karma em *A Luz da Ásia*, de Edwin Arnold, nos convida a reproduzi-la aqui; porém, como é demasiado longa para dá-la por inteiro, citaremos apenas um trecho”:

“Karma — é todo aquele total de uma alma
As coisas que fez, os pensamentos que teve,
Que o “Eu” teceu com trama de tempo sem fim
Através da urdidura invisível dos atos.

.....

Antes do princípio e sem fim,
Como o espaço eterno, e seguro como a certeza
Há um Poder divino que incita ao bem;
E somente suas leis duram.

Ninguém será desprezado;
O que se opõe perde e o que o serve ganha;
Paga o bem oculto com paz e com glória,
E o mal escondido com sofrimentos.

Vê em toda parte e tudo o anota;
Se fazes bem o recompensa. Comete um erro
E deves pagar a retribuição justa,
Embora Dharma se detenha muito.
Não conhece cólera nem perdão; em verdade justo
Enche suas medidas, sua balança exata pesa.
Os tempos não são nada; amanhã julgará
Ou depois de muitos dias.

.....

Assim é a lei que incita à justiça,
Que no fim ninguém pode distorcer ou deter,
Seu coração é o amor; seu fim
É a Paz e a doce consumação. Obedece.”

E, agora, aconselho-os a que comparem nosso ponto de vista teosófico sobre Karma, a Lei de retribuição, e digam se não é mais filosófico e justo que esse dogma cruel e absurdo que converte a “Deus” em um desapiedado inimigo; em particular à doutrina de que “só os eleitos” serão salvos, condenando-se o resto à eterna perdição.

P: Sim, compreendo sua idéia geral, mas queria que me desse um exemplo concreto da ação de Karma.

T: Isto não posso fazer. Somente podemos estar seguros, como já disse, de que nossas vidas presentes e circunstâncias atuais, são resultado direto de nossos próprios atos e pensamentos em vidas passadas. Mas, uma vez que não somos videntes ou iniciados, não podemos saber coisa alguma com relação aos detalhes, sobre a forma de operar da lei kármica.

P: Pode alguém — entre os adeptos ou videntes — seguir em seus detalhes esse processo kármico de restabelecimento da harmonia?

T: Seguramente. “Os que sabem” podem fazê-lo, mediante o exercício de poderes que existem latentes em todos os homens.

Quem são os que sabem?

P: Isto pode se aplicar igualmente a nós e aos demais?

T: Igualmente. Como se acaba de dizer, para todos existe a mesma visão limitada, exceto para aqueles que alcançaram na presente encarnação o apogeu da visão espiritual e da clarividência. Somente podemos compreender que, se as coisas para nós pudessem ter sido diferentes, elas teriam sido; que somos nossa própria obra, e que apenas temos o merecido.

P: Apenas temo que semelhante conceito só sirva para amargar ainda mais nosso ânimo.

T: Pois acredito que é precisamente o contrário. A falta de crença em uma lei justa de retribuição, é o que mais facilmente desperta no homem todos os sentimentos de rebelião. Tanto a criança como o homem, sofrem muito mais por um

castigo ou mesmo por uma reprimenda que julgam imerecida, do que por um castigo mais severo, se compreendem que o mereceram. A crença em Karma é a razão mais alta para que um homem se conforme com sua sorte na vida, e o estímulo mais poderoso para melhorar, por meio do esforço, o próximo renascimento. Seguramente, esses dois objetivos seriam destruídos, se supuséssemos que nossa sorte é resultado de algo que não fosse a lei estrita, ou que o destino se encontra em outras mãos que não as nossas.

P: Conforme sua afirmação, esse sistema de reencarnação sob a ação da lei kármica impõe-se ante a razão, a justiça e o sentido moral. Mas se é assim, não é sacrificando em parte as belas qualidades da simpatia e da compaixão, e a custo dos sentimentos mais delicados da natureza humana?

T: Só na aparência, mas não na realidade. Nenhum homem pode receber mais ou menos do que merece, sem uma correspondente injustiça ou parcialidade com relação aos demais; e uma lei que pudesse evitar-se graças à compaixão, produziria mais sofrimentos e maiores desgraças e irritação, do que benefícios. Leve também em conta que não administramos a lei, uma vez que criamos causas para seus efeitos; ela se administra a si própria; e, além disso, a mais ampla previsão da manifestação da compaixão justa e da misericórdia, nós a encontramos em Devakhan.

P: Você tem mostrado os adeptos como uma exceção à regra de nossa ignorância geral. Realmente eles sabem mais do que nós sobre a reencarnação e os estados futuros?

T: Sem dúvida alguma. Graças ao desenvolvimento de faculdades que todos possuímos, mas que só eles aperfeiçoaram, penetrando espiritualmente nesses planos e estados que temos discutido. Desde as idades mais remotas, uma geração de adeptos atrás da outra, vêm estudando os mistérios do ser, da vida, da morte e do renascimento, e todos por sua vez ensinaram alguns dos fatos que aprenderam desta forma.

P: E o objetivo da Teosofia é a formação de tais adeptos?

T: A Teosofia considera à humanidade como uma emanção do divino em vias de regresso até sua origem. Chegados a certo ponto do caminho, aqueles que sacrificaram várias encarnações para consegui-lo, alcançam o estado de adepto. Fique certo que nenhum homem tornou-se adepto nas ciências secretas, durante apenas uma vida; muitas encarnações são necessárias, depois de ter feito um propósito consciente e de haver dado princípio à prática imprescindível. Podem ser muitos os homens e as mulheres — mesmo dentro de nossa sociedade — que desde várias encarnações começaram a obra laboriosa de alcançar a iluminação desejada; e, por outro lado, aqueles que, em efeito das ilusões pessoais da vida presente, ou por ignorar o fato, estão perdendo toda probabilidade de progresso nesta existência. Sentem uma atração irresistível pelo Ocultismo e pela vida superior, mas ainda são, sem dúvida, por demais pessoais e apegados às suas próprias opiniões (agradando-lhes excessivamente as enganosas seduções do mundo e os efêmeros prazeres do mesmo), para que se decidam a renunciar a eles, perdendo assim suas possibilidades de progresso na atual existência. Mas para os homens comuns, para os deveres práticos da vida diária, semelhante resultado — tão longínquo — é impróprio como objetivo e inteiramente ineficaz como motivo.

P: E qual pode ser o objetivo destes ao entrar na Sociedade Teosófica?

T: Muitos se interessam por nossas doutrinas e sentem, instintivamente, que são mais verdadeiras que as de qualquer religião dogmática. Outros se propuseram firmemente a alcançar o ideal mais elevado do dever para o homem.

Diferença entre a fé e o conhecimento, ou a fé cega e a arrazoada

P: Disse que aceitam as doutrinas teosóficas e crêem nelas. Mas, como não fazem parte desses adeptos de que acabou de falar, têm que aceitar suas doutrinas com fé cega. E em que isto difere das religiões convencionais?

T: Assim como difere em quase todos os demais pontos, difere neste também. O que você chama de “fé”, e que em realidade é fé cega com relação aos dogmas das religiões cristãs, para nós converte-se em *conhecimento*, resultado lógico de coisas que sabemos acerca de fatos da natureza. Suas doutrinas estão baseadas na interpretação, e, portanto, no testemunho de segunda mão de videntes; as nossas o estão no testemunho direto invariável de videntes. Por exemplo, a Teologia cristã comum sustenta que o homem é uma criação de Deus, composta de três partes: corpo, alma e espírito, todas essenciais à sua integridade; seja sob a forma densa da existência física terrestre, ou sob a forma etérea da experiência da pós-ressurreição, necessária para sua constituição eterna, deste modo tendo cada homem uma existência permanente, separada dos demais homens e da Divindade. Por seu lado, a Teosofia afirma que sendo o homem uma emanção da essência divina desconhecida e sempre infinita e presente, o corpo, como tudo o mais, é passageiro, e, portanto, ilusório; a única substância permanente nele é o espírito, este mesmo perdendo sua individualidade separada no momento de sua completa reunião com o *Espírito Universal*.

P: Se perdemos até nossa individualidade, então isto é simplesmente o aniquilamento?

T: Eu digo que não, uma vez que falo da individualidade *separada* e não da universal. Esta individualidade converte-se em uma parte transformada no todo; como não se evapora a gota de orvalho, mas sim, converte-se em oceano. Quando o homem físico converte-se de um feto em um ancião, está por isso aniquilado? Quão satânico não será nosso orgulho, quando colocamos nossa consciência e individualidade — infinitamente pequenas — por cima da consciência universal e infinita!

P: Resulta daí, então, que de fato não existe o homem, mas sim que tudo é espírito?

T: Equívoco seu. O que resulta é que a união do espírito com a matéria é temporal; mas claro: que formando o espírito e a matéria um só todo, uma vez que são os dois pólos opostos da substância *universal* manifestada, o espírito perde seu direito a esse nome, enquanto a menor partícula e átomo de sua subs-

tância manifestada, aderem-se a uma forma qualquer, resultado da diferenciação. Acreditar o contrário é fé cega.

P: De maneira que, baseando-o no conhecimento e não na fé, é como asseguram que o princípio permanente, ou seja, o espírito, realiza apenas um trânsito pela matéria?

T: Dizendo melhor, sustentamos que a aparência do princípio permanente e único, o espírito, é transitória como matéria, e, por conseguinte, nada mais é do que uma ilusão.

P: E isto apoiando-o no conhecimento e não na fé?

T: Precisamente. Mas como vejo nitidamente onde você pretende chegar, melhor será que diga desde logo que consideramos a fé — tal como vocês a compreendem — como uma enfermidade mental; e a fé verdadeira, isto é, a *pistis* dos gregos, como a *crença baseada no conhecimento* derivado da evidência, assim como dos sentidos físicos e dos espirituais.

P: Que entendem por isto?

T: Quero dizer, se é que deseja saber qual a diferença que há entre ambas, que entre a *fé baseada na autoridade* e a baseada na própria *intuição espiritual*, existe uma diferença muito grande.

P: Qual é?

T: A primeira é credulidade e superstição humanas, e a segunda é crença e intuição humanas. Como disse muito bem o professor Alexandre Wilder em seu *Introdução aos Mistérios Eleusianos*: “A ignorância é o que conduz à profanação. Os homens ridicularizam aquilo que não compreendem devidamente... A corrente interna deste mundo dirige-se para uma meta; e no fundo da credulidade humana... existe um poder quase infinito, uma fé santa, capaz de compreender as verdades supremas de toda existência”. Os que limitam essa “credulidade” somente aos dogmas humanos autoritários, jamais conceberão aquele poder, nem mesmo o reconhecerão em suas naturezas. Tal credulidade está fortemente aderida ao plano externo, e é incapaz de pôr em jogo a essência que o governa; porque para fazê-lo têm que reclamar seu direito de julgar privadamente, e isto nunca se atreverão a fazer.

P: E por acaso é essa “intuição” que os obriga a repelir a Deus como Pai pessoal, Dono e Senhor do Universo?

T: Justamente. Cremos em um Princípio eterno, incognoscível, porque somente a aberração cega é capaz de negar que o universo, o homem racional e todas as maravilhas que até mesmo o mundo da matéria encerra, poderiam ter se desenvolvido sem o auxílio de *poderes inteligentes*, que dirigissem as funções extraordinariamente sábias de todas as suas partes. A natureza pode errar em seus detalhes e nas manifestações externas de seus materiais, e o faz freqüentemente, mas jamais em suas causas e resultados internos. Os antigos pagãos tinham opiniões muito mais filosóficas com relação a essa questão, que os filósofos modernos, sejam agnósticos, materialistas ou cristãos; e até agora, jamais ocorreu a nenhum escritor pagão assentar a proposição de que a crueldade e a compaixão não são sentimentos finitos, e podem, portanto, ser atributos de um deus infinito. Por conseguinte, todos os seus deuses eram finitos. O autor siamês de *Roda da Lei*, expressa, tal como nós o fazemos, a mesma idéia sobre o Deus pessoal, quando diz: (pág. 25) “Poderia um budhista crer na existência de um Deus sublime, superior a todas as qualidades e atributos humanos; Deus perfeito, a quem não afetassem o amor, o ódio e os zelos, permanecendo em um estado de calma que nada pudesse alterar. Respeitaria a um Deus semelhante, não pelo desejo de comprazer o temor de lhe ofender, mas por veneração natural; mas não pode compreender a um Deus dotado dos atributos e qualidades humanos; a um Deus que ama e odeia, e que se deixa dominar pela ira; uma Deidade que — seja descrita por missionários cristãos, ou maometanos, ou judeus, ou os brâmanes¹ — não alcança sequer o nível de um bom homem comum”.

P: Fé por fé, não é preferível a do Cristianismo que crê, confessando sua própria impotência e humildade, que existe no céu um Pai misericordioso que o há de livrar da tentação, ajudar na vida e perdoar seus erros, à fé orgulhosa, fria e quase fatalista dos budhista, vedantinos e teósofos?

¹ Refere-se aqui aos brâmanes sectários. O Parabrahm dos vedantinos, é a Deidade que aceitamos e na qual cremos.

T: Já que lhe agrada, continue a chamar nossa crença de “fé”. Mas, já que voltamos a esta eterna questão, por minha vez pergunto: fé por fé, não é melhor a que está baseada estritamente na lógica e na razão, do que a que está simplesmente na autoridade humana ou no culto dos heróis? Nossa “fé” possui toda a força lógica da verdade aritmética de que dois e dois serão quatro. A fé de vocês é parecida com a lógica de algumas mulheres sensíveis, de quem disse Tourgenyeff que para elas dois e dois dão geralmente cinco, ou um pouco mais. Além disso, essa fé é também uma fé que não só choca com todo e qualquer sentimento de justiça e lógica possíveis, como ainda, se bem analisada, arrasta o homem até sua perdição moral, opõe-se ao progresso da humanidade, e, positivamente, convertendo a força em direito, transforma um homem sim outro não, em um Caim para seu irmão Abel.

Deus tem o direito de perdoar?

* P: A que está se referindo?

T: À doutrina da “expição por procuração”; refiro-me a esse dogma perigoso em que acreditam, e que nos ensina que, por maiores que sejam nossos crimes contra as leis de Deus e do homem, basta-nos crer no sacrifício de Jesus pela salvação da humanidade, para que seu sangue nos deixe livres de toda mancha. Faz vinte anos que combato esta doutrina, e chamo a atenção sobre um parágrafo de *Ísis sem Véu*, escrito em 1875. Eis o que ensina o cristianismo e o que combatemos:

“A compaixão de Deus é ilimitada e insondável. É impossível conceber um pecado humano tão imenso que não possa apagá-lo o preço pago de antemão pela redenção do pecador, ainda que fosse mil vezes maior. E, além disso, nunca é demasiado tarde para se arrepender. Mesmo que o pecador espere até o último minuto da última hora do último dia de sua vida mortal, para que seus lábios frios pronunciem a confissão de fé, pode entrar no paraíso; assim o fez o ladrão moribundo, e todos os outros, tão perversos quanto ele, podem fazê-lo. Tais são

as conjecturas da Igreja e do clero; conjecturas sustentadas ante seus compatriotas pelos pregadores favoritos da Inglaterra, em plena 'luz do século 19', o mais paradoxal de todos".

Pois bem: aonde conduz isto?

P: Não faz do cristão um homem mais feliz do que o budhista ou o bramânico?

T: Não; pelo menos tratando-se de um homem culto, pois a maioria destes perderam virtualmente, há muito tempo, toda crença nesse dogma cruel. Mas conduz mais facilmente à beira de todo crime concebível àqueles que ainda acreditam nele, do que qualquer outro dos que conheço. Permita-me mais uma vez referir-me à obra Isis (vol. II).

"Se nos colocamos fora do reduzido círculo das crenças e consideramos o universo como um todo governado pelo primoroso ajuste das partes, como se rebelam toda a lógica saudável e o sentimento mais elementar de justiça, contra a doutrina da expiação por proteção alheia! Se o criminoso pecasse somente contra si mesmo, e só a si próprio prejudicasse; se pudesse apagar os fatos passados com o arrependimento sincero, não só da memória do homem, mas também desse registro imperecível (que nenhuma Deidade — nem sequer a mais Suprema das Supremas — pode destruir), nesse caso, este dogma poderia não ser inconcebível. Mas manter que alguém pode prejudicar seu semelhante, matar, perturbar o equilíbrio da sociedade e a ordem natural das coisas, e, de repente, por covardia, esperança, por força ou pelo que for, encontrar o perdão, apenas por crer que o derramamento de um sangue lava outro, é um absurdo. Pode-se apagar os resultados de um crime, mesmo que este fosse perdoado? Os efeitos de uma causa jamais se circunscrevem aos limites dela mesma, nem podem os resultados do crime reduzirem-se ao ofensor e à sua vítima. Cada ação — boa ou má — tem seus efeitos, tão palpáveis como o de uma pedra atirada em água tranqüila. O exemplo é vulgar, mas é o que melhor explica: os círculos ondulatorios são mais sólidos ou mais rápidos, conforme o objeto que vem perturbá-la, mas a menor pedrinha, o objeto mais insignificante, produz suas ondas corres-

pondentes. E a perturbação não é somente essa visível na superfície; embaixo, de maneira invisível e em todas as direções, a gota empurra a gota, até que as margens e o fundo sentem a força posta em ação. Mais ainda: o ar em cima da água é agitado, e, como nos dizem os físicos, essa perturbação passa indefinidamente, de camada a camada, no espaço; foi dado um impulso à matéria e este jamais se perde, jamais pode ser anulado!...

O mesmo acontece com relação ao crime e à virtude. A ação pode ser instantânea, os efeitos são eternos. Depois de haver caído a pedra no lago, quando possamos recolhê-la com a mão, repelir as ondas, anular a força imprimida, restabelecer as ondulações etéreas em seu prévio estado, e apagar todo o rastro produzido pelo fato de haver atirado um objeto, de maneira a que não conste nos anais do tempo o haver tido lugar tal ato, *então* poderemos ouvir pacientemente os cristãos defenderem a eficácia desta classe de "expição", e deixar de acreditar na lei kármica. Mas, por enquanto, nos submetemos ao juízo do mundo inteiro para que decida qual das duas doutrinas aprecia melhor a justiça divina, qual é a mais razoável, até mesmo do ponto de vista da evidência e lógica humanas."

P: Sem dúvida, existem milhares de seres que crêem no dogma cristão e são felizes.

T: É feito de um sentimentalismo que se sobrepõe às suas faculdades racionais, e que nenhum filantropo ou altruísta verdadeiro jamais aceitará. Não é sequer um sonho de egoísmo, mas sim um pesadelo da inteligência humana. Veja onde conduz, e cite-me o nome de um país pagão onde se cometam crimes mais facilmente ou em maior número do que nas nações cristãs. Repasse a longa e espantosa lista de crimes cometidos em países europeus, e observe a protestante e bíblica América. São mais numerosas as conversões conseguidas nos cárceres, do que através de atos e pregações públicos.

"Veja em que estado se encontra a grande balança da justiça cristã: (!) assassinos cheios de sangue, impulsionados pelos demônios da luxúria, da vingança, da inveja, do fanatismo; ou

pelo simples desejo brutal de verter sangue, que muitas vezes matam as suas vítimas sem lhes dar tempo para arrepende-se ou invocar a Jesus. Talvez elas tenham morrido em pecado, e, naturalmente, de acordo com a lógica da Teologia, encontrarão o castigo de suas culpas — grandes ou pequenas. Mas o assassino, pilhado pela justiça humana e trancafiado na prisão, compadecido pelos sentimentalistas que rezam com e por ele, pronuncia as palavras mágicas da conversão, e sobe ao patíbulo redimido por Jesus. A não ser pelo assassinato, ninguém teria rezado com ele, nem se lhe teria redimido nem perdoado. Evidentemente, este homem fez bem em matar, porque desse modo alcançou a felicidade eterna! E o que sucede com a vítima, com sua família, com seus parentes, com seus amigos íntimos e com as relações sociais? A justiça não tem recompensa alguma para eles? Estão condenados a sofrer neste mundo e no próximo, enquanto quem lhes causou o dano está sentado ao lado do 'bom ladrão' do Calvário, bendito para sempre? Com relação a esta pergunta, o clero guarda um silêncio prudente.”² E agora já sabe por que os teósofos — cuja crença fundamental e cuja esperança é a justiça para todos, tanto no céu como na terra (e o Karma) —, repelem este dogma.

P: Então não é um céu sobre o que Deus preside o destino último do homem, senão a transformação gradual da matéria em seu elemento primordial, o espírito?

T: A essa meta tende tudo na natureza.

P: Alguns de vocês não consideram essa associação ou “caída do espírito na matéria” como um mal, e o renascimento como uma dor?

T: Alguns sim, e, por conseguinte, esforçam-se por abreviar seu período de prova sobre a terra. Sem dúvida não é um mal completo, uma vez que assegura a experiência pela qual alcançamos o conhecimento e a sabedoria. Refiro-me a essa experiência que ensina que as necessidades de nossa natureza espiritual nunca podem ser satisfeitas por outros meios que não

² Isis sem Véu, ibid.

sejam de felicidade espiritual. Enquanto permanecemos no corpo, estamos sujeitos à dor, ao sofrimento e a todas as adversidades e desenganos que ocorrem durante a vida. Portanto, e para atenuar isto, adquirimos ao fim o conhecimento, que só pode nos proporcionar o alívio e a esperança de um futuro melhor.

O QUE É TEOSOFIA PRÁTICA

DO DEVER

P: Que necessidade há de renascimentos sucessivos, uma vez que em nenhum se consegue alcançar a paz permanente?

T: A meta final só pode ser atingida pelas experiências da vida, e a massa dessas experiências é formada pela dor e o sofrimento. É só graças a eles que podemos aprender. Os gozos e os prazeres nada podem nos ensinar; são passageiros, e, em abundância, apenas produzem a saciedade. Além disso, nossa constante impossibilidade de encontrar satisfação permanente na vida, capaz de satisfazer as necessidades de nossa natureza mais elevada, claramente nos demonstra que estas só podem ser satisfeitas em seu próprio plano, isto é, o espiritual.

P: O desejo de abandonar a vida de um modo ou de outro é o resultado natural disto?

T: Se por este desejo está pensando em “suicídio”, garanto terminantemente que não. Semelhante resultado jamais pode ser “natural”, e é sempre devido a uma enfermidade mórbida do cérebro, ou a arraigadas opiniões materialistas. É o pior de todos os crimes, e terrível em seus resultados. Mas se por desejo

refere-se simplesmente à aspiração de alcançar a existência espiritual, não ao desejo de abandonar a Terra, nesse caso seguramente o consideraria como muito natural. De outro modo, a morte voluntária seria a deserção de nosso posto atual e o abandono dos deveres que nos incumbiram, assim como a intenção de evitar as responsabilidades kármicas; tudo o que implica na criação de novo Karma.

P: Se as ações no plano material não satisfazem, por que os deveres, que são essas mesmas ações, hão de ser tão imperiosos?

T: Antes de tudo, porque nossa filosofia nos ensina que o objetivo de cumprir com nossos deveres relativos a todos os homens, e, em última instância, relativos a nós mesmos, não é a aquisição da felicidade pessoal, mas sim a dos demais: o cumprimento do bem pelo bem, não pelo que possa nos reportar. A felicidade, ou melhor dizendo, a satisfação, certamente pode resultar do cumprimento do dever, mas não é nem deve ser o motivo para isso.

P: Em Teosofia o que se entende precisamente por “dever”? Não podem ser os deveres pregados por Jesus e seus apóstolos, uma vez que não reconhecem a nenhum deles.

T: Novamente você se engana. O que você chama de “deveres cristãos” foram apontados por todos os grandes reformadores morais e religiosos, séculos antes da era cristã. Antigamente não apenas tratava-se de tudo o que era grande, generoso e heróico, sendo objeto de pregações do púlpito, tal como hoje em dia, mas também se praticava, às vezes por nações inteiras. A história budhista é cheia dos atos mais nobres e heroicamente generosos. “Sejam todos uma só vontade, compadecendo-se um do outro; queiram-se como irmãos, sejam misericordiosos, afáveis; não devolvam mal por mal, ou injúria por injúria, mas, ao contrário, sejam bondosos.” Os discípulos de Buddha obedeciam na prática a esses preceitos, alguns séculos antes de Pedro. Sem dúvida é enorme a ética do Cristianismo, mas também é inegável que não é nova, e que nasceu da mesma maneira que os deveres “pagãos”.

P: E como define esses deveres, ou esse “dever” em geral, conforme seu entendimento?

T: Dever é aquilo que se deve à humanidade, a nosso semelhante, a nossos vizinhos, a nossa família, e, especialmente o que devemos a todos aqueles que são mais pobres e desamparados que nós. Esta é uma dívida que — não satisfeita durante a vida — nos faz espiritualmente insolventes e cria um estado de quebra moral em nossa próxima encarnação. A Teosofia é a quintessência do dever.

P: O Cristianismo também é, quando bem entendido e aplicado.

T: Sem dúvida; se não fosse na prática uma religião só de boca, a Teosofia teria pouco que fazer entre os cristãos. Desgraçadamente, é apenas uma ética da boca para fora. Os que praticam seu dever perante todos, e apenas pelo dever em si, são poucos; e são menos ainda os que cumprem esse dever contentando-se com a satisfação de sua própria consciência.

“A voz pública do elogio que honra à virtude e a recompensa”, é o que sempre domina no pensamento dos filantropos “de fama universal”. A ética moderna é bela, para ser lida e discutida, mas, que são as palavras se não se convertem em atos? Finalmente: se você me pergunta de que maneira compreendemos o dever teosófico posto em prática e com relação ao Karma, posso responder que nosso dever é beber, sem uma queixa, até a última gota, de qualquer conteúdo, que o destino nos oferecer na taça da vida; colher as rosas da vida apenas pelo aroma que possam exalar para os demais, e contentarmos unicamente com os espinhos, se não pudermos gozar daquele aroma sem privar a outro dele.

P: Tudo isto é muito vago. Que mais fazem que não façam os cristãos?

T: Não se trata do que nós, membros da Sociedade Teosófica, fazemos — embora alguns entre nós façam quanto podem —, trata-se de saber se a Teosofia nos leva mais longe no caminho do bem, do que o Cristianismo moderno o faria. Falo em ação esforçada e leal e não na simples intenção e as palavras! Um homem pode ser o que lhe apetece, o mais mundano, egoísta

e duro de todos os homens, e até um grande velhaco, e isto não o impedirá de chamar-se cristão, nem mesmo a outro considerá-lo como tal. Mas nenhum teósofo tem direito a este nome, enquanto não estiver imbuído da exatidão do axioma de Carlyle: "O objetivo do homem é um *ato* e não um *pensamento*, embora este fosse o mais nobre"; e enquanto não amoldar sua vida diária a esta verdade. O reconhecimento de uma verdade não chega a ser a aplicação da mesma; e quanto maior e mais bela pareça, quanto mais se fale da virtude e do dever ao invés de praticá-los, mais parecerão o fruto do Mar Morto. A afeição é o mais odioso dos vícios; e ela é o distintivo mais característico da maior nação protestante deste século, a Inglaterra.

P: O que considera que se deve à humanidade em geral?

T: O completo reconhecimento de direitos e privilégios iguais para todos, sem distinção de raça, cor, posição social ou de nascimento.

P: E em que momento considera que não se concede esses direitos?

T: Quando existe a menor violação do direito alheio, seja o de um homem ou o de uma nação inteira; quando não demonstramos a mesma justiça, benevolência, consideração ou compaixão que desejamos para nós próprios. Todo o sistema político atual está baseado no esquecimento de tais direitos e na afirmação rotunda do egoísmo nacional. Os franceses dizem: "Tal patrão, tal criado", e deveriam concluir: "Tal política nacional, tais cidadãos".

P: Vocês se ocupam de política?

T: Como Sociedade fugimos dela, pelos motivos que exporei em seguida: tentar reformas políticas antes de concluir uma reforma na natureza humana é o mesmo que botar vinho novo em odres velhos. Conseguir que os homens sintam e reconheçam do fundo de seu coração seu real e verdadeiro deyer para com todos os semelhantes, e desaparecerá, naturalmente, todo o antigo abuso do poder, toda lei iníqua da política nacional, fundamentada no egoísmo humano, social ou político. O jardineiro que, desejando extirpar as plantas venenosas de seu can-

teiro de flores, se as corta ao invés de arrancá-las pela raiz, é um louco. Não se pode alcançar jamais nenhuma reforma política duradoura, com os mesmos homens egoístas à frente dos assuntos.

Relações da Sociedade Teosófica com as reformas políticas

P: Portanto, a Sociedade Teosófica não é uma organização política?

T: Seguramente não. É internacional no mais elevado sentido, uma vez que conta, entre seus membros, homens e mulheres de todas as raças, crenças e opiniões, que trabalham unidos pelo mesmo objetivo: o progresso da humanidade; mas como Sociedade não toma parte em nenhuma política nacional ou de partido, seja qual for.

P: Por quê?

T: Precisamente pelas razões que acabo de expor. Além disso, a ação política deve variar necessariamente com as circunstâncias e com a idiossincrasia dos indivíduos; e, pela natureza mesma de sua posição como teósofos, os membros da Sociedade Teosófica concordam nos princípios da Teosofia, porque, do contrário, não fariam parte da Sociedade; não se deduz, disso, que opinem do mesmo modo sobre os demais assuntos. Como Sociedade só podem trabalhar juntos em matérias comuns a todos, isto é, no que se refere à Teosofia; como indivíduos, cada qual é perfeitamente dono de si, e seguem sua linha particular de ação e opinião política, desde que não estejam em oposição com os princípios teosóficos ou prejudique à Sociedade Teosófica.

P: Mas, seguramente, a Sociedade Teosófica não ignorará as questões sociais que com tanta força se vêm impondo?

T: Os próprios princípios da Sociedade Teosófica são uma prova de que ela não as ignorará. Se apenas atacando antes de tudo as leis fisiológicas mais legítimas e científicas é possível o desenvolvimento mental e espiritual da humanidade, o dever

de todos os que lutam por esse progresso é fazer tudo quanto possam para que aquelas leis sejam aplicadas de uma maneira geral. Os teósofos sabem que, por desgraça, especialmente nos países ocidentais, o estado social das massas torna impossível educar como se deve seu corpo e seu espírito, que é a causa da paralização do desenvolvimento de ambos. Como essa educação (e desenvolvimento) é um dos objetivos expressos da Teosofia, a Sociedade Teosófica simpatiza e concorda inteiramente com todo esforço verdadeiro nesse sentido.

P: O que entende por "esforços verdadeiros"? Todo reformador social possui sua panacéia especial, e cada um acredita que apenas a sua pode melhorar e salvar a humanidade.

T: Isso é perfeitamente exato, e é o verdadeiro motivo que torna tão pouco satisfatória a obra social levada a efeito. Na maior parte dessas panacéias não existe realmente nenhum princípio que sirva de guia e, com segurança, nem um só que as una a todas entre si. Deste modo, perde-se tempo e energia preciosos, porque os homens ao invés de ajudarem-se lutam uns contra os outros, muitas vezes talvez mais para alcançar fama e recompensa do que pela grande causa de que se declaram sinceros defensores, e que deveria ser suprema em sua vida.

P: Como devem ser aplicados os princípios teosóficos a fim de que se possa fomentar a cooperação social, e aplicar-se os verdadeiros esforços à melhoria da sociedade?

T: Permita-me que recorde quais são esses princípios: unidade e causalidade universais, solidariedade humana, Lei de Karma, reencarnação. Estes são os quatros elos da corrente dourada que deveria unir a humanidade, formando assim uma só família, uma fraternidade universal.

P: Como?

T: No presente estado da sociedade, particularmente nos países chamados civilizados, tropeçamos continuamente com enormes massas que sofrem devido à miséria, à pobreza e às enfermidades. Suas condições físicas são miseráveis e suas faculdades mentais e espirituais freqüentemente inativas. Por outro lado, muitas pessoas que ocupam o extremo oposto da escala social vivem indiferentes, entregues ao luxo material e à com-

placência egoísta. Nenhuma dessas formas de existência é filha de pura casualidade. Ambas são efeito das condições que rodeiam aos que a elas estão sujeitos; e o abandono do dever social, por um lado, está em relação muito íntima com o progresso interrompido do outro. Em sociologia, como em todos os ramos da ciência verdadeira, a lei da causalidade universal é exata. Mas essa causalidade implica necessariamente, como resultado lógico, a solidariedade humana, em que tanto insiste a Teosofia. Se a ação de uma pessoa se faz sentir na vida de todos os demais — e esta é a verdadeira idéia científica —, então, apenas convertendo-se os homens em irmãos, e todos praticando diariamente a verdadeira irmandade, é como se poderá alcançar a real solidariedade humana, em que se fixa a perfeição da raça. Esta ação mútua, esta verdadeira irmandade, em que cada um deve viver por todos e todos por um, é um dos fundamentais princípios teosóficos, a que todo teósofo deve obrigar-se não só a ensinar, como a aplicar praticamente em sua vida.

P: Como princípio geral, tudo isto me parece muito bom, mas como se poderá aplicar de um modo concreto?

T: Observe por um momento o que chamaria de fatos concretos da sociedade humana. Compare não apenas a vida da massa do povo, mas também a de muitos da chamada classe média e superior, com o que poderia ser sob condições mais sãs e nobres, em que dominassem por completo a justiça, a benevolência e o amor, em vez do egoísmo, a indiferença e a brutalidade que agora — com tanta freqüência — parecem reinar em absoluto. Todas as coisas boas e más da humanidade têm sua origem no caráter humano, e esse caráter é e tem sido condicionado pela interminável cadeia da causa e efeito. Mas isto se aplica tanto ao futuro como ao presente e ao passado. O egoísmo, a indiferença e a brutalidade não podem ser nunca o estado normal da raça humana; acreditar nisso seria desesperar da humanidade, e nenhum teósofo pode fazê-lo. O progresso pode ser alcançado, mas só é possível por meio do desenvolvimento das qualidades mais nobres. Pois bem: a verdadeira evolução nos ensina que, alterando-se o meio ambiente do organismo podemos alterá-lo e melhorá-lo; e, em sentido mais restrito, isto é certo com relação ao homem. Por conseguinte, todo

teósofo é obrigado a fazer quanto lhe seja possível para contribuir a todo esforço social razoável que tenha por objetivo melhorar as condições dos pobres. Estes esforços devem ter como finalidade a emancipação social deles, e o desenvolvimento do sentimento do dever naqueles que agora o esquecem com tanta frequência em quase todos os atos da vida.

P: Mas quem decidirá da bondade desses esforços sociais?

T: Nenhuma pessoa e nenhuma sociedade pode ditar regra absoluta com relação a esse ponto. Em muitos casos, o juízo individual terá necessariamente que decidir. Sem dúvida, pode propor-se uma pedra de toque, e é que a ação proposta vise promover aquela irmandade, que é o objetivo da Teosofia. Seguramente nenhum teósofo sincero terá grande dificuldade em aplicá-la; e uma vez satisfeito do resultado, será seu dever canalizar nesse sentido a opinião pública. E só poderá ser alcançado demonstrando aqueles conceitos elevados e nobres dos deveres públicos e privados, que formam a base de todo progresso espiritual e material. Sejam quais forem as circunstâncias, o teósofo deve ser um centro de ação espiritual e dele e de sua vida diária devem emanar forças espirituais elevadas, as únicas que podem regenerar a seus semelhantes.

P: Mas por que haverão de fazê-lo? Segundo seus ensinamentos, tanto ele quanto os demais não estão condicionados por seu Karma, e Karma não deve agir, necessariamente, dentro de certos limites?

T: Mas é justamente a Lei de Karma a que dá força a tudo quanto acabo de dizer. O indivíduo não pode se separar da raça, nem a raça do indivíduo. A Lei de Karma aplica-se a todos por igual, embora nem todos estejam igualmente desenvolvidos. Ajudando o desenvolvimento dos demais, o teósofo acredita que não só os ajuda a cumprir seu Karma, como ele também, num sentido mais restrito, está cumprindo o seu. O desenvolvimento da humanidade, de que todos somos partes integrantes, é o que sempre se propõe; e sabe que qualquer falta de sua parte em corresponder *ao mais elevado do seu ser*, não só o atrasa em sua marcha progressiva, mas a todos os demais.

Com suas ações pode fazer com que seja mais difícil ou mais fácil para a humanidade alcançar o próximo plano mais elevado do ser.

P: Como isto se relaciona com o quarto princípio de que falou, isto é, com a reencarnação?

T: A relação é muito íntima. Se nossas vidas presentes dependem do desenvolvimento de certos princípios que são produtos das sementes que uma existência anterior nos deixou, a lei é exata quanto ao futuro. Uma vez bem compreendida a idéia de que a causalidade universal não é puramente presente, mas sim passada, presente e futura, e que cada ação encontra em nosso plano o lugar que naturalmente lhe corresponde, ver-se-á sua verdadeira relação conosco e com os demais. Cada ação mesquinha e egoísta nos impulsiona para trás e não para a frente, e todo pensamento nobre e todo ato generoso são escalões que conduzem aos planos mais elevados e gloriosos do ser. Se esta vida fosse tudo, então, por muitos conceitos, seria bem pobre e desprezível; mas, considerada como uma preparação para a esfera imediata da existência, pode servir de porta dourada por onde possamos passar — não só e egoisticamente — mas na companhia de nossos semelhantes, aos palácios mais adiante.

Do próprio sacrifício

P: O objetivo mais elevado da Teosofia é a justiça igual para todos e o amor de todos os seres?

T: Não, existe outro ainda mais alto.

P: Qual pode ser?

T: O dar aos outros *mais* que a si mesmo; o *próprio sacrifício*. Isto foi o que distinguiu tão excelsamente aos maiores mestres da humanidade, tal como Gautama Buddha na História, e Jesus de Nazaré nos Evangelhos. Bastou esse rasgo para lhes conservar o respeito e o agradecimento perpétuo das gerações que lhes sucederam. Sem dúvida dizemos que o próprio sacrifício deve ser praticado com discernimento; e que se semelhante

abandono de si mesmo for efetuado sem levar em conta a justiça, cegamente, sem considerar os resultados, freqüentemente pode não só ser em vão o esforço, como prejudicial. Uma das regras fundamentais da Teosofia é a justiça consigo mesmo, considerando-nos como uma unidade da humanidade coletiva e não como um eu pessoal: considerando-nos não mais que os outros, mas tampouco menos, exceto quando, graças ao próprio sacrifício, podemos beneficiar a muitos.

P: Pode esclarecer melhor sua idéia através de um exemplo?

T: Existem muitos exemplos na História. A Teosofia considera o sacrifício próprio pelo bem prático de muitos, como superior à abnegação por uma idéia sectária, como por exemplo a de “salvar os pagãos da condenação”. Na nossa opinião, o padre Damião (aquele jovem de trinta anos que sacrificou sua vida inteira para aliviar os sofrimentos dos leprosos de Molokai, vivendo dezoito anos somente com eles, sendo no fim atacado pela mesma moléstia, da qual morreu) não morreu em vão. Ele aliviou e proporcionou uma relativa felicidade a milhares de pobres desgraçados. Levou-lhes consolo mental e físico. Deram um raio de luz na noite escura e terrível de uma existência cuja amargura não encontra paralelo nos anais do sofrimento humano. Era um verdadeiro teósofo e sua memória viverá eternamente conosco. Consideramos esse pobre sacerdote belga incomensuravelmente mais elevado que, por exemplo, aqueles sinceros, mas insensatos e vãos missionários que sacrificam suas vidas nas ilhas dos mares do Sul ou na China. Que bem fizeram? Nas ilhas travaram contato com seres que ainda não estavam aptos a receber verdade alguma; e, quanto à China, trata-se de uma nação cujos sistemas de filosofia religiosa são tão elevados quanto qualquer outro, se seguirem o modelo de Confúcio e demais sábios de sua raça. Morreram vítimas de canibais e selvagens irresponsáveis, ou do fanatismo e do ódio populares; enquanto que se tivessem ido aos casebres de Whitechapel ou outra localidade dessas que param e apodrecem sob o sol brilhante de nossa civilização, cheias de selvagens cristãos e de lepra mental, teriam podido fazer o bem verdadeiro e ter conservado suas vidas para uma causa melhor e mais digna.

P: Mas os cristãos não pensam o mesmo?

T: Claro que não, porque agem partindo de uma crença errônea. Pensam que batizando o corpo de um selvagem irresponsável salvam sua alma da condenação. Por um lado, a Igreja esquece seus mártires, e por outro, beatifica e levanta estátuas a homens como Labro, que sacrificou seu corpo durante quarenta anos apenas em benefício dos imundos insetos que nele se alimentavam. Se tivéssemos meios necessários, levantaríamos uma estátua ao padre Damião, santo verdadeiro e prático, e perpetuaríamos sua memória para sempre, como exemplo vivo de heroísmo teosófico e de compaixão e sacrifício próprio, budhista e cristão.

P: Portanto, considera o sacrifício próprio como um dever?

T: Sim, e o explicamos, mostrando que o altruísmo é uma parte integrante do próprio desenvolvimento. Mas precisamos explicar. Nenhum homem tem direito de deixar-se morrer de fome para que outro possa se alimentar, a não ser que a vida deste seja, de maneira evidente, mais útil a muitos que a sua própria. Mas é seu dever sacrificar seu próprio bem-estar e trabalhar pelos demais, se estes são incapazes de trabalhar por si mesmos. É seu dever dar o que lhe pertence, se ninguém mais aproveita além dele mesmo, e guarda egoisticamente. A Teosofia ensina a abnegação, mas não o sacrifício próprio impulsivo e inútil, nem justifica o fanatismo.

P: E como se pode alcançar um estado tão elevado?

T: Levando nossos preceitos à prática, com discernimento. Pelo uso de nossa razão mais elevada, da intuição espiritual, do sentido moral, e obedecendo à opinião do que chamamos “a tranqüila e suave voz” de nossa consciência, que é a “de nosso Ego, e fala mais alto em nós que os terremotos e os trovões de Jeová, onde “não está o Senhor”.

P: Se esses são nossos deveres com relação à humanidade em geral, quais são nossos deveres quanto aos que nos rodeiam?

T: Exatamente os mesmos, com mais os que nascem das obrigações especiais dos laços familiares.

P: Então não é certo o que se diz, que entrando alguém na Sociedade Teosófica vai se separando gradualmente de sua mulher, de seus filhos e dos deveres de família?

T: É uma calúnia sem nenhum fundamento, como tantas outras. O primeiro dos deveres teosóficos é o de cumprir o próprio dever quanto a todos os homens e principalmente quanto àquelas pessoas com as quais temos obrigações especiais, ou por tê-las assumido voluntariamente, como são os laços do matrimônio, ou porque o destino nos ligou a elas, como as que devemos a nossos pais ou parentes.

P: E qual pode ser o dever do teósofo com relação a si mesmo?

T: Reprimir e vencer ao eu inferior, por meio do superior. Purificar-se interna e moralmente; não temer a ninguém nem a nada, além do tribunal da sua própria consciência. Não fazer jamais uma coisa pela metade, isto é, se acredita fazer uma coisa boa, deve fazê-la aberta e francamente, e se é má, afastar-se dela por completo. É dever de um teósofo aliviar sua carga, pensando no sábio aforismo de Epíteto, que diz: "Não te deixes afastar de teu dever por qualquer reflexão vã que de ti possa fazer o mundo néscio, porque em teu poder não estão suas censuras, e, por conseguinte, não devem importar-te nada".

P: Supondo-se que um membro da Sociedade manifeste sua incapacidade para praticar o altruísmo com outras pessoas, fundamentando-se em que "a caridade começa em si mesmo"; e alegando que está demasiado ocupado, ou que é muito pobre para favorecer à humanidade, ou mesmo alguns de seus elementos; quais são suas regras em casos semelhantes?

T: Nenhum homem tem direito de dizer que nada pode fazer pelos demais, sob qualquer pretexto. "Cumprindo seu dever na ocasião conveniente, o homem pode converter-se em credor do mundo", diz um escritor inglês. Um copo de água, oferecido a um viajante sedento, realiza um dever mais nobre e mais digno que dúzias de alimentos dados sem oportunidade a quem possa pagá-los. Um homem que não sinta isto jamais será teósofo; mas, sem dúvida, poderá continuar como membro de nossa

Sociedade. Carecemos de regras para obrigar a nenhum homem a converter-se em teósofo prático, se não deseja sê-lo.

P: Então, por que entram na Sociedade?

*T: Quem o faz sabe. Nem temos o direito de formar juízos antecipados sobre uma pessoa, ainda que toda uma comunidade se manifeste contra, e direi por quê. Em nossos tempos, a *vox populi* (pelo menos no que se refere às classes cultas), já não é a *vox dei*, mas sim a da preocupação, a dos motivos egoístas, e, freqüentemente, a da impopularidade. Nosso dever é semear semente abundante para o futuro, e tratar de que seja boa; não nos deter em averiguar *por que* temos de fazer assim, nem como e para que vamos perder nosso tempo, uma vez que não seremos nós os que hão de recolher a colheita mais adiante.*

Da caridade

P: Como os teósofos consideram o dever cristão da caridade?

T: A que caridade você se refere: à caridade mental, ou à caridade prática no plano físico?

P: À caridade prática, pois sua idéia sobre a fraternidade universal presume-se que inclua a caridade mental.

T: Refere-se à aplicação prática dos mandamentos de Jesus no Sermão da Montanha?

P: Precisamente.

T: Então, por que chamá-los cristãos? Embora seu Salvador os tenha pregado e praticado, a última coisa em que pensam os cristãos de hoje em dia, é em pô-los em prática durante sua vida.

P: Sem dúvida, muitos são os que passam sua vida praticando a caridade!

T: Sim, com as sobras de suas grandes fortunas. Mas mostre-me um cristão, entre os mais filantropos, que esteja decidido a socorrer ao ladrão faminto que roube seu abrigo, ou a apresentar sua face direita ao que o esbofeteou na esquerda, sem conservar jamais ressentimento por isto.

P: Não esqueça de que não se deve tomar esses preceitos ao pé da letra. Desde a época de Cristo, mudaram os tempos e as circunstâncias. Além disso, falou em parábolas.

T: Neste caso, por que a Igreja não diz que a doutrina da condenação e do fogo do inferno também deve ser entendida como parábola? Por que alguns pregadores mais populares e afamados insistem no sentido literal dos fogos do inferno e dos tormentos físicos de uma alma “asbestina”, e permitem virtualmente que se interpretem essas “parábolas” no sentido que se faz? Se um é “parábola”, o outro também é. Se o fogo infernal é uma verdade literal, então, os mandamentos de Cristo no Sermão da Montanha devem ser obedecidos ao pé da letra. E afirmo que muitos que — como o conde Tolstoi — não acreditam na divindade de Cristo, o que também sucede a vários teósofos, aplicam literalmente esses nobres e universais preceitos. Muitas pessoas boas o fariam, se não estivessem convencidas de que semelhante proceder de vida as havia de conduzir a um manicômio, efeito do quão cristãs são nossas leis!

P: Mas todo mundo sabe que se gastam anualmente muitos milhões na caridade privada e pública.

T: Oh, sim! A metade fica entre as mãos por que passa, antes de chegar nas do pobre; e boa parte do resto em poder dos mendigos profissionais, demasiado folgados para trabalhar, não favorecendo de modo nenhum aos que realmente sofrem ou estão na miséria. Não sabe que o primeiro resultado do grande transbordamento de caridade em benefício do East-End de Londres, foi produzir uma subida de 20% nos aluguéis em Whitechapel?

P: E vocês, que fariam?

T: Não agir coletiva e sim individualmente, seguindo o preceito da escola buddhista do Norte. “Jamais ponha alimento na boca de um faminto, servindo-se de mão alheia.” “Nunca permita que entre ti e o objeto de tua generosidade se interponha a sombra de teu vizinho (a de uma terceira pessoa).” “Nunca dê tempo ao sol para secar uma lágrima, antes de havê-la enxugado tu.” “Não dê jamais, por meio de teus criados, dinheiro ao pobre ou alimento ao sacerdote que pede em tua porta; não

fora teu dinheiro a minorar o agradecimento e a converter-se em fel teu alimento.”

P: Como se pode aplicar isto praticamente?

*T: As idéias teosóficas sobre a caridade significam esforço pessoal para os demais; compaixão e bondade pessoais; interesse pessoal no bem-estar e prosperidade dos que sofrem; previsão e ajuda pessoais em suas penas e necessidades. Nós não acreditamos na eficácia do sistema de dar dinheiro por canal alheio: acreditamos aumentar cem vezes o poder do dinheiro e sua eficácia, por nosso contato e simpatia pessoais com os que o necessitam. cremos no alívio da alma, tanto, ou até mais, que o do estômago; porque o agradecimento faz um bem maior ao homem que o sente, que ao que o fez sentir. Aonde está o agradecimento que seus milhões de libras esterlinas devem ter despertado, ou os bons sentimentos provocados por eles? Acaso no ódio que o pobre de East-End sente pelo rico? No aumento do partido da anarquia e da desordem, ou nessas centenas de moças operárias, vítimas do sistema “do suor”, obrigadas a andar pelas ruas para ganhar a subsistência? Acaso ficam agradecidos as velhas e velhos desamparados, às fábricas que lhes dão trabalho, ou os pobres pelas casas insalubres em que lhes consentem criar novas gerações de seres enfermos, desnutridos e raquíticos, com o único objetivo de encher os bolsos dos Sylocks insaciáveis que possuem casas? Como consequência, cada moeda destes “milhões” entregue por gente boa e caridosa, cai como uma desgraça em vez de uma bênção sobre o pobre a quem deveria aliviar. A isto chamamos *criar Karma nacional*, e ter-ríveis serão seus resultados no dia em que tiver que render contas.*

Da Teosofia para as massas

P: Acredita que a Teosofia ajudaria a extirpar esses males, nas condições contrárias de nossa vida moderna?

T: Creio firmemente que poderíamos alcançá-lo, se tivéssemos mais recursos e tantos teósofos não precisassem trabalhar para ganhar o pão.

P: De que maneira? Pensa que poderiam plantar sua doutrina entre as massas ignorantes, sendo tão abstrata e difícil que somente pessoas instruídas podem compreendê-la?

T: Você se esquece de uma coisa, e é que precisamente sua tão decantada educação moderna é o que dificulta para vocês a compreensão da Teosofia. Vocês têm a mente tão cheia de sutilezas e preocupações intelectuais, que a intuição natural e percepção da verdade não podem funcionar. Para que o homem compreenda as verdades gerais de Karma e reencarnação, não é necessária a metafísica ou a cultura. Aí estão milhares de pobres e ignorantes budistas e hindus, para quem Karma e reencarnação são realidades, somente porque sua mente jamais foi forçada ou torcida por nenhum molde artificial. Nunca perverteu-se neles o inato sentimento de justiça humana, fazendo-os acreditar que todos os seus pecados seriam perdoados, por haver sido morto outro homem por eles. E note que os budistas vivem cumprindo suas crenças, sem proferir uma queixa contra Karma, ou o que consideram como justo castigo; enquanto a plebe cristã não cumpre seu ideal moral, nem aceita sua sorte com satisfação. Daí as queixas, o descontentamento e a intensidade da luta pela existência, nos países ocidentais.

P: Mas essa tão elogiada resignação mata todo motivo de esforço e deteria o progresso.

*T: E nós teósofos dizemos que esse progresso e civilização de que tanto se vangloriam não são mais que fogos-fátuos que flutuam em cima de um pântano, que exala miasmas envenenados e mortíferos. Porque vemos o egoísmo, o crime, a imoralidade e todos os males imagináveis, caindo sobre a desgraçada humanidade, ao sair dessa caixa de Pandora que chamam século do progresso, e aumentando *pari passu* com o desenvolvimento de sua civilização material. A este preço, mais vale a inércia e a inatividade dos países budistas, apenas conseqüências da escravidão política de muitos séculos.*

P: Então, não tem importância toda essa metafísica e misticismo de que tanto se ocupam?

T: Não trazem grande conseqüência com relação às massas, que apenas necessitam uma direção e ajuda prática; mas são da maior importância para as pessoas cultas, chefes naturais dessas

massas; para aquelas cujo modo de pensar e agir será cedo ou tarde adotado por essas mesmas massas. Somente por meio da filosofia o homem inteligente e culto pode evitar o suicídio intelectual de acreditar baseado na fé cega; e apenas assimilando-se a estrita continuidade e a coerência lógica das doutrinas, se não esotéricas, pelo menos as orientais, pode compreender a verdade das mesmas. Da convicção nasce o entusiasmo; e o “entusiasmo — diz Bulwer Litton — é o gênio da sinceridade, sem o qual a verdade não alcança vitória alguma”. Emerson, com muito acerto, diz que “todo movimento grande e imperioso nos anais do mundo, é o triunfo do entusiasmo”. E para produzir semelhante sentimento aonde se encontrará uma filosofia tão sublime, tão estável, tão lógica e que de tal modo abranja tudo, como nossas doutrinas orientais?

P: Mas sem dúvida são muito numerosos seus inimigos, e cada dia a Teosofia encontra novos adversários.

T: Mas é precisamente o que prova sua excelência e valor intrínsecos. A pessoa somente odeia aquilo que teme, e ninguém se preocupa de jogar por terra o que não é uma ameaça nem se eleva por cima da mediocridade.

P: E espera algum dia comunicar esse entusiasmo às massas?

*T: E por que não? Já que a história nos diz que as massas adotaram com entusiasmo o budismo; já que — como disse antes — o efeito prático desta filosofia de ética mostra-se nelas pela insignificância do número de crimes entre as populações budistas, segundo mostra a estatística quando se a compara com a de qualquer outra religião. O principal é esgotar a fonte abundantíssima de todo crime e imoralidade, ou seja, a crença de que alguém possa subtrair-se das conseqüências de seus próprios atos. Ensine-se a mais sublime de todas as leis — *Karma e reencarnação* — e as massas, além de sentirem a verdadeira dignidade da natureza humana, se afastarão do mal e fugirão dele, como o fariam de um perigo físico.*

Como os membros podem ajudar à Sociedade

P: Como espera que os membros realizem a obra da Sociedade?

T: Primeiro, estudando e compreendendo as doutrinas teosóficas, para que assim possam ensinar aos demais, especialmente aos jovens. Segundo, aproveitando toda a oportunidade de falar aos outros sobre Teosofia, explicando o que é e o que não é, dissipando erros e alimentando o interesse por ela. Terceiro, ajudando à propaganda de nossa literatura: comprando obras (quando se tem meios para isso), emprestando-as, dando-as, e induzindo os amigos a fazerem o mesmo. Quarto, defendendo a Sociedade contra todo ataque injusto, por todos os meios legítimos que tenham em seu poder. Quinto — e é o mais importante de todos —, pelo exemplo da própria vida.

P: Mas toda essa literatura, a cuja propaganda dá tanta importância, não me parece encerrar grande utilidade prática em benefício da humanidade. Não é caridade prática.

T: Pensamos de modo diferente. Acreditamos que um bom livro que ofereça às pessoas matéria para pensar, que fortaleça e esclareça suas mentes, facilitando-lhes a compreensão de verdades sentidas vagamente, mas que não podiam formular, produz um bem real e substancial. Quanto ao que chama de atos práticos de caridade em benefício de nossos semelhantes, fazemos o pouco que podemos; mas, como já disse, a maior parte de nossos irmãos é pobre, e a Sociedade por si mesmo não tem recursos para pagar gente dedicada a seu serviço. Todos os que nos esforçamos em realizações, trabalhamos gratuitamente, e, em muitos casos, damos até de nosso dinheiro. Os poucos que possuem meios de fazer o que vulgarmente se chama atos de caridade, seguem os preceitos budistas, e trabalham por si mesmos e não por procuração ou subscrevendo publicamente obras caritativas. Antes de mais nada, todo teósofo deve esquecer sua personalidade.

O que o teósofo não deve fazer

P: A Sociedade tem leis ou cláusulas proibitivas aplicáveis aos teósofos?

T: Muitas, mas nenhuma é obrigatória. Elas expressam o ideal de nossa organização, mas vemo-nos obrigados a confiar

sua aplicação prática à discrição dos membros. Desgraçadamente, tal é o estado mental dos homens no presente século que, se não consentíssemos em deixar que estas cláusulas fossem consideradas, por assim dizer, antiquadas, nenhum homem ou mulher se atreveria a entrar na Sociedade Teosófica. Precisamente por essa razão, vejo-me obrigada a insistir tanto sobre a diferença que existe entre a verdadeira Teosofia e seu laborioso veículo — bem intencionado mas indigno: a Sociedade Teosófica.

P: Pode me dizer quais são os perigosos escolhos que se encontram no alto mar da Teosofia?

T: Faz bem em chamá-los escolhos, porque mais de um sincero e honrado M. S. T.¹ já viu esfarelar-se neles sua nave! E, no entanto, parece o mais fácil do mundo evitar certas coisas. Exporei uma série de semelhantes deveres teosóficos negativos, que ocultam os positivos. Por exemplo: nenhum teósofo deve permanecer calado quando ouvir falar mal ou caluniar a Sociedade ou a pessoas inocentes, sejam estas colegas ou não.

P: Mas suponha que o que ouça seja verdade, ou possa ser certo sem que alguém o saiba.

T: Então deve pedir provas do que se afirma, e ouvir imparcialmente às duas partes, antes de permitir que a acusação fique impune. Não tem direito de acreditar no mal, até que possua uma prova inegável da exatidão do afirmado.

P: E o que se deve fazer nesse caso?

T: Ter compaixão e indulgência; a caridade e a magnanimidade sempre devem encontrar-nos dispostos a desculpar nossos irmãos pecadores, e a julgar o mais benevolamente possível aos que erram. Um teósofo jamais deve esquecer as imperfeições e fraquezas da natureza humana.

P: Em tais casos deve perdoar inteiramente?

T: Em todos os casos, particularmente quando a vítima é ele.

P: Mas se agindo desse modo expõe-se a ofender outras pessoas, ou consente que se as prejudique, que deve fazer então?

¹ Membro da Sociedade Teosófica.

T: Cumprir com seu dever; fazer aquilo que sua consciência e natureza superior o sugeriram, mas depois de madura deliberação. A justiça consiste em não ofender a ser vivente algum; mas também nos impõe não permitir jamais que se prejudique a maioria ou a uma pessoa inocente, consentindo na impunidade do culpado.

P: *Quais são as outras cláusulas negativas?*

T: Nenhum teósofo deve contentar-se com uma vida ociosa ou frívola, que não o conduza a nenhum bem verdadeiro e não o produza aos demais. Deve trabalhar em benefício daqueles poucos que necessitem de sua ajuda, se se sente incapaz de lutar pela humanidade em geral, trabalhando assim pelo progresso da causa teosófica.

P: *Isto requer uma natureza excepcional e para certas pessoas seria muito difícil.*

T: Então, é melhor não fazer parte da Sociedade Teosófica do que navegar sob uma falsa bandeira. A ninguém se exige dar mais do que possa, seja em devoção, tempo, trabalho ou dinheiro.

P: *Que mais?*

T: Nenhum teósofo deve dar importância demasiada a seus progressos pessoais nos estudos teosóficos, mas deve estar disposto a trabalhar com todas as forças pelos outros. Não deve deixar que uns poucos trabalhadores leais carreguem todo o peso e responsabilidade do movimento teosófico. Cada membro deveria considerar como seu dever o participar como possa da obra comum, e contribuir nela por todos os meios que estejam a seu alcance.

P: *Isto é muito justo; e depois?*

T: Um teósofo não deve colocar sua vaidade ou sentimentos pessoais acima dos de sua Sociedade como corporação. Ao que sacrifica a reputação desta, ou a de outras pessoas, à sua vaidade, proveito ou orgulho pessoais, não se deveria consentir continuassem na Sociedade. Um membro canceroso adoece o corpo inteiro.

P: *É dever de todo membro ensinar e pregar a Teosofia aos demais?*

T: Seguramente. Nenhum membro tem o direito de permanecer ocioso, com a desculpa de que sabe muito pouco para ensinar. Porque sempre deve estar seguro de que encontrará outros que sabem ainda menos do que ele. Até que um homem não comece a ensinar aos demais, não descobre sua própria ignorância, e é então que se esforça por combatê-la. Mas esta é cláusula secundária.

P: *Então qual é o mais importante dos deveres teosóficos negativos?*

T: Estar sempre disposto a reconhecer e confessar as próprias faltas. Melhor pecar por um exagerado louvor dos esforços do nosso próximo, do que por uma apreciação insuficiente dos mesmos. Não difamar pelas costas ou caluniar pessoa que não está presente. Dizer sempre aberta e diretamente, cara a cara, os motivos de queixa que se tenham. Jamais fazer eco de qualquer coisa que se ouviu contra uma pessoa, nem alimentar sentimento de vingança contra os que nos ofendem.

P: *Freqüentemente é se expor, dizer a verdade cara a cara, não lhe parece? Conheço um membro da Sociedade Teosófica que se ofendeu muitíssimo e a abandonou, convertendo-se em seu maior inimigo, somente porque lhe disseram algumas verdades desagradáveis cara a cara, e o censuraram.*

T: Destes tivemos muitos. Nenhum membro — seja importante ou insignificante — ao separar-se de nós, deixou de converter-se em inimigo declarado.

P: *Como se explica isso?*

T: Muito simplesmente. Na maioria dos casos, tendo-se consagrado à Sociedade com muito ardor no princípio, prodigalizando a ela os mais exagerados elogios, a única desculpa possível a que pode recorrer um apóstata para explicar sua conduta e sua cegueira, é apresentar-se como vítima inocente enganada; voltando assim contra a Sociedade em geral e a seus chefes em particular as censuras de que foi objeto. Essas pessoas parecem-se com aquele homem da fábula antiga que tendo a cara

torta, quebrou o espelho dizendo que refletia imperfeitamente seu semblante.

P: Mas por que motivo atacam a Sociedade?

T: Quase sempre por vaidade ofendida de uma forma ou de outra. Geralmente, porque sua opinião e conselhos não foram considerados como decisivos e de peso; ou porque pertencem a essa classe de pessoas que prefeririam reinar no inferno a servir no céu; em uma palavra: porque não podem suportar o não serem os primeiros em tudo. Por exemplo, um membro — um verdadeiro “Dom Oráculo” — criticava e difamava quase a todo membro da Sociedade Teosófica, dirigindo-se tanto aos teósofos como aos de fora sob pretexto de que *todos* eram *anti-teosóficos*, censurando-lhes pelo que ele mesmo estava sempre fazendo. Por fim saiu da Sociedade, alegando sua profunda convicção de que éramos todos (especialmente os fundadores) impostores! Outro, depois de haver tentado por todos os meios possíveis que o colocassem à frente de uma importante seção da Sociedade, vendo que os membros se opunham a isso, voltou suas armas contra os fundadores e converteu-se em seu mais encarnizado inimigo, atacando sempre que podia a um daqueles, simplesmente porque não pôde, nem quis impô-lo aos membros. Era visivelmente um caso violento de vaidade ofendida. Outro queria praticar *magia negra* e virtualmente assim o fez, isto é, exercer ilicitamente sua influência psicológica pessoal sobre certos membros, pretendendo praticar ao mesmo tempo a devoção e todas as virtudes teosóficas. Tendo encontrado oposição e como pusemos fim a este estado de coisas, rompeu com a Teosofia; e agora calunia aos chefes do modo mais violento, esforçando-se em destruir a Sociedade, manchando a reputação daqueles que não se deixaram enganar por tão “digno” membro.

P: O que se faz com semelhante gente?

T: Abandoná-los a seu Karma. Porque uma pessoa age mal, não é motivo para que os demais façam o mesmo.

P: Voltemos à calúnia. Onde fica a linha de demarcação que separa a difamação da crítica justa? Não é nosso dever colocar nossos amigos e próximos em guarda contra os que sabemos serem associados perigosos?

T: Se deixando impunes a estes pode-se prejudicar a outras pessoas, seguramente é nosso dever evitar o perigo, prevenindo-os. Mas, seja exata ou falsa, jamais se deve propagar entre o público uma acusação contra outra pessoa. Se é certa, e quando apenas o pecador resulta prejudicado, abandona-se ao seu próprio Karma. Se é falsa, então não se terá contribuído para aumentar a injustiça do mundo. Portanto, guarde-se silêncio com relação a essas coisas, com toda pessoa que não esteja diretamente interessada nelas. Mas se a discrição e o silêncio podem prejudicar ou pôr em perigo a outros, então fale-se a verdade a qualquer custo; e digo com Annesly: “Consulta o dever, não os acontecimentos”. Existem casos em que por força se terá que exclamar: “Pereça a discrição antes de consentir que se anteponha ao dever”.

P: Parece-me que, se aplicam essas máximas, uma série de desgostos os esperam.

T: Realmente assim sucede. Temos de reconhecer que nos encontramos agora tão expostos aos insultos como os primeiros cristãos. “Veja quanto se querem esses teósofos uns aos outros!”, pode-se dizer agora de nós, sem a menor injustiça.

P: Já que admite que existem tantas difamações, calúnias e disputas na Sociedade Teosófica quanto nas Igrejas cristãs, sem contar as sociedades científicas, que classe de fraternidade é essa?

T: Em verdade, uma mostra bem pobre, no presente; e enquanto não se a passar por um crivo e se reorganizar, nada melhor do que as demais. Lembre-se de que a natureza é a mesma na Sociedade Teosófica ou fora dela. Seus membros não são santos, são pecadores que tratam de agir melhor e estão expostos a cair por sua debilidade pessoal. Donde se conclui que nossa “irmandade” não é uma corporação reconhecida ou sancionada, e que se encontra, por assim dizer, à margem da ação jurídica. Além disso, encontra-se em um estado caótico, e é mais injustamente impopular que nenhuma outra associação. Portanto, que há de estranho que aqueles membros incapazes de praticar seu ideal vão em busca de proteção simpática entre nossos inimigos, depois de haver abandonado a Sociedade, con-

fiando a seus ouvidos por demais complacentes, seus ódios e rancores! Sabendo que hão de encontrar auxílio, simpatia e uma credulidade pronta a admitir toda classe de acusações, por absurdas que sejam, que lhes convenha lançar contra a Sociedade Teosófica, apressam-se a fazê-lo, e descarregam sua ira contra o inocente espelho que com demasiada fidelidade refletiu suas faces. *Uma pessoa jamais perdoa àqueles a quem ofendeu.* O sentimento da bondade recebida e paga com ingratidão a conduz a um furor de justificação pessoal ante o mundo e ante sua própria consciência. Ao mundo falta tempo para crer qualquer coisa que se lhes conte contra uma Sociedade que odeia. E, quanto à própria consciência... mas não quero concluir mais, temendo haver falado já em demasia.

P: Não me parece muito invejável sua posição.

T: Efetivamente não é. Mas não acredita que algo muito nobre, muito elevado, muito verdadeiro, há de existir no fundo da Sociedade e de sua filosofia, quando ainda continuam trabalhando por ela com todas as suas forças os chefes e fundadores do movimento? Sacrificam por ela todo bem-estar, toda prosperidade mundana, todo êxito, seu bom nome e reputação, e até sua própria honra, para ser em troca objeto de murmurações incessantes, da perseguição implacável, da calúnia obstinada, da ingratidão constante; para ver que seus mais nobres esforços são mal interpretados, e para receber ofensas de toda parte; quando abandonando sua obra se livrariam imediatamente de toda responsabilidade e se veriam escudados contra todo novo ataque.

P: Confesso que me parece assombrosa tanta perseverança e não compreendo a razão de tantos sacrifícios.

T: Acredite: não será por benefício pessoal; unicamente pela esperança de ensinar a uns poucos indivíduos a trabalhar em nossa obra pela humanidade, conforme o plano original, no dia em que estiverem mortos os fundadores. Estes já encontraram umas poucas almas nobres e leais para preencher seus postos. Graças a estes poucos, as gerações vindouras encontrarão o caminho que conduz à paz, algo mais livre de espinhos

e abrolhos; o caminho mais aberto; e assim tantos sofrimentos terão produzido bons resultados, e seu próprio sacrifício não terá sido em vão. Agora, o objetivo principal, fundamental da Sociedade, é espalhar sementes nos corações dos homens, sementes que podem germinar a seu tempo, e, sob circunstâncias mais propícias, levar-nos a uma reforma saudável, capaz de oferecer às massas maior felicidade que a que até agora conheceram.

CONCEITOS ERRÔNEOS SOBRE A SOCIEDADE TEOSÓFICA

TEOSOFIA E ASCETISMO

P: Ouvi certas pessoas dizerem que suas regras exigem que todos os membros sejam vegetarianos, solteiros e ascetas rigorosos. Mas até agora não disse nada sobre isto. Diga-me a verdade.

T: A verdade é que nossas regras não exigem nada desse estilo. A Sociedade Teosófica nem sequer espera — e muito menos exige de nenhum de seus membros — que sejam ascetas de modo algum, a não ser que você chame ascetismo o esforçar-se em fazer o bem aos demais e a não ser egoísta.

P: Mas sem dúvida, muitos dos membros são vegetarianos estritos e confessam abertamente seu propósito de permanecer solteiros. Sucede freqüentemente com os que desempenham um papel importante, relacionado com a obra da Sociedade.

T: Isto é muito natural, porque muitos de nossos zelosos trabalhadores são membros da Seção Interna da Sociedade, sobre a qual já falei.

P: Esta Seção Interna exige práticas ascéticas?

T: Não: nem sequer nesta as exigimos ou impomos; mas creio que será melhor explicar nosso ponto de vista com rela-

ção ao ascetismo em geral, e então vai compreender o do vegetarianismo e tudo o mais.

Como já disse, muitos dos que se convertem realmente em verdadeiros estudantes de Teosofia, e em trabalhadores ativos dentro da Sociedade, desejam fazer alguma coisa além de estudar teoricamente as verdades que ensinamos. Desejam conhecer a verdade por experiência pessoal e direta, e estudar ocultismo com o objetivo de adquirir sabedoria e poder para ajudar os outros de forma eficaz e justa, ao invés de agir às cegas e ao acaso. Por isso, cedo ou tarde, entram na Seção Interna.

P: Mas acabou de dizer que nem mesmo nessa Seção Interna são necessárias as "práticas ascéticas".

T: E não são. Mas a primeira coisa que aprendem é um conceito exato e verdadeiro da relação do corpo — envoltura física — com o homem interno, ou seja, com o homem verdadeiro. A relação e a ação mútua entre esses dois aspectos da natureza humana lhes é explicada e demonstrada, e é assim que logo compenetraram-se da importância suprema do homem interno, comparada com a cobertura exterior, ou corpo. É-lhes ensinado que o ascetismo cego e não inteligente é uma loucura; que conduzir-se como São Labro, ou como os faquires hindus e os ascetas dos bosques, que cortam, queimam e mortificam seu corpo do modo mais cruel e horrível, não é mais que um tormento próprio para alcançar fins egoístas, isto é, para desenvolver o poder da vontade, mas que é perfeitamente inútil para o objetivo de alcançar o desenvolvimento espiritual, real e verdadeiro, ou seja: teosófico.

P: Compreendo: somente é considerado como necessário o ascetismo moral. É como um meio para um fim, sendo este fim o perfeito equilíbrio da natureza interna do homem, e a consecução do domínio completo sobre o corpo, com todas suas paixões e desejos.

T: Precisamente. Mas esses meios devem ser usados inteligente e ajuizadamente, e não às cegas e sem discernimento; como um atleta que se exercita e se prepara para uma grande luta, não como o avarento que se mata de fome até ficar doente, para poder satisfazer sua paixão de ouro.

P: Agora compreendo a idéia geral, mas vejamos na prática como se aplica, por exemplo, com relação ao vegetarianismo.

T: Um grande sábio alemão demonstrou que toda carne animal, seja qual for a maneira de cozinhá-la, sempre conserva certas propriedades características do corpo de que fez parte, e que podem ser reconhecidas. Além disso, todos sabemos, pelo gosto, que tipo de carne estamos comendo. Nós vamos mais longe e provamos que, quando a carne dos animais é assimilada como alimento pelo homem, transmite-lhe — fisiologicamente — algumas das propriedades características do animal a que pertencia. Além disso, a ciência oculta ensina e prova a seus estudantes pela demonstração ocular, fazendo ver igualmente que esse efeito de "animalização" no homem é mais acentuado provindo da carne de animais maiores, menor se se trata de aves, ainda menos sendo de pescado e outros animais de sangue frio, e mínimo quando só come vegetais.

P: Então seria melhor que não comesse nada!

T: Indubitavelmente, se pudesse viver sem comer. Mas, já que se precisa comer para viver, aconselhamos os estudantes realmente zelosos, que escolham o alimento que tenha influência menos pesada sobre seu cérebro e seu corpo, e cujo efeito de atrapalhar ou atrasar o desenvolvimento de sua intuição, faculdades internas e poderes seja o menor possível.

P: Então adotam todos os argumentos de que costumam valer-se geralmente os vegetarianos?

T: Certamente que não. Alguns de seus argumentos são muito débeis e freqüentemente baseados em suposições inteiramente falsas. Mas, de outro lado, dizem muitas coisas completamente certas. Acreditamos, por exemplo, que muitas enfermidades, e particularmente a predisposição para elas, que tanto se vem observando em nossa época, são devidas em grande parte ao uso da carne, especialmente da carne em conserva. Mas ficaria muito longo tratar a fundo a questão do vegetarianismo do ponto de vista de seus méritos. Melhor passar a outro assunto.

P: Só mais uma pergunta: que devem fazer os membros da Seção Interna quando estão doentes, com relação aos alimentos?

*T: Como é natural, seguir o melhor conselho prático possível. Não compreendeu ainda que jamais impomos obrigações absolutas sobre este ponto? Tenha sempre em mente que, em todas as questões deste gênero, consideramos as coisas racionalmente, e nunca no sentido fanático. Se por causa de doença ou hábito muito antigo um homem não pode privar-se de carne, que não se abstenha dela de modo nenhum. Não é um crime: apenas atrasa um pouco seu progresso, e, além de tudo, os atos e funções corporais têm muito menos importância que o que o homem *pensa e sente*, que os desejos que animam sua mente, permitindo-lhes criar raízes e desenvolver-se.*

P: Suponho que não aconselha o uso do vinho e de bebidas alcoólicas?

T: São piores para o desenvolvimento moral e espiritual do que a carne, porque o álcool tem uma influência direta, marcada e muito deletéria na condição psíquica do homem. O uso do vinho e outros licores, só é inferior como destruidor do desenvolvimento dos poderes internos, ao uso habitual do haxixe, do ópio e outras drogas semelhantes.

A Teosofia e o matrimônio

P: Desejo fazer outra pergunta: deve um homem casar-se ou permanecer solteiro?

T: Isto depende do tipo de homem a que se refere. Se se trata daquele que se propõe viver no mundo, daquele que embora sendo um teósofo sincero, um trabalhador incansável da nossa causa, mas todavia ligado ao mundo por suas obrigações e desejos; daquele que, em uma palavra, sente que não concluiu para sempre com o que os homens chamam vida, e somente deseja conhecer a verdade e ser capaz de ajudar aos outros — então, digo que não há motivo para que não se case, se quer correr os riscos dessa loteria onde tão poucos saem premiados. Suponho que você não nos creia absurdos e fanáticos até o pon-

to de pregar também contra o matrimônio. Ao contrário, o matrimônio, salvo alguns casos excepcionais de ocultismo prático, é o único remédio contra a imoralidade.

P: Mas por que não se pode adquirir esses poderes e essa sabedoria na vida matrimonial?

T: Compreenda que não podemos entrar em questões fisiológicas, mas posso responder de modo satisfatório, e que acredito suficiente, que explicará as razões morais que temos para isso. Pode um homem servir a dois senhores? Não. Portanto, é impossível para ele dividir sua atenção entre o ocultismo e uma mulher. Se tenta, seguramente não poderá fazer as duas coisas como seria necessário; e permita-me relembra que o ocultismo prático é um estudo sério e perigoso para que um homem o empreenda se não age com a maior sinceridade e não está disposto a sacrificar tudo — e a si mesmo antes de tudo — para alcançar seu objetivo. Mas isto não se aplica aos membros de nossa Seção Interna. Apenas estou me referindo àqueles que estão resolvidos a palmilhar o caminho do discipulado, que conduz à meta mais elevada. Muitos dos que entram em nossa Seção Interna, se não todos, são apenas principiantes que se preparam nesta vida para entrar realmente naquele caminho em vidas futuras.

A Teosofia e a educação

P: Um de seus mais poderosos argumentos sobre a imperfeição das formas de religião existentes no Ocidente, como também até certo ponto sobre a filosofia materialista — tão popular agora — mas que parece considerar como uma abominação da desolação, é a enorme miséria que existe de modo inegável, em particular em nossas grandes cidades. Mas seguramente deve reconhecer o quanto se fez e se está fazendo para remediar este estado de coisas, por meio da propagação da educação e da cultura.

T: As gerações futuras dificilmente lhes agradecerão uma semelhante “propagação” da cultura, nem a presente educação favorecerá muito às classes pobres e famintas.

P: Tem que nos dar tempo: faz poucos anos que começamos a educar o povo.

T: Podia por favor me dizer o que fez a religião cristã desde o século 15, já que reconhece que não se havia empreendido a educação das massas — a obra por excelência — se jamais houve? Que o cristianismo, isto é, a Igreja e os imitadores de Jesus, deviam ter feito?

P: Sim, pode ser que tenha razão, mas agora...

T: Consideremos esta questão da educação sob um ponto de vista mais amplo e provarei que, com muitas de suas decantadas melhoras, fizeram mal e não bem. As escolas para crianças pobres, embora muito menos úteis do que deveriam ser, são boas, comparadas com a corrupção que as rodeia e à que estão condenadas pela sociedade moderna. A infusão de um pouco de Teosofia prática aliviaria cem vezes mais a vida das classes pobres que sofrem, que toda essa inútil cultura.

P: Mas realmente...

T: Deixe-me concluir. Você tocou num assunto que interessa profundamente a nós teósofos, e devo dizer o que penso. Reconheço inteiramente a grande vantagem que há para uma criança criada nas ruas, nadando no córrego e vivendo entre a contínua grosseria de gostos e palavras, o encontrar-se diariamente em uma escola clara, limpa, com quadros e muitas vezes adornada de flores. Ali se ensina a cantar e a jogar, há jogos que despertam sua inteligência, aprende a servir-se habilmente de suas mãos, falam-lhe com um sorriso e não com uma ameaça, castigam-lhe ou lhe dão prêmios com benevolência, em lugar de a maldizer. Tudo isto humaniza as crianças, ativa seus cérebros e as faz suscetíveis às influências intelectuais e morais. As escolas não são o que poderiam e deveriam ser, mas, comparadas com suas casas são paraísos, e pouco a pouco deixam sentir sua ação nelas. Mas, se bem que isto é certo em muitas escolas públicas, o sistema é pior que tudo quanto dele se possa dizer.

Qual é o verdadeiro objetivo da educação moderna? Aca-so é cultivar e desenvolver a mente no bom sentido, ensinar aos pobres e deserdados a suportar valorosamente o peso da vida

que Karma lhes designou: fortalecer sua vontade, inculcar neles o amor ao próximo e o sentimento de mútua irmandade, educando e formando o caráter para a vida prática? Nada disto. E, sem dúvida, inegavelmente esses são os objetivos de toda educação verdadeira. Ninguém o nega: todos os que se dedicam ao ensino o admitem e por certo esbanjam palavras sonoras sobre o assunto. Mas qual é o resultado prático de sua ação? Qualquer jovem, mais ainda, qualquer daqueles que pertencem à última geração de professores contestará: “o objetivo da educação moderna é passar nos exames”, sistema que não tende a produzir e emulação legítima, mas sim a criar e fomentar entre os jovens os ciúmes, a inveja, quase o ódio, e a prepará-los para uma vida de egoísmo feroz e de luta pelas honras e ganâncias ao invés de criar sentimentos benévolos.

P: Devo confessar que tem razão neste ponto.

*T: E que são esses exames, terror da infância e juventude modernas? São simplesmente um método de classificação pelo qual se registram os resultados dos ensinamentos escolares. Em outras palavras, formam a aplicação prática do método da ciência moderna: *genus homo* qua inteligência. Pois bem: a “ciência” ensina que o intelecto é um resultado da ação mecânica da substância do cérebro; assim pois, é lógico que seja quase inteiramente mecânica a educação moderna — espécie de máquina automática para a fabricação da inteligência em toneladas. Basta uma pequena experiência dos exames para demonstrar que a educação que produzem é simplesmente um exercício da memória física; e cedo ou tarde todas essas escolas cairão de nível. Enquanto cultivar real e solidamente o poder reflexivo e racional é simplesmente impossível, uma vez que tudo será julgado pelos resultados dos exames de competência. Repito que a educação escolar é fator da maior importância na formação do caráter, especialmente no sentido moral. Pois bem: todo sistema moderno está baseado nas chamadas revelações científicas: “a luta pela existência” e a “sobrevivência do mais apto”. Durante a juventude demonstra-se a todos estes princípios, tanto por meio do exemplo prático e da experiência, como pelo ensino direto, até que se torna impossível apagar da mente a idéia de que o “eu”, esse eu inferior, pessoal e animal, é o fim*

único e objetivo da vida, de onde provém a fonte que origina todos os sofrimentos, crimes e desapiedado egoísmo, facilmente reconhecidos. Como tantas vezes tenho repetido, o egoísmo é a praga e maldição da humanidade e o prolífero pai de todos os males e crimes desta vida; e as atuais escolas são as semeadoras de semelhante egoísmo.

P: Falando em termos gerais, tudo isto está muito certo, mas gostaria que me citasse alguns fatos e de que modo remediá-los.

*T: Perfeitamente, tratarei de satisfazê-lo. Existem três grande divisões de estabelecimentos escolares: as escolas particulares, mistas e públicas, que percorrem a escala do ensino desde a comercial mais ordinária até a clássica idealista, apresentando muitas permutações e distintas combinações. A parte moderna fundamenta-se no ensino prático comercial, e a antiga e ortodoxa reflete sua grave respeitabilidade nos centros superiores. Vemos claramente o científico material e comercial sobrepor-se ao clássico e ortodoxo antiquado, e não se precisa ir muito longe para encontrar a causa. Os objetivos daquele ramo da educação reduzem-se a libras, xelins etc: o *summum bonum* do século 19. Assim é que as energias geradas pelas moléculas cerebrais dos discípulos concentram-se todas sobre um mesmo ponto e portanto são, em certo grau, um exército organizado nas inteligências especulativas *educadas* da minoria dos homens; adestrada para marchar contra as hostes das simples massas, condenadas a ser vampirizadas e sacrificadas por seus irmãos intelectualmente mais fortes. Semelhante educação não apenas é *antiteosófica*, mas simplesmente anticristã. Resultado: o produto direto dessa forma de educação é uma inundação de máquinas para fazer dinheiro, de homens cruelmente egoístas, animais a quem foi ensinado sistematicamente a devorar seus semelhantes e a aproveitar-se da ignorância de seus irmãos mais débeis.*

P: De acordo; mas, em todo caso, isto não pode ser dito de nossas grandes escolas superiores.

T: É certo que não de forma absoluta. Mas embora a forma seja diferente, o espírito que as anima é o mesmo, isto é,

antiteosófico e anticristão, quer os estudantes de Eton e de Harrow convertam-se em cientistas ou em eclesiásticos e teólogos.

P: Mas sem dúvida você não vai classificar de mercantis a Eton e a Harrow?

T: Não. O sistema clássico é por certo a mais respeitável de todas as coisas, e hoje em dia está produzindo algum benefício. Continua sendo o favorito em nossas grandes escolas públicas, onde se pode obter não apenas uma educação intelectual mas também social. Portanto, é de capital importância que os filhos torpes de pais aristocráticos e ricos freqüentem essas escolas a misturar-se com o resto do elemento jovem das classes do "sangue" e do dinheiro. Mas até para a entrada existe uma grande rivalidade: aumentam as classes ricas e os jovens pobres, mas inteligentes, tratam de entrar nas escolas públicas pela riqueza de conhecimentos que adquirem nelas, e os que conseguem ao passar às universidades.

P: Segundo esta opinião, os "torpes" ricos devem trabalhar com mais afinco que seus companheiros mais pobres?

*T: Assim é. Mas o curioso é que os fiéis ao culto da sobrevivência do mais apto não praticam sua crença, porque todos os esforços são dirigidos para conseguir que os naturalmente incapazes suplantem aos aptos. Desta forma, à força de enormes somas de dinheiro, os melhores professores são separados de seus discípulos naturais, para dedicar-se a converter em máquinas a uma *inepta progenie*, em profissões que se sobrecarregam inutilmente de gente.*

P: E a que se atribui tudo isto?

T: Tudo é devido ao pernicioso de um sistema que altera as coisas, sem preocupar-se com as propensões e talentos da juventude. O pobre candidato a esse paraíso progressivo de instrução, apenas abandonadas as saias da ama, cai no trabalho forçado de uma escola preparatória para filhos de pessoas bem-nascidas. Ali apoderam-se imediatamente dele os trabalhadores da fábrica matério-intelectual, enchem-lhe a cabeça de rudimentos de latim, francês e grego, datas e tabuadas; assim é que se tem alguma disposição natural, exprimem-na rapidamente com o rolo compressor que Carlyle chamou com tanta propriedade de "vocábulos mortos".

P: Mas também lhe ensinam algo além dos “vocábulos mortos”, e muito daquilo que o pode levar direto à Teosofia, se bem que não à Sociedade Teosófica.

T: Não muito. Porque com relação à história apenas aprenderá sobre a de seu próprio país, e os conhecimentos suficientes para revestir de toda classe de prejulgamentos contra todos os demais povos, embebendo-se no ódio e nos sentimentos sanguinários nacionais históricos. Certamente não chamará a isto de Teosofia.

P: Quais são as outras objeções?

T: A isto soma-se um verniz superficial de conhecimentos relativos a alguns fatos escolhidos, chamados bíblicos, de cujo estudo se elimina a razão. É simplesmente uma lição de memória, sendo o “porquê” do professor um “porquê” ditado pelas circunstâncias e não pela razão.

P: Sim, mas ouvi suas congratulações pelo número sempre crescente de agnósticos e ateus na atualidade, o que é o resultado de que ainda há gente que se educa sob o sistema que está atacando tão vigorosamente, mas aprende a pensar e a raciocinar por si mesma.

*T: Sim, mas deve-se mais a uma reação saudável contra esse sistema, do que a ele mesmo. Em nossa Sociedade preferimos os agnósticos e até os ateus declarados, aos fanáticos de qualquer religião. A mente de um agnóstico está sempre aberta à verdade, enquanto que esta cega ao fanático, como o morcego com o sol. Os melhores, isto é, os mais amantes da verdade, os mais filantropos e honrados entre nossos sócios, foram e são agnósticos e ateus (não crêem em um Deus pessoal). Mas não existem meninos e meninas *livres-pensadores*, e, geralmente, a primeira educação deixa suas marcas na forma de uma mente mesquinha e falseada. Um sistema de educação conveniente e são deveria produzir a mente vigorosa e liberal, educada estritamente no pensamento lógico e correto, e não na fé cega. Como podem esperar bons resultados quando pervertem a faculdade de raciocínio dos filhos, dizendo-lhes que acreditem nos milagres da *Bíblia* nos domingos, enquanto lhes ensinam nos seis dias restantes da semana, que tais coisas são cientificamente impossíveis?*

P: Então o que fazer?

*T: Se tivéssemos recursos fundaríamos escolas que produzissem coisa diferente de candidatos à miséria que sabem ler e escrever. Antes de tudo, se ensinaria às crianças a autoconfiança, o amor a todos os homens, o altruísmo, a mútua caridade, e mais que nada, a pensar e raciocinar por si mesmo. Reduziríamos o trabalho da memória a um mínimo absoluto e empregaríamos o tempo no desenvolvimento e exercício dos sentidos, faculdades e capacidades latentes internas. Nos esforçaríamos para tratar a cada criança como uma unidade, e em educá-la de maneira a propiciar a manifestação mais harmoniosa e igual de seus poderes, para que suas aptidões especiais encontrassem seu completo e natural desenvolvimento. Nossa aspiração seria a de criar homens e mulheres *livres*, livres intelectualmente, livres moralmente, despreocupados de todos os conceitos e, sobretudo, *antiegoístas*. E acreditamos que grande parte disto, se não tudo, poderia ser conseguido com a *educação teosófica conveniente e verdadeira*.*

Por que existe tanta prevenção contra a Sociedade Teosófica?

P: Se a Teosofia é pelo menos a metade do que você diz, por que há de existir uma aversão tão terrível contra ela? Este é um problema ainda mais difícil do que todos os outros.

T: Realmente é; mas deve-se levar em conta os numerosos e poderosos adversários que temos desde que se formou nossa Sociedade. Como acabo de dizer, se o movimento teosófico fosse uma dessas loucuras tão inofensivas em seus resultados quanto passageiras, simplesmente ririam dele, como o fazem agora os que ainda não compreendem seu verdadeiro alcance; e absolutamente não se ocupariam dele. Mas não há nada disso. A Teosofia é intrinsecamente o movimento mais sério de nosso século; além disso, movimento que ameaça a existência da maior parte das farsas antigas, prejulgamentos e males sociais de nossos dias; esses males que engordam e fazem felizes aos poucos que estão em cima, assim como a seus imitadores e aduladores, alguns ricos da classe média, enquanto arruinam e matam

de fome a milhões de pobres. Pense nisto e compreenderá facilmente o motivo de uma perseguição contínua por parte daqueles outros que, mais observadores e perspicazes, se dão conta da verdadeira natureza da Teosofia e conseqüentemente a temem.

P: Está querendo dar a entender que porque alguns compreenderam para onde conduz a Teosofia, tratam de destruir o movimento? Se a Teosofia só conduz ao bem, seguramente não deve lançar tão tremenda acusação de crueldade desleal e traição contra esses poucos a que aludiu.

T: Pelo contrário, estou disposta a isto. Não chamo poderosos ou “perigosos” ao inimigos contra os que temos lutado durante os nove ou dez anos de existência da Sociedade, mas unicamente aos que nos têm atacado nestes três ou quatro últimos anos. E estes não falam, nem escrevem, nem pregam contra a Teosofia, mas trabalham em silêncio e cobertos por estúpidos bonecos, que atuam como fantoches. Embora invisíveis para muitos dos membros de nossa Sociedade, são bem conhecidos pelos verdadeiros fundadores e protetores. Mas, por certos motivos por enquanto convém calar seus nomes.

P: São conhecidos por muitos de vocês, ou é a única que os conhece?

T: Nunca disse que os conheço. Posso ou não conhecê-los, mas sei que existem, é o quanto basta; e os *desafio* a que façam o mal que desejam. Pode ser que consigam propagar muito dano e semear a confusão em nossas fileiras, particularmente entre as pessoas pusilânimes e as que somente julgam pelas aparências. Mas não matarão a Sociedade, embora façam o quanto possam para consegui-lo. Além desses inimigos perigosos (sem dúvida somente “perigosos” para aqueles teósofos indignos deste nome, cujo lugar é mais fora do que dentro da Sociedade Teosófica), o número de nossos adversários é mais que considerável.

P: Pode pelo menos nomear a estes, já que não quer falar dos outros?

T: Posso fazê-lo. Temos de lutar contra: 1) o ódio dos espíritas americanos, ingleses e franceses; 2) a oposição constante do clero de todas as classes; 3) especialmente contra o

ódio violento e as perseguições dos missionários na Índia, que deram lugar ao ruidoso e infame ataque a nossa Sociedade Teosófica por parte da Sociedade de Investigações Psíquicas, ataque instigado por uma conspiração organizada por eles. Por último, precisamos contar com as deserções de vários membros “eminentes” por razões que já expliquei, o que contribuiu para aumentar a prevenção que existe contra nós.

P: Não pode me dar alguns pormenores, pelo menos para saber responder, se me perguntarem? Em uma palavra: uma breve história da Sociedade e por que o mundo crê tudo isto?

T: A razão é simples. A maior parte dos que pertencem à Sociedade não sabia absolutamente nada da mesma, seus motivos, objetivos e crenças. Desde o princípio, o mundo não viu na Teosofia mais que certos fenômenos maravilhosos em que não crêem dois terços dos que não são espiritualistas. Logo chegou-se a considerar a Sociedade Teosófica como uma associação que pretende a posse de poderes “milagrosos”. O mundo jamais quis compreender que a Sociedade ensinava a incredibilidade absoluta com relação ao *milagre*, e até mesmo sua possibilidade; que apenas existiam na Sociedade umas poucas pessoas dotadas de tais poderes psíquicos, e poucas também que se ocupassem deles. Tampouco compreendeu que jamais se produziam os fenômenos publicamente, mas sim apenas em círculo privado, para alguns amigos; e produzidos meramente como um acessório, para provar, pela demonstração direta, que coisas semelhantes podiam ser realizadas sem quartos escuros, espíritos, *médiuns*, ou qualquer dos requisitos usuais. Desgraçadamente, este falso conceito se arraigou e exagerou consideravelmente, graças ao primeiro livro escrito sobre o assunto, livro que chamou muito a atenção na Europa: *O Mundo Oculto*, de Sinnet. Se esta obra fez bastante para fazer brilhar a Sociedade, atraiu sobre os desventurados heróis e heroínas desta, ainda maiores murmurações, falsidades e escárnio. Sobre isso, o autor de *O Mundo Oculto* foi sobejamente posto em guarda, mas não fez caso da *profecia*, que o era, embora velada ¹.

¹ O leitor pode consultar com proveito a obra mencionada, assim como a do mesmo autor *Incidentes na Vida de Madama Blavatsky*, e a *História Autêntica da Sociedade Teosófica* (Old Diary Leaves), de H. S. Olcott. — (E.)

P: Por que e desde quando os espíritas os odeiam?

T: Desde o primeiro dia da existência da Sociedade. Quando se soube que a Sociedade Teosófica como corporação não acreditava nas comunicações com os espíritos dos mortos, mas sim que olhava aos chamados “espíritos” como reflexos astrais de personalidades desencarnadas, cascões etc, os espíritas, em sua maior parte, conceberam um ódio violento contra nós, especialmente contra os fundadores. Este ódio manifestou-se em todos os órgãos espíritas americanos, por toda sorte de calúnias, de observações pessoais pouco caridosas, e mil noções errôneas e absurdas sobre as doutrinas teosóficas. Fomos perseguidos, denunciados e insultados durante muitos anos. Isto começou no ano de 1875 e continua hoje em dia. Em 1879 a sede da Sociedade Teosófica mudou-se de Nova York para Bombaim (Índia), e depois definitivamente para Madras. Quando foi fundada a primeira Rama de nossa Sociedade em Londres (Sociedade Teosófica Inglesa), os espíritas ingleses levantaram-se em armas contra nós, como haviam feito os americanos; seguidos logo dos espíritas franceses.

P: Mas por que razão encontram hostilidade no clero, quando, depois de tudo, a tendência principal das doutrinas teosóficas opõe-se ao materialismo, o grande inimigo de todas as formas de religião em nossos dias?

T: O clero se opõe a nós baseando-se no princípio geral de que: “Aquele que não está comigo, está contra mim”. Como a Teosofia não concorda com nenhuma seita ou credo, é considerada como inimiga deles, porque ensina que todos estão mais ou menos equivocados. Os missionários na Índia nos odiaram e trataram de nos destruir, porque viram que a mais florida juventude — a mais culta — assim como os brâmanes, que são inabordáveis para eles, uniam-se à Sociedade em grande número. E, sem dúvida, à parte esse ódio geral de classe, a Sociedade Teosófica conta com vários eclesiásticos em suas fileiras, e até um ou dois bispos.

P: Qual foi o motivo que induziu a S.P.R.² a combatê-los? Se de certo modo ambos visavam ao mesmo gênero de estu-

² Sociedade de Investigações Psíquicas. — (E.)

dos, e vários membros da Sociedade de Investigações Psíquicas faziam parte de sua Sociedade?

T: No princípio éramos muito bons amigos dos chefes da S.P.R.; mas quando apareceu no *Christian College Magazine* um ataque sobre os fenômenos, apoiado nas pretensas revelações de um empregado, pareceu à S.P.R. que havia se comprometido ao publicar em suas “atas” demasiados fenômenos que tiveram lugar em união com a Sociedade Teosófica. Sua ambição é lançar-se como corporação *autoritária e estritamente científica*; assim foi que tiveram que eleger entre conservar esta posição, sacrificando a Sociedade Teosófica e até tratando de destruí-la, ou verem-se confundidos na opinião dos saduceus do grande mundo, com os “crédulos” teósofos e espíritas. O dilema não tinha escapatória e optaram pelo nosso sacrifício. Para eles foi uma necessidade cruel. Tinham tanto desejo de encontrar algum motivo aparentemente razoável para explicar a vida de abnegação e de incessante trabalho que levavam os dois fundadores, e a completa ausência de benefício pecuniário ou qualquer vantagem que a estes pudesse advir, que nossos inimigos viram-se obrigados a lançar mão da três vezes absurda, eminentemente ridícula e agora já famosa “teoria da espiã russa”, para explicar essa abnegação. Mas o antigo refrão que diz que “o sangue dos mártires é a semente da Igreja”, mais uma vez resultou exato. Depois do primeiro choque produzido por este ataque, a Sociedade Teosófica dobrou e triplicou o número de seus membros; mas a má impressão causada ainda se conserva. Tinha razão um autor francês quando dizia: “*Calomniez, calomniez toujours et encore, il en restera toujours quelque chose*”. Por isso são tão comuns as prevenções contra a Sociedade Teosófica e tudo quanto com ela se relaciona, particularmente com seus fundadores; todos a falseiam e desfiguram, e apenas se fudamentam em rumores mal intencionados.

P: Mas durante os 14 anos de existência da Sociedade você teve tempo e oportunidade para apresentar sua obra, assim como a si mesma sob o verdadeiro aspecto.

T: Como e quando nos deram tal oportunidade? Nossos membros mais distintos tinham aversão a tudo o que se parecesse a uma justificação pública. Seu sistema sempre foi o de “de-

vemos deixar correr” e “que importa o que digam os jornais, ou o que pensem as pessoas?” A Sociedade era demasiado pobre para servir-se de oradores públicos, e, em consequência, a exposição de nossas opiniões e doutrinas teve que limitar-se a umas obras teosóficas que tiveram êxito, mas que as pessoas frequentemente não compreendiam, ou somente conheciam de nome. Nossos jornais têm estado e ainda estão proibidos; nossas obras literárias são ignoradas, e até esta data ninguém parece estar bem seguro se os teósofos são uma espécie de adoradores da “Serpente” e do “Demônio”, ou simplesmente “buddhistas esotéricos”, seja qual for a significação deste termo. Tem sido inútil que dia após dia, ano após ano, negássemos todos os contos absurdos e inconcebíveis que circulam sobre nós; porque apenas havia cessado um, nascia outro das cinzas do primeiro, ainda mais absurdo e pior intencionado. Infelizmente a natureza humana é constituída de tal maneira, que o bem que se diz de uma pessoa, esquece-se e não se volta a repetir. Mas basta proferir uma calúnia ou inventar uma história — por absurda, falsa ou incrível que seja, contanto que se relacione com um nome impopular — para que tenha êxito e se torne aceita para sempre como um fato histórico. Semelhante à calúnia de D. Basílio, surge o rumor, no princípio ligeiro como a brisa suave que nasce onde ninguém sabe e que apenas agita a erva que pisamos; transforma-se em vento forte, começa o temporal e converte-se em uma tempestade furiosa.

Entre as notícias uma calúnia é como o polvo entre os peixes: introduz-se na mente, apodera-se de nossa memória que com ela se alimenta, deixando sinais indeléveis mesmo depois de ter sido destruída materialmente. Uma mentira caluniosa é a única *chave mestra* capaz de abrir qualquer cérebro; e seguramente será bem acolhida e encontrará hospitalidade em toda mente humana, da mais elevada à mais baixa, se não estiver prevenida, não importando a origem e o motivo, por mais vis que sejam.

P: Não está sendo exagerada em sua afirmação? Os ingleses nunca foram precipitados em seus juízos, nem dispostos a acreditar no que falam, e nossa nação é conhecida por seu proverbial amor à lealdade. Uma mentira não se sustém em pé por muito tempo e...

T: Um inglês está tão disposto a acreditar no mal como um homem de qualquer outra nação, porque isto é próprio da natureza humana e não questão de caráter nacional. Quanto às mentiras, se precisam de pernas que a sustentem — como diz o provérbio — têm asas excessivamente rápidas: podem voar e voam muito longe, e abrangem um círculo maior que qualquer outra espécie de notícias, tanto na Inglaterra como em outro lugar. Lembre-se de que as mentiras e a calúnia são a única espécie de literatura que sempre podemos adquirir grátis, sem pagar nenhuma subscrição. Se quiser, tente a experiência. Já que se interessa tanto pelas questões teosóficas e que tanto ouviu falar de nós, quer fazer perguntas sobre todos aqueles rumores de que consiga lembrar-se? E eu responderei a verdade, nada além da verdade, sujeita à mais estrita comprovação.

P: Antes de passar a outro assunto, conheçamos toda a verdade com relação ao que agora nos ocupamos. Alguns escritores tacharam suas doutrinas de “imorais e perniciosas”; outros, fundamentando-se em que muitas das chamadas “autoridades” e os orientistas somente encontram nas religiões hindus o culto sexual em suas várias formas, os acusam de não ensinar outra coisa além do culto fálico. Dizem que, uma vez que a Teosofia moderna relaciona-se tão intimamente com o pensamento oriental e particularmente o hindu, não pode livrar-se desta mancha. Em alguns casos chegam até o ponto de acusar aos teósofos europeus de ressuscitar as práticas que vêm unidas àquele culto. O que há sobre isso?

*T: Já ouvi falar e li sobre esse ponto; e respondo que jamais foi inventada nem propagada calúnia mais infundada. Diz um provérbio russo: “os tolos somente podem ter sonhos tolos”. Revolta ouvir acusações tão baixas, lançadas sem o menor fundamento e devidas a simples deduções. Pergunte às centenas de honrados ingleses e inglesas que há anos são membros da Sociedade Teosófica, se alguma vez lhes foi ensinado algum preceito imoral ou alguma doutrina perniciosa. Abra a *Doutrina Secreta* e veja que em todas as suas páginas denuncia aos judeus e outras nações, precisamente por essa devoção aos ritos fálicos, filha da interpretação da letra morta do simbolismo da natureza e dos conceitos grosseiramente materialistas de seu*

dualismo, em todos os credos *exotéricos*. Essa incessante e maliciosa desnaturalização de nossas doutrinas e crenças é verdadeiramente deplorável.

P: Mas sem dúvida não pode negar que existe o elemento fálico nas religiões do Oriente.

T: Não o nego; apenas sustento que isto não prova nada, como tampouco o prova sua presença no cristianismo — a religião do Ocidente. Leia Os Rosa-cruzes, de Hargrave Jennings, se deseja certificar-se disso. O simbolismo fálico é talvez mais cru no Oriente, porque é mais fiel à natureza, ou mais ingênuo e sincero que no Ocidente. Mas não é mais licencioso, nem sugere à mente oriental as mesmas idéias grosseiras e indecentes que à ocidental, talvez com exceção de uma ou duas, como por exemplo, a vergonhosa seita conhecida como Maharajah ou Vallabhachârya.

P: No jornal O Agnóstico, um de seus acusadores acaba de dar a entender que os discípulos dessa seita são teósofos, e que “pretendem possuir o verdadeiro conhecimento teosófico”.

T: Escreveu uma falsidade e nada mais. Nunca houve e nem há no momento um só Vallabhachârya em nossa Sociedade. Quanto à pretensão com respeito aos conhecimentos teosóficos, isto é outro conto fundamentado na ignorância sobre as seitas hindus. Seu “Maharajah” somente pretende ter direito ao dinheiro, às mulheres e às filhas de seus tolos partidários: nem mais nem menos. Tal seita é desprezada por todos os outros hindus. Mas na Doutrina Secreta este assunto é tratado extensamente, e solicito que recorra a ela para explicações mais minuciosas. Em conclusão, direi que a própria alma da Teosofia é inimiga implacável do culto fálico, e, mais ainda, que nas doutrinas esotéricas — na seção oculta ou esotérica — ele é abominado. Agora faça-me outras perguntas.

A Sociedade Teosófica é um negócio para fazer dinheiro?

P: Os fundadores, o coronel H. S. Olcott ou H. P. Blavatsky, tiraram algum dinheiro, proveito ou benefício mundano, graças à Sociedade Teosófica, como dizem alguns jornais?

T: Nem um só centavo. Os jornais mentem. Ambos, ao contrário, deram tudo quanto possuíam e arruinaram-se completamente. Quanto aos “benefícios mundanos”, pense nas calúnias e difamações de que foram objeto e julgue você mesmo!

P: Li em vários órgãos dos missionários que os direitos de entrada e as subscrições cobriam todos os gastos com vantagens; e um deles dizia que os fundadores tiravam 20 mil libras por ano.

T: Isto é um conto, como tantos outros. Nas contas publicadas em janeiro de 1889, encontrará a quantidade exata de todo o dinheiro recebido desde 1879. O total recebido por todas as formas (direitos de entrada, doações etc.), durante esses dez anos, não chega a 6 mil libras; e grande parte desta soma foi entregue pelos próprios fundadores, produto de seus recursos particulares e de seus trabalhos literários. Tudo isto foi reconhecido pública e oficialmente, até mesmo pelos nossos inimigos da Sociedade de Investigações Psíquicas. E agora encontram-se ambos os fundadores sem um centavo: um deles, demasiado velho e enfermo para trabalhar como fazia antes, sem poder dedicar tempo ou trabalho literário algum que pudesse auxiliar financeiramente a Sociedade, apenas pode escrever em defesa da causa teosófica; o outro continua trabalhando por ela como antes, sem receber sequer agradecimento.

P: Mas necessitam dinheiro para viver.

T: De forma nenhuma. Contam com alimento e casa graças ao afeto de alguns amigos, e necessitam de bem pouco além disso.

P: Mas pelo menos madame Blavatsky não poderia tirar o necessário para viver, por meio de seus escritos?

T: Quando se encontrava na Índia, recebeu em média umas mil rupias anuais por artigos escritos para jornais russos e outros, mas entregou tudo à Sociedade.

P: Artigos políticos?

T: Jamais. Tudo o que foi escrito durante os sete anos de permanência na Índia está impresso. Trata apenas de religiões, etnologia e costumes da Índia, bem como de Teosofia, nunca de política, do que não entendo e menos ainda me importa.

Há dois anos recusei vários contratos que poderiam dar uns 1 200 rubros-ouro mensais, pois não poderia aceitá-los sem abandonar o trabalho para a Sociedade, que necessitava de todo meu tempo e energia. Posso provar com documentos.

P: Mas por que não puderam ambos fazer o que fazem tantos teósofos, isto é, exercer sua respectiva profissão e dedicar o tempo restante ao trabalho da Sociedade?

T: Porque servindo a dois amos, ou o trabalho profissional ou a obra filantrópica haveria de se ressentir. Todo verdadeiro teósofo está moralmente obrigado a sacrificar o pessoal ao pessoal, seu bem ou proveito presente ao benefício futuro dos demais. Se os fundadores não derem o exemplo, quem dará?

P: E são muitos os que o seguem?

T: Tenho obrigação de responder a verdade. Na Europa há meia dezena, num número maior de Ramas.

P: Não é certo que a Sociedade Teosófica possui um grande capital?

T: É falso. E agora que o direito de entrada de uma libra e o pequeno tributo anual foram suprimidos, não sabemos se o pessoal que vive na sede geral da Índia não morrerá de fome.

P: Então por que não organizam subscrições?

T: Não somos o Exército da Salvação, não podemos mendigar, nem o fizemos jamais, nem seguimos o exemplo das Igrejas e seitas “que recorrem à esmola”. O que se remete ocasionalmente para sustentar a Sociedade, e as pequenas quantidades com que contribuem alguns membros, são todas doações voluntárias.

P: Mas fala-se de grandes somas entregues a madame Blavatsky. Diz-se que há uns quatro anos recebeu 5 mil libras esterlinas de um membro jovem e rico que foi à Índia, e 10 mil libras esterlinas de um senhor americano, rico e conhecido, que fazia parte da Sociedade e morreu na Europa há quatro anos.

T: Diga a quem lhe contou tal coisa, que formula ou repete uma grosseira falsidade. Madame Blavatsky jamais pediu um só centavo a nenhum desses senhores, nem o recebeu deles nem de ninguém, desde que se fundou a Sociedade Teosófica. Se qualquer ser humano sustentar esta calúnia, lhe será mais

fácil provar que o Banco da Inglaterra está à falência, do que demonstrar que a citada fundadora tirou dinheiro da Teosofia. Estas calúnias foram inventadas por duas senhoras pertencentes à aristocracia londrina, que imediatamente foram descobertas e refutadas. São os cadáveres, os esqueletos de duas invenções que, depois de terem sido sepultadas no mar do esquecimento, ainda uma vez aparecem na superfície das águas estagnadas da maledicência.

P: Também ouvi falar de vários legados importantes deixados à Sociedade Teosófica. Um destes (aproximadamente 8 mil libras esterlinas), de um inglês excêntrico que nem sequer pertencia à Sociedade. O outro (3 ou 4 mil libras), foi colocado em testamento por um australiano, membro da Sociedade. Isto é certo?

T: Do primeiro ouvi falar; e sei também que, deixado legalmente ou não, a Sociedade Teosófica jamais tirou proveito algum dele, e nem os fundadores tiveram conhecimento oficial do mesmo. Porque, como então nossa Sociedade não estava legalmente constituída, e, portanto, não tinha existência legal, segundo nos disseram, a autoridade judicial não levou em consideração o tal legado e devolveu a quantia aos herdeiros. Quanto ao segundo, é perfeitamente certo. O doador era um de nossos membros mais dedicados e deixou tudo quanto possuía à Sociedade. Mas quando nosso presidente, coronel Alcott, começou a estudar o assunto, viu que o doador tinha filhos a quem havia deserdado por algumas questões de família. Em consequência, reuniu um conselho que resolveu recusar o legado e entregar o dinheiro aos herdeiros legais. A Sociedade Teosófica seria indigna do nome que leva se se aproveitasse do dinheiro que pertence aos outros, se não legalmente, pelo menos virtualmente, segundo os princípios teosóficos.

P: Baseando-se na autoridade de seu próprio jornal — o Theosophist — há um rajá da Índia que doou 25 mil rupias à Sociedade. Não o agradeceu por sua magnanimidade, no Theosophist de janeiro de 1888?

T: Nós o fizemos com estas palavras: “Transmitimos as graças da convenção à S.A. o Maharajah... por seu generoso

presente prometido de 25 mil rupias aos fundos da Sociedade". As graças foram enviadas a tempo, mas o dinheiro continua ainda em estado de "promessa", e não chegou à sede central.

P: Se o Maharajah fez esta promessa e por ela recebeu os agradecimentos publicamente e por impresso, seguramente manterá a palavra.

T: Pode ser que o faça, embora a promessa já tenha 18 meses. Falou do presente e não do futuro.

P: E como pensam poder continuar?

T: Enquanto a Sociedade puder contar com alguns membros leais, dispostos a trabalhar por ela sem recompensa nem agradecimento; enquanto uns poucos teósofos sinceros a sustentarem com donativos periódicos, viverá e nada poderá destruí-la.

P: Ouvi muitos teósofos falarem do "poder invisível da Sociedade", de certos "Mahatmas" — que também foram mencionados nas obras de Sinnett — os quais, segundo se diz, fundaram a Sociedade, vigiam-na e a protegem.

T: Você pode rir, mas é assim.

O núcleo ativo da Sociedade Teosófica

P: Segundo ouvi, esses homens são grandes adeptos, alquimistas etc. Se podem transformar o chumbo em ouro e fazer tanto dinheiro quanto queiram, além de todo tipo de milagres, conforme a obra de Sinnett, O Mundo Oculto, por que não buscam dinheiro e não olham pelo bem-estar dos fundadores e da Sociedade?

T: Porque não fundaram um "Clube de Milagres"... Porque a Sociedade se propõe a ajudar os homens a desenvolverem os poderes latentes neles, por meio de seus próprios esforços e méritos. Porque seja o que for que consigam produzir com relação a fenômenos, não são falsos moedeiros, nem querem apresentar uma nova e poderosíssima tentação no caminho dos membros e candidatos da Sociedade Teosófica. A Teosofia não

se compra. Até o momento, transcorridos 14 anos, nem um só membro dos que trabalham jamais recebeu nenhum salário, seja por parte dos Mestres ou da Sociedade.

P: Nenhum de seus colaboradores cobra nada?

*T: Até agora nenhum. Mas como todos precisam comer e se vestir, aqueles que carecem de meios pessoais e dedicam todo o seu tempo à obra da Sociedade, recebem na sede geral de Madras (Índia) o necessário à subsistência, embora suas "necessidades" verdadeiramente sejam bem modestas. Agora que a obra se desenvolveu tanto na Europa e que continua expandindo-se (N.B. graças às calúnias), necessitamos de um maior número de trabalhadores. Esperamos daqui para a frente ter alguns membros que serão retribuídos, se é que se *pode* empregar esta palavra com relação aos casos de que se trata. Porque cada um deles, pronto a dedicar *todo* seu tempo à Sociedade, abandona boas situações e seu futuro, para trabalhar por nós por menos da metade do salário que recebia.*

P: E quem garantirá esse fundo?

T: Alguns de nossos associados que são um pouco mais ricos que os outros. O homem capaz de especular com a Teosofia, ou de tirar dinheiro dela, seria indigno de permanecer entre nós.

P: Com seus livros, revistas e demais publicações, sem dúvida recebem dinheiro.

T: Entre as revistas, apenas o Theosophist de Madras produz lucro, que é entregue à Sociedade, como demonstram as contas publicadas. Lúciifer está absorvendo dinheiro lenta mas constantemente, pois até agora não conseguiu cobrir os gastos, graças à perseguição de que é vítima por parte dos piedosos livreiros. Na França, Le Lotus, publicado com recursos particulares — bastante limitados — de um teósofo que lhe sacrificou todo seu tempo e seu trabalho, deixou de existir pelas mesmas causas. Tampouco cobre seus gastos o Path de Nova York e a Revue Theosophique que acaba de vir à luz em Paris contando com os recursos particulares de uma senhora, membro da Sociedade. Sempre que alguma obra publicada pela Casa Teo-

sófica de Publicações de Londres produz algum rendimento, este é entregue à Sociedade.

P: Por favor, diga-me tudo o que possa sobre os Mahatmas. Tantas coisas absurdas e contraditórias são ditas a respeito deles, que já não se sabe em quem crer, pois toda sorte de histórias ridículas são admitidas como opiniões correntes.

T: Faz bem em chamá-las de ridículas...

OS MAHATMAS TEOSÓFICOS

SÃO "ESPÍRITOS DE LUZ" OU DUENDES MALDITOS?

P: Quem são enfim esses que chamam de seus "Mestres"? Uns dizem que são "espíritos" ou outro tipo qualquer de seres sobrenaturais, enquanto que outros os consideram como "mitos".

T: Não são nem uma coisa nem outra. Certa vez ouvi uma pessoa estranha à Sociedade dizer que eram uma espécie de sereias masculinas, ou coisa desse estilo. Mas se você levar em conta o que as pessoas dizem, jamais poderá formar um conceito exato deles. Em primeiro lugar, são homens vivos, que como nós nasceram e estão condenados a morrer como qualquer mortal.

P: Sim, mas dizem que alguns deles têm mil anos... É certo?

T: Tão certo como o haver crescido o cabelo a Sagpat de Meredith. Na verdade, como ao "Idêntico", nenhum instrumento teosófico pôde cortá-lo até hoje. Apesar de nossas negações, e por mais que nos esforcemos em convencer as pessoas, cada dia as invenções são mais absurdas. Ouvi falar de Matusalém

que tinha 969 anos; mas não tendo obrigação de acreditar nisso, ri-me desta afirmação, pelo que fui considerada por muitos, desde aquele dia, como herege e blasfema.

P: Mas falando seriamente, a vida deles é mais longa que a vida comum dos homens?

*T: O que você chama de vida comum? Lembro-me de ter lido no *Lancet* o caso de um mexicano que tinha 190 anos, mas jamais soube de algum mortal — profano ou adepto — que conseguiu viver pelo menos a metade dos anos atribuídos a Matusalém. Alguns adeptos excedem bastante aquilo que você chama de vida comum, sem dúvida, mas isto nada tem de milagroso, e poucos entre eles aspiram a viver longo tempo.*

P: Mas o que significa realmente a palavra “Mahatma”?

T: Simplesmente “grande alma”, grande por sua elevação moral e capacidade intelectual. Se o título de “grande” aplica-se a um soldado ébrio como Alexandre, por que não haveremos de chamar “grandes” àqueles que realizam, nos segredos da natureza, conquistas muito maiores que as de Alexandre nos campos de batalha? Além disso, esse nome é uma palavra hindu muito antiga.

P: E por que os chamam “Mestres”?

T: Porque são nossos Mestres e deles tiramos todas as verdades teosóficas, por mais imperfeitamente que alguns de nós as tenhamos expressado ou compreendido. São homens de grande instrução — os que designamos com o nome de iniciados — e cuja santidade de vida é ainda maior. Não são ascetas no sentido comum do termo, embora seguramente permaneçam apartados da agitação e das lutas do mundo ocidental.

P: Acaso não é egoísmo isolar-se desse modo?

T: Onde está o egoísmo? A situação criada para a Sociedade Teosófica não prova sobejamente que o mundo não está preparado para os reconhecer nem aproveitar seus ensinamentos? Que utilidade resultaria para uma classe de parvos, se o professor Clerk Maxwell se dedicasse a lhes ensinar a tabuada de multiplicar? Além disso somente se isolam do contato no Ocidente. Em seu próprio país circulam publicamente como as demais pessoas.

P: Não lhes atribui poderes naturais?

T: Como já disse, não acreditamos em nada sobrenatural. Se Edson tivesse vivido e inventado seu fonógrafo duzentos anos atrás, provavelmente teria sido queimado junto com seu invento, atribuindo tudo ao demônio. Os poderes que empregam são simplesmente produto do desenvolvimento de forças latentes em todo homem e mulher, cuja existência começa a ser reconhecida até mesmo pela ciência oficial.

P: É verdade que esses homens inspiram alguns de seus escritores, e que muitas das obras teosóficas foram escritas sob sua orientação?

*T: Algumas foram. Encontram-se trechos inteiros ditados por eles *verbatim*; mas na maioria dos casos apenas inspiram as idéias, deixando aos escritores o cuidado da forma literária.*

P: Mas isto, em si mesmo, é milagroso — é de fato um milagre. Como podem fazê-lo?

T: Você está cometendo um erro enorme e a própria ciência se encarregará de refutar seus argumentos, em data não longínqua. Por que haveria de ser um milagre? Milagre supõe alguma operação sobrenatural, e na realidade não existe nada superior ou fora da natureza e de suas leis. Entre as muitas formas de “milagres” apresentados à investigação moderna, temos o hipnotismo, e um aspecto de seu poder conhecido com o nome de “sugestão”, forma de transmissão do pensamento, que se empregou com êxito para combater certas enfermidades especiais. Não tardará o dia em que o mundo da ciência se verá obrigado a reconhecer que existe a mesma ação entre uma mente e outra — seja qual for a distância que as separe — que há entre dois corpos em contato íntimo. Quando duas mentes se encontram em relação simpática, e os órgãos por cujo meio funcionam estejam afinados de maneira a que respondam magnética e eletricamente um ao outro, nada pode impedir a transmissão dos pensamentos por meio da vontade; porque como a mente não é uma coisa tangível que possa ser separada do objeto de sua contemplação pela distância, resulta que a única diferença que pode existir entre duas mentes é a diferença de estado. Se este obstáculo é vencido, onde está o “milagre” da transmissão do pensamento a qualquer distância?

P: Sem dúvida admitirá que o hipnotismo não faz nada que seja tão milagroso ou extraordinário como isto?

T: Pelo contrário, está provado que um hipnotizador pode afetar o cérebro do hipnotizado até o ponto de produzir uma expressão de seus próprios pensamentos e até de suas palavras, através do organismo do outro; e embora os fenômenos relacionados com este método da transmissão do pensamento sejam pouco numerosos até agora, presumo que ninguém quererá se comprometer a assinalar até que ponto sua ação pode estender-se no futuro, quando as leis que regem sua manifestação estiverem cientificamente estabelecidas. Se o conhecimento de simples rudimentos de hipnotismo podem produzir semelhantes resultados, o que pode impedir ao adepto dotado de poderes psíquicos espirituais produzir resultados que você chama de “milagrosos”, levado apenas pelos limitados conhecimentos atuais de suas leis?

*P: Então, por que nossos médicos não tratam de fazer o mesmo?*¹

T: Primeiramente, porque não são adeptos capazes de conhecer e compreender os segredos e as leis dos reinos psíquicos e espirituais, mas sim materialistas que temem apartar-se do estreito caminho da matéria; e em segundo lugar, porque devem fracassar por enquanto, até que se vejam obrigados a reconhecer que podem obter aqueles poderes.

P: Não se poderia instruí-los neles?

T: Não, a menos que estivessem preparados para isso e tivessem excluído por completo as escórias materialistas que estão acumuladas em seu cérebro.

P: Isto é muito interessante. Diga-me se os adeptos inspiraram muitos teósofos desse modo.

¹ Como por exemplo, o professor Bernhein e o dr. C. Lloyd Tuckey, na Inglaterra; os professores Beaunis e Liogeois em Nancy; Delbœuf, de Lieja; Burot e Bourru, de Rochefort; Fontain e Sigard, de Bordeaux; Forel, de Zurique; os drs. Despine, de Marselha; Van Renterghem e Van Eeden, de Amsterdam, Weterstrand, de Estocolmo; Schrenck-Natzing, de Leipzig; e muitos outros médicos e escritores eminentes.

T: Não, ao contrário, a muito poucos. Semelhantes operações requerem condições especiais. Um adepto pouco escrupuloso mas hábil, pertencente à “Fraternidade Negra” (chamamos a semelhantes adeptos “Irmãos da sombra” e Dugpas, “bruxos”), sem lei espiritual alguma que limite seus atos, obtém com grande facilidade o domínio sobre qualquer mente, submetendo-a por completo a seus maus poderes. Mas nossos Mestres jamais farão coisa semelhante. Não têm o direito de obter completo domínio sobre o Ego imortal de ninguém e menos de cair na “magia negra”; e, em consequência, apenas podem agir sobre a natureza física e psíquica do sujeito, não intervindo o mínimo em seu livre arbítrio. A não ser que uma pessoa se encontre em relação psíquica com os Mestres, e receba auxílio em virtude de sua fé e de sua lealdade, ao transmitir estes seus pensamentos a quem não reúna estas condições, experimentam grandes dificuldades para penetrar no nebuloso caos da esfera de tal pessoa. Mas aqui não é lugar para tratar de assunto de tal natureza. Basta dizer que se este poder existe, existem também inteligências (encarnadas e desencarnadas), que o dirigem; bem como instrumentos conscientes vivos, por meio dos quais é transmitido e recebido. Só precisamos ficar em guarda contra a magia negra.

P: Que entende por “magia negra”?

T: O abuso dos poderes psíquicos ou de qualquer segredo da natureza; o ato de aplicar os poderes do Ocultismo a fins egoístas e pecaminosos. Chamá-íamos mago negro a um hipnotizador que, aproveitando-se de seus poderes de “sugestão”, obrigasse a um sujeito a roubar e a assassinar. O famoso “sistema rejuvenescedor” do dr. Brown Sequard, de Paris, que consiste em uma repugnante injeção animal no sangue humano — descobrimento que agora está sendo discutido em todas as revistas médicas — é magia negra inconsciente.

P: Mas estas são simplesmente as crenças em feitiçarias e bruxaria da Idade Média! Até a própria lei já deixou de acreditar em coisas semelhantes.

T: Tanto pior para a lei já que graças a esta falta de discernimento viu-se no caso de cometer vários erros e crimes judiciais. Apenas o termo é o que assusta, por causa da palavra “superstição” unida a ele. A lei não castigaria um abuso de

poderes hipnóticos como os que acabo de mencionar? Digo mais: já castigou na França e na Alemanha; e, sem dúvida, repeliu com indignação a idéia de que aplicou o castigo a um crime de “bruxaria” evidente. Você não pode crer na eficácia e na realidade dos *poderes da sugestão* dos médicos e mesmerizadores ou hipnotizadores e negar-se a acreditar nestes mesmos poderes, quando são empregados para fins maus. Se crê neles, acredita na “bruxaria”. Não pode crer no bem e negar o mal, aceitar a moeda legítima e deixar ao mesmo tempo de acreditar na existência da moeda falsa. Nada pode existir sem seu contraste; e nem o dia, nem a luz, nem o bem, poderiam ter representação alguma em sua consciência, como tais, se não existisse a noite, a escuridão, nem o mal, para fazê-los ressaltar formando oposição.

P: Conheci homens que apesar de acreditarem completamente no que chama de poderes psíquicos ou mágicos, zombavam da simples menção de bruxaria e feitiçaria.

T: E o que isto prova? Simplesmente que carecem de lógica. Repito: tanto pior para eles. Nós que conhecemos a existência de bons e santos adeptos, aceditamos também na existência de bons e maus, perversos ou Dugpas.

P: Mas se existem os Mestres, por que não se apresentam diante de todos os homens para refutar de uma vez e para sempre os pesos que se dirigem contra madame Blavatsky e a Sociedade?

T: Que pesos?

P: Os que não existem e ela inventou. Que são Mahatmas de musselina e espantalhos. Tudo isto não prejudica a sua reputação?

T: De que modo semelhante acusação pode prejudicá-la? Tirei alguma vez dinheiro, benefício ou fama dessa suposta existência? Afirmo que apenas recolhi insultos, desprezos e calúnias, que teriam sido muito dolorosos se não tivesse aprendido há muito tempo a permanecer indiferente ante tais acusações. Porque, no fim, a que isto conduz? A elogiar-me implicitamente, de um modo que os loucos que me acusam teriam desistido de empregar, se não estivessem arrebatados por um ódio cego. Sustentar que eu inventei os Mestres, é dizer o seguinte:

Deve ser inventado toda a filosofia exposta até agora na literatura teosófica. Deve ser a autora das cartas que inspiraram o “Buddhismo Esotérico”; a única inventora de todas as doutrinas ou princípios que se encontram na *Doutrina Secreta*, obra que o mundo — se fosse justo — reconheceria proporcionar muitas das soluções que a ciência tem buscado em vão, como o verá dentro de uns cem anos. Ao afirmar o que dizem, reconhecem ao mesmo tempo que é muito mais inteligente que as centenas de homens (muitos deles inteligentíssimos e cientistas), que acreditam no que ela diz, posto que deve tê-los enganado a todos! Se diz a verdade, ela representa a vários Mahatmas, por assim dizer, enfiados um dentro do outro, como as caixas chinesas, uma vez que entre as chamadas “cartas dos Mahatmas” encontram-se muitos estilos completamente diferentes, e todas foram escritas por ela, segundo dizem seus acusadores.

P: Isso é precisamente o que dizem, mas não é muito doloroso para ela ser denunciada publicamente como “a mais perfeita impostora do século, cujo nome merece passar à posteridade”, conforme declara o Informe da Sociedade de Investigações Psíquicas?

T: Seria se fosse certo, ou se esta declaração viesse de gente menos materialista e menos predisposta contra mim. Dadas as circunstâncias, pessoalmente considero toda essa questão com desprezo, e os Mahatmas riem-se disso. Na realidade é o maior cumprimento que me poderiam fazer.

P: Mas seus inimigos pretendem ter provado suas afirmações.

T: É bastante fácil pretendê-lo quando uma pessoa se constitui em juiz e parte, simultaneamente, como eles fizeram. Mas excetuando nossos inimigos e seus partidários, quem acredita em tal coisa?

P: Acaso não enviaram um representante à Índia para investigar o assunto?

T: Efetivamente o fizeram, e sua conclusão final apóia-se inteiramente nas declarações e afirmações não provadas desse investigador. Um jurisconsulto, que leu seu informe, disse a

um amigo meu que em sua longa carreira jamais havia visto um documento mais ridículo nem que mais se contradissesse a si mesmo. Resultou cheio de suposições e de “hipóteses” que mutuamente se destruíam umas as outras. Esta é uma acusação séria?

P: Sem dúvida fez um grande mal à Sociedade. Por que não se justificou ao menos perante os tribunais?

T: Primeiramente porque o teósofo deve permanecer indiferente ante os insultos pessoais. Em segundo lugar porque tanto a Sociedade quanto madame Blavatsky não tinham dinheiro para uma demanda; e, por último, porque ambas se colocariam em ridículo faltando a seus princípios, por causa do ataque dirigido contra elas por aquele rebanho.

P: Bom cumprimento lhes faz! Mas não acredita que ter refutado autorizadamente toda essa questão, teria produzido um bem real à causa teosófica, de uma vez por todas?

*T: Talvez. Mas acredita que um tribunal ou um juiz ingles admitiriam jamais a realidade dos fenômenos psíquicos por muito despreocupado que tivesse sido? E se levar em conta que os tivesse predisposto contra nós o espantalho da “espiã russa”, os ditos de *ateísmo* e *heresia* e todas as outras calúnias lançadas na nossa conta, verá que a intenção de obter justiça perante o tribunal teria sido pior que inútil. Os membros da Sociedade de Investigações Psíquicas sabiam perfeitamente de tudo isso, e covardemente aproveitaram-se de sua posição, para desfazer-se de nós e salvar-se às nossas custas.*

P: A Sociedade de Investigações Psíquicas agora nega completamente a existência dos Mahatmas. Diz que do começo ao fim tudo isso não passa de uma novela que madame Blavatsky tirou de seu cérebro.

T: Correto. E ainda poderia ter inventado outras coisas menos hábeis do que esta. De qualquer maneira não faço a menor objeção a esta teoria. Digo agora que quase prefiro que as pessoas não acreditem nos Mestres. Declaro abertamente que quisera que as pessoas cressem que o único país dos Mahatmas é a massa cinzenta de meu cérebro. Em uma palavra: que os tirei das profundidades de minha própria consciência interna,

do que expor seus nomes e seu grande ideal a uma profanação infame, como agora sucede. Antes costumava protestar indignada contra as dúvidas de sua existência, mas agora já não me preocupo em prová-la ou não, e deixo que as pessoas pensem o que quiserem.

P: Mas supostamente os Mestres existem, não é certo?

*T: Afirmamos que existem. Embora de pouco sirva nossa afirmação. Muitas pessoas — entre elas alguns teósofos e ex-teósofos — declaram que jamais tiveram provas de sua existência. Está muito bem. Neste caso, madame Blavatsky responde com a seguinte alternativa: Se os inventou, inventou também sua filosofia e os conhecimentos práticos que alguns adquiriram; e, se é assim, que importa que existam ou não, uma vez que ela mesma está presente e que, em todo caso dificilmente pode-se negar sua própria existência? Se os conhecimentos que ela supõe lhes foram transmitidos por eles são intrinsecamente bons, e são aceitos como tal por muitas pessoas de inteligência superior, por que armar-se semelhante algazarra sobre esta questão? Jamais se provou que fosse uma impostora, e este ponto sempre ficará *sub-judice*; enquanto que um fato certo e inegável é que, seja quem for o inventor da filosofia pregada pelos Mestres, esta é uma das filosofias mais grandiosas e benéficas que já existiram, se exatamente compreendida. Dessa forma, os caluniadores movidos pelos sentimentos mais baixos e mesquinhos (como são o ódio, vingança, malignidade, vaidade ferida ou ambição frustrada), não parecem dar-se conta de que estão pagando o maior tributo a seus poderes intelectuais. Assim seja, já que esses loucos infelizes o querem. Realmente, madame Blavatsky não se opõe intimamente a que seus inimigos a representem como um *triplo adepto* e um Mahatma completo. A única repugnância que sente ante seus próprios olhos — como a vestir-se de plumas de pavão real — é a que a obrigou a insistir na verdade até agora.*

P: Mas se homens tão sábios e bons dirigem a Sociedade, como é que se cometeram tantos erros?

T: Os Mestres não dirigem a Sociedade, nem sequer os fundadores; e ninguém jamais afirmou que assim o fizessem: apenas velam sobre ela e a protegem. Isto fica bem provado pelo

fato de que nenhum dos erros cometidos jamais a pôde ferir; e nenhum dos escândalos internos nem os ataques mais violentos de fora, foram capazes de destruí-la. Os Mestres consideram o futuro e não o presente, e todo erro cometido é sabedoria acumulada para o porvir. Aquele outro “Mestre” que enviou o homem com os cinco talentos, não lhe disse como deveria fazer para dobrá-los, nem tampouco impediu que o servidor tolo escondesse seu único talento na terra (São Mateus, XXV; 14-30). Cada um deve adquirir a sabedoria por sua própria experiência e méritos. As Igrejas cristãs que proclamam um Mestre muito mais elevado, o próprio Espírito Santo, têm sido e são culpáveis não só de “erros” mas de uma série de crimes sangrentos através dos séculos. E, sem dúvida, suponho que nenhum cristão negará por isso sua crença *naquele* “Mestre”, embora sua existência seja muito mais *hipotética* do que a dos Mahatmas, pois ninguém jamais viu o Espírito Santo nem presenciou como dirige a Igreja. Além disso, sua própria história eclesiástica se contradiz abertamente, *Errare humanum est*. Mas voltemos ao nosso assunto.

Abuso dos nomes e termos sagrados

P: Então, o que ouvi dizer, que muitos dos escritores teosóficos pretendem ter sido inspirados por esses Mestres, ou que os viram e falaram com eles, não é certo?

T: Pode ser ou não. Como posso eu saber? Prová-lo cabe a eles. Alguns, embora poucos, bem poucos na verdade, ou mentiram de um modo evidente, ou estavam alucinados ao vangloriar-se de semelhante inspiração; outros foram verdadeiramente inspirados por grandes adeptos. Uma árvore se conhece pelo fruto; e como todos os teósofos serão julgados por seus atos e não pelo que escrevem ou dizem, todos os livros teosóficos devem ser aceitos conforme seus méritos e não como regra à pretensão de autoridade que possa alegar.

P: Sem dúvida, madame Blavatsky faz isto com relação a suas próprias obras. A Doutrina Secreta, por exemplo.

T: Certo. Está dito de modo explícito no prefácio, que apresenta as doutrinas que os Mestres me ensinaram; mas não

*pretendo inspiração alguma com relação ao que escrevi ultimamente. Alguns teósofos também teriam preferido que nunca se tivesse mencionado o nome dos Mestres em nossos livros. Com poucas exceções, a maioria dessas obras não só é imperfeita, mas também positivamente errônea e enganosa. Os nomes de dois Mestres têm sido vítimas de enormes profanações. Dificilmente se encontra um *médium* que não pretende tê-los visto. Existem sociedades com fins lucrativos que agora pretendem provar que são dirigidos por Mestres muito mais elevados do que os nossos! Numerosos e graves são os pecados daqueles que afirmam tal coisa, impulsionados ou pelo desejo de lucro, pela vaidade ou por um mediunismo irresponsável. Muitas pessoas foram despojadas de seu dinheiro por essas sociedades, que oferecem em troca do ouro depreciável os segredos do poder, do conhecimento e da verdade espiritual. E pior do que tudo isto, os nomes sagrados do Ocultismo e os santos guardiães do mesmo têm sido arrastados nesse lodo asqueroso, manchados pelo fato de se verem associados com motivos sórdidos e práticas imorais, impedindo que milhares de homens entrem no caminho da verdade e da luz, pelo descrédito e má fama que semelhantes enganadores e farsantes criaram sobre o assunto. Repito que todo teósofo sincero sente hoje no fundo de seu coração que esses nomes e coisas sagradas jamais deveriam ter sido mencionados em público, e lamenta-se profundamente de que não se tenham conservado secretos entre um pequeno círculo de amigos leais e seguros.*

P: Seus nomes são citados muito freqüentemente hoje em dia, e não me lembro de ter ouvido jamais falar de tais Mestres, até muito recentemente.

T: Assim é; e se tivéssemos agido observando o sábio princípio do silêncio em vez de chamar a atenção e de publicar tudo o que sabíamos e ouvíamos, não teria tido lugar semelhante profanação. Observe que 14 anos atrás, antes de que se fundasse a Sociedade Teosófica, apenas se ouvia falar dos “espíritos”. Estavam em toda parte, na boca de todo mundo, e a ninguém, nem mesmo por casualidade, ocorreria falar dos “adeptos”, Mahatmas, ou “Mestres” vivos. Nem sequer se ouvia o nome dos Rosa-cruzes, e a existência do Ocultismo era apenas suspeitada por muito poucos. Agora tudo isto mudou. Infelizmen-

te fomos nós, os teósofos, os primeiros a falar nessas coisas, em dar a conhecer o fato de existir no Oriente “adeptos”, “Mestres” e Sabedoria Oculta; e agora esses nomes converteram-se em propriedade de todos. Portanto, sobre nós recai agora o Karina: consequências da profanação de nomes e coisas santas. Tudo o que agora se encontra sobre essas matérias na literatura corrente — que não é pouca — tudo deve ser atribuído ao impulso dado nesse sentido pela Sociedade Teosófica e seus fundadores. Nossos inimigos aproveitam-se de nosso erro. O mais recente livro lançado contra nossas doutrinas, diz-se que foi escrito por um adepto que fazia já vinte anos que conseguira a transformação. Pois bem: isto é uma mentira *palpável*. Conhecemos o amanuense e seus *inspiradores* (já que ele é demasiado ignorante para ter escrito algo deste gênero). Esses “inspiradores” são pessoas vivas, rancorosas e sem escrúpulos na proporção de seus poderes intelectuais; e esses falsos adeptos não são um, mas vários. O ciclo dos “adeptos” empregados como bate-estacas para romper as cabeças teosóficas, começou há doze anos com o “Luís” da sra. Emma Hardinge Britten, da *Arte Mágica* e a *Terra dos Espíritos*, e termina agora com o “adepto” e “autor” de *A Luz do Egito*, obra escrita pelos espíritas contra a Teosofia e suas doutrinas. Mas é inútil lamentar-se do passado; apenas podemos sofrer com a esperança de que nossas indiscrições possam ter facilitado algo aos demais no encontrar o caminho que conduz aos Mestres, cujos nomes tomam em vão em toda parte, e sob os quais já se cometeram tantas iniquidades.

P: Não admira “Luís” como adepto?

T: Não denunciemos a ninguém e deixamos essa nobre empresa a nossos inimigos. A autora espírita da Arte Mágica pode ou não ter conhecido semelhante adepto; isto é uma questão dela, e ao expressar-se assim digo muito menos do que essa senhora disse e escreveu contra nós e a Teosofia durante os últimos anos. Só que, quando em uma cena celeste de visão mística, um suposto “adepto” vê “espíritos”, provavelmente em Greenwich, Inglaterra, por meio do telescópio de lord Rosse, que foi construído por Parsonstown, Irlanda² e que jamais se

² Veja *Ghost Land* (Terra dos Fantasma), primeira parte, pág. 133 e seguintes.

moveu dali, bem posso me permitir estranhar a ignorância daquele “adepto” em matérias científicas. Isto já excede a todos os erros e faltas cometidas às vezes pelo *chelas* de nossos “Mestres”. E este é o “adepto” de que se servem agora para jogar por terra os ensinamentos daqueles!

P: Compreendo perfeitamente seus sentimentos sobre esta questão, e os considero muito naturais. E agora, em vista de tudo o que me disse e explicou, existe um ponto sobre o qual desejaria fazer algumas perguntas.

T: Responderei se puder. Quais são?

CONCLUSÃO

O futuro da Sociedade Teosófica

P: Diga-me: qual o futuro que espera para a Sociedade Teosófica?

T: Se você fala de Teosofia, respondo que assim como sempre existiu eternamente através dos ciclos infinitos do passado, assim também viverá no porvir infinito, porque Teosofia é sinônimo de Verdade Eterna.

P: Desculpe: estava me referindo à Sociedade Teosófica.

T: Seu futuro dependerá quase inteiramente do grau de generosidade, zelo, lealdade e, por último (mas não menos importante), da soma de conhecimento e sabedoria que possuam aqueles membros em que recaia o dever de continuar a obra e dirigir a Sociedade depois da morte dos fundadores.

P: Compreendo a importância de que sejam generosos e leais, mas não entendo como seus conhecimentos possam ser fatores tão vitais nesta questão, como as demais qualidades. Seguramente a literatura que já existe — e aumenta constantemente — deveria bastar.

T: Não me refiro ao conhecimento técnico da doutrina esotérica, embora este seja de suma importância; falava mais

do muito de juízo claro e reto na direção da Sociedade, que necessitarão nossos sucessores. Todos os intentos parecidos ao da Sociedade Teosófica fracassaram até agora; porque cedo ou tarde degeneraram em seitas, formulando dogmas fechados e perdendo dessa maneira, por graus imperceptíveis, aquela vitalidade que apenas a verdade viva pode dar. Deve não esquecer que todos os nossos membros nasceram e foram educados em alguma crença ou religião; que todos pertencem, tanto física quanto mentalmente, a sua geração; e por conseguinte, que seu julgamento há de se ressentir — de um modo inconsciente — pela necessidade de alguma ou de todas essas influências. Se, portanto, não puderem livrar-se de tais tendências inerentes, ou ao menos aprender a dar-se conta imediatamente, evitando assim o ver-se arrastado por elas, o resultado não pode ser outro além do de encalhar a Sociedade em um banco de areia mental, ficando ali como casco de navio à mercê das ondas.

P: E se esse perigo for evitado?

T: Então a Sociedade viverá durante todo o século 20. Penetrará gradualmente na massa de gente pensante e inteligente, com suas enormes e nobres idéias sobre a religião, o dever e a filantropia. Romperá lenta, mas seguramente, as cadeias de ferro dos credos e dos dogmas, dos antagonismos de casta e das preocupações sociais; destruirá as antipatias nacionais e de raça, e abrirá o caminho à realização prática da fraternidade entre os homens. Por meio de seus ensinamentos, por meio de sua filosofia, que a fez acessível e inteligível ao espírito moderno, o Ocidente aprenderá a compreender e apreciar o Oriente em seu justo valor. Além disso, o desenvolvimento dos poderes e faculdades psíquicas cujos sintomas precursores já são visíveis na América, continuará segura e normalmente. A humanidade se livrará de perigos terríveis e inevitáveis, tanto mentais quanto físicos, quando tiver lugar aquele desdobramento, como ameaça suceder, em um foco de egoísmo e más paixões. O desenvolvimento mental e psíquico do homem se efetuará em harmonia com seu progresso moral, enquanto que seu ambiente material refletirá a paz e o bom desejo fraternal que então rei-

nará em sua mente, em vez da discórdia e das lutas que hoje em dia o rodeiam por toda parte.

P: Na verdade, um belo quadro. Mas diga-me: espera realmente conseguir tudo isto durante apenas um século?

T: Difícilmente. Mas devo dizer que durante o último quarto de cada século aqueles Mestres de quem falei tentaram fomentar o progresso espiritual da humanidade de uma maneira marcada e definida. Até o final de cada século invariavelmente se encontra um impulso de espiritualidade (chamado misticismo se assim preferirem). Algumas pessoas apareceram no mundo como seus agentes, e deram uma soma maior ou menor de conhecimentos e ensinamentos ocultos. Se lhe interessa, pode observar esses movimentos remontando-os ao passado, século por século, tão longe quanto nos permitem nossos dados históricos.

P: Mas em que isto se relaciona com o futuro da Sociedade Teosófica?

T: Se o intento atual, sob a forma de nossa Sociedade Teosófica, conseguir melhor resultado que seus antecessores, então existirá como corpo organizado vivo e são, quando chegar o momento de efetuar o esforço do século 20. A condição geral das mentes e corações dos homens terá progredido, ter-se-á purificado pela propagação de suas doutrinas, e, como já disse, as prevenções e ilusões dogmáticas terão desaparecido, pelo menos até certo ponto. E não apenas isto, mas que, além de uma vasta literatura acessível aos homens, o próximo impulso encontrará uma corporação *unida* e numerosa, disposta a acolher o novo portador da tocha da Verdade. Este encontrará as inteligências dos homens preparadas para sua mensagem; um idioma preparado para ele, no qual poderá expressar as novas verdades que trouxer; uma organização esperando sua chegada, que separará de seu caminho os obstáculos e dificuldades materiais puramente mecânicas. Pense quantas coisas não poderia fazer aquele a quem se desse semelhante oportunidade. Imagine — por comparação — com o que a Sociedade Teosófica conseguiu efetivamente nos últimos quatorze anos, sem *nenhuma* dessas vantagens e rodeada de um sem-número de obstáculos, que não

atrapalharão o futuro campeão. Considere tudo isto, e diga-me se sou demasiado exagerada quando digo que se a Sociedade Teosófica sobrevive e se mantém fiel a sua missão e a seus primitivos impulsos, através dos próximos cem anos; diga-me, repito, se vou demasiado longe ao afirmar que a Terra, no século 21, será um paraíso em comparação com o que é agora.



IMPRIMIU
TELS.: 52-7905 e 52-3585
S. Paulo — Brasil

OK

Biblioteca Pública Municipal

«Dr. Diomar Pereira da Rocha»

GUARATINGUETÁ CIRC

REG 32.303

B133 ch

V5

O Leitor deverá observar no seu cartão o prazo marcado para devolver este livro. Quem devolver o livro com atraso não terá direito a novo empréstimo.

O leitor que estragar ou perder este livro deverá pagar outro.

Quando houver qualquer um desses problemas acima, dirigir-se à Biblioteca no horário das 8:00 às 22 hs.

MOD. BC5

